

Logo lhes mostraremos Nossos Sinais no universo e neles próprios, até que se torne claro para eles que isso é a Verdade. Acaso não é suficiente que teu Senhor certamente seja Testemunha sobre todas as coisas?

Al-Qur'an 41:53

LEVANTA-SE DEUS

EVIDÊNCIAS DE DEUS NA
NATUREZA E NA CIÊNCIA

MAULANA
WAHIDUDDIN KHAN

LEVANTA-SE
DEUS

Also by Maulana Wahiduddin Khan

Love of God
The Spirit of Islam
Quranic Wisdom
The Prophet of Peace
The Secret of Success
The Seeker's Guide
Discovering God
Leading A Spiritual Life
The Age of Peace
The Political Interpretation of Islam
The True Face of Islam
Muhammad: A Prophet for All Humanity

LEVANTA-SE DEUS

Evidências de Deus na natureza e na ciência

MAULANA
WAHIDUDDIN KHAN

Translated by
Prof. Farida Khanam

Goodword Books

This book is also available in the following languages

French: *L'islam Et Les Defis De La Science*

Arabic: *Al-Islam Yatahadha*

Urdu: *Mazhab aur Jadid Challenge*

Malay: *Islam Menjawab Tantagan Zaman*

Malayalam: *Islam Velluvilikkunnu*

Sindhi: *Jadid Ilm Jo Challenge*

Turkish: *Islam Meydan Okuyor!*

First published 2024

This book is copyright free

Goodword Books

A-21, Sector 4, Noida-201301, Delhi NCR, India

Tel. +91 120 4131448, Mob. +91 8588822672

email: info@goodwordbooks.com

www.goodwordbooks.com

CPS International

Centre for Peace and Spirituality International

1, Nizamuddin West Market, New Delhi-110 013, India

Mob. +91-9999944119

e-mail: info@cpsglobal.org

www.cpsglobal.org

Center for Peace and Spirituality USA

2665 Byberry Road, Bensalem, PA 19020, USA

Cell: 617-960-7156

email: kkaleemuddin@gmail.com

CONTEÚDO

Prefácio	7
Desafio do conhecimento moderno	11
Análise	25
O Método de Argumento	59
A natureza e a ciência falam sobre Deus	87
Argumento a vida futura	143
Afirmação da Profecia	191
O Desafio do Alcorão	219
Religião e Sociedade	301
A Vida que buscamos	337
Uma última palavra	363

PREFÁCIO

Otítulo deste livro foi inspirado por um salmo da Bíblia:

Levante-se Deus, e sejam dissipados os seus inimigos;
fugirão de diante dele os que o odeiam.

Como se impele a fumaça, assim tu os impeles;
assim como a cera se derrete diante do fogo,
assim pereçam os ímpios diante de Deus.

Mas alegrem-se os justos, e se regozijem
na presença de Deus, e folguem de alegria.

Salmos, 68:1-3

Esta é uma das passagens na Bíblia que profetizam a revolução que estava por vir através do profeta Muhammad, que a paz esteja com ele. Antes de sua época, o panteísmo e o politeísmo dominavam todo o mundo. De Noé até Jesus, profetas e reformadores foram enviados por Deus para o mundo, onde eles apelaram às pessoas que renunciassem suas práticas vis e, particularmente, rejeitassem o politeísmo, e que adorassem apenas um Deus. Mas nunca foi mais do que uma pequena minoria que atendeu ao chamado dos mensageiros de Deus, e é

por isso que uma civilização com suas raízes no politeísmo continuou a dominar o mundo então conhecido.

Foi então que Deus enviou seu último mensageiro, Muhammad, que a paz esteja com ele, com exatamente a mesma mensagem que havia sido trazida por seus antecessores. Como ele seria o último na linhagem de profetas, Deus decretou que ele deveria não apenas trazer a revelação para a humanidade, mas deveria também ter êxito em extirpar a prática do politeísmo de uma vez por todas.

Esse evento ocorreu por meio do profeta, e é a isso que se refere à citação bíblica mencionada acima.

Essa revolução monoteísta continuou a predominar por mil anos. Então a história testemunhou uma nova era — a era do ateísmo. Foi nos séculos XVIII e XIX que ela alcançou seu ápice. Durante essa época, afirmava-se, com base na força das descobertas científicas, que a pesquisa moderna tinha destruído as fundações da religião quase que em definitivo. É essa alegação que foi feita então por um ateu: “A ciência mostrou que a religião é a farsa mais cruel e perversa da história”.

Mas hoje, essa mesma arma — a ciência — que deveria ter dado um fim ignominioso à religião, por fim se voltou contra escarnecedores e ateus, e nós estamos, neste momento, testemunhando a mesma importante revolução do pensamento que ocorreu no séc. VII com o advento do profeta do Islam. Deus mesmo fez cair por terra as muralhas do ateísmo e a ciência está pronta para sustentar Sua palavra.

PREFÁCIO

Este livro é uma tentativa de descrever e explicar essa nova revolução. Além disso, ele tenta ao máximo demonstrar como a pesquisa acadêmica no séc. XX anulou totalmente as alegações do ateísmo surgidas nos séculos XVIII e XIX.

No séc. VII Deus fez surgir novas possibilidades que foram todas aproveitadas pelo profeta do Islam e por seus companheiros. Como resultado, o monoteísmo alcançou dominação intelectual e o politeísmo daquela civilização foi banido para sempre. Da mesma maneira, através de uma revolução científica moderna, Deus mais uma vez fez surgir oportunidades. Se alertadas sobre essas tendências, pessoas de mente inclina a religião conseguem rapidamente enxergar essas oportunidades e podem certamente virar o jogo contra o ateísmo, colocando o monoteísmo em seu lugar. Fazendo isso, eles estarão enfim colocando a história em um dos cursos mais refinados de nossa era humana.

O Centro Islâmico,

Nova Délhi, 12 de Julho de 1987.

Wahiduddin Khan

DESAFIO DO CONHECIMENTO MODERNO

Com a divisão do átomo, todas as concepções humanas sobre a matéria foram drasticamente alteradas. Na verdade, o avanço da ciência no século passado culminou em uma explosão de conhecimento, como jamais antes vivenciada na história humana, e a partir desta explosão todas as ideias anteriores sobre Deus e religião tiveram de ser reexaminadas. Isso, como coloca Julian Huxley, é o desafio do conhecimento moderno. Nas próximas páginas, eu me proponho a responder esse desafio, pois estou convencido de que, longe de ter um efeito prejudicial à religião, o conhecimento moderno serviu para esclarecer e consolidar suas verdades. Muitas descobertas modernas concordam com afirmações islâmicas feitas 1.400 anos atrás, de que o que está no Alcorão é a verdade suprema e que será confirmada por todo conhecimento futuro.

Fá-los-emos ver Nossos sinais nos horizontes e neles mesmos, até que se torne evidente, para eles, que ele (o Alcorão) é a Verdade¹. (41:53)

Pensadores ateus modernos dispensam a religião como

sendo um fato infundado. Eles entendem que ela surge de um desejo humano de encontrar significado para o universo. Embora a necessidade de se encontrar uma explicação não seja em si errada, eles defendem que a insuficiência do conhecimento de nossos antepassados os levou a tirarem conclusões erradas, a saber, a existência de um Deus ou deuses, as noções de que criação e destruição eram funções da divindade, que o destino do homem era assunto de Deus, que havia uma vida após a morte no paraíso ou no inferno, segundo a moralidade do homem na vida terrena, e que todo pensamento quanto a esses assuntos deve necessariamente ser regulado pela religião. Eles acreditam que, sob a luz do conhecimento avançado, o homem agora está em posição de fazer uma reavaliação dos modos tradicionais de pensamento e de retificar erros de interpretação, assim como nos assuntos seculares ele já rompeu mitos e renegou as falsas hipóteses sempre que os fatos e a experiência forçaram a verdade sobre ele.

De acordo com Auguste Comte, famoso filósofo francês de primeira metade do séc. XIX, a história do desenvolvimento intelectual do homem pode ser dividida em três fases – *a fase teológica*, quando os eventos do universo são explicados em termos de poderes divinos, *a fase metafísica*, na qual não encontramos nenhuma menção a deuses específicos (apesar de alguns fatores externos ainda serem a referência para explicar os eventos) e *a fase do positivismo*, em que os eventos são explicados em termos de leis comuns derivadas da observação e dos cálculos sem ter de recorrer ao espírito, a Deus ou qualquer

poder absoluto. Estamos agora passando pela terceira fase intelectual que, em termos filosóficos, é conhecida como *Positivismo Lógico*.

POSITIVISMO LÓGICO

Empirismo, ou positivismo lógico, tornou-se um movimento na segunda metade do séc. XX, mas como tendência de pensamento, já havia – muito tempo antes – tomado conta da mentalidade das pessoas. Desde Hume e Mill até a época de Bertrand Russel, muitos filósofos se opuseram, e agora essa se tornou a mais importante linha de pensamento contemporâneo, apoiada por diversos centros de pesquisa e propagação ao redor do mundo. Um dicionário de filosofia publicado em Nova Iorque dá a seguinte definição de positivismo lógico:

Todo conhecimento que é factual, está ligado a experiências, de forma que a verificação ou confirmação, direta ou indireta, seja possível. (p.285)

Os antirreligiosos acreditam, portanto, que a recente evolução mental do homem é a própria antítese do pensamento religioso. O conhecimento moderno avançado entende que a realidade é apenas aquilo que pode ser testado com observação e experiência, enquanto que a religião está baseada em um conceito de realidade que não pode, desta forma, ser submetido à análise e comprovado cientificamente: por conseguinte, entende que ela não possui base nenhuma na realidade. Em outras palavras,

a religião presta contas irreais dos eventos reais. Como o conhecimento do homem era limitado na antiguidade, as explicações corretas dos fenômenos naturais estavam sujeitas a lhe escaparem. Sendo assim, as suposições que ele fazia, que dependiam da religião, eram claramente forçadas, na melhor das hipóteses, eram tangenciais. Mas, graças à lei universal da evolução, o homem por fim emergiu das trevas em que estava afundado, e agora, sob a luz do conhecimento moderno, é possível para ele descartar crenças conjecturais e estranhas, e chegar à verdadeira natureza das coisas através de métodos puramente empíricos. T.R. Miles escreve:

Pode ser que se diga que os metafísicos do passado fizeram algo comparável a escrever um cheque sem ter fundos no banco. Eles usavam palavras sem terem “moeda” para pagar; eles foram incapazes de oferecer palavras com valor “monetário”, em termos de estado das coisas.

‘O Absoluto é incapaz de evoluir e progredir’ é uma sentença gramaticalmente correta, mas as palavras são como um cheque sem fundos que não pode ser compensado².

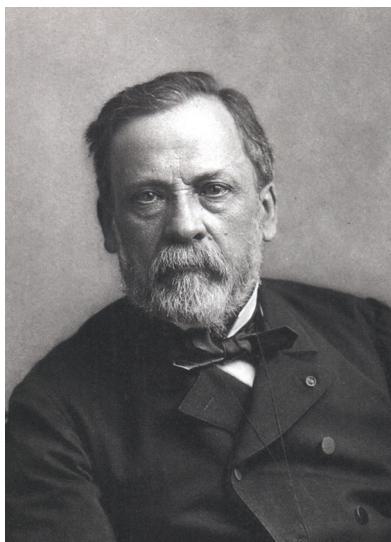
Todas essas coisas, que foram anteriormente atribuídas a forças sobrenaturais, são agora totalmente explicáveis em termos de causas naturais, tendo o pensamento moderno que a “descoberta” de Deus foi uma mera suposição decorrente da ignorância. Com a difusão do conhecimento,

essa crença foi automaticamente desaparecendo. Julian Huxley escreve:

Newton demonstrou que Deus não controlava os movimentos dos planetas. Laplace, em um famoso aforismo, afirmou que a astronomia não necessitava da hipótese de Deus; Darwin e Pasteur, ambos, fizeram o mesmo com relação à biologia; e em nosso século, o surgimento da psicologia científica e a extensão do conhecimento histórico removeram os deuses para uma posição em que eles não servem mais para interpretar o comportamento humano e não podem ser considerados como controladores da história humana nem podem interferir nos assuntos humanos.³

A física, a psicologia e a história comprovaram conclusivamente que todos esses eventos que o homem explicou em termos de existência de um Deus ou deuses, ou de algum “poder” abstrato, possuíam causas completamente diferentes, mas o homem, atolado em ignorância, continuou a falar dessas coisas em termos de mistério religioso.

No mundo da física, Newton é o herói dessa revolução. Foi ele quem formulou a teoria de que o universo está vinculado a certos princípios imutáveis, havendo certas leis, de acordo com as quais todos os corpos celestes giram. Mais tarde, outros intelectuais continuaram essa pesquisa a ponto de todos os eventos na terra e nos céus, supostamente, acontecerem de acordo com as imutáveis “Leis da Natureza”.



Após essa descoberta, era natural que parecesse insignificante o conceito de um Deus ativo, Onipotente, como força que fazia as coisas se moverem. No máximo, essa descoberta permitia a existência de um Deus que iniciou o movimento do universo. Portanto, o próprio Newton, junto com outros cientistas de mesma opinião, acreditava em Deus como

Força Motriz. Voltaire, por sua vez, disse que Deus tinha criado o universo da mesma forma que um relojoeiro fabricava um relógio, juntando partes, organizando-as de uma forma particular, mas depois não tendo mais nada a ver com ele. Hume, na sequência, aboliu esse Deus “inativo e inútil”, alimentando o argumento de que nós vemos os relógios serem fabricados, mas que, como não vemos o mundo no processo de criação, então não era possível para nós acreditar em Deus.

Os ateus afirmam que o progresso da ciência e a expansão do conhecimento permitiram ao homem observar o que estava além de sua observação no passado. Estando no escuro quanto à sucessão dos eventos, nós não estávamos em posição de entender eventos isolados. Agora, munidos

de conhecimento, não nos surpreendemos mais com os fenômenos naturais. Por exemplo, o nascer e o pôr do sol são agora entendidos como assuntos de conhecimento comum. Mas, em tempos mais antigos, esses eventos pareciam inexplicáveis, e o homem assumiu que deveria haver um Deus que era responsável por eles. Isso levou à aceitação da existência de uma força sobrenatural: ele descrevia qualquer coisa além do conhecimento do homem como um milagre produzido por essa força. Mas agora que nós sabemos que o nascer e o pôr do sol são resultado da terra girando ao redor de seu eixo, onde está a necessidade de acreditar em um Deus que faz o sol nascer e se pôr? Igualmente, o funcionamento de todas as outras coisas, que foi atribuído a algum poder invisível, supostamente, de acordo com estudos modernos, resulta da ação e interação das forças naturais conhecidas por nós. Ou seja, após a revelação das causas naturais, foi eliminada a necessidade de postular e acreditar na existência de Deus, ou de uma força sobrenatural. Se o arco-íris é um mero reflexo da luz do sol e gotículas de água no ar, então ele não é de forma alguma um sinal colocado no céu por Deus. Se a praga é inevitavelmente um surto de uma doença, ela não pode mais ser vista como um sinal da ira divina. Se animais e plantas evoluíram lentamente ao longo de centenas de milhões de anos, então não há espaço para um “Criador” de animais e plantas, a não ser em sentido metafórico – bem diferente daquele que a palavra tinha originalmente e que agora é usado normalmente. Se histeria e insanidade são sintomas externos de mentes perturbadas, não há espaço nelas para possessão por demônios. Citando tais

pontos para fundamentar seu argumento, Julian Huxley observa com grande convicção: “Se os eventos ocorrem devido a causas naturais, então eles não ocorrem devido a causas sobrenaturais”.⁴

Ele argumenta que a associação a seres sobrenaturais é meramente devido à ignorância do homem combinada com sua paixão por qualquer tipo de explicação. Pesquisas feitas posteriormente no campo da psicologia fortaleceram esse ponto de vista, pois revelaram que a religião é uma criação do subconsciente do homem e não a descoberta de algum tipo de realidade exterior. Nas palavras de um intelectual ocidental: “Deus não é nada mais que uma projeção do homem em uma tela cósmica”. O conceito de outro mundo não era nada mais que “uma bela idealização dos desejos humanos”.

A inspiração divina e a revelação eram meramente “expressões extraordinárias de impressões infantis”.

Todas essas ideias se baseiam na premissa de que existe algo chamado subconsciente. A pesquisa moderna revelou que a mente humana é dividida em duas partes principais, uma sendo chamada



de mente consciente, o centro das ideias que se formam durante o estado de consciência. A outra parte é o subconsciente. Nessa parte da mente, as ideias geralmente não estão ativas na memória, mas existem abaixo da superfície e conseguem se manifestar em circunstâncias anormais ou no sono, em forma de sonhos. A maioria dos pensamentos humanos está enterrada nessa parte subconsciente, sendo menor a parte consciente da mente. O subconsciente é como os 90% do iceberg, que ficam debaixo d'água, enquanto os outros 10%, a parte consciente, são visíveis.

Após pesquisar extensamente na psicologia, Freud descobriu que, durante a infância, certos acontecimentos e ideias são reprimidos em nossas mentes inconscientes, e que podem mais tarde resultar no comportamento irracional dos adultos. O mesmo se aplica aos conceitos religiosos pós-morte, paraíso, inferno etc, que não são senão ecos dos desejos com os quais a criança nasce, mas que nunca são satisfeitos, na pior das circunstâncias, e consequentemente, reprimidos no subconsciente. Por fim, o subconsciente, para sua própria satisfação, inferiu a existência de um mundo ideal no qual seus desejos insatisfeitos se concretizariam, como se, no sono profundo, os desejos não satisfeitos de alguém fossem milagrosamente se realizar. Quando as fantasias da infância, que foram completamente reprimidas, emergem de repente à superfície, produzindo um estado de frenesi ou histeria, ou outro comportamento anormal, as pessoas erroneamente atribuem isso a poderes sobrenaturais,

que encontraram espaço no linguajar humano. Da mesma forma, a lacuna geracional e o ‘complexo paterno’ na família abrem espaço para o conceito de Deus e servo. Assim, o que era um simples mal-estar foi transportado para uma escala cósmica para forjar uma teoria. Nas palavras de Ralph Linton:

A concepção hebraica de uma deidade suprema e poderosa que só pode ser aplacada através de total submissão e prostrações de devoção, não importa quão injustos seus atos possam parecer, é um produto direto dessa situação familiar semítica generalizada. Outro produto desse superego exagerado ao qual deu origem foi o complexo sistema de tabus relativos a qualquer aspecto do comportamento. Um sistema deste tipo foi registrado e confiado à Lei de Moisés. Todas as tribos semitas possuem uma série de regulamentos diferindo apenas em conteúdo. Tais códigos forneceram a seus adeptos um sentimento de segurança, comparável àquele da criança boazinha que consegue se lembrar de todas as coisas que seu pai lhe disse que não fizesse, e ela cuidadosamente evita fazê-las. O Yahveh hebraico era o retrato fiel do pai semita, com suas qualidades de autoridade patriarcal, em forma abstrata e exagerada. Tal conceito judicial que acredita em Deus como uma autoridade política ocupou uma posição central não apenas no judaísmo, mas está incorporado também nos conceitos religiosos do cristianismo e do islamismo.⁵

O terceiro argumento contra a realidade da religião é

fornecido pela história. Antirreligiosos defendem que foram as circunstâncias históricas específicas em que o homem se encontrava que deram início às concepções religiosas. Em tempos remotos, antes das descobertas da ciência moderna, o homem não possuía meios de se salvar das calamidades naturais, como enchentes, tempestades e epidemias. Vendo-se constantemente inseguro, ele imaginou forças extraordinárias que poderiam ser invocadas em momentos de necessidade, nas quais ele poderia confiar que viriam a seu resgate diante de um desastre e que atuariam como uma panaceia para todas as doenças. Para que a sociedade pudesse estar bem integrada e seus membros estivessem firmemente focados em um ponto central, uma força de coesão era necessária. Divindades de um tipo ou de outro satisfizeram essa necessidade e o homem, então, começou a adorar tais deuses, que eram considerados superiores a todos os seres humanos e cujos favores deveriam ser pedidos, como uma questão de dever religioso, por todos os indivíduos. A *Encyclopedia of Social Science* diz o seguinte:

Forças políticas e cívicas também influenciam permanentemente o desenvolvimento da religião. Os atributos e nomes reservados aos deuses mudam automaticamente conforme o Estado. O Deus como Rei é meramente uma transposição do ser humano como rei, o reino divino é mera transposição do reino mundial. Além do mais, uma vez que o princípio ou o rei são os juízes supremos, a divindade assim também é travestida de função judicial e encarregada da decisão

final quanto a culpa ou inocência do ser humano (7, p. 233).

Assim, a condição de um período histórico particular e a interação da mente humana com as circunstâncias predominantes geraram aos conceitos que são coletivamente conhecidos como religião. A religião é um produto da mente humana, resultado de ignorância e senso de desamparo perante forças externas. Julian Huxley resume assim: “A religião é o produto de um tipo de interação entre o homem e o meio”.⁶

Já que este meio em particular, que foi responsável por criar essa interação, desapareceu ou está desaparecendo, então não há mais justificativa para a perpetuação da religião. A isso, Huxley acrescenta:

O conceito de Deus alcançou os limites de sua utilidade: ele não tem mais para onde evoluir. O homem, para carregar o fardo da religião, criou forças sobrenaturais. Do “mana” mágico aos espíritos pessoais; de espíritos pessoais para deuses; de deuses para um Deus – grosso modo, a evolução acabou. A fase em particular que nos interessa é a de um Deus. Em um dado momento da nossa civilização ocidental os deuses eram uma ficção necessária, uma hipótese útil com a qual se viver.⁷

O filósofo comunista também entende a religião como uma farsa histórica. Já que o comunismo estuda a história exclusivamente à luz da economia, para ele, todos os fatores históricos foram derivados da situação econômica.

Ele defende que foram os sistemas feudal e capitalista, predominantes no passado, que levaram ao surgimento da religião. Agora que esses sistemas obsoletos estão tendo uma morte natural, assim também as religiões deveriam ser consideradas mortas. Como coloca Engels: conceitos morais, em última análise, são o produto das condições econômicas contemporâneas. A história humana é a história da guerra de classes, em que a classe dominante explora as classes atrasadas, e a religião e a moral foram inventadas para fundamentar uma base ideológica que protegesse os interesses da classe dominante. De acordo com o Manifesto Comunista, leis, morais e religião, são, todas elas, inovações fraudulentas da burguesia, um disfarce sob o qual se escondem a maioria de seus interesses.

Dirigindo-se ao 3º Congresso de Toda a Rússia (02 de outubro de 1920), Lênin disse que era evidente que eles não acreditavam em Deus, que eles sabiam bem que as autoridades religiosas, os latifundiários e a burguesia, que faziam referência a Deus, estavam interessados apenas em justificar seus interesses de exploradores (...). Eles renegavam tais leis morais que fossem emprestadas de poderes sobre-humanos ou que não fossem baseadas no conceito de classes. Chamaram de farsa, uma ilusão, o obscurecimento da mente dos camponeses e trabalhadores para servir aos interesses latifundiários e capitalistas. Afirmaram que seu código moral está subordinado somente aos interesses da luta de classe do proletariado, e que a fonte de seus princípios morais era o interesse da luta de classe do proletariado.⁸

Isso é o que apresentam os antagonistas da religião, e, baseados nisso, um grande número de pessoas em nossa era rejeitaram a religião. Um professor norte-americano de psicologia resume assim: “A ciência mostrou que a religião é a farsa mais cruel e perversa da história”.⁹

NOTAS

1. Alcorão, 41:53.
2. *Religion and the Scientific Outlook*, George Allen & Unwin Ltd., p. 20.
3. *Religion without Revelation*, New York, 1958, p.58.
4. *Ibid*, pp.18-19.
5. Ralph Linton, *The Tree of Culture*, 1956, p. 288.
6. Julian Huxley, *Man in the Modern World*, p. 130.
7. *Ibid*, *Man in the Modern World*, p. 134.
8. Lenin, *Selected Works*, Moscow, 1947, Vol.II. p. 662.
9. C.A. Coulson, *Science and Christian Belief*, p. 4.

ANÁLISE

Nas páginas anteriores tratamos dos argumentos dos antirreligiosos que geralmente são apresentados com o objetivo de provar que a modernidade não admite a existência da religião.

Examinemos primeiro o argumento baseado na pesquisa realizada no campo da física, i.e. que estudos do universo demonstraram que todos os fenômenos ocorrem de acordo com determinadas leis da natureza. Esse argumento coloca que não há necessidade de assumir a existência de um Deus desconhecido para poder explicar esses fenômenos, uma vez que já existem leis que os explicam. A melhor resposta para esse argumento é a de um teólogo cristão: “A natureza é um fato, não uma explicação”.

Os físicos, é claro, estão certos em dizer que eles descobriram as leis da natureza, mas o que eles descobriram não é, em essência, a resposta para os problemas cuja solução é a própria razão da existência da religião. É a religião que aponta para as causas reais da criação do universo, enquanto que os achados dos físicos estão confinados a determinarem a estrutura externa desse universo, conforme ele se apresenta diante de nós. O que a ciência moderna nos diz é apenas discussão e não

uma explicação da realidade. Todo o corpo inquisitivo da ciência moderna se preocupa com apenas uma pergunta: “O que existe?”. A pergunta “Por que existe?” está muito além de seu alcance. No entanto, é sobre esse segundo assunto que deveríamos estar buscando esclarecimentos.

Para ilustrar esse ponto, consideremos como uma galinha vem ao mundo. O embrião se desenvolve dentro da casca lisa e dura de um ovo, depois, depois o pintinho emerge da casca quando ela quebra. Como se dá a quebra da casca no momento certo e o inexperiente, que não é mais do que um pedacinho de carne, encontra seu caminho para o mundo? No passado, a resposta óbvia era: “Isso é obra de Deus”. Mas agora, estudos microscópicos mostraram que ao passar de 21 dias, quando o pintinho está pronto para emergir, surge no seu bico uma pequena protuberância rígida (como um dente) com a qual o “pedacinho de carne” consegue quebrar casca do ovo. Essa estrutura, depois de cumprido seu papel, cai alguns dias depois. Essa observação, na perspectiva dos antirreligiosos, contradiz a antiga concepção de que é Deus que faz o pintinho sair do ovo, porque o microscópio mostrou claramente que existe uma lei dos 21 dias responsável por criar as condições que possibilitam ao pintinho emergir da casca do ovo. Isso é pura falácia. O que a observação moderna fez foi acrescentar mais alguns elos à corrente de fatores que levam até esse acontecimento. Ela não nos conta a real causa dessa ocorrência. Ela apenas mudou o problema da eclosão da casca para o fenômeno do surgimento do dente. A quebra da casca pelo pintinho é simplesmente um estágio

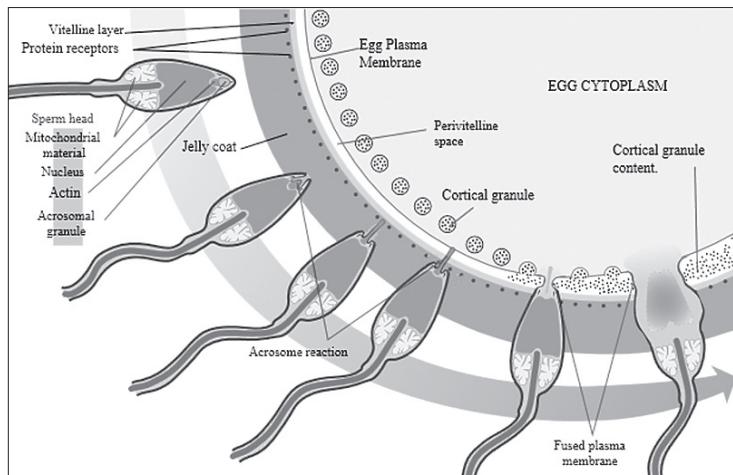
intermediário na ocorrência, e não sua causa. A causa do evento apenas será entendida quando nós aprendermos o que fez a protuberância aparecer no bico do pintinho? Em outras palavras, quando tivermos rastreado o fenômeno até sua causa primária, a causa que “sabia” que o pintinho precisava de um instrumento firme para arrebentar a casca e assim, em exatamente 21 dias, provocou o aparecimento da parte rígida no bico, em forma de um dente, e a queda desta, depois de cumprido seu objetivo?

“Como a casca quebra?” foi a pergunta com a qual se deparou o homem anteriormente. Agora, à luz das observações recentes, em vez de uma resposta, nós temos outra pergunta: “Como o dente se desenvolve?”. No contexto dos fenômenos perceptíveis, não há diferença na natureza entre essas duas questões. No máximo, questões do tipo nos levam de um elo a outro na corrente da causa e efeito, exigem uma extensão da observação dos fatos, se é que serão respondidas. Com base nisso, elas não fornecem nenhuma explicação válida. O biólogo norte-americano Cecil Boyce Hamann disse o seguinte:

Se os mistérios da digestão e assimilação foram vistos como evidência da intervenção divina, eles agora são explicados em termo de reações químicas, cada uma delas controlada por uma enzima. Mas não é Deus quem controla Seu universo? Quem determinou a ocorrência dessas reações, e que elas deveriam ser precisamente controladas pelas enzimas? Uma olhada de relance em um quadro atual das várias reações cíclicas e suas

interações umas com as outras já exclui a possibilidade dessas ligações acontecerem por acaso. Talvez aqui, mais do que em qualquer outro lugar, o homem esteja aprendendo que Deus opera segundo princípios que Ele estabeleceu para a criação da vida¹.

A partir disso pode-se entender o real valor das descobertas modernas. A ciência e a tecnologia, tendo aumentado amplamente a praticabilidade e precisão da observação humana, permitiram a dedução de leis naturais que regem o universo, de acordo com as quais ele funciona com perfeição. Por exemplo, na antiguidade, o homem sabia apenas que gotas de água caíam das nuvens para a terra. Mas agora todo o ciclo da chuva é amplamente entendido, desde a evaporação da água do mar até a precipitação da chuva e a jornada final da água fresca de volta ao mar. Mas o tipo de entendimento advindo dessas



descobertas não é nada mais que a posse de informação mais altamente detalhada, o que não nos diz, no fim das contas, porque esses processos físicos ocorrem. A ciência não nos diz como ou por que as leis da natureza existem, nem como ou por que elas continuam a existir, nem por que elas fazem a terra e os céus funcionarem de forma tão infalivelmente precisa que, simplesmente observando-os, nós conseguimos estabelecer as leis científicas imutáveis. A alegação de que aprendendo as leis da natureza nós podemos chegar a uma explicação do universo era mera ilusão. Ela forneceu uma resposta para a pergunta, mas foi uma resposta irrelevante, uma vez que aceita elos intermediários na corrente como causas primárias. Como Cecil Boyce Hamann tão apropriadamente diz: “A natureza não explica, ela em si mesmo precisa de uma explicação”.

Por que o sangue é vermelho? Se você perguntar a um médico a razão, ele poderia responder: “Porque o sangue contém milhões de pequenos discos vermelhos (5 milhões a cada centímetro cúbico), 7 micrômetros de diâmetro, chamados de glóbulos vermelhos”.

“Sim, mas porque esses glóbulos são vermelhos?”.

“Porque eles contêm uma substância chamada hemoglobina que, quando absorve oxigênio dos pulmões, fica vermelha. É por isso que o sangue nas artérias é escarlate. Conforme percorre o corpo, o sangue distribui oxigênio para os órgãos do corpo e a hemoglobina vai escurecendo – é o sangue escuro das veias”.

“Sim. Mas de onde vêm os glóbulos vermelhos e sua hemoglobina?”.

“Eles são feitos no baço”.

“Que maravilhoso, doutor. Mas me diga, como é que o sangue, os glóbulos vermelhos, o baço e milhares de outras coisas são tão organizadas em um sistema coerente, e funcionam tão perfeitamente para que eu possa respirar, correr, falar, viver?”

“Ah, é a natureza!”.

“Natureza!”

“Quando eu digo ‘natureza’, quero dizer a interação de forças físicas e químicas ocultas”.

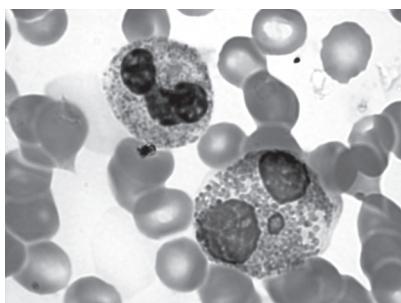
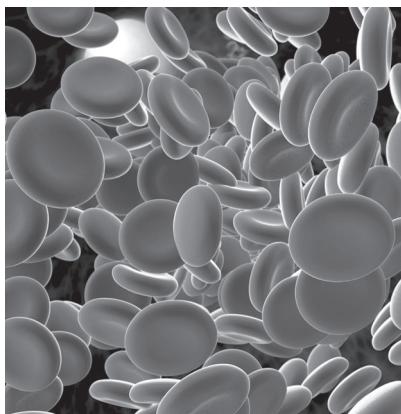
“Mas doutor, por que essas forças ocultas sempre atuam como se estivessem em busca de um destino definido? Como elas conseguem coordenar suas atividades de forma a produzirem um pássaro que voa, um peixe que nada e eu... que faço perguntas?”.

“Meu caro amigo, eu como cientista posso lhe dizer como essas coisas acontecem. Não me pergunte por que elas são assim”.

Embora não haja contestação do fato de que a ciência nos forneceu uma ampla gama de conhecimento, esse diálogo mostra claramente que ela possui limites. Existe um ponto a partir do qual ela não consegue mais dar explicações. Suas descobertas então ficam muito aquém de nos dar o tipo de resposta que é fornecido pela religião. Mesmo as pesquisas tendo se multiplicado amplamente, a necessidade da religião não pode de forma alguma ser esquecida, pois tais descobertas iluminam apenas aquilo que é concreto e observável. Elas nos dizem o que está acontecendo. Elas

não nos dão respostas para perguntas como “Por que isso está acontecendo?” ou “Qual é a causa primária disso?”. Todas as descobertas são de natureza intermediária, subsidiária e não absoluta.

Se a ciência fosse substituir a religião, ela ainda teria que descobrir a explicação definitiva e absoluta. Vejamos o exemplo de uma máquina que funciona sem que possamos ver como, porque está dentro de

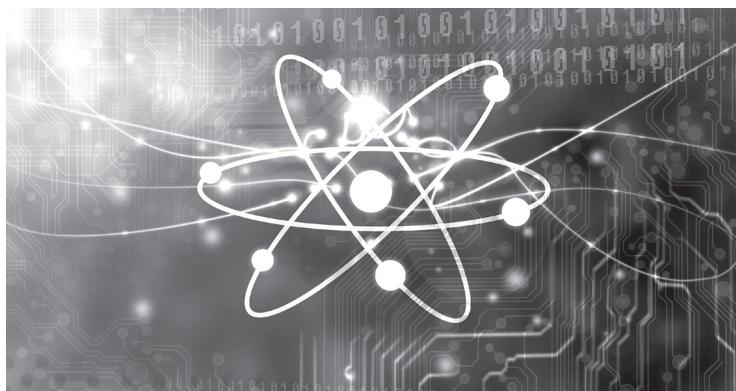


uma capa protetora metálica. Quando removemos essa capa, vemos como as diversas rodas da engrenagem se movem junto com várias outras partes do mecanismo. Isso significa que, descobrindo a mecânica da coisa, nós entendemos de verdade o que causa seu funcionamento? Conseguimos descobrir seus segredos? E a posse do conhecimento sobre o funcionamento da máquina nos prova que ela autofabricada, autorreplicada e funciona automaticamente? Se a resposta for “não”, então como

uma olhada de relance no mecanismo do universo prova que todo esse sistema surgiu sozinho e por decisão própria, e que continua a funcionar independente? Ao criticar o Darwinismo, A. Harris fez uma observação parecida: “A Seleção Natural pode explicar a sobrevivência dos mais adaptados, mas não pode explicar o surgimento dos mais adaptados”.²

Agora vejamos o argumento da psicologia, que afirma que, longe de ser uma realidade, os conceitos de Deus e da próxima vida são mitos, mera ficção, uma extensão da personalidade e dos desejos humanos em escala cósmica. Eu não consigo entender qual pode ser a base para essa alegação. Além disso, se eu realmente afirmasse que a personalidade e os desejos humanos existissem, realmente, em um plano cósmico, duvido que meus antagonistas tivessem informação factual suficiente para refutar minha alegação.

Se vamos falar de escalas, vejamos o que acontece no nível atômico, onde lidamos com distâncias infinitamente



pequenas. Segundo a teoria de Bohr, um átomo invisível possui uma estrutura interna semelhante ao nosso sistema solar, com elétrons girando ao redor de um núcleo, da mesma forma que os planetas giram em torno do sol. Quão diferentes são as escalas, já que no sistema solar as distâncias são medidas em milhões de milhas. Ainda assim, apesar de as escalas serem tão diferentes a ponto de confundir a imaginação, os sistemas são exatamente os mesmos. Seria algum delírio então se a consciência, que nós como seres humanos vivenciamos, existisse em uma escala cósmica só que de uma forma totalmente perfeita? Enquanto exercício intelectual, aceitar isso não é mais difícil do que aceitar a noção de que genes, apesar de serem apenas elementos microscópicos no embrião humano, controlam o crescimento e desenvolvimento de um homem de 1,80m. Será então que o desejo humano e natural por um mundo, imensuravelmente mais vasto do que o nosso, não é um eco – espiritual e transcendental – de um mundo que já existe nesse universo em uma forma invisível aos olhos humanos?

Os psicólogos estão certos em afirmar que, às vezes, as ideias que são reprimidas em nossas mentes durante a infância, surgem mais tarde de forma extraordinária. Mas inferir que foi essa característica intrinsecamente humana que deu origem à religião é tirar conclusões precipitadas erradas. É um erro de interpretação, e não uma distorção real de um fato perfeitamente comum. É como se observando um artesão moldar uma imagem do barro eu deduzisse que deve ter sido ele quem criou os

seres humanos. A criação de imagens e a criação do corpo humano diferem uma da outra de forma tão qualitativa que delinear quaisquer paralelos com a criatividade de Deus seria totalmente absurdo. Apenas as mentes que conseguem conceber isso olham para a religião como resultado de divagações rudimentares de pessoas mentalmente perturbadas.

É uma fraqueza comum do pensamento moderno chegar a conclusões extraordinárias com base em fatos que não possuem nenhuma relevância do ponto de vista lógico. Uma pessoa emocionalmente perturbada pode balbuciar qualquer coisa sob influência de pensamentos reprimidos no inconsciente, mas como isso prova que o conhecimento do universo revelado aos profetas também é uma “balbuciação” da mesma natureza – um “milagre” do inconsciente? É possível aceitar a incoerência ao se adormecer ou despertar, como resultado de perturbação mental, mas afirmar que essa é a verdadeira fonte da revelação divina é rebaixar o argumento a um nível não científico e de falta de lógica. Isso apenas demonstra que aqueles que pensam dessa forma têm grande dificuldade de encontrar outro critério com o qual julgar as palavras extraordinárias dos profetas. Os agnósticos possuem um único parâmetro para medir a realidade, e existe, *de facto*, apenas um parâmetro.

Suponhamos que um grupo de criaturas, que possuem a faculdade da audição, mas não a da fala, tenham chegado à terra vindas de um planeta distante. Ao ouvir a conversa e o discurso dos seres humanos, eles começam a investigar

o som. O que é isso, de onde ele vem? No decorrer de sua pesquisa, eles se deparam com uma árvore cujos galhos, entrelaçados, produzem ruídos, chiados por causa do atrito criado accidentalmente por ventos fortes repentinos. Assim que o vento para de soprar, o ruído também cessa. Agora, um “expert” dentre eles, fazendo uma observação cuidadosa desse fenômeno, transmitiu por telepatia que o segredo da fala humana foi desvendado, a saber, os dentes da maxila e da mandíbula na boca do ser humano são os responsáveis por produzir som. Quando os dentes superiores e inferiores se aproximam – causando fricção – um som foi produzido, e foi chamado de fala humana. O atrito entre os dois objetos, de fato, produz som; mas, assim como é incorreto explicar a origem da fala humana referindo-se a esse atrito, também assim é absurdo explicar as palavras proféticas como sendo declarações distorcidas brotando de uma mente profundamente perturbada.

Os pensamentos reprimidos no inconsciente são em sua maioria desejos repreensíveis que não puderam ser realizados devido ao medo da punição social e familiar. Por exemplo, se o indivíduo sentir o desejo de ter relações incestuosas com a irmã ou com a filha, ele deve reprimir tal sentimento, do contrário, a expressão desse desejo trará sobre ele o peso total da censura social. Igualmente, se um indivíduo sentir-se inclinado a cometer um assassinato, o medo que ele teria de ser colocado atrás das grades e o subsequente sentimento de frustração muito provavelmente o fariam reprimir seus impulsos iniciais.

Em outras palavras, os desejos, suprimidos no inconsciente,

são em sua maioria tão malignos que não poderiam ser concretizados por medo da punição e/ou do ostracismo social. Agora, se o subconsciente de uma pessoa que tenha uma perturbação mental encontrasse uma brecha, o que provavelmente sairia dele? Obviamente, tal pessoa começaria a falar de forma incoerente ao tentar manifestar aqueles mesmos sentimentos hostis e desejos malignos, que permaneceram suprimidos em seu subconsciente. E, se fossemos pensar nele como um profeta, seria um profeta do mal, certamente não do bem. Os pensamentos religiosos expressos na fala profética são por excelência, em comparação, virtude e pureza. O verdadeiro profeta é, em si, a epítome da virtude, e sua pureza de pensamento, palavra e ação não possui paralelos. Além do mais, suas ideias exercem influência tão poderosa sobre as pessoas que essa mesma sociedade da qual, certa vez, o profeta precisou esconder suas ideias – por medo – essa mesma sociedade é agora tão fortemente atraída por essas ideias que, mesmo após um espaço de séculos, ela ainda adere a elas.

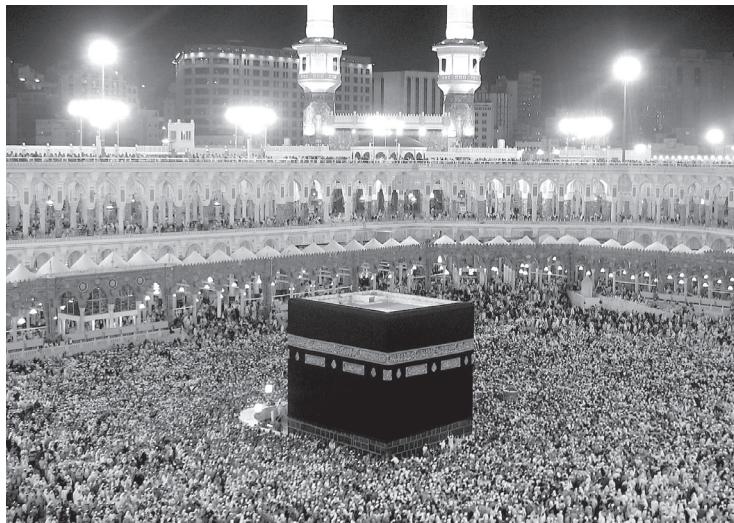
Do ponto de vista da psicologia, o inconsciente é na realidade um vácuo. Nele, nada existe inicialmente. Ele recebe todas as impressões através da mente consciente. Isso implica que o inconsciente guarda apenas aquelas experiências às quais as pessoas foram expostas vez ou outra. O inconsciente nunca é um repositório dos fatos que não foram vivenciados. Mas, surpreendentemente, a religião conforme proclamada pelos profetas, contém verdades que anteriormente lhes eram desconhecidas,

aliás, desconhecidas também de toda a humanidade. Foi somente com o advento dos profetas que certos fatos puderam ser propagados. Se o inconsciente fosse repositório originário, eles não poderiam ter se tornado provedores de verdades grandiosas e desconhecidas – que é o que eram.

A religião proclamada pelos profetas contém um grande volume de conhecimento, abrangendo, de uma forma ou de outra, todos os ramos do aprendizado, como a astronomia, física, biologia, psicologia, história, civilização, política e sociologia. Nenhum indivíduo, por mais dotado que seja, recorrendo ao consciente ou ao inconsciente, jamais conseguiu produzir um discurso tão abrangente, livre de decisões errôneas, conjecturas vãs, afirmações irreais, enganos e lógica doentia. Mas as escrituras religiosas são admiravelmente e milagrosamente isentas de tais deficiências. Em sua abordagem, raciocínio e decisões, elas englobam todas as ciências humanas. Ao longo dos séculos, gerações após gerações examinaram os achados de seus antepassados, analisaram-nos, consideraram-nos por todos os ângulos, e frequentemente rejeitaram e reprovaram o que seus antecessores consideraram como verdades concretas como rochas. Mas as verdades que são consagradas à religião permanecem incontestáveis até os dias de hoje. Até agora, não foi possível indicar nelas um único erro, ou uma discrepância sequer que possa ser mencionada. Aqueles que se desafiaram a atacar os baluartes da religião acabaram sendo forçados a recuar sem terem escalado as muralhas da religião, pois eles provaram a si mesmos que estavam errados.

A esta altura, acredito que seria pertinente apresentar um ponto de um artigo no qual James Henry Breasted, um astrônomo, alegou, além de qualquer dúvida razoável, ter descoberto um erro técnico no Alcorão. Ele destaca que, dentre as nações do leste asiático, as tradições antigas e a dominação do Islam em particular, popularizaram o calendário lunar, e que Muhammad (que a paz esteja com ele) pegaram a diferença entre os anos solares e lunares e levaram ao extremo do absurdo. Breasted afirma que ele ignorava totalmente a natureza dos problemas de um calendário que, no Alcorão, proibia categoricamente a adição de meses intercalares. O tal ano lunar de 354 dias fica atrás do ano solar por 11 dias. Sendo assim, durante o curso de seus ciclos, ele excederia o ano solar em 1 ano a cada 33 anos, e em 3 anos a cada século. Se uma prática religiosa como o jejum (no mês do Ramadan) caísse desta vez em junho, então após 6 anos cairia em abril. Agora (1935 A.D.), 1313 anos se passaram desde a migração que iniciou o calendário Hijri. Cada século nosso consiste de 103 anos de acordo com o ano lunar dos muçulmanos. Após 1313 anos do Calendário Solar, o calendário solar registra aproximadamente 41 anos a mais. Desta forma, a era Hijri dos muçulmanos, no momento em que este livro é escrito, alcançou o ano 1354; ou seja, de acordo com a escala solar, há um acréscimo de 41 anos aos 1313 anos. A igreja aboliu esse tipo de absurdo e adotou a prática da intercalação, alinhando o calendário lunar com o ano solar. Por causa dessa disparidade, todo leste asiático precisa sofrer com essa prática totalmente antiquada de usar o calendário lunar³.

Não devo aqui mencionar as complexidades dos calendários solar e lunar. Meramente destacaria que a carga de “ignorância absurda extrema” colocada contra o profeta do Islam é baseada em um erro de interpretação do Alcorão, e por isso, não tem fundamento algum. Não é a intercalação que é proibida pelo Alcorão, mas a prática da *nasa'* (cap. 9 vs. 37), que em árabe significa atrasar, ou postergar, ou colocar em ordem diferente. Por exemplo, se um animal estivesse bebendo de uma fonte, e você o retirasse para colocar um animal seu para beber primeiro, essa seria obter uma vantagem através de uma substituição injustificável. Em árabe, esse ato de colocar os animais em ordem diferente ou de substituir os animais era chamada de *nasa'*.



Essa interpretação da expressão tem uma relação direta com a ordenação do calendário islâmico, com especial referência a quatro meses, dentre os doze, designados como sagrados pelo profeta Abraão (que Deus o abençoe). Esses meses são conhecidos como *Zul Qa'dah*, *Zul Hijjah*, *Muharram* e *Rajab*, durante os quais é totalmente proibido o derramamento de sangue e as guerras. As pessoas podiam então viajar livremente, sabendo que poderiam carregar suas mercadorias em segurança. Eles também podiam sair para o Hajj, a peregrinação, sem medo de serem roubados. Porém, num período posterior, quando as tendências rebeldes começaram a se manifestar dentre as tribos árabes, estes inventaram o costume de alteração da ordem para fugirem dessa lei. Quando uma tribo árabe poderosa se determinava travar guerra durante o mês de *Muharram* – que é um mês sagrado – o chefe tribal declarava que eles tinham retirado *Muharram* da lista de meses sagrados e o haviam substituído pelo mês de *Safar*, que seria então considerado sagrado. Essa prática de interferir nos meses sagrados era chamada de *nasa'* e é essa a prática que o Alcorão chamou de “ação mais ignóbil do que a infidelidade”, pois dava aos que alteravam uma vantagem injusta sobre os demais, que obviamente hesitavam em combater durante os meses sagrados.

Alguns sábios escreveram que era uma prática generalizada entre os árabes considerar que alguns anos específicos consistiam de catorze meses em vez de doze. Um comentador do Alcorão, Abdullah Yusuf Ali, destaca que a intercalação de um mês após cada três anos conforme

praticada por algumas nações para ajustar o cálculo dos meses não está dentro da classificação de nasa', que é proibida.

Isso também colocava em risco o mês da peregrinação. O versículo (9:36) condena essa conduta arbitrária e egoísta dos árabes pagãos, que aboliu um controle adequado da guerra desregulada.

Outro comentador, George Sale, observa:

Isso foi uma invenção ou inovação dos árabes idólatras, através da qual eles evitavam entrar em um mês sagrado quando não era conveniente para eles, profanando assim esse mês; por exemplo, a observância de *Muharram* no mês seguinte, *Safar*.

Isso mostra claramente que mesmo na época da ignorância, o profeta de Deus não disse nada que parecesse ignorante. Se suas palavras emanassesem de sua mente inconsciente, ele teria proferido palavras que teriam revelado sua ignorância.

Os eruditos que estudam a religião pelo viés da história ou das ciências sociais, sofrem da falha fundamental de



não olhar para a religião a partir da perspectiva correta. Ao fazer isso, seus pontos de vista ficam completamente distorcidos. Eles são como pessoas que se entortam estando de pé para observar um quadrado, e vendo-o de um ângulo agudo, decidem que ele é um retângulo. O quadrado ainda é um quadrado, o problema é que o ponto de vista do observador está errado, ou é irrelevante.

Foi a partir desse ângulo enviesado que T.R. Miles afirmou que a religião é o produto de um tipo de interação entre o homem e o meio. O erro básico cometido por esses estudiosos é que eles estudam a religião como uma questão objetiva (Julian Huxley, *Man in the Modern World*, p. 129). Isto é, eles coletam, indiscriminadamente, todo o material histórico classificado sob o nome de religião, e então formam suas opiniões sobre religião à luz de qualquer material com o qual se deparem. Desta forma, eles assumem uma posição errada desde o início.

O resumo de Miles sobre “religião” ser como qualquer outro assunto pode ser tratado como um problema objetivo e estudado com o método científico. O primeiro passo é fazer uma lista de ideias e práticas associadas com diferentes religiões – deuses e demônios, sacrifício, oração, crença em outra vida, tabus e regras morais da vida. É como fazer coleção de animais e plantas. A ciência sempre começa desse jeito, mas não pode parar nesse nível: ela inevitavelmente buscar adentrar mais fundo para fazer uma análise.

Essa análise pode tomar duas direções: ela pode buscar maior entendimento da religião da forma em que existe

agora, ou pode adotar um método histórico e pesquisar no passado uma explicação para o presente.

Com relação à abordagem histórica, está claro que a religião evolui, assim como outras atividades sociais. Mais ainda, sua evolução é determinada pelo momento, por sua lógica intrínseca e por influência das condições materiais e sociais do período. Como exemplo da primeira, veja a tendência do politeísmo para o monoteísmo: concedida a premissa deísta, essa tendência parece quase que inevitavelmente se apresentar no decorrer do tempo⁴.

A religião, consequentemente, vem a ser considerada como um simples processo social e não como uma revelação da realidade. Aquilo que é uma revelação da realidade é um ideal em si, e sua história com todas as suas manifestações deve ser estudada sob essa perspectiva. A resposta da sociedade sozinha determina sua posição. Qualquer coisa que incentive o status de uma normal social ou tradição social retém sua posição enquanto a sociedade lhe der o status de fato. Se a sociedade descartar uma prática e adotar outra em seu lugar, então o interesse histórico por aquela só sobrevive e sua importância enquanto tradição social cai no esquecimento.

Mas o caso da religião é totalmente diferente desse. O grande astrônomo Fred Hoyle coloca: “Esse impulso moral ou religioso, seja qual for o nome pelo qual o chamemos, é extraordinariamente poderoso. Quando deparado com a oposição, ou por tentativas ainda mais poderosas de supressão, ele se recusa obstinadamente a deitar e morrer. O indivíduo normalmente se depara com alegações de

que a religião é uma superstição primitiva sem a qual o homem moderno pode viver tranquilamente. Mas se o impulso fosse realmente primitivo no sentido biológico (por exemplo, ser primitiva a lealdade patriótica ao grupo a que a pessoa pertence) certamente poderíamos encontrá-la em outros animais. Até onde sei, ninguém foi adiante com nenhuma evidência dessa ideia. O impulso religioso parece ser único ao ser humano, e certamente se tornou mais forte na pré-história quanto mais o homem avançava em suas realizações intelectuais. Notoriamente, essa tendência se reverteu durante um passado recente, mas a mudança ao longo dos últimos dois séculos pode provar que ela não é permanente... Despida de todos os adornos fantasiosos dos quais a religião se cercou, será que ela não é uma instrução dentro de nós que, expressa de forma bem simples, pode-se ler como: você é originário de algo que está no céu. Procure-o e você encontrará mais do que imagina”⁵.

Não podemos, então, estudar religião da mesma maneira que fazemos um balanço de nossos bens domésticos, meios de transporte, vestimenta, moradia etc. Isso porque a religião é uma entidade por si só, que é aceita, rejeitada ou aceita de forma parcial ou distorcida pela sociedade segundo seu livre arbítrio. Como resultado, a religião segue sendo a mesma em essência ao passo que assume uma diversidade de formas que evoluem de acordo com as práticas de cada sociedade. Portanto, é errado classificar na mesma categoria de “religião” todas as diferentes

formas de religião existentes em diferentes sociedades. Iremos ilustrar isso fazendo referência à democracia.

Democracia é um sistema de governo pelas pessoas, diretamente ou por representação, e um país pode ser considerado verdadeiramente democrático somente quando sua organização política se mantém segundo esse critério. Agora, se uma abordagem do entendimento da democracia for feita examinando todos os mais que chamam seus governos de democráticos, e depois tentar, por um processo de indução, criar uma imagem clara dela, com base em quaisquer denominadores comuns que apareçam, a imagem que vai surgir, em vez de clara como vidro, será como água barrenta remexida por algum animal se debatendo. Democracia, enquanto termo, será insignificante. Considere as democracias da Grã-Bretanha, Estados Unidos e Egito. Elas se parecem em alguma coisa? De que maneira a democracia da Índia se assemelha à do Paquistão? O termo democracia fica ainda mais confuso se todas as variedades de democracia no mundo hoje forem colocadas em uma escala de evolução. Um estudo do desenvolvimento da democracia na França – seu berço – mostrará que em um estágio tardio de sua evolução, ela era sinônimo de ditadura militar com o General de Gaulle (1890-1970).

Tal estudo de religião, no qual é improvável que o processo de indução produza resultados corretos, pode também levar à conclusão de que a ideia de Deus pode ser dispensada, porque a história da religião apresenta o exemplo do budismo – uma religião sem um deus. Hoje,

defende-se amplamente a ideia de que a religião deveria ser explicada, mas que Deus, enquanto possibilidade, deve ser excluído. Defensores dessa tendência argumentam que mesmo se a religião for necessária para inculcar disciplina, a crença em Deus não deve ser considerada compulsória. Eles entendem que uma religião sem Deus serve o mesmo propósito. Citando o budismo, eles afirmam isso, na era avançada presente; tal forma de estrutura religiosa é mais condizente com as necessidades da sociedade. Para esses pensadores, a sociedade, com seus objetivos político-econômicos, é em si o deus da era moderna. O parlamento é o profeta desse deus, através do qual ele informa à humanidade sua vontade, represas e fábricas, em vez de mesquitas e igrejas como locais de adoração⁶.

O estudo da religião pelo método evolucionário crê que ela progride da crença em Deus para a renegação de Deus (ex. o budismo). Os estudiosos que adotam essa visão primeiro coletam todo o material que foi atribuído ao longo do tempo à religião, depois, independentemente daquelas cujas abordagens sejam essencialmente internas, eles organizam esse material em uma sequencia evolutiva, intencionalmente omitindo quaisquer detalhes que possam lançar dúvida quanto à sua validade.

Por exemplo, após extensa pesquisa, antropólogos e sociólogos “descobriram” que o conceito de Deus começou com o politeísmo e, progredindo gradualmente, desenvolveu-se em monoteísmo. Mas, de acordo com eles, esse ciclo de evolução tomou a direção contrária, transformando o conceito de monoteísmo em uma

contradição. O conceito de uma “multiplicidade de deuses”, de acordo com eles, no mínimo tinha em si certo valor intrínseco: ao colocar sua fé em “múltiplos deuses”, as pessoas podiam viver em harmonia ao reconhecer a existência dos deuses das outras comunidades. Mas a doutrina de “um Deus” naturalmente rejeitou todos os outros deuses e seus fiéis, originando assim o conceito de uma “religião superior” que, por sua vez, provocou guerras intermináveis entre vários grupos e nações. Assim, o conceito de Deus tendo evoluído na direção errada, cavou seu próprio túmulo, segundo a lei da evolução⁷.

O fato de o conceito de Deus ter iniciado com o monoteísmo foi totalmente omitido nessa sequência evolutiva. De acordo com a história conhecida, Noé (que Allah o abençoe) foi o primeiro profeta que, conforme se estabeleceu, exortou as pessoas a crerem em um Deus. Além do mais, politeísmo não significa uma pluralidade de deuses no sentido absoluto, como se entende normalmente. Nenhuma nação jamais foi politeísta no sentido de acreditar em muitos deuses do mesmo nível. Na verdade, o politeísmo implica uma hierarquia com um Deus Supremo no topo e sua comitiva de semideuses distribuída abaixo Deus nos degraus da escada divina. O politeísmo sempre carregou consigo um conceito de “Deus dos deuses”. Isso mostra quão sem fundamento são as alegações sobre essa religião evolutiva.

A abordagem marxista da história é ainda mais pobre de significado, baseando-se na hipótese de que apenas a condição econômica é o real fator que modela o homem.

De acordo com Marx, a religião passou a existir em uma era de feudalismo e capitalismo. Uma vez que esses sistemas são tirânicos e pautados na exploração, os conceitos de moral e religião que surgiram a partir deles tinham que, necessariamente, refletir seu meio. Eles não eram mais do que doutrinas que toleravam e mantinham a exploração. Mas essa teoria não tem nenhum peso acadêmico, nem a experiência testemunha a seu favor. Essa teoria, baseada na negação absoluta da vontade humana, considera o homem um simples produto das condições econômicas. Tal qual barras de sabonete feitas em fábricas, o homem é moldado na fábrica do ambiente. Ele não age com uma mente independente, ele só se conforma com qualquer condição à qual tenha sido submetido. Se esse fosse um fato incontestável, como seria possível ao próprio Marx, ele mesmo um produto de uma sociedade capitalista, revoltar-se contra as condições econômicas vigentes em sua época? Se o sistema econômico contemporâneo deu origem à religião, por que não crer que, de acordo com a mesma lógica, o Marxismo é um produto das mesmas condições? Se a posição de Marx sobre a religião está correta, por que isso não se aplica ao próprio Marx? Conclui-se que essa teoria é absurda. Não há nenhuma prova racional ou científica que a sustente.

A experiência também expôs as falsas premissas dessa teoria. O exemplo da antiga U.R.S.S., onde essa ideologia foi dominante por 65 anos, servirá para ilustrar nossa opinião.

Alegou-se por muito tempo que as condições materiais da

União Soviética mudaram. O sistema de produção, troca e distribuição todos se tornaram não capitalistas. Mas após a morte de Stálin, os próprios líderes russos admitiram que o regime de Stálin era de tirania e coerção, e que as massas haviam sido exploradas da mesma maneira que nos países capitalistas. Deve-se ter em mente que foi o controle absoluto do governo sobre a imprensa que tornou possível para Stálin projetar para o mundo sua tirania e exploração como justiça e jogo limpo. Como a imprensa ainda é completamente controlada pelo governo, devemos inferir que o mesmo drama que foi apresentado com sucesso na época de Stálin, continua ainda hoje sob o manto de uma propaganda explicitamente enganosa. O 20º Congresso (em fevereiro de 1956) do Partido Comunista da União Soviética expôs os atos tirânicos de Stálin. Não será surpresa se o 40º Congresso do partido trouxer à tona a barbaridade de seus sucessores. Este meio século de experiência mostra claramente que os sistemas de produção e troca não têm nada a ver com a modelagem das ideias. Se a mente humana fosse subserviente ao sistema de produção, e se as ideias tivessem tomado forma de acordo com isso, o estado comunista da Rússia deveria, falando estritamente, ter restringido as tendências à opressão e exploração. Portanto, todo o argumento da era moderna não é menos do que um sofisma trajado de raciocínio científico – um monte de retalhos, uma miscelânea de elementos contraditórios. É claro que o método científico foi adotado para estudar esses “fatos”, mas isso, por si só, não é suficiente para chegar aos resultados corretos.

Outros fatores essenciais devem ser considerados. Isto é dizer que se o método científico for aplicado, mas aplicado apenas a meias verdades e dados tendenciosos, apesar de sua boa fé ostensiva, ele está fadado a produzir resultados que estarão longe de serem precisos.

Eis uma ilustração adequada desse ponto. Na primeira semana de janeiro de 1964, aconteceu em Nova Déli o Congresso Internacional de Orientalistas, que teve a presença de 1.200 pessoas. Na ocasião, um dos orientalistas leu um artigo no qual se alegava que diversos dos monumentos muçulmanos da Índia tinham, na verdade, sido construídos pelos Rajás hindus e não pelos governantes muçulmanos. O artigo afirmava que Qutb Minar, a torre conhecida por ter sido construída pelo Sultão Qutbuddin Abek, era originalmente Vishnu Dhwaj, um símbolo do deus Vishnu construído por Samudra Gupta 2.300 anos antes. Qutb Minar era um termo impróprio, inventado por historiadores muçulmanos de um período posterior. O principal argumento que sustentava a alegação era que as pedras usadas na construção do Qutb Minar eram muito antigas e que seus entalhes tinham sido feitos séculos antes do período de Qutbuddin Abek. À primeira vista, o argumento é científico no que tange as pedras antigas serem encontradas na estrutura do Qutb Minar. Mas o estudo do Qutb Minar com referência somente às suas pedras não pode fundamentar nenhum argumento verdadeiramente científico. Além disso, diversos outros aspectos da questão precisam ser considerados, o mais importante deles sendo que as pedras das ruínas das

construções antigas eram geralmente usadas em novas estruturas pelos construtores subsequentes, incluindo os muçulmanos. Isso, junto com o design arquitetônico do Qutb Minar, a técnica de colocação das pedras, a mesquita incompleta nas proximidades da torre, os traços restantes de uma torre paralela, mais outras evidências históricas, indicam o Sultão Qutbuddin como sendo o verdadeiro construtor, e mostra que a controvérsia dos orientalistas é totalmente falaciosa. As teorias dos antirreligiosos não são melhores. Assim como no exemplo anterior, que foi feita uma tentativa de mostrar um raciocínio científico através de uma má interpretação intencionada sobre a presença de certas pedras antigas, também ao apresentar algumas meias verdades e um grande número de fatos irrelevantes vistos de uma perspectiva distorcida, os inimigos da religião afirmam que seu método de estudo, presumidamente científico, conseguiu livrar-se da religião. Ao contrário, se os dados reais sobre o assunto forem estudados em seu total e com a perspectiva correta, com toda certeza vai-se chegar a uma conclusão totalmente oposta.

Certamente, a veracidade da religião é comprovada pelo fato de até mesmo os pensadores mais inteligentes começarem a falar coisas sem sentido quando se recusam a fazer referência à religião. Abandone a religião e você vai abandonar uma estrutura essencial na qual seus problemas serão discutidos e resolvidos. A maioria dos estudiosos cujos nomes aparecem na lista de antirreligiosos são pessoas muito inteligentes e bem versadas. Esses gênios adentraram a arena do debate religioso munidos das

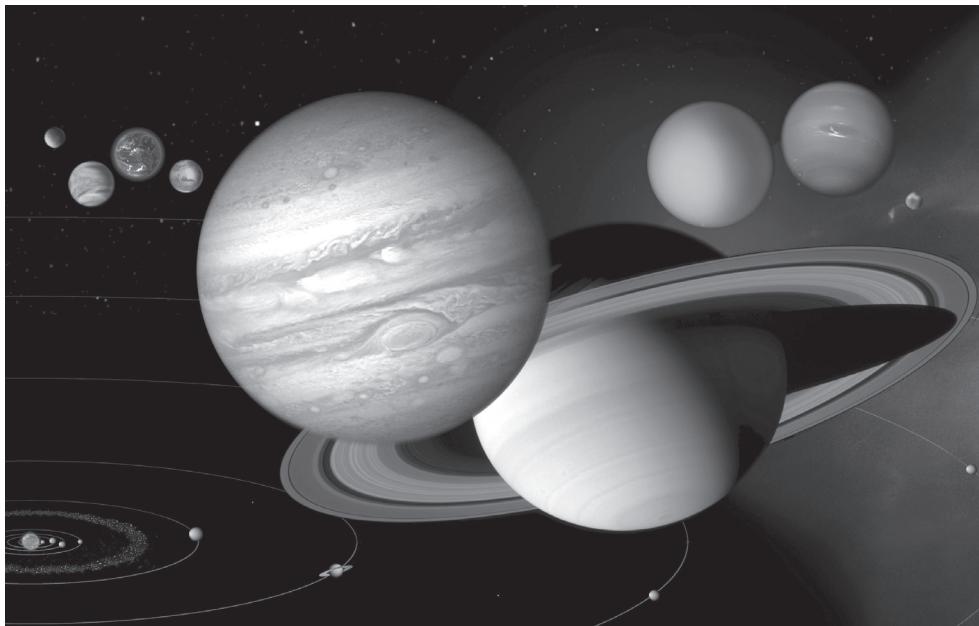
mais valiosas ciências modernas. Mas a julgar pelo pobre desempenho dessas pessoas inteligentes, podemos nos perguntar o que arruinou tanto suas mentes para eles conseguirem cometer absurdos no papel. Suas produções são notórias pelas hesitações, contradições, confissões táticas de ignorância e raciocínio que são, para dizer o mínimo, aleatórias. Eles falam fazem afirmações absurdas com embasamento superficial, quase que desconsiderando totalmente os fatos. Seu caso deve cair totalmente por terra, porque só pode ser falso, apoiado em declarações errôneas e argumentos notoriamente falhos. Um caso que tem o mínimo de mérito nunca deveria se envolver com falhas tão sérias.

A imagem da vida e do universo, que se forma em nossas mentes, ao aceitarmos, a religião é muito bonita e satisfatória. Isso por si só já estabelece a verdade da religião e a falsidade das teorias antirreligiosas. Ela está de acordo com as ideias nobres do homem da mesma forma que o universo material ecoa nas fórmulas matemáticas. Mas ao contrário, a imagem da realidade que está em consonância com a filosofia antirreligiosa é completamente destoante da mente humana. Sobre isso, J.W.N. Sullivan fez uma citação pertinente de Bertrand Russell:

O homem é produto das causas que não possuem previsão de qual destino irão alcançar; sua origem, seu crescimento, suas esperanças e medos são mero resultado da disposição acidental dos átomos; não há fogo, heroísmo ou intensidade de pensamento ou sentimento que preserve a vida do indivíduo para além

do túmulo; todo o trabalho de eras, toda a devoção, toda a inspiração, todo o brilhantismo da genialidade humana estão todos destinados à extinção com a morte do sistema solar. E todo o templo das conquistas do homem deve, inevitavelmente, ser enterrado em meio às ruínas do universo. Todas essas coisas, se não totalmente indiscutíveis, são de certa forma tão certas que nenhuma filosofia que as rejeita pode se manter.⁸

Esse excerto resume a escola de pensamento irreligiosa materialista. De acordo com esse pensamento, nossas perspectivas na vida são ofuscadas por melancolia e desespero. A interpretação materialista da vida também



dispensa qualquer critério de julgamento do bem e do mal. Ela justifica lançamentos de bombas em seres humanos, uso de lança-chamas e armas químicas, só para citar alguns dos flagelos da era moderna. Isso não é considerado aviltante, tirânico ou bestialmente agressivo. Afinal, os seres humanos irão morrer de uma forma ou de outra. O pensamento religioso, por outro lado, proporciona um raio de luz de esperança, dando tanto à vida como à morte um brilho com significado e alegria. Desta forma, ele satisfaz nossas necessidades psicológicas. Quando um pesquisador propõe uma teoria, que está de acordo com fórmulas matemáticas, ele se convence de que descobriu uma realidade. Igualmente, quando o conceito religioso encontra um eco harmonioso na psique humana, isso é uma prova de que essa é a realidade da qual o ser humano estava em busca. Ele dá um senso de preenchimento que não deixa espaço para a renegação da verdade. Para citar as palavras de Earl Chester Rex, um matemático norte-americano:

Eu uso o princípio aceito na ciência que rege a escolha entre duas ou mais teorias conflitivas. Segundo este princípio, adota-se aquela teoria que explica todos os fatos pertinentes da forma mais simples. O mesmo princípio foi usado, muito antes, para decidir entre a teoria ptolomaica, ou teoria geocêntrica, e a teoria de Copérnico, que alegava que o sol é o centro do sistema solar. A teoria ptolomaica é tão mais emaranhada e complexa do que a copernicana, que o geocentrismo foi descartado.⁹

Eu admito que esse argumento não era considerado como infalível por muitos. O conceito de Deus e religião nunca vai se encaixar dentro dos limites de suas mentes materialistas. No entanto, seu descontentamento não é realmente devido a alguma falta de lógica por trás da religião – quanto a isso estou satisfeito. Não, a verdadeira razão da insatisfação deles é que suas mentes preconceituosas não estão preparadas para aceitar a lógica religiosa. Sir James Jeans, no final de seu livro *Mysterious Universe*, afirmou acertadamente: “Nossas mentes modernas têm um tipo de preconceito em favor da explicação materialista dos fatos” (p. 189).

Em seu livro *Witness*, Whittacker Chambers nos fala sobre como ele estava observando sua filha um dia, quando ele inconscientemente se deu conta do formato da orelha dela. Ele pensou consigo que era impossível que aquelas dobrinhas delicadas pudessem ser fruto do acaso. Elas só poderiam ter sido criadas com um design premeditado. Mas ele afastou esse pensamento de sua mente agnóstica porque percebeu que o próximo passo desta sequência lógica teria de ser que: design pressupõe Deus – uma tese que ele não estava pronto para aceitar. Sobre esse incidente, Thomas David Park, um pesquisador químico, ex-presidente do Departamento de Química do SRI International, escreve: “Eu conheci muitos cientistas dentre meus professores e colegas de pesquisa que têm pensamentos parecidos sobre fatos observados na química e na física”.¹⁰

“Cientistas” da era “moderna” concordam com a teoria da

evolução. Esse conceito se tornou dominante em todos os campos científicos. Um ídolo encantador da evolução espontânea foi colocado no lugar de Deus. Se a verdade for dita, o próprio dogma da evolução orgânica, a partir do qual foram emprestados os conceitos evolutivos, não é nada mais que uma hipótese sem evidências. Mas isso não é tudo. Alguns cientistas confessaram abertamente que se eles acreditam no conceito de evolução, é simplesmente porque não conseguem encontrar outra alternativa.

Sir Arthur Keith (1866-1955) disse em 1953 que a evolução era não comprovada e improvável, e que “nós acreditamos nela porque a única alternativa era a criação, e isso era impensável”.¹²

Então os cientistas concordaram com a validade da teoria da evolução simplesmente porque se descartarem-na, eles ficam sem opção que não seja crer no conceito de Deus.

Confesso que está além de minha capacidade satisfazer os estudiosos cujo preconceito em favor da lógica materialista é tão forte que eles são incapazes de abrir suas mentes para fatos evidentes por si mesmos. Há um motivo em particular para esse preconceito, sobre o qual George Herbert Blount disse:

Convicção na razoabilidade e fragilidade do ateísmo normalmente não fazem o homem aceitar o deísmo prático. Parece haver uma suspeita quase que inata de que o reconhecimento da Deidade irá de certa forma roubar a liberdade da pessoa. Para o estudioso, que aprecia a liberdade intelectual, qualquer

pensamento de uma liberdade limitada é especialmente desagradável.¹³

De forma parecida, o conceito de profecia foi descrito por Julian Huxley como uma “demonstração intolerável de superioridade”. Ou seja, a aceitação de uma pessoa como profeta implica em sua elevação a um status tão elevado que sua palavra se torna a palavra de Deus, dando a ele, por conseguinte, o direito de impor sua vontade sobre as pessoas, o direito de fazer as pessoas aceitarem sua palavra como lei. Mas isso é o que significa ser um profeta, e quando o homem é a criatura e não o Criador, ele está na posição de ser um servo humilde de Deus, e não Deus; como essa situação pode ser mudada ou evitada simplesmente baseando-se nos conceitos que são resultado de ignorância e vontade própria?

Cressy Morrison pergunta com razão em seu livro *“Man does not stand alone”*: “Quanto o homem deve avançar antes de perceber a existência de uma inteligência suprema, graças à bondade da qual nós existimos, assumir seu papel e se esforçar para viver segundo o mais elevado código que ele seja capaz de compreender, sem tentar analisar o motivo de Deus ou descrever Seus atributos?”.

As coisas são o que são. Nós não podemos alterar a dura realidade: nós simplesmente temos que reconhecê-la, aceitá-la e nos submetermos a ela. Agora, se nós adotarmos uma atitude de recusa, nossa melhor chance é acreditar nela, e não renega-la. Renegando a verdade, é o homem quem perde. Sua rejeição da verdade de forma

alguma irá alterá-la, prejudicá-la ou diminuí-la. A verdade é a verdade.

NOTAS

1. *The Evidence of God in an Expanding Universe*, p. 221.
2. A. Lunn, *Revolt Against Reason*, p 133.
3. *Time And Its Mysteries*, New York, 1962, p. 56.
4. T.R. Miles, *Religion and the Scientific Outlook*.
5. Fred Hoyle, *The Intelligent Universe*, p. 233.
6. Julian Huxley, *Religion without Revelation*.
7. Julian Huxley, *Man in the Modern World*, p. 112.
8. J.W.N. Sullivan, *Limitations of Science*, p. 175.
9. *The Evidence of God*, p. 179.
10. *The Evidence of God in an Expanding Universe*, John Clover Monsma, (New York, 1958), pp. 73-74
11. Anatomista e antropologista físico que se especializou no estudo do homem pré-histórico. Doutor em medicina e direito, Keith se tornou professor do *Royal College of Surgeons of England*, Londres (1908), foi professor de psicologia na *Royal Institution*, Londres (1918-23) e foi reitor da Universidade de Aberdeen (1930-33).
12. *Islamic Thoughts*, Dezembro, 1961.
13. *The Evidence of God*, p. 130.

O MÉTODO DE ARGUMENTO

A LINHA DE ARGUMENTO

A idade moderna versus a religião é basicamente um caso de argumento fundamento versus aceitação da revelação. A modernidade entende que as crenças e dogmas religiosos não passam nos testes propostos pelos mais avançados métodos de raciocínio científico. A apreensão da realidade hoje é através de observação e experimentos, mas uma vez que as crenças religiosas tratam de uma esfera suparracional de existência, elas são consideradas inverificáveis. Os argumentos a favor delas são completamente baseados na suposição e inferência: desta forma, elas são declaradas como não tendo base científica aceitável. Eu seu livro *“Religion and the Scientific Outlook”*, T.R. Miles escreve:

Pode ser que se diga que os metafísicos do passado fizeram algo comparável a escrever um cheque sem ter fundos no banco. Eles usavam palavras sem terem “moeda” para pagar; eles foram incapazes de oferecer palavras com valor “monetário”, em termos de estado das coisas. ‘O Absoluto é incapaz de evoluir e

progredir' é uma sentença gramaticalmente correta, mas as palavras são como um cheque sem fundos que não pode ser compensado.

Essa afirmação parece mostrar que as alegações da religião são infundadas, pois não são nem baseadas em qualquer argumento válido, nem são cientificamente demonstráveis. A religião pertence estritamente ao domínio da fé, e a realidade é considerada verificável apenas quando externa a esse domínio.

Mas a verdade é que esse caso contra a religião, em si, não tem base. Não devemos esquecer que o método moderno de raciocínio não insiste que apenas as coisas diretamente observadas possuem uma existência de fato. Uma suposição científica que se baseia em observação direta pode ser tanto um fato quanto um resultado de experimento científico. No entanto, não podemos dizer que o experimento científico está sempre correto simplesmente por se um experimento, assim como não podemos assumir que uma suposição científica esteja errada simplesmente por ser uma suposição. Cada um tem a possibilidade de estar certo ou errado.

O grande físico Robert Morris Page fez a importante observação de que “o teste de uma hipótese envolve o estabelecimento de condições consistente com a hipótese para produzir resultados previstos pela hipótese assumindo que a suposição esteja correta”. Depois ele narra um incidente que confirma isso claramente:

Quando os navios eram construídos de madeira, porque se acreditava que para o navio flutuar, ele deveria ser construído de materiais mais leves que água, a proposição feira era de que os navios poderiam ser feitos de ferro e ainda assim flutuariam. Um ferreiro então alegou que os navios feitos de ferro não flutuariam porque o ferro não flutua, e ele provou isso jogando uma farradura em uma banheira com água. Sua suposição de que a hipótese era falsa encerrou a possibilidade de criar um experimento consistente com sua hipótese, que poderia ter dado o resultado esperado, previsto pela hipótese. Se ele tivesse assumido que a hipótese era verdadeira, ele teria jogado uma bacia metálica de banho na banheira com água, em vez de uma farradura¹.

Para todos os efeitos, o ferreiro conduziu um experimento e chegou a uma verdade. Nós obviamente devemos ser muito cautelosos com atividades chamadas de experimentos e que, por isso, supostamente produzem resultados corretos.

Também devemos ser cautelosos quanto à observação incompleta ou inadequada. Antes do advento dos super telescópios, os telescópios comuns mostravam aglomerados de corpos celestes distantes como massas de luz difusa. Com base em tal observação, surgiu uma teoria de que aqueles corpos celestes eram na verdade nuvens de gás passando por um processo de formação que os transformaria em estrelas. Mas quando esses corpos celestes foram observados posteriormente por

telescópios mais avançados, ficou evidente que o que inicialmente aparecia nuvens luminosas era, na verdade, uma galáxia inteira de estrelas completamente formadas, que só tinham obviamente parecido serem de composição gasosa por causa da grande distância a que estão da terra.

Pode não ser possível provar a existência de Deus através de observação com um telescópio, mas devemos lembrar que nós baseamos nossos argumentos para Sua existência no significado e no design do universo visível. Claude M. Hathaway, o criador de um “cérebro elétrico” para o Comitê Americano para Aconselhamento sobre Aeronáutica na base de Langley Field, escreveu em um ensaio intitulado *“The Great Designer”* o que ele pensa sobre as bases racionais de sua crença em um Deus sobrenatural. Ele afirma muito pertinente que o design requer um designer. Como engenheiro, ele teve que aprender a ordem de avaliação e apreciar as dificuldades associadas com o design que aproximam as forças, matérias e leis da natureza de forma a cumprir o objetivo desejado. Em resumo, ele aprendeu a apreciar a problemática do design ao se deparar com os problemas de design.

Era meu trabalho, muitos anos atrás, criar o design de um computador elétrico que resolvesse rapidamente equações complicadas encontradas na teoria de escoamento bidimensional. Esse problema era resolvido por um conjunto de centenas de válvulas termiônicas, aparelhos eletromecânicos, circuitos complexos, e o “cérebro” inteiro, em um armário do tamanho de cerca de três pianos grandes, ainda está em uso no Comitê

Americano para Aconselhamento sobre Aeronáutica na base de Langley Field. Após trabalhar nesse computador por um ano ou dois, e após encontrar e solucionar os diversos problemas de design que ele apresentou, parece totalmente irracional, para mim, pensar que um aparelho desse teria surgido de qualquer outra forma que não a ação de um designer inteligente.

Agora o mundo ao nosso redor é um amplo conjunto de design e ordem, independente, mas interligado, muito mais complexo, em cada pequeno detalhe, do que o meu “cérebro eletrônico”. Se meu computador precisou de um designer, quanto mais não precisou a complexa máquina bio-químico-física que é o corpo humano – que por sua vez é apenas uma parte ínfima do infinito cosmos em que estamos?²

É a perfeição do funcionamento e complexidade do design do universo que nos leva a concluir que ele deve ser a criação de alguma mente divina.

Nosso raciocínio não prova diretamente a existência de Deus, mas ele certamente estabelece uma estrutura crível, na qual necessariamente se induz a crença em Deus. Devemos notar que a observação e o experimento não são fontes absolutas de conhecimento por si só. Além do mais, também devemos aceitar que nossa experiência e observação diretas, sozinhas, raramente produzem um conhecimento completo. Por exemplo, se afirmarmos que a água abriga microrganismos, essa parece ser uma afirmação estranha. Mas no momento que olhamos a água com um microscópio, constatamos que isso é verdade. Da

mesma forma, a alegação de que a terra é redonda – uma inferência – deve ser fundamentada, não pela observação exclusiva humana, mas por fotos tiradas do espaço por câmeras telescópicas.

A idade moderna, sem sombra de dúvidas, testemunhou a invenção de vários instrumentos sofisticados, que nos permitiram fazer experimentos e observações em uma escala muito maior e mais detalhada do que antes era possível. Mas as coisas que esses aparelhos nos permitem enxergar são, em si mesmas, superficiais e relativamente sem importância. O que é importante é a teoria baseada nelas. Todas as teorias formuladas posteriormente, baseadas nessas observações e experimentos, estão relacionadas ao que é invisível, e como tal, não observáveis. Vista como uma questão de teorização, a ciência inteira fica reduzida a uma explicação de tais observações. Apesar de as teorias não serem observadas, o processo de observação e experimentação obriga os cientistas a crer que determinados fatos devem ser aceitos conforme são.

Mas os antirreligiosos negam aos crentes o direito de afirmar as verdades através dos mesmos métodos científicos com os quais eles imaginam que rejeitaram a religião. Eles deveriam se sentir na obrigação de conceber que a religião é um assunto racional. Isso é como ter um bom advogado de acusação sem autorizar um advogado do mesmo nível para o réu, para o caso deste se beneficiar do sistema judicial. Então, suponha que tenhamos aceitado a definição de realidade como algo que podemos observar e experimentar de forma direta: as alegações dos

antirreligiosos de que não existe Deus, nenhum poder divino no controle das coisas, seriam justificáveis somente se eles pudessem provar que cada coisa que é observável no universo tivesse sido efetivamente observada por eles, e que nem Deus, nem anjos, nem paraíso e nem o inferno foram descobertos. Obviamente eles não estão em posição de fazer isso. Então qual método ou procedimento lhes forneceu a base para um argumento contra a religião? Qualquer que seja, não foi baseado na observação direta da religião, mas sim em uma explicação de certas observações. Por exemplo, a descoberta da gravidade os levou a crer que não havia nenhum Deus sustentando o universo, já que a lei da gravidade estava ali para explicar esse fenômeno. Fica claro que a observação na qual se baseia essa teoria não é da não existência de Deus. Isto é, telescópio nenhum nos deu de forma definitiva a notícia de que esse universo está desprovido de quaisquer sinais de Deus. A não existência de Deus, na verdade, foi inferida a partir da observação de outros eventos.

Eu entendo que o método do argumento, que se baseia na inferência e foi considerado atualmente como válido o suficiente para rejeitar a religião, possa – pareceria um paradoxo – gerar provas concretas da veracidade da religião. O problema não está no princípio do argumento usado, mas em sua aplicação. Quando aplicado corretamente, o resultado irá frustrar os antirreligiosos.

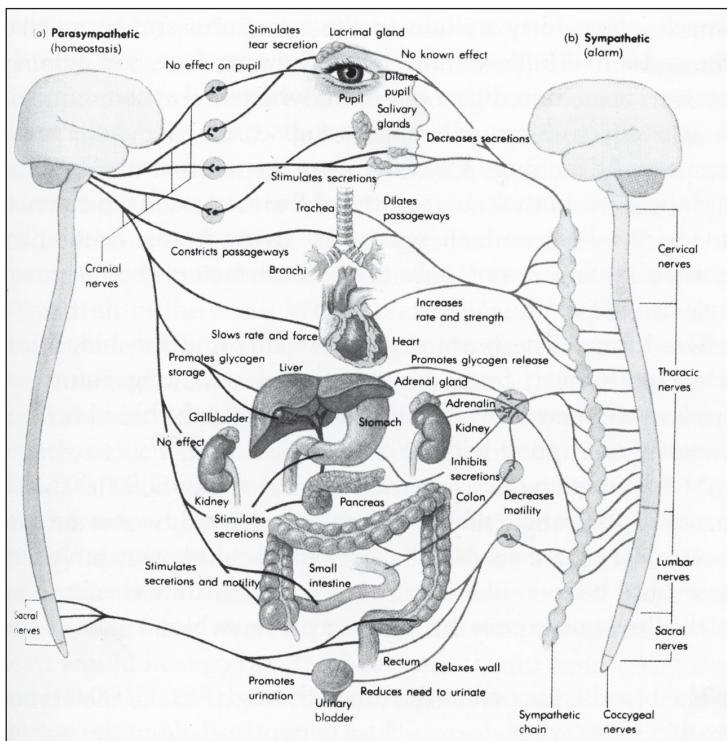
Cientistas e materialistas deveriam parar e pensar que eles não podem seguir nem um centímetro adiante sem usar termos como força, energia, natureza, leis da

natureza etc. Mas algum deles sabe o que é força, o que é natureza? O máximo que os cientistas conseguiram dar de contribuição foi um vocabulário imperativo com o qual se pode fazer referência às causas invisíveis – desconhecidas e incognoscíveis – de certas ocorrências e manifestações. Por exemplo, o elétron não é observável. Ele é tão pequeno que nem o microscópio consegue mostrá-lo, nem uma balança conseguiria pesá-lo. No entanto, no mundo da ciência, a existência do elétron é considerada uma realidade. Isso porque, apesar de o elétron em si não ser visível, alguns efeitos surgem repetidamente em nossa experiência, e nenhuma explicação foi encontrada para eles a não ser a existência de um sistema como o do elétron. O elétron é uma suposição, mas já que a base dessa suposição é a observação indireta, a ciência tem que conceber sua existência.

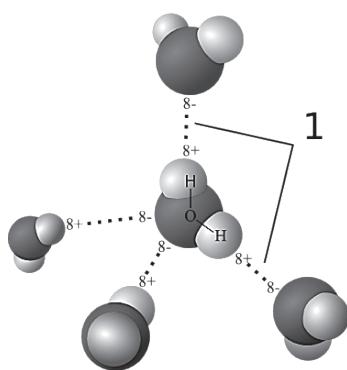
Ainda assim, nenhum cientista foi capaz de oferecer uma explicação de sua realidade interna, da mesma maneira que um homem religioso não consegue explicar Deus. Ambos, em seus respectivos campos de atuação, possuem uma fé cega em uma causa incognoscível do universo. De acordo com o Dr. Alexis Carrel: “O universo matemático é uma rede magnífica de cálculos e hipóteses nas quais não existe nada a não ser abstrações inefáveis que consistem apenas de equações de símbolos”.³

A ciência não alega – e nem pode alegar – que a realidade está limitada ao que entra diretamente em nossa experiência através dos sentidos. Vemos com nossos próprios olhos que a água é líquida, mas nos escapa o fato

O MÉTODO DE ARGUMENTO



As fibras das divisões (a) parassimpática e simpática do SNA não são distribuídas de forma idêntica. As fibras parassimpáticas provêm de quatro dos nervos cranianos. O nervo vago distribui cerca de 80% das fibras parassimpáticas e é o único nervo craniano que envia fibras para os órgãos das cavidades torácica e abdominal. A porção inferior da divisão parassimpática sai do SNC a partir do plexo sacral na cavidade pélvica. (b) As fibras simpáticas deixam o SNC por meio de duas cadeias de gânglios paralelas à medula espinhal. Muitos órgãos do corpo recebem fibras de ambas as divisões do SNA, que geralmente se opõem às ações uma da outra. Em geral, as fibras parassimpáticas estimulam uma quietude fisiológica dos sistemas do corpo. As fibras simpáticas ativam alterações que preparam os sistemas para lidar com ameaças reais ou imaginárias.



Ligaçāo de hidrogēnio entre moléculas de água.

As moléculas de água são polares: cada átomo de hidrogēnio (*H*) carrega uma carga positiva parcial, e cada átomo de oxigēnio (*O*) carrega uma carga negativa parcial. A polaridade das moléculas de água provoca a ligação de hidrogēnio entre as moléculas da maneira mostrada. As linhas pontilhadas representam ligações de hidrogēnio.

de cada molécula de água consistir de dois átomos de hidrogēnio e um de oxigēnio, pois esses átomos não são visíveis. Mas fatos percebidos estão longe de serem apenas fatos que podemos conhecer. Existem fatos que só podem ser presumidos, não conhecidos. E a forma de chegar até eles é através de inferência. Por exemplo, nós entendemos a água por percepção direta de sua aparência. Se examinar uma gota de água no microscópio, eu posso ter um entendimento melhor dela. Mas é apenas por inferência, e não por observação direta, que posso alcançar o fato de que cada molécula de água é composta de dois átomos de hidrogēnio e um de oxigēnio.

A.E. Mander, em seu livro “*Clearer Thinking*”, observa com muita pertinênciā:

Convém refletir que se estivéssemos munidos com sentidos diferentes, tudo o que percebemos agora

seria desconhecido por nós por percepção direta. Por exemplo, se nossos olhos tivessem a capacidade de um microscópio, nós conseguiríamos ver as bactérias. Mas não conseguiríamos perceber elefantes. Seríamos obrigados a inferir sua existência.

Igualmente, nós agora vemos os fenômenos que, com ondas luminosas cuja frequência está dentro de certos limites, são registrados por nossos olhos. Existem milhões de fatos que nós enxergamos. Se nossos olhos fossem estruturados de forma diferente, para conseguirem ver ondas de frequência maior em vez das de frequência menor, nós teríamos uma percepção direta das ondas da rede sem fio (wireless), que nós agora conhecemos somente por inferência, mas então não teríamos percepção direta de toda a parte do universo que é agora visível aos nossos olhos. Nós poderíamos apenas inferi-la (p. 48).

Depois, ele segue afirmado:

De todos os fatos no universo de fato, nós podemos conhecer alguns, relativamente poucos, pelos nossos sentidos. Mas como podemos saber sobre os outros? Por inferência ou raciocínio. Inferência ou raciocínio é o modo de pensar com o qual, olhando para uma coisa conhecida, nós conseguimos formular uma crença de que existe um determinado fato até agora desconhecido.

Como podemos ter certeza de que há qualidade validez nesse processo de pensamento que chamamos

‘raciocínio’? Como podemos ter certeza de que a crença que alcançamos com o raciocínio é verdadeira?

A resposta para isso é que nós começamos por simplesmente assumir que nossos métodos de raciocínio são confiáveis, que eles nos levam a conclusões que correspondem aos fatos. Começando pelos fatos conhecidos pelos sentidos, nós podemos raciocinar até concluir que existe algum outro fato, mesmo que não percebamos. Podemos então ter tanta certeza de um fato inferido quanto temos de qualquer fato perceptível, contanto que nossa informação original sejam fatos perceptíveis.

O mesmo método de raciocínio nos leva a milhares de diferentes conclusões. Elas são tão altamente prováveis que podemos considerá-las como quase que certezas (p. 49).

Esse princípio básico pode ser resumido em uma única sentença: o processo de raciocínio é válido porque o universo de fato é racional (p. 50).

O universo de fato é um inteiro harmonioso. Todos os fatos são consistentes uns com os outros, em surpreendente organização e regularidade. Portanto, qualquer método de estudo que não traga harmonia e equilíbrio entre os fatos, não pode ser válido. Enfatizando este ponto, Mander observa:

Os fatos perceptíveis são apenas fragmentos isolados do universo de fato, apenas fragmentos de fatos. Tudo

que nós conhecemos através da percepção é parcial e fragmentado, sem significado quando considerados por si só. É somente quando conhecemos mais fatos – muitos mais do que podemos perceber diretamente – que começamos a descobrir dentre eles os primeiros sinais de ordem, regularidade e sistema.

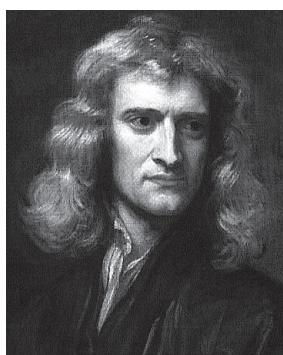
Ele explica dando um exemplo:

Nós podemos perceber que um pássaro, ao ser atingido por um cabo de telefone, cai morto na terra. Percebemos que é necessário algum esforço muscular para erguer uma pedra do chão. Percebemos a lua passando pelo céu. Percebemos que é mais cansativo andar subindo um monte do que descendo. Milhares de percepções todas provavelmente sem qualquer relação umas com as outras. Então uma inferência é feia – a da lei da gravidade. Imediatamente todos esses fatos perceptíveis, junto com esse fato inferido, têm algo em comum; e assim nós conseguimos reconhecer ordem, regularidade e sistema dentre todos eles. Os fatos perceptíveis, considerados sozinhos, são irregulares, não correlatos e caóticos. Mas os fatos perceptíveis e os fatos inferidos, juntos, formam um padrão definido. Dizemos que um fato está ‘explicado’ quando somos capazes de demonstrar como ele se encaixa no sistema dos fatos; quando somos capazes de reconhecê-lo como parte de um inteiro regular, ordenado e interligado (p. 51).

Após isso, ele diz:

Outra forma de dizer que explicamos um fato é dizer que nós descobrimos seu significado. Ou podemos dizer que o explicamos, pois descobrimos a causa e as condições de sua existência. Tudo isso vem da mesma coisa: nós encaixamos o fato em um padrão definido de fatos; nós reconhecemos sua relação necessária com outros fatos; nós verificamos que tal fato particular é apenas uma instância de uma lei universal, ou parte de uma ordem universal (p. 52).

Nos exemplos acima, a lei da gravidade, apesar de ser um fato científico aceito, não é de forma alguma observável. O que os cientistas observaram com seus próprios olhos, experimentaram como questão de percepção sensorial ou mediram com instrumentos científicos, não foi a gravidade em si, mas determinados fenômenos de ocorrência regular causados pela gravidade, que os compele a crer que existe alguma força que deve ser interpretada em termos de lei da gravidade.



Isaac Newton

Foi Newton quem primeiro deduziu a lei da gravidade, e hoje ela é aceita como fato científico em todo o mundo. Newton, em uma carta para Bentley, comenta sobre a natureza da gravidade a partir de um ponto de vista puramente empírico:

É incompreensível que uma matéria inanimada e insensível

possa exercer uma força de atração sobre outra sem qualquer contato (visível), sem algum intermediário entre elas⁴.

Algo que é incompreensível, por ser invisível, é algo que hoje é aceito sem questionamento como um fato científico. Como pode ser? A resposta é simplesmente que, se nós o aceitamos, podemos explicar algumas de nossas observações, que de outra forma seriam insondáveis. Então um fato pode ser aceito como é sem ter sido submetido à observação e experimento. Um conceito invisível que se coordena com várias observações em nossa mente e lança luz sobre o que conhecemos, é em si um fato do mesmo grau e qualidade. Mander comenta:

Dizer que nós descobrimos um fato é dizer, em outras palavras, que nós descobrimos sua significância. Ou de outra forma, nós explicamos uma coisa conhecendo a causa de sua existência e suas condições. A maioria das nossas crenças é dessa natureza. Na verdade, elas são afirmações da observação (p. 53).

Mander então aborda o problema dos fatos observáveis:

Portanto, quando falamos de uma observação, sempre queremos dizer mais do que a pura percepção sensorial. É a percepção sensorial mais o reconhecimento e algum grau de interpretação (p. 56).

Como diz John Stuart Mill: “Nós podemos gostar de ver e ouvir o que na realidade nós apenas inferimos. Por

exemplo, não há nada de que estejamos mais diretamente conscientes do que o fato da distância entre nós e um objeto. Ainda assim, o que é percebido pelo olho não é nada mais que um objeto de um dado tamanho e uma determinada cor”.

Mill continua: “É até demais dizer: ‘eu vi meu irmão’, a menos que possamos reconhecer que tal afirmação, enquanto afirmação de observação, inclui algo mais que a pura percepção sensorial. Pois tudo o que percebemos é, estritamente, um objeto com um formato e uma cor”.

Nós comparamos isso com as memórias da aparência do nosso irmão, depois, é apenas por comparação e inferência que interpretamos essa nova percepção sensorial e julgamos que estamos olhando para nosso irmão.

“Todo raciocínio se relaciona com a postulação e verificação de teorias. Toda teoria aceita é uma afirmação de um fato sobre outros fatos. Qualquer que seja a conclusão alcançada por inferência é uma teoria. Se for possível demonstrar que ela corresponde a fatos reais, ela é verdadeira, e se não for, ela é falsa. A teoria deve estar de acordo com *todos* os fatos conhecidos aos quais ela se refere, e somente assim pode-se proceder a deduzir dela fatos desconhecidos até então”.

Segundo Mander: “Podemos dizer que encontrar uma teoria é como descobrir o padrão em que se encaixam diversos fatos específicos e leis gerais que os governam. É como juntar peças de quebra-cabeça com uma ou mais peças faltando. Quando encaixamos todas as peças disponíveis (os fatos conhecidos) podemos ver quais são

as peças que estão faltando para conseguir encaixá-las nas lacunas” (p.123).

Com base nesse princípio, cientistas concordaram com a verdade da evolução orgânica. Para Mander, essa doutrina tem tantos argumentos a seu favor que pode ser considerada “quase que como uma certeza”.⁵

Os autores de “*Science of Life*” afirmam que “ninguém nega a verdade da evolução orgânica a não ser aqueles que são ignorantes ou preconceituosos ou supersticiosos”. O *New York’s Modern Pocket Library* publicou uma série de livros intitulados “*Man and the Universe*”, e o quinto livro chama o livro *Origem das Espécies*, de Darwin, de obra que marcou época, e aponta que de todas as teorias da genealogia, essa é a que, ao mesmo tempo, recebeu o máximo de oposição religiosa e o máximo de aclamação científica.⁶

G.G. Simpson declara que “a teoria da evolução é um fato comprovado de forma final e conclusiva, e não é mais uma simples conjectura ou hipótese alternativa adotada só por uma questão de pesquisa científica”. A enciclopédia Britânica (1958) aceita a evolução orgânica como uma verdade e diz que após Darwin essa teoria recebeu aceitação geral dentre os cientistas e estudiosos. R.S. Lull escreve:

Desde a época de Darwin até agora, a evolução tem sido cada vez mais aceita em geral, e nas mentes dos homens informados e pensadores não há dúvidas de que ela é a única forma lógica com a qual a criação pode ser interpretada e entendida. Não temos tanta certeza,

porém, quanto ao modus operandi, mas podemos ter certeza de que o processo foi de acordo com as grandes leis naturais, algumas das quais ainda desconhecidas, talvez incognoscíveis⁶.

Pode-se estimar a popularidade dessa teoria pelo fato de que em seu livro de 700 páginas, Lull dispensou resumidamente o conceito da criação especial da vida em apenas uma página e umas poucas linhas, enquanto que o resto do livro é devotado ao conceito da evolução orgânica. Igualmente, a enciclopédia Britânica (1958) reserva menos de um quarto de página ao conceito do criacionismo, e 14 páginas ao conceito da evolução orgânica. Aqui também, a evolução da vida é tratada como um fato, e afirma-se que após Darwin, esse conceito ganhou aceitação geral dentre os cientistas e intelectuais.

Agora chegamos à questão de se essa teoria, que ainda recebe aceitação geral, foi observada pelos os olhos de seu proponente ou se sua validez foi demonstrada por experimento. Deve-se conceber que, até hoje, isso não foi feito nem será possível fazer. As razões colocadas para isso são que o suposto processo de evolução orgânica aconteceu em um passado muito distante, e que, em qualquer caso, é complicado demais sujeitá-la a observação ou experimento. Esse é um “método lógico” – para citar Lull – de explicar o fenômeno da criação.

Então quais são os argumentos a favor da evolução orgânica, que levou os estudiosos da era moderna a proclamar a verdade desse conceito? Aqui eu vou abordar alguns de seus aspectos básicos.

1. O estudo da vida animal mostra que existem espécies inferiores e superiores. Elas variam de formas de vida unicelular àquelas de bilhões de células. Elas diferem muito qualitativamente, em termos de suas habilidades.
2. Quando essa observação inicial é correlacionada com os fósseis preservados nas várias camadas da terra, fica aparente que existe uma ordem evolucionária que corresponde ao momento da história em que elas surgiram na terra. Os fósseis das formas de vida que habitaram a terra milhões de anos atrás, apesar de enterrados, ainda são rastreáveis. Eles revelam que em eras distantes, as espécies animais que viviam na terra eram muito simples, mas gradualmente evoluíram para formas mais complexas e desenvolvidas. Isso significa que todas as formas de vida não surgiram em um só momento; as formas mais simples vieram primeiro e as mais desenvolvidas vieram depois.
3. Outra característica do processo evolutivo é que, apesar da diferença entre as espécies, as formas de vida são marcadas por várias semelhanças em seus sistemas biológicos. Por exemplo, um peixe se parece com um pássaro; um esqueleto de cavalo se parece com um homem, e por aí vai. A partir daí sabe-se que todas as espécies vivas descendem da mesma família tendo um ancestral em comum.
4. Como as espécies sucederam umas às outras? Aconteceu alguma transmutação? Isso fica claro

quando pensamos em como os animais geram sua descendência, nem todos tendo as mesmas características de maneira uniforme, muitos na verdade sendo bem diferentes dos demais. Essas diferenças desenvolvem-se nas gerações seguintes e seguem se desenvolvendo de acordo com o processo de seleção natural. Após centenas de milhares de gerações, essa diferença é aumentada ao nível de uma ovelha de pescoço curto se tornar uma girafa de pescoço longo. Esse conceito é considerado tão importante que Haldane e Huxley, editores de “*Animal Biology*”, cunharam o termo “seleção de mutação” das mudanças evolutivas.

É esse quarto critério citado que prova o conceito de evolução. Isto é, a suposição, ou seus efeitos, não precisam estar em contato com nossa experiência direta, mas tais observações foram feitas para nos ajudar a fazer uma inferência lógica da verdade da suposição, ou, em outras palavras, a verificar a verdade da hipótese.

No entanto, os defensores da teoria da evolução ainda não realizaram nenhuma observação ou experimento na base material dessa teoria. Por exemplo, eles não podem demonstrar em laboratório como a matéria inanimada pode gerar vida. A única base que eles têm para sua alegação é um registro físico que mostra que existia matéria inanimada antes da vida surgir no universo. A partir disso, eles inferem que a vida veio de matéria inanimada, assim como um bebê vem do útero da mãe. Igualmente, a mudança de uma espécie em outra não foi vivenciada nem

observada. Experimentos não podem ser realizados em um zoológico para demonstrar como acontece a mutação de uma cabra em uma girafa. A inferência de que as espécies não surgiram separadamente foi feita puramente com base nas semelhanças entre as espécies e as diferenças que existem entre irmãos.

Também a crença de que a inteligência se desenvolveu a partir do instinto, implica que o homem evoluiu dos animais. Mas, na verdade mesmo, nunca se viu o instinto evoluir para inteligência. Isso também é puramente uma inferência baseada em pesquisa geológica que demonstra que fósseis animais dotados de instinto são encontrados em estratos mais baixos, enquanto que os dotados de inteligência são encontrados em estratos superiores.

Em todos esses argumentos, o link entre a suposição e a verdade é somente o da inferência e não o do experimento e da observação. Ainda assim, com base em tais argumentos inferidos, o conceito de evolução, na idade moderna, foi considerado um fato científico. Isto é, na mente moderna, a esfera dos fatos acadêmicos não se limita apenas àqueles eventos que são conhecidos por meio de experiência direta. Em vez disso, o que logicamente sucede os experimentos e observações podem ser tão bem aceitas como fato científico estabelecido quanto aqueles fatos que são passíveis, direta ou indiretamente, de observação.

Todavia, a afirmação é questionável. Sir Arthur Keith, que é ele mesmo um fiel defensor da evolução orgânica, não considera a teoria da evolução nem como fato empírico

nem inferencial, mas como um “dogma essencial do racionalismo⁷”.

Uma renomada encyclopédia de ciência descreve o Darwinismo como uma teoria baseada em “explicação sem demonstração”.

Por que é, então, que um processo não observável e não demonstrável é aceito como fato científico? Mander escreve que é por que:

- a) ele é consistente com todos os fatos conhecidos;
- b) ele permite aos cientistas explicar a vasta pluralidade de fatos que de outra forma seriam inexplicáveis;
- c) é a única teoria concebida que é consistente com os fatos (p. 112).

Se essa é a linha de raciocínio considerada válida o suficiente para sustentar a evolução orgânica como um fato, então a mesma fórmula pode ser usada para estabelecer a religião como um fato. Se o paralelo é evidente, parece ser paradoxal que os cientistas aceitem a evolução orgânica como um fato, ao passo que rejeitam a religião como não tendo base em um fato. É evidente que seus achados se relacionam não ao método ou ao argumento, mas à conclusão. Quando algo de natureza totalmente física é comprovado pelo método do positivismo lógico, ele é imediatamente aceito pelos cientistas. Mas se qualquer coisa de natureza espiritual é comprovada, ela é rejeitada de imediato, por nenhuma razão a não ser que sua conclusão os coloca em um estado de confusão mental. Porque não se encaixa em suas ideias preconcebidas! O caso da era moderna versus

a religião é, estritamente falando, de predisposição e não de raciocínio científico.

A partir da discussão acima, fica muito claro que por um lado não é adequado considerar a religião como sendo baseada em crença no invisível, e por outro lado, tratar a ciência como sendo baseada em observação. Deve-se admitir que a ciência, não menos que a religião, é em última análise, uma questão de ter fé no invisível. Descobertas científicas baseadas em observação são tangíveis apenas enquanto tratarem de manifestações iniciais e externas da natureza, mas quando se trata de definir realidades por fim, respondendo a pergunta “Por quê?” e não a pergunta “Como?”, a ciência deve dar uma posição de destaque à religião, pois ela mesma falha em responder essa importante pergunta; ela precisa recorrer à fé no invisível, algo pelo qual a religião, em épocas recentes, tem sido muito criticada.

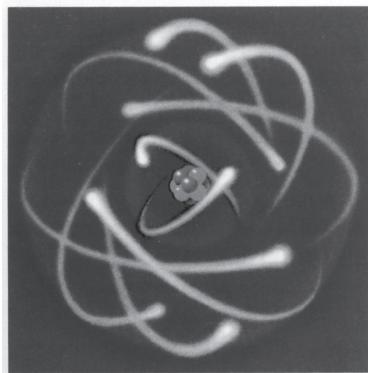
A visão de Sir Arthur Eddington de que a mesa sobre a qual os cientistas estão trabalhando hoje, um conjunto de duas mesas diferentes, é ilustrativa:

Eu coloquei minhas cadeiras diante das minhas duas mesas. Duas mesas! Sim; há dois de cada objeto – uma dessas mesas está comigo desde meus primeiros anos de vida. É um objeto banal do ambiente que eu chamo de mundo. Como devo descrevê-la? Ela tem extensão; é comparativamente permanente; ela é colorida; sobretudo ela é substancial, não se quebra quando me apoio nela; é muito boa.

A mesa nº 2 é minha mesa científica. Minha mesa científica é, sobretudo, vazia. Esparsamente espalhadas nesse vazio estão diversas cargas elétricas movendo-se com grande velocidade; mas todo o volume delas equivale a menos de um bilionésimo da própria mesa.⁸

Igualmente, tudo tem um aspecto invisível que não pode ser observado se não com um microscópio ou com um telescópio. E se torna compreensível somente nos termos cunhados pelos físicos para encaixar em suas teorias pessoais. A ciência, é claro, através de tecnologia avançada, observa a forma externa das coisas em muito mais detalhe do que o olho nu é capaz, mas não pode nunca afirmar ser capaz de observar a forma interior das coisas. A ciência observa manifestações exteriores e de acordo com elas forma suas opiniões sobre as mesmas. No que tange a descoberta da realidade derradeira, a ciência só pode aprender sobre fatos desconhecidos através de fatos que já são conhecidos.

Quando um cientista tenta correlacionar fatos observados no processo de produção de uma hipótese, ele recorre primariamente aos instintivos conceitos semelhantes à crença para conseguir explicar, organizar e relacionar suas descobertas. Se a hipótese que surge dessa junção de fatos observados oferecer



uma explicação razoável satisfatória para todos eles, ela é considerada como sendo científica, e por isso, confiável como um fato observável. Também se deve ter em mente que uma realidade invisível é frequentemente considerada um fato simplesmente por falta de outra hipótese que ofereça uma explicação convincente para ela. Quando um cientista diz que a eletricidade é uma corrente de elétrons, ele não quer dizer que ele viu com um microscópio os elétrons se movendo em um fio condutor. Ele meramente explica um evento observado em termo do movimento do interruptor que faz a lâmpada acender, que faz os ventiladores girarem e as fábricas funcionarem. O que percebemos em nossa experiência é simplesmente um fenômeno e não um evento que se está inferindo. Um cientista, então acredita na existência de um fato invisível após ter notado sua instrumentalidade; ou o impacto dos fenômenos observados. Mas não devemos nunca esquecer que o próprio fato de nós crermos neles é sempre, no começo, mera suposição. É o nosso inferir que conecta o interruptor e a lâmpada um ao outro. Portanto, mesmo após admitir que essa relação observada entre o interruptor e a lâmpada, o fato de a hipótese sobre essa conexão ser verdadeira ou não ainda será uma dúvida.

Somente depois, conforme surgem mais informações para sustentar essa suposição, sua verdade se torna cada vez mais evidente, até que possamos sentir que nossa crença foi finalmente confirmada. Se os fatos descobertos não sustentarem a hipótese original, cremos ser plausível descartá-la.

Um átomo serve de exemplo irrefutável da fé dos cientistas no invisível. Um átomo nunca foi fisicamente observado. Ainda assim, ele é a maior verdade estabelecida aceita pela ciência moderna. Um estudioso definiu corretamente as teorias científicas como “imagens mentais que explicam as leis conhecidas”. No campo da ciência, o corpo dos fatos ditos “observados” não o é no sentido estrito da palavra: eles são simplesmente *interpretações* de determinadas observações. A observação humana, mesmo quando auxiliada pelos aparelhos mais sofisticados, jamais pode ser entendida como sendo absolutamente perfeita. Todas as interpretações baseadas em observação humana são, então, relativas, e podem mudar com o aprimoramento da técnica de observação. J. W. N. Sullivan observa em seu livro “*The Limitations of Science*”, que:

É evidente, mesmo com essa breve pesquisa de ideias científicas, que um uma verdadeira teoria científica significa uma hipótese de trabalho bem sucedida. É altamente provável que todas as teorias científicas estejam erradas. Aquelas que aceitamos são verificáveis dentro de nossos atuais limites de observação. Portanto, a verdade na ciência é uma questão pragmática (p. 158).

Apesar disso, um cientista considera uma hipótese, que forneça explicação razoável para seus fatos observados, como não sendo em nada inferior a outros fatos acadêmicos baseados em observação. Seu contentamento com tal hipótese é tanto uma questão científica quanto os fatos observados são. O que, em última análise, equivale

a uma crença no invisível. A crença no invisível não é qualitativamente diferente, enquanto atividade intelectual, da crença nos fatos observados. Não é a mesma coisa que “fé cega”. Em vez disso, é a explicação mais apropriada para os fatos observáveis. Assim como a teoria corpuscular da luz proposta por Newton foi rejeitada pelos cientistas do séc. XX porque sua explicação do fenômeno da luz foi considerada insatisfatória, nós também rejeitamos a teoria materialista do universo, porque ela não fornece uma explicação satisfatória para o fenômeno da vida e do universo.

A fonte da nossa crença em uma divindade todo-poderosa é exatamente a mesma a que o cientista recorre para suas teorias científicas. É somente depois de fazer um estudo minucioso dos fatos observados que nós chegamos à conclusão de que as explicações fornecidas pela religião são a verdade derradeira – verdade de tal ordem que desde tempos imemoriais, permaneceram inalteradas. Sob a luz de novas observações e experimentos, todas as teorias criadas pelo homem, que foram formuladas nos últimos séculos estão sendo reexaminadas, e muitas, no processo, estão sendo descartadas. A religião, por outro lado, apresenta uma verdade que vem se tornando cada vez mais claramente manifesta em cada avanço no campo da pesquisa científica. Ela é sustentada e verificada por inúmeras descobertas importantes.

Nos próximos capítulos, estudaremos os conceitos fundamentais da religião a partir desse ponto de vista.

NOTAS

1. *The Evidence of God*. p. 26.
2. *The Evidence of God in an Expanding Universe*, Edited by John Clover Monsma, pp. 144-45.
3. *Man the Unknown*, p. 15.
4. *Works of Bentley*, Vol. III. p. 221.
5. *Clearer Thinking*, pp. 112-13.
6. *Philosophers of Science*, p. 244.
7. *Organic Evolution*, p. 15.
8. *Revolt Against Reason*, p. 112.
9. A.S. Eddington, *The Nature of the Physical World*, (Cambridge, The University Press 1948), p. 261.

A NATUREZA E A CIÊNCIA FALAM SOBRE DEUS

A maior evidência de Deus perante nós é Sua criação. A natureza em si e nosso estudo na natureza proclamam o fato de que existe um Deus que, em Sua infinita sabedoria, criou e continua a sustentar este universo. Ignorar ou rejeitar essa verdade é nos afundarmos em um obscuro abismo de incompreensão e de seus habitantes malignos.

A própria existência do universo, com sua incrível organização e significado incomensurável, é inexplicável a não ser que sua existência tenha sido iniciada por um Criador – um ser com infinita inteligência – e não por uma força cega.

Dentre os filósofos de nossa época, existe um grupo, talvez felizmente um grupo pequeno, que duvida da existência de tudo, não importa o que seja. Ele afirma que o homem e o universo não existem. Em seu niilismo, ele acaba rejeitando a existência de Deus, mesmo como possibilidade remota.

No que tange esse tipo específico de agnosticismo, esse pode ser um ponto filosófico que vale a pena ser considerado puramente um exercício abstrato em lógica, mas de forma



alguma está relacionado à realidade. Quando nós pensamos, o ato de pensar em si é uma evidência de nossa existência. O grande filósofo e matemático francês Descartes (1596-1660) fundou sua filosofia sobre o preceito “Penso, logo existo”. E a partir daí ele começou a deduzir a existência de Deus.

Nossa percepção sensorial também nos dá indicações claras da existência externa das coisas materiais. Se, por exemplo, ao fazer uma caminhada pela estrada formos atingidos por uma pedra, nós sentiremos dor. Essa experiência estabelece que, separados de nós e fora de nós, existe um mundo que tem sua própria identidade separada.

Na verdade, nossas mentes, através de nossos sentidos, percebem diversos objetos e registram sensações e impressões incontáveis a cada momento de nossa existência. Esses atos cognitivos são experiências pessoais que reforçam continuamente o conceito de um mundo que existe. Agora, se as inclinações filosóficas de um determinado indivíduo o fazem cético quanto à existência do universo, isso é um caso excepcional, que não tem qualquer relação com as experiências de milhões de seres humanos. Simplesmente, tal indivíduo está tão absorto

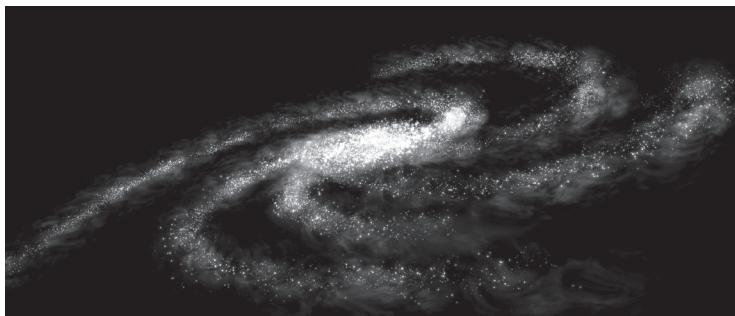
em suas próprias predileções que ele se tornou surdo e cego perante a realidade comum. Por uma questão argumentativa, ele nos faria conceber seu ponto de vista, mas isso de forma alguma implicaria na não existência de Deus. O absurdo dos argumentos contra a existência de coisas comumente aceitas é tão óbvio que nem merece ser comentado. E um tanto longe de serem incompreensíveis ao homem comum, esses argumentos jamais teriam credibilidade no mundo do conhecimento.

Fora do grupo niilista, a existência do universo é aceita como uma realidade: no momento em que admitimos sua existência, a crença em Deus se torna inevitável, porque a noção de a criação ter surgido espontaneamente do nada é praticamente inconcebível. Quando todas as coisas grandes e pequenas têm uma causa, como é possível acreditar que um vasto universo começou a existir por si só, sem ter um Criador? Em sua autobiografia, John Stuart Mill observou que seu pai incutiu nele desde o começo a impressão de que a maneira pela qual este mundo surgiu era um assunto sobre o qual nada se sabia: que a pergunta “Quem me fez?” não pode ser respondida por que não temos nenhuma experiência ou informação autêntica com a qual possamos respondê-la, e que qualquer resposta apenas trará mais dificuldade, pois a pergunta que se apresenta logo em seguida é “Quem criou Deus?”²

Esse é um antigo argumento usado pelos ateístas e sua implicação é que se nós aceitarmos que existe um Criador do universo nós seremos obrigados a aceitar que ele é eterno. E sendo Deus considerado como eterno, por que

não o universo ser eterno em vez de Deus? Apesar de tal conclusão ser absolutamente sem significado – porque nenhum atributo do universo se apresentou, até então, para justificar a conclusão de que o universo surgiu sozinho, por vontade própria, e até o séc. XIX esse argumento errôneo dos ateus foi considerado bastante atrativo. Mas agora, com a descoberta da segunda lei da termodinâmica, esse argumento perdeu a validade. A termodinâmica é um ramo da ciência que trata da transformação da energia. Especificamente, ela mostra as relações quantitativas entre o calor e outras formas de energia. A importância da conservação em relação à energia é expressa na primeira lei da termodinâmica.

A entropia é a segunda lei da termodinâmica. Para entendê-la, vamos usar como exemplo uma barra metálica que foi aquecida em apenas uma das pontas. O calor irá instantaneamente percorrer o espaço entre a ponta aquecida e a ponta fria da barra, e continuará até que a temperatura de toda ela se torne uniforme. A corrente de calor irá sempre a uma só direção: a do corpo mais aquecido para o mais frio, e essa corrente nunca passa espontaneamente na direção oposta, nem mesmo por acaso para qualquer direção. Há muitos outros exemplos de processos assim uniformes e irreversíveis no mundo físico. Por exemplo, o gás sempre flui em direção ao vácuo ou move-se de um ponto de maior pressão para um ponto de menor pressão, até que sua pressão se torne uniforme. É impossível para qualquer gás fluir da direção inversa. Tais observações fornecem as bases para a segunda lei da



termodinâmica. Essa lei pode ser afirmada da seguinte maneira:

“Todos os processos naturais ou espontâneos que ocorrem sem a intervenção de agência externa são irreversíveis. O processo do movimento de mão única continua até atingir o estado de equilíbrio”. Sobre a relevância dessas leis para a criação, escreve o zoólogo norte-americano Edward Luther Kessel:

A ciência mostra claramente que o universo não pode ter existido desde sempre. A lei da entropia afirma que existe um fluxo contínuo de calor dos corpos aquecidos para os corpos frios, e que esse fluxo não pode ser revertido para passar espontaneamente na direção oposta. Entropia é a proporção de energia indisponível para a disponível, de forma que se pode dizer que a entropia do universo está sempre aumentando. Portanto, o universo segue rumo a um tempo em que a temperatura será universalmente uniforme e não vai mais haver energia útil.

Consequentemente não vai mais haver processos químicos e físicos e a vida deixará de existir. Mas porque a vida ainda está acontecendo, e os processos físicos e químicos ainda estão em progresso, é evidente que nosso universo não existiu desde a eternidade, se não já teria esgotado a energia útil e parado. Por isso, quase que sem querer, a ciência prova a realidade de Deus, pois qualquer coisa que tem um começo não começou por si mesmo e demanda uma força motriz, um Criador, um Deus.³

James Jeans expressou a mesma opinião assim:

A visão científica mais ortodoxa é de que a entropia do universo deve aumentar sempre até um valor máximo final. Ela ainda não o alcançou. Nós deveríamos estar pensando sobre se ela tivesse alcançado. Ela está aumentando rapidamente, portanto tem que ter tido um início. E deve ter havido o que podemos descrever como uma “criação” em um momento não infinitamente remoto⁴.

Existe evidência física desse tipo o bastante para provar que o universo nem sempre existiu. Pelo contrário, seu tempo de vida é limitado. Segundo a astronomia, o universo está em um estado de expansão contínua, do centro de sua origem para fora. Todas as galáxias e corpos celestes são observados movendo-se para longe uns dos outros em grande velocidade. Esse fenômeno pode ser satisfatoriamente explicado se presumirmos um ponto inicial do tempo quando todos

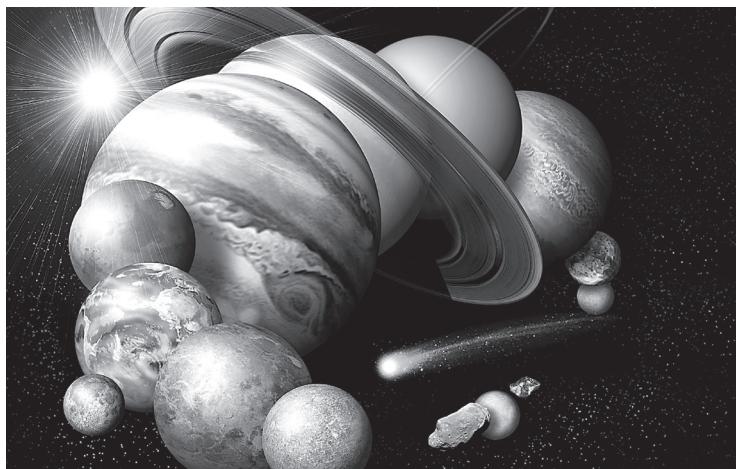
esses constituintes eram um todo integrado, e que a liberação de energia e o processo de movimento são desenvolvimentos subsequentes.

Com base em diferentes observações parecidas, acredita-se em geral que o universo foi originado cerca de cinco bilhões de anos atrás. Em tese, o universo inteiro foi formado por uma explosão extraordinária de um estado de alta densidade e alta temperatura. Isso ficou conhecido como teoria do big-bang. Aceitar que o universo tenha um tempo limitado de existência e ao mesmo tempo negar que ele tenha um originador é como aceitar que o Taj Mahal não existiu por toda a eternidade (ele foi construído em meados do séc. XVII), negando a existência de um arquiteto ou construtor, e afirmar que, ao contrário, ele simplesmente brotou inteiro sozinho em um momento específico.

Estudos em astronomia demonstram que o número de estrelas no céu é tão grande quanto o número de grãos de



areia em todas as costas marinhas do nosso planeta, sendo muitas das estrelas imensamente maiores em tamanho do que a Terra, algumas com circunferências tão enormes que poderiam acomodar centenas de milhares de Terras dentro delas, e ainda sobraria espaço. Algumas poucas delas são grandes o bastante para conter milhões e milhões de Terras. O universo é tão vasto que um avião voando na maior velocidade imaginável, a velocidade da luz (300.000 km/s), levaria cerca de 10 bilhões de anos para completar uma única volta por todo o universo. Mesmo em tão gigantesca circunferência, esse universo não é estático, mas sim se expande a cada momento em todas as direções. Tão rápida é sua expansão que de acordo com uma estimativa feita por Eddington, a cada 1,3 bilhões de anos todas as distâncias do universo dobram de tamanho. Isso significa que mesmo o nosso avião imaginário viajando



na velocidade da luz não conseguiria nunca voar por todo o universo, porque ele nunca conseguiria acompanhar sua interminável expansão. Essa estimativa da imensidão do universo é baseada na teoria da relatividade de Einstein. Mas isso é só um palpite matemático. Para falar a verdade, o homem ainda precisa compreender a imensidão do universo.

No céu limpo, livre de poeira, 5 mil estrelas podem ser vistas a olho nu. Com a ajuda de um telescópio simples esse número sobe para 2 milhões, e com o telescópio de 5,1 metros de diâmetro do Monte Palomar nos Estados Unidos, bilhões de estrelas são visíveis. Mas até mesmo esse número é pequeno comparado com o número real. O universo é um espaço infinitamente vasto no qual inúmeras estrelas estão continuamente se movendo a velocidades extraordinárias. Algumas estrelas se movem sozinhas, outras em grupos de duas ou mais, e diversas outras se agrupam em constelações. Você já deve ter notado as partículas de poeira girando em torno dos raios de luz que adentram um cômodo por alguma brecha. Se você visualizar a mesma cena em uma escala colossal, você terá uma ideia aproximada das rotações das estrelas pelo universo. A única diferença é que as partículas de poeira podem colidir e se mover em várias combinações, enquanto as estrelas, apesar de sua enorme quantidade, estão a distâncias incomensuráveis umas das outras e seguem suas respectivas rotas, como navios navegando a centenas de milhas de distância na imensidão do oceano. O universo todo é feito de incontáveis constelações e galáxias, todas elas em perpétuo movimento.

O melhor exemplo desse movimento é o da lua circungirando a Terra a uma distância de 384,5 mil km. Ela completa cada volta em 29 dias. Igualmente, nossa Terra, a uma distância de 149,6 milhões de km do Sol, gira em torno de seu eixo a 1.600km por hora, e leva um ano inteiro para dar a volta em torno do Sol. Além da Terra, existem no sistema solar outros oito planetas, todos também se movendo continuamente ao redor do Sol. Plutão é o mais distante de todos, a uma distância de aproximadamente 5,9 bilhões de km do Sol. Todos esses planetas se movem em suas órbitas exclusivas com 31 luas orbitando ao redor de seus respectivos planetas simultaneamente. Além desses nove planetas e 31 luas, um grupo de 30 mil asteroides, milhares de cometas e inúmeros meteoros também seguem perpetuamente em órbita. O ponto central dentre eles é obviamente ocupado pelo nosso Sol, que também é uma estrela. Seu diâmetro é de 1,391 milhões de km. Isto é, ele é 110 vezes maior que a Terra. O Sol em si não é estacionário, mas gira em conjunto com todos os seus planetas e asteroides a uma velocidade de 777 mil km/h. Dentro de um vasto sistema galáctico, existem milhares de sistemas móveis parecidos que se combinam para formar uma galáxia. Uma galáxia é um “prato” gigantesco sobre o qual incontáveis estrelas estão rotacionando continuamente, individualmente ou em grupos, como se fossem vários piões. Essas galáxias estão também em movimento contínuo. A galáxia em que nosso sistema solar está situado está girando em seu próprio eixo de tal forma que conclui uma única volta em um período de 200 milhões de anos.

Astrônomos estimam que o universo consista de 500 milhões de galáxias. Cada galáxia contém cerca de 100 mil estrelas. A galáxia mais próxima é a Via Láctea, que fica parcialmente visível à noite, possui uma área de 100 mil anos-luz. E nós, habitantes da Terra, estamos a 30 mil anos-luz de distância do centro dessa galáxia. Essa galáxia, por sua vez, é parte de uma super-galáxia ainda maior, na qual 17 galáxias semelhantes à nossa estão em perpétuo movimento. O diâmetro de todo esse conjunto é de 2 milhões de anos-luz.

Para além de tudo isso, outro tipo de movimento está acontecendo: o universo inteiro está se expandindo em todas as direções, tal qual um balão. Girando com uma rapidez incrível, a 19 km/s, nosso próprio Sol está constantemente se movendo em direção a uma margem externa de sua galáxia, carregando consigo todos os demais membros do sistema solar. Igualmente, em rotação perpétua, todas as estrelas estão se movendo em uma direção ou outra a velocidades incríveis – algumas a 12 km/s, 53 km/s ou mesmo 135 km/s.

O incrível é que todo esse movimento está acontecendo com uma admirável organização e regularidade. Nenhuma das estrelas se choca com a outra, nem sua velocidade se altera. A rotação do nosso planeta ao redor do Sol é um modelo de regularidade. Do mesmo modo, sua rotação em seu próprio eixo tem o tempo tão preciso que não houve uma discrepância sequer de um segundo que seja ao longo dos séculos. A lua, satélite da Terra, também não sai de sua órbita a não ser a espessura de um fio de cabelo,

havendo um minúsculo desvio de seu curso que se repete com a precisão de um relógio a cada 18 anos e meio. A ordem dos corpos celestes em todo o universo funciona em um mesmo grau de precisão.

Segundo cálculos astronômicos, acontece frequentemente de sistemas galácticos inteiros, consistindo de milhões e milhões de estrelas em movimento, adentrarem outros sistemas galácticos e passarem por eles sem haver nenhuma colisão. Diante dessa organização incrível, não resta outra opção ao intelecto humano senão aceitar que esse sistema não se organizou sozinho. Ao contrário, deve haver uma Força única que o configurou, e que mantém um sistema assim sem limites e infinitamente variado.

Pois essa mesma organização e disciplina que se encontra dentre os macrossistemas também se estende aos microssistemas. Segundo a pesquisa mais recente, o átomo é o menor de todos os “mundos”, sendo diminuto demais para ser observado até mesmo pelos mais potentes telescópios (um dos mais avançados atualmente é capaz de aumentar os objetos até cem mil vezes). No que diz respeito à capacidade óptica do ser humano, um átomo não existe. Mas surpreendentemente, dentro desta partícula infinitesimal, existe (de acordo com a teoria de Bohr) um sistema giratório parecido com nosso sistema solar. Ele consiste de um modelo planetário com um núcleo central de carga positiva, cercado de elétrons de carga negativa. Entre esses dois existem lacunas surpreendentemente grandes. Mesmo em uma substância de grande densidade, como um pedaço de chumbo no qual esperamos que as

partículas atômicas estejam rigidamente comprimidas, as partículas de carga elétrica negativa mal ocupam uma parte em um bilhão, do volume e da porção vaga restante. O movimento dos elétrons ao redor do núcleo é tão rápido que chegam a ser indetectáveis de qualquer forma. Pelo contrário, eles parecem ser onipresentes na órbita, dando assim mais de um trilhão de voltas em um só segundo.

Se a ciência pode supor a existência de uma organização tão pouco compreendida e totalmente impalpável, suposição essa sem a qual o mecanismo do átomo não pode ser explicado, então por que a mesma lógica não pode ser aplicada à suposição de que existe um organizador sem o qual nenhuma organização do átomo seria possível?

Vamos nos voltar agora à biologia humana para ver como as diferentes partes do corpo humano realizam funções altamente complexas e vitais em perfeita harmonia umas com as outras.

O cérebro é o escritório central que controla, direciona e coordena as variadas atividades de todos os inúmeros órgãos do corpo. Ele recebe mensagens de cada um dos sentidos, interpreta-as e envia respostas adequadas aos órgãos envolvidos para que o corpo reaja corretamente (sair do caminho de um carro que esteja se aproximando, por exemplo), e registra toda a informação recebida nos arquivos da memória. Imagine uma imensa central telefônica em contato contínuo com cada homem, mulher e criança no planeta, enviando e recebendo mensagens de e para todos a cada segundo – assim você terá uma vaga ideia da organização incrivelmente complexa do cérebro.

Na massa branca do cérebro, existem cerca de 1 bilhão de células nervosas, cada uma alternadamente sendo uma bateria elétrica e um pequeno transmissor de telegrafo. Cada célula se ramifica em vários fios condutores, as fibras nervosas, que se estendem para todas as partes do corpo. Um grande número delas percorre a espinha dorsal, unindo-se para formar a medula espinhal, admiravelmente protegida pelas paredes ósseas da espinha. Através desses delicados fios individualmente protegidos por uma bainha isolante, a corrente flui em uma velocidade de 112 km/h, transportando mensagens do e para o cérebro, com precisão e velocidade espantosas. Há um complexo sistema de relés, condensadores, interruptores etc., que permite a transmissão das mensagens mais inesperadas entre o cérebro e cada uma das milhões de células que ele controla, sem a menor confusão ou atraso.

A mais complexa estação de rádio ou a central telefônica mais atualizada são como uma lata de sardinhas se comparadas ao labirinto incrivelmente elaborado do sistema nervoso.

A orelha: muito antes de o homem descobrir o sinal wireless, a orelha já conhecia tudo que há sobre recepção de ondas sonoras. A orelha humana consiste de um funil, perfeitamente adaptado para captar sons e equipado com dobras carnudas que o permite perceber a direção de onde o som vem. Dentro da orelha, finos pêlos e uma cera pegajosa impedem a entrada de insetos perigosos, poeira etc. Por dentro, no final do canal auditivo, há uma delicada membrana, o tímpano, que vibra como o

couro de uma tabla quando as ondas sonoras o alcançam. As vibrações são passadas adiantes e ampliadas pelos três ossículos (martelo, bigorna e estribo) cujos respectivos tamanhos são precisamente ajustados para produzir a intensidade necessária. Esses ossos nunca crescem: eles têm exatamente o mesmo tamanho na criança e no adulto.

As vibrações ampliadas no ouvido são transportadas pelos ossos para outra membrana logo a seguir, que fica no impressionante órgão da audição, a orelha interna. Esse pequeno canal suspenso (a cóclea), enrolado como a concha de um caracol, é preenchido por um líquido, que ao vibrar estimula as células ciliadas. Cada nervo vibra em uma frequência sonora para que o ouvido escute todas as combinações de 6 mil sons diferentes. As vibrações são convertidas em impulsos elétricos e transmitidas a 18 mil células nervosas que se comunicam com o cérebro.

O olho é a estação televisiva mais eficiente do mundo: ela captura imagens perfeitas a cores e as transmite sem o mínimo borrado ao cérebro. É preciso um fotógrafo para apreciar completamente o trabalho do olho. Como qualquer câmera, ele é uma pequena caixa preta, com uma abertura na frente coberta por uma cortina transparente. Na cortina da frente há uma veneziana de velocidade variável (a íris) com uma fenda ajustável e ação automática. Atrás dela, há uma lente cristalina cuja curvatura é continuamente ajustada, de forma automática, pelos músculos para que qualquer coisa que seja vista esteja sempre com foco nítido. Seis grandes músculos controlam os movimentos do olho e o apontam na direção desejada.

As partes delicadas desse instrumento de precisão são limpas pelos cílios, que são os “para-brisas” e usam um fluido secretado por uma glândula no canto do olho que é derramado por um sifão. A temperatura constante é mantida, assim como em qualquer laboratório com aparelhos altamente sensíveis, através de uma membrana termorreguladora, a coroide. O filme fotográfico do olho é uma pequena camada fina na parte de trás, a retina, onde são focadas as imagens que vemos. A retina pode tirar 10 fotos por segundo, ou 800 mil fotos por dia, limpando-se após cada foto tirada. Ela é tão rápida que 30 mil pontos separados de luz podem ser registrados por um só milímetro quadrado (o tamanho de uma cabeça de prego) de sua superfície. Todas as imagens são em cores vivas, com contornos nítidos e sombra delicada; aliás, elas são filmes em 3 dimensões ao fofó estereoscópico dos dois olhos.

O coração é um pequeno órgão, do tamanho do punho, pesando não mais que 340 gramas, porém essa pequena bomba pode trabalhar prodigiosamente. Ela segue pulsando dia e noite por uma vida inteira sem a mínima pausa, contando cerca de 100 mil batimentos em um dia e enviando um galão de sangue que circula todo o corpo, uma vez a cada 13 segundos. Em um único dia, o coração bombeia sangue suficiente para encher um caminhão de óleo; em um ano, ele pode encher um trem com 65 vagões grandes.

O coração é especialmente feito para o intenso trabalho que tem a fazer. Suas paredes são fibras musculares muito

firmes e está cercado por uma membrana (o pericárdio) contendo um fluido que lubrifica seu movimento contínuo. A batida do coração acontece em dois movimentos, pois primeiro a metade superior, e depois a inferior, contrai. Isso permite que cada metade do coração descanse enquanto a outra está batendo. Por dentro, o coração está dividido em quatro câmaras, duas superiores chamadas átrios, e duas inferiores chamadas ventrículos. O sangue sempre flui dos átrios para os ventrículos, e essa via de mão única é mantida por válvulas que protegem as entradas das aberturas entre os dois pares.

Digestão: o sistema digestivo pode ser visto como uma fábrica onde a comida é saboreada pela língua, depois triturada pelos dentes, umedecida pela saliva e finalmente, - após complexas precauções para evitar desvios errados – ela é empurrada pelo esôfago para o estômago, uma fábrica de químicos onde ocorrem as mudanças mais espantosas. Aqui, milhões de células, pequenas demais para serem vistas, produzem uma dúzia de substâncias químicas altamente complexas para quebrar a comida que ingerimos, seja carne, espinafre, arroz ou queijo, em substâncias simples que podem ser absorvidas pelas cédulas do nosso corpo e transportadas aos músculos e ossos. As mudanças químicas que ocorrem são realmente espantosas – muito além da capacidade dos nossos mais bem equipados laboratórios. E há 5 milhões dessas pequenas unidades químicas no estômago, cerca de 40 milhões nos intestinos e mais de 3,5 bilhões no fígado. Elas produzem não apenas as substâncias necessárias para digerir nosso

alimento, onde são necessárias, mas também remédios eficientes contra doenças como cólera e disenteria. Ao mesmo tempo, o fígado produz substâncias que ajudam o corpo a queimar parte da comida que ingerimos, para fornecer o calor e a energia que todo ser vivo necessita. O sistema digestivo não é só uma fábrica química, mas também uma fonte de energia.

Os pulmões: esses são os órgãos que colocam o sangue em contato com o ar puro – pois eles já sabiam muito antes de nós mesmos tomarmos conhecimento do fato – que para purificar o sangue, nada é melhor do que um bom banho de oxigênio.

A cada respiração, o ar entra em mais de 200 milhões de alvéolos pulmonares, que se fossem espalhados cobririam uma área de 167 m^2 . Esses pequenos balõezinhos são feitos de um fino tecido elástico que permite a passagem do ar, mas impede a entrada de sangue.

O sangue é transportado para os pulmões por milhões de pequenos vasos capilares que formam uma rede ao redor dos alvéolos pulmonares. O oxigênio é absorvido pelas células sanguíneas e os produtos residuais, como dióxido de carbono, são descartados pelo sangue, liberados e expirados.

Enquanto o bebê está no útero da mãe, seus pulmões não funcionam e o fluxo de sangue é desviado dos pulmões através de uma saída no coração. Assim que nasce, o bebê, à beira de sufocar, dá um grito alto. O choro produz uma série de mudanças maravilhosas. Os alvéolos se abrem e o ar adentra, preenchendo-os. Um grande fluxo de sangue

começa a percorrer os pulmões, que, como uma violenta corrente de ar, fecha a saída que havia no coração que até então afastava o sangue.

A pele, que é uma ampla rede de fibras sensíveis, espalhada por toda a superfície do corpo, é igualmente fascinante. No momento que um objeto quente entra em contato com a pele ou só se aproxima dela, cerca de 30 mil termorreceptores de calor sentem e instantaneamente informam ao cérebro. Do mesmo modo, os termorreceptores de frio na pele enchem o cérebro de mensagens assim que fazem contato com um objeto frio. O corpo começa a tremer e as veias na pele ficam dilatadas para compensar a perda de calor do corpo. Quando um calor intenso é informado ao cérebro, 3 milhões de glândulas sudoríparas são ativadas para liberar o fluido frio que nós reconhecemos como transpiração. O sistema nervoso está dividido em partes diferentes, uma delas sendo autônoma, que lida com atos reflexos realizados dentro do nosso corpo, como a digestão, respiração, batimento cardíaco etc. Esse lado autônomo é então subdividido em dois sistemas: sistema simpático, que causa a atividade, e sistema parassimpático, que funciona como um freio. Se nosso corpo ficasse sob controle exclusivo do sistema simpático, o coração bateria tão rápido que causaria a morte. E se ficasse à mercê do sistema parassimpático, o batimento do coração seria detido. Quando nosso corpo fica exposto à tensão e estresse excessivos, causando uma necessidade repentina de força extra para aguentar, o sistema simpático domina, fazendo os pulmões funcionarem mais rápido, bombeando adrenalina no sistema a partir do qual o corpo vai produzir

energia extra. Mas enquanto dormimos, o sistema parassimpático assume o controle, anestesiando todas as atividades corporais.

Em todo o universo existem incontáveis exemplos de tamanha organização, deixando para trás os sistemas mais avançados das máquinas inventadas pelo homem. A imitação da natureza começou a ser tratada como um objeto comum de investigação científica. Até recentemente o escopo da ciência estava restrito à descoberta de forças desconhecidas na natureza e suas aplicações práticas. Mas agora o estudo dos vários sistemas orgânicos da natureza está recebendo atenção especial das esferas científicas. Esse ramo da ciência é chamado de biônica. Ele busca entender como a natureza funciona e recriar os padrões da natureza em forma mecânica, para resolver diversos problemas que surgem no campo da engenharia.

Tais imitações dos sistemas naturais no campo da tecnologia ficam bem ilustradas pela câmera, que na verdade é uma reprodução mecânica do funcionamento do olho. As lentes, o diafragma e o filme fotossensível correspondem respectivamente à camada externa do olho, a íris e a retina. Ninguém em sã consciência diria que a câmera surgiu accidentalmente, mas há um grande número de intelectuais no mundo que acreditam que um olho surgiu por mero acaso.

Na universidade de Moscou, foi criado um aparelho para detecção e medição de vibrações infrassônicas. Ele é cinco vezes mais potente que o aparato convencional, sendo capaz de detectar e informar a aproximação de uma



tempestade com 12 ou 15 horas de antecedência. O que foi que inspirou o padrão? O crédito é da água-viva, cujos órgãos são altamente sensíveis a vibrações infrassônicas. Os engenheiros simplesmente o imitaram. Da mesma forma, o radar, um aparelho de suma importância para a tecnologia de defesa, é uma cópia mecânica do uso que o morcego faz das ondas sonoras para compensar a cegueira. Esses são apenas alguns de muitos exemplos. A ciência da física e tecnologia, na realidade, receberam dicas da natureza em inúmeras ocasiões para o desenvolvimento de novos conceitos; tantos problemas que ainda permanecem sendo enigmas para os cientistas normalmente já foram resolvidos pela natureza há muito tempo. Ainda assim, para a mente humana, a câmera e o sistema de impressão não poderiam ter surgido do nada.

É ainda mais impensável que o sistema formidavelmente complicado do universo tenha surgido sozinho sem ter tido uma inteligência criativa por trás dele. Não há nada tão irracional quanto recusar-se a crer em um Organizador

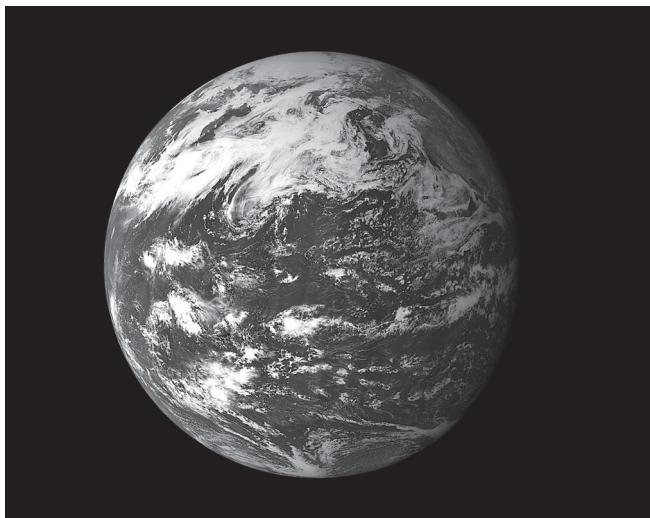
de um universo organizado. A mente humana, de fato, não tem base racional para negar a existência de Deus.

O universo não é só um amontoado de lixo. Muito pelo contrário. Ele está imbuído de profundo significado. Esse fato mostra explicitamente que uma Mente está por trás da criação e manutenção do universo. É impossível para qualquer coisa que tenha significado tão importante como o do universo não ter um planejamento intelectual por trás dela. O universo surgir por um processo cego, materialista jamais poderia evidenciar tal sequência, ordem e significado. O universo é uma organização tão maravilhosamente equilibrada que é inconcebível que a ordem e o equilíbrio tenham surgido acidentalmente. Em seu livro *“Man Does Not Stand Alone”*, A. Cressy Morrison observa que:

Tantas condições essenciais são necessárias para que a vida exista em nosso planeta que seria matematicamente impossível que todas elas existissem em harmonia por acaso em qualquer Terra ao mesmo tempo. Portanto, deve haver na natureza alguma forma de direção inteligente. Se isso for verdade, então deve haver um propósito.

Para apoiar essa opinião, reproduzimos a seguir um texto sobre esse assunto escrito por Frank Allen, físico proeminente especialista em visão colorida, óptica fisiológica, produção de óleo e mutações glandulares.

Muitas vezes parece que o universo material não



precisou ter um Criador. No entanto, é inegável que o universo existe. Quatro soluções para sua origem são propostas: primeiro, que ele é uma ilusão – o contrário da declaração anterior; segundo, que ele surgiu espontaneamente do nada; terceiro, que ele não tem origem, existe eternamente; e quarto, que ele foi criado.

A primeira solução proposta afirma que não há nenhum problema a resolver exceto o problema metafísico da mente humana, que ocasionalmente considera a si mesma uma ilusão! A hipótese da ilusão foi recentemente retomada na ciência física por Sir James Jeans, que afirma que a partir dos conceitos da física moderna “o universo não admite representação material, e a razão disso, acredito eu, é que ele se tornou um mero conceito da mente”. Consequentemente,

pode-se dizer que trens ilusórios aparentemente cheios de passageiros imaginários cruzaram rios irreais por cima de pontes imateriais formadas por conceitos mentais.

O segundo conceito, de que o mundo da matéria e da energia surgiu sozinho do nada, é uma suposição absurda demais para ser considerada.

O terceiro conceito, de que o universo sempre existiu, tem um elemento em comum com o conceito da criação: ou a matéria inanimada com sua energia é eterna, ou o Criador o é. Não existe nenhuma grande dificuldade em um conceito ou no outro. Mas as leis da termodinâmica (calor) indicam que o universo está alcançando uma condição em que todos os corpos estarão na mesma temperatura extremamente baixa e não haverá qualquer energia disponível. A vida então será impossível. Em um tempo infinito, esse estado de entropia já teria acontecido. Sol quente e as estrelas, a terra e sua riqueza de vida, são todos eles evidências completas de que a origem do universo aconteceu em algum momento fixo no tempo, e por isso tem que ter sido criado. Uma grande Causa Primária, um Criador eterno, onisciente e onipotente deve existir, e o universo é obra Sua.

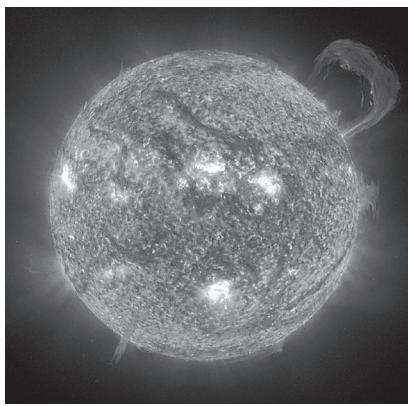
Os ajustes da terra para a vida são numerosos demais para serem considerados frutos do caso. Primeiramente, a Terra é uma esfera livremente equilibrada no espaço em rotação perpétua em seu eixo polar, fornecendo a alternância entre o dia e a noite, e em rotação anual

ao redor do sol. “Esses movimentos dão estabilidade a sua orientação no espaço, e a inclinação axial de 23,5°, ou elíptica, em relação ao sol, resulta em noites mais longas no inverno e dias mais longos no verão, alternando entre as duas regiões polares e causando as variações sazonais climáticas”.⁷

A área habitável da Terra é então duplicada e nosso planeta sustenta uma diversidade de vida vegetal maior do que seria possível em um globo estacionário.

Em segundo lugar, a atmosfera de gases que permitem a vida é alta e densa o suficiente para proteger a terra do impacto mortal de vinte milhões de meteoros que a adentram diariamente a 48km/s. Dentre muitas outras funções, a atmosfera também mantém conserva a temperatura dentro de limites seguros para a vida, além de carregar o suprimento vital de vapor de água fresca dos oceanos para os continentes, para irrigar a terra, que sem isso seria um deserto sem vida. Assim, os oceanos, junto com a atmosfera, estão equilibrando a roda da natureza.

Quatro propriedades incríveis da água preservam a vida nos oceanos, lagos e rios durante os longos invernos: o poder de absorção de vastas quantidades de oxigênio a baixas temperaturas, a densidade máxima de 4°C acima do ponto de congelamento (com o que lagos e oceanos permanecem líquidos) menor densidade do gelo em relação a água para que ele permaneça na superfície e a capacidade de liberar grande quantidade de calor enquanto congela.



A terra seca é uma plataforma estável para a vida terrestre. O solo fornece os minerais que as vegetações assimilam e transformam em alimento indispensável para os animais. A presença de metais próximos à superfície

torna possíveis as artes da civilização. Com certeza o Profeta Isaías estava certo (45:18 N.V.I.) ao dizer sobre Deus: “Ele não a criou para estar vazia, mas a formou para ser habitada”.

O tamanho diminuto da Terra comparado com a imensidão do espaço é uma referência que às vezes é feita de forma depreciativa. Se a Terra fosse pequena como a Lua ($1/4$ de seu diâmetro atual) a força da gravidade ($1/6$ da força gravitacional da terra) não sustentaria nem a atmosfera nem a água, e as temperaturas seriam fatalmente extremas. Se seu diâmetro fosse o dobro, a Terra aumentada teria quatro vezes sua superfície e duas vezes sua força gravitacional, a atmosfera seria perigosamente mais baixa e sua pressão aumentaria muito, causando sérias repercussões na vida. As áreas invernais aumentariam e as regiões habitáveis diminuiriam seriamente. Povoados ficariam isolados, a viagem e a comunicação se tornariam difíceis ou mesmo impossíveis.

Se nosso planeta fosse do tamanho do Sol, porém mantendo a densidade, a gravidade seria 150 vezes maior, a atmosfera diminuiria em 6 km, a evaporação da água se tornaria impossível e a pressão aumentaria para quase 1550 t/m².

Um animal pesando 500g pesaria mais de 65 kg, e os seres humanos seriam reduzidos ao tamanho de um esquilo. A vida intelectual seria impossível para essas criaturas.

Se a terra fosse reposicionada para estar ao dobro de distância do sol, o calor recebido seria reduzido em $\frac{1}{4}$ da quantia atual, a velocidade orbital seria a metade, o inverno duraria o dobro de tempo e a vida congelaria. Se a distância solar fosse a metade, o calor seria 4 vezes mais intenso, a velocidade orbital dobraria, as estações durariam a metade do tempo, e se mudanças fossem efetuadas, o planeta ficaria excessivamente seco para sustentar a vida. No tamanho e distância do sol, e na velocidade orbital, a Terra consegue sustentar a vida de forma que o ser humano desfrute de uma vida física, intelectual e espiritual.

Se na origem na vida não houve design, então a matéria viva deve ter surgido por acaso. Agora acaso ou probabilidade, como denominado, é uma teoria matemática altamente desenvolvida que se aplica a uma vasta gama de objetos de conhecimento que estão além da certeza absoluta. Essa teoria nos coloca em posse dos princípios mais concretos com os quais discriminar a verdade do erro, e para calcular a probabilidade

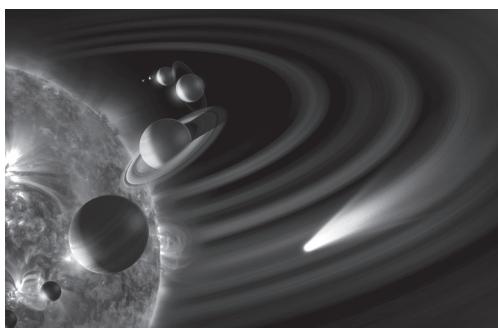
de ocorrência de um determinado tipo de evento (pp.19-23).

Uma tendência a tomar a vida humana como algo garantido é facilmente corrigida ao se considerar por um momento a ideia de que, uma vez que a terra está em movimento contínuo a uma velocidade de 1,5mil km/h (apesar de nossos pés estarem em contato com o solo, nós estamos todos pendurados de cabeça para baixo no espaço), estamos sujeitos a sermos lançados centrifugamente espaço a fora, assim como tantos grãos de areia são espalhados por uma roda de bicicleta em movimento. Uma ideia alarmante, não é?! Mas, é claro, nada parecido acontece porque, felizmente, para nós, a força gravitacional da Terra e a pressão atmosférica, juntas, contêm nossos corpos com segurança sobre a superfície do planeta. Essa ação bilateral nos mantém presos à superfície da Terra, não importando em qual hemisfério estejamos. A pressão que a atmosfera exerce sobre o corpo humano é o bastante surpreendente número de $1,033 \text{ kg/cm}^2$. Mas nós não sentimos o efeito dessa pressão tão intensa porque o sangue dentro do nosso corpo exerce uma pressão igual no sentido oposto.

Com base em suas próprias observações e estudos, Newton chegou à conclusão de que todos os corpos exercem uma atração mútua. Mas ele não tinha a resposta para a pergunta: “Por que os corpos se atraem?”. Ele mesmo confessou ter falhado em encontrar uma explicação para isso. Sobre esse ponto, A.N. Whitehead, importante matemático e filósofo, diz:

Ao admitir esse fato, Newton expressou uma grande verdade filosófica, que é, se a natureza é inanimada, ela não pode nos fornecer nenhuma explicação, assim como um homem morto não pode narrar um incidente. Todas as explicações lógicas e racionais são no fim das contas a expressão de um propósito, ao passo que nenhuma ontologia pode ser atribuída a um universo morto.⁸

As palavras de Whitehead, nós também podemos acrescentar a questão de que se o universo não está sob a supervisão de nenhuma mente inteligente, então como ele é investido de significado tão profundo? A terra completa uma volta em seu eixo em 24h. Em outras palavras, ela está girando em seu eixo a uma velocidade de 1675 km/h. Suponha que sua velocidade fosse reduzida para 335 km/h – e assim possivelmente nossos dias e noites seriam dez vezes mais longos do que a duração atual. O calor do verão seria escaldante e reduziria a cinzas toda a vegetação do planeta durante o dia, e o que houvesse sobrevivido ao calor iria murchar com o frio severo durante as noites excessivamente longas. Uma só mudança em um conjunto de condições traria total devastação. Outras mudanças poderiam provocar o mesmo. O sol, que é nossa fonte de vida, se tornaria nosso mais terrível flagelo se, por exemplo, a distância entre o sol e a terra fosse reduzida à metade; então, sua superfície de 5.772°C faria uma folha de papel pegar fogo. Agora, se fosse o contrário, se a distância dobrasse, a superfície da terra se tornaria fria demais para permitir a sobrevivência de qualquer



vida. Uma estrela, dez mil vezes maior que o sol, faria a terra inteira torrar como se estivesse dentro de um forno. A inclinação da terra de $23,5^\circ$ é uma das maiores maravilhas para o homem, pois ela é a causa das estações,

desempenhando importante papel na terra habitável e fornecendo grande diversidade de flora. Se o eixo da terra fosse perpendicular, haveria escuridão perpétua nos polos Norte e Sul, os vapores oceânicos viajariam para o norte e a superfície da terra seria coberta de desertos glaciais – isso para descrever só alguns efeitos adversos. Isso tudo tornaria impossível a sobrevivência da vida na terra. Podemos imaginar infinitas configurações diferentes de circunstâncias físicas que impediriam ou destruiriam a existência humana. Então é impensável que as condições perfeitas para a existência do homem na terra sejam tenham simplesmente surgido sem ter uma inspiração divina como origem.

Se pensarmos em como eram as condições na época da formação da terra, parece um milagre que a vida tenha surgido. Isaac Asimov pintou uma imagem assustadora do começo das coisas. Corrigindo a primeira hipótese a favor, no começo deste século, ele escreveu:

Atualmente os cientistas estão convencidos de que a Terra e outros planetas não se formaram a partir do sol,

mas de partículas condensadas que se uniram ao mesmo tempo em que o próprio sol estava se formando. A terra nunca teve a temperatura do sol, mas se aqueceu através das energias de colisão de todas as partículas que a formaram. Ela se aqueceu o suficiente para que, antes de tudo, sua massa relativamente pequena não tivesse uma atmosfera ou vapor de água.

O corpo sólido da terra recém-formada não tinha, em outras palavras, nem atmosfera nem oceano. Então de onde eles vieram?

Havia água (e gases) em interação não covalente com substâncias rochosas formando a porção sólida do globo. Conforme essa porção sólida foi se unindo cada vez mais devido à força da gravidade, seu interior ficando cada vez mais quente. O vapor de água e os gases foram forçados a se separar das rochas, e saíram efervescentes de sua substância.

Os bolsões de gás, formando-se e acumulando-se, provocaram grandes terremotos na terra e violentas erupções vulcânicas, liberando calor. Por muitos anos, a água líquida não caiu do céu: foi o vapor que saiu da crosta e depois se condensou. Os oceanos se formaram por baixo e não por cima.

O que os geólogos discutem agora é a que velocidade os oceanos se formaram. O vapor de água saiu ao longo de um bilhão de anos ou menos, e o oceano já tinha o seu tamanho atual desde o início da vida? Ou o processo foi

tão lento que o oceano tem crescido ao longo do tempo geológico até hoje?

Aqueles que defendem que o oceano se formou no início de tudo, e tem mantido seu tamanho desde então, apontam que os continentes parecem ser uma característica permanente da terra. Eles não parecem ter sido muito maiores no passado, quando o oceano era supostamente muito menor.

Por outro lado, os que defendem que o oceano vem crescendo afirmam que as erupções vulcânicas, mesmo hoje, liberam quantidades de vapor de água no ar; o vapor de água deriva de rochas profundas e não do oceano. Além disso, existem dorsais oceânicas no Pacífico de topo aplainado que podem ter estado ao nível do oceano, mas agora se encontram a centenas de metros abaixo.⁹

Seja como for, se os oceanos fossem só alguns metros mais profundos, eles teriam absorvido todo o dióxido de carbono e oxigênio, e nenhum tipo de vegetação teria sobrevivido na superfície da terra. Se o ar na atmosfera fosse menos denso do que é agora, os 20 milhões de meteoros que entram diariamente a 48 km/s iriam cair por toda a terra, queimando toda matéria combustível e perfurando toda a superfície da terra. Só o calor de um meteoro viajando 90 vezes mais rápido que uma bala seria suficiente para aniquilar uma criatura tão vulnerável como o homem. É graças à adequada densidade da camada da atmosfera que o ser humano está protegido contra essa

chuva violenta de destroços celestes. Essa densidade também é exatamente correta para a radiação ultravioleta que alcançam a terra em proporções tais que promovem o crescimento da vegetação, destrói bactérias prejudiciais e disponibilizam vitaminas que podem ser absorvidas diretamente da luz do sol na pele, ou indiretamente pelo alimento através do sistema digestivo. Quão maravilhoso é ter todos esses benefícios exatamente proporcionais às nossas necessidades!

Veja o exemplo do oxigênio. Ele é fonte de vida e não é obtido de nenhuma outra fonte que não a atmosfera. Mas se ele formasse metade da atmosfera, ou mais, em vez dos 21% atuais, a combustibilidade de toda matéria sobre a superfície da terra seria tão alta que se só uma árvore pegasse fogo, florestas inteiras explodiriam de uma só vez. Igualmente, se a proporção de oxigênio na atmosfera fosse menos que 10%, a vida poderia concebivelmente se ajustar com o passar dos séculos, mas é improvável que a civilização humana assumisse sua forma atual. E se todo o oxigênio, e não só uma parte, fosse absorvido pela matéria presente na superfície da terra, nenhuma vida animal seria possível.

Junto com o oxigênio, o hidrogênio, o dióxido de carbono e o gás carbônico em suas formas livres e em suas diferentes composições são os ingredientes mais importantes da vida. São na verdade seus alicerces. Não havendo uma só chance em centenas de milhões de que esses elementos se unissem em proporções tão favoráveis em qualquer outro planeta em qualquer outro tempo, devemos nos perguntar como

é possível quem gases fluindo livremente se formaram em uma combinação e permaneceram suspensos na atmosfera nas exatas proporções para sustentarem a vida. Como observa o físico Morton White: “A ciência não tem nenhuma explicação para os fatos, e dizer que foi acidental é desafiar a matemática”.¹⁰

Temos que aceitar que existe uma formidável variedade de fatos neste mundo e universo que não pode ser explicada a menos que se admita a intervenção de uma mente superior. Por exemplo, a densidade do gelo é menor que a da água, porque quando ela congela, seu volume aumenta em relação a sua massa. É por causa disso que o gelo flutua em vez de afundar no fundo de lagos e rios, e gradualmente forma uma massa sólida. Na superfície da água, ele forma uma camada de isolamento para manter a água abaixo dele em uma temperatura acima do ponto de congelamento. Peixes e outras formas de vida marinha conseguem sobreviver ao longo do inverno, e quando vem a primavera, o gelo derrete rapidamente. Se a água não se comportasse dessa maneira, todos nós em geral, e particularmente as pessoas em países frios, enfrentariam severas calamidades. Claramente essa propriedade da água é de suma importância para a vida.

No mundo da arboricultura também existem diversos exemplos da natureza à serviço do homem. Nas primeiras duas décadas do século, o cancro-do-castanheiro, causado pelo patógeno *Endothia*, espalhou-se rapidamente pelas regiões florestais dos EUA. Acreditava-se em geral que as lacunas nas copas das florestas jamais seriam preenchidas.

Foi uma situação lamentável porque um grande número de itens importantes produzidos com os castanheiros: madeira de alta qualidade resistente à podridão, polpa de madeira, tanino e nozes, sem falar da sua sombra. Também havia a vantagem de eles crescerem nos cumes das montanhas com solo escasso, porém fértil. A posição exclusiva ocupada pelos castanheiros era inigualável a qualquer outra espécie e, até a chegada da *Endothia*, da Ásia, por volta de 1900, ele era verdadeiramente o rei da floresta. Agora está quase extinto. As lacunas em meio às copas das florestas foram preenchidas. O liriodendron já existia, esperando somente por aberturas que fornecessem luz suficiente para as espécies intolerantes à sombra se desenvolverem. Até então, essas árvores eram poucas na floresta, só ocasionalmente se tornando árvores de madeira valiosa. Agora, os castanheiros quase não fazem falta onde os densos bosques de liriodendron se estabeleceram, geralmente crescendo tanto quanto 2,5cm em diâmetro e 1,80m em altura anualmente; além do seu crescimento rápido, sua madeira é de qualidade superior. Podemos, em sã consciência, dizer que o plano mestre da natureza é mero conjunto de circunstâncias accidentais?

No século atual, também, uma crise diferente, porém mais alarmante na natureza, se desenvolveu na Austrália, quando certas espécies de cacto eram cultivadas em larga escala para produção de cercas para os campos. Cressy Morrison escreve:

O cacto não tinha insetos inimigos na Austrália e logo começou a ter um crescimento acelerado. A marcha

dos cactos persistiu até ter coberto uma área de aproximadamente o tamanho na Inglaterra, expulsando habitantes de cidades e vilarejos, destruindo suas plantações e tornando impossível o cultivo. Nenhum aparelho que o ser humano desenvolveu conseguia impedir que eles se espalhassem. A Austrália corria o risco de ser engolida por um exército silencioso, incontrolável e crescente de vegetação. Os entomólogos vasculharam o mundo e finalmente encontraram um inseto que se alimentava exclusivamente de cacto, nada mais, reproduzia-se livremente e não tinha predadores na Austrália. No país, o animal venceu a vegetação e hoje a infestação de cactos recuou e com ela também todos os insetos, exceto um pequeno resquício suficiente para manter os cactos controlados para sempre.

Será que um sistema tão equilibrado como o que encontramos na natureza se desenvolve assim sem qualquer planejamento?

Considere a maravilha da exatidão matemática que é encontrada no universo. Nem mesmo comportamento da matéria inanimada é aleatório: ao contrário, ele “obedece” a determinadas “leis naturais”. Não importa em que canto do mundo, a qualquer momento, a palavra “água” sempre será invariavelmente dois átomos de hidrogênio e um átomo de oxigênio. Sempre que um cientista em seu laboratório aquece um bêquer cheio de água pura até ela ferver, ele sabe, sem usar um termômetro, que a temperatura de ebulição da água é de 100°C, contanto que a pressão atmosférica seja de 760 mm de mercúrio.

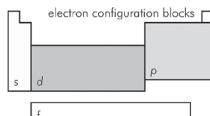
Se a pressão for menor que 760 mm, menos energia será aplicada na forma de calor para produzir vapor, então o ponto de ebulação será correspondente a menos de 100°. De outra forma, se a pressão atmosférica for maior que 760 mm, o ponto de ebulação será maior que 100°. Não importa quantas vezes esse experimento seja realizado, ao se ajustar a pressão, podemos, com certeza, prever o ponto de ebulação da água em cada situação. Se não houvesse nenhum sistema e organização inerente no trabalho da água e da energia, não haveria base para a pesquisa científica ou para as invenções. A vida no laboratório, na ausência de leis naturais imutáveis, seria uma sucessão de dilemas; seria uma vida carregada de incerteza e dúvida, tornando fúteis todos os dilemas científicos. Thomas Parks, um pesquisador químico, escreveu:

Uma das primeiras coisas que um calouro de química aprende é a periodicidade ou a ordem encontrada nos elementos. Essa ordem foi variadamente descrita e classificada, mas nós geralmente atribuímos o crédito pela tabela periódica à Mendeleev, um químico russo do séc. XIX. Sua organização não só ofereceu um meio de estudo dos elementos e de seus compostos, como também impulsionou a pesquisa dos elementos que ainda não haviam sido descobertos. A existência deles era suposta a partir de espaços vagos no arranjo ordenado da tabela.

Os químicos hoje utilizam a tabela periódica para auxiliá-los em seus estudos das reações e para prever propriedades desconhecidas ou novos compostos. O

LEVANTA-SE DEUS

The image shows the periodic table of elements. On the left, the table is organized by groups (1-18) and periods (1-7). Each element is represented by a box containing its symbol, name, atomic number, atomic mass, and electron configuration. To the right of the table, a detailed box for Iron (Fe) is shown with the following labels: atomic mass (55.845), 1st ionization energy (762.5 kJ/mol), chemical symbol (Fe), name (Iron), electron configuration ([Ar] 3d⁶ 4s²), atomic number (26), electronegativity (1.83), oxidation states (most common are bold), and oxidation states (most common are bold) for the range 3 to 8.



notes

- * as of yet, elements 113-118 have no official name designated by the IUPAC.
- 1 kJ/mol ≈ 96.485 eV.
- all elements are implied to have an oxidation state of zero.

A table showing the lanthanide and actinide elements (Lanthanum to Neptunium). Each element is listed with its symbol, name, atomic number, atomic mass, and electron configuration. The lanthanides are in the 5f block, and the actinides are in the 6f block.

sucesso deles é uma prova concreta do fato de que existe uma ordem plena de beleza no mundo inorgânico.

Mas a ordem que vemos ao nosso redor não é uma onipotência inflexível. Ela é temperada com beneficência – um testemunho do fato de que a bondade e o prazer são tão parte da Inteligência Divina quanto

The Periodic Table of the Elements

by Robert Compton version 1.4

18

4.002602 23.72.3	He Helium 1s ²
20.1797 2080.7	Ne Neon 1s ² 2s ²
10 1520.6	Ar Argon [Ne] 3s ² 3p ⁵
18 1350.8 3.00 *3	Kr Krypton [Ar] 3s ² 3p ⁶

alkali metals	metalloids
alkaline metals	nonmetals
other metals	halogens
transition metals	noble gases
lanthanoids	unknown elements
actinoids	radioactive elements have masses in parenthesis

9 10 11 12

58.9319 770.4 1.91 Co Cobalt [Ar] 3d ⁷ 4s ²	58.6934 737.1 1.88 Ni Nickel [Ar] 3d ⁸ 4s ²	28 745.5 1.90 Cu Copper [Ar] 3d ¹⁰ 4s ¹	29 906.4 1.65 Zn Zinc [Ar] 3d ¹⁰ 4s ²	13 10.811 800.6 2.04 B Boron [Ar] 2s ² 2p ¹	14 12.0107 1086.5 2.55 C Carbon [Ar] 2s ² 2p ²	15 14.0067 1402.3 3.04 N Nitrogen [Ar] 2s ² 2p ³	16 15.9994 1313.9 3.44 O Oxygen [Ar] 2s ² 2p ⁴	17 18.998403 1681.0 3.98 F Fluorine [Ar] 2s ² 2p ⁵	9 20.1797 2080.7 He Helium 1s ²
102.9055 719.7 2.28 Rh Rhodium [Kr] 4d ⁷ 5s ¹	106.42 804.4 2.20 Pd Palladium [Kr] 4d ⁹ 5s ¹	46 731.0 1.93 Ag Silver [Kr] 4d ¹⁰ 5s ¹	47 867.8 1.69 Cd Cadmium [Kr] 4d ¹⁰ 5p ¹	31 578.8 1.81 Ga Gallium [Kr] 3d ¹⁰ 4s ² 4p ¹	32 762.0 2.01 Ge Germanium [Kr] 3d ¹⁰ 4s ² 4p ²	33 947.0 2.18 As Arsenic [Kr] 3d ¹⁰ 4s ² 4p ³	34 784.9 2.55 Se Selenium [Kr] 3d ¹⁰ 4s ² 4p ⁴	35 79.904 159.9 2.96 Br Bromine [Kr] 3d ¹⁰ 4s ² 4p ⁵	36 1350.8 3.00 Kr Krypton [Ar] 3d ¹⁰ 4s ² 4p ⁶
192.217 880.0 2.20 Ir Iridium [Kr] 4d ⁹ 5d ¹	195.084 870.0 2.28 Pt Platinum [Kr] 4d ⁹ 5d ⁶	78 890.1 2.54 Au Gold [Kr] 4d ¹⁰ 5s ¹	79 1007.1 2.00 Hg Mercury [Kr] 4d ¹⁰ 5s ²	49 558.3 1.78 In Indium [Kr] 4d ¹⁰ 5p ¹	50 708.6 1.96 Sn Tin [Kr] 4d ¹⁰ 5s ² 5p ²	51 834.0 2.05 Sb Antimony [Kr] 4d ¹⁰ 5s ² 5p ³	52 869.3 2.10 Te Tellurium [Kr] 4d ¹⁰ 5p ⁴	53 126.9044 1108.4 2.60 I Iodine [Kr] 4d ¹⁰ 5s ² 5p ⁵	54 131.293 1170.4 2.60 Xe Xenon [Kr] 4d ¹⁰ 5s ² 5p ⁶
(268) 109 Mt Meitnerium	(271) 110 Ds Darmstadtium	111 (272) Rg Roentgenium	112 (285) Cn Copernicium	80 (284) Uut Ununtrium	81 204.3833 713.6 2.33 Tl Thallium [Kr] 4d ¹⁰ 5s ² 5p ¹	82 703.0 2.02 Pb Lead [Kr] 4d ¹⁰ 5s ² 5p ²	83 208.9804 712.1 2.00 Bi Bismuth [Kr] 4d ¹⁰ 5s ² 5p ³	84 (210) 890.0 2.20 Po Polonium [Kr] 4d ¹⁰ 5s ² 5p ⁴	85 (210) 890.0 2.20 At Astatine [Kr] 4d ¹⁰ 5s ² 5p ⁵
(244) 94 Pu Plutonium [Ra] 5f ⁶ 7s ²	(243) 100 Am Americium [Ra] 5f ⁶ 7s ²	95 581.0 1.30 Cm Curium [Ra] 5f ⁶ 7s ²	96 601.0 1.30 Bk Berkelium [Ra] 5f ⁶ 7s ²	66 251.0 1.30 Dy Dysprosium [Ra] 4f ¹⁰ 6s ²	67 581.0 1.23 Ho Holmium [Ra] 4f ¹⁰ 6s ²	68 589.3 1.24 Er Erbium [Ra] 4f ¹⁰ 6s ²	69 596.7 1.25 Tm Thulium [Ra] 4f ¹⁰ 6s ²	70 603.4 1.25 Yb Ytterbium [Ra] 4f ¹⁰ 6s ²	

150.36 544.5 1.17 Sm Samarium [Ra] 4f ⁶ 6s ²	151.964 547.1 Eu Europium [Ra] 4f ⁷ 6s ²	63 593.4 1.20 Gd Gadolinium [Ra] 4f ⁷ 6s ²	64 565.8 1.20 Tb Terbium [Ra] 4f ⁸ 6s ²	65 573.0 1.22 Dy Dysprosium [Ra] 4f ¹⁰ 6s ²	66 581.0 1.23 Ho Holmium [Ra] 4f ¹⁰ 6s ²	67 589.3 1.24 Er Erbium [Ra] 4f ¹⁰ 6s ²	68 596.7 1.25 Tm Thulium [Ra] 4f ¹⁰ 6s ²	69 603.4 1.25 Yb Ytterbium [Ra] 4f ¹⁰ 6s ²	70 603.4 1.25 Yb Ytterbium [Ra] 4f ¹⁰ 6s ²
(244) 94 Pu Plutonium [Ra] 5f ⁶ 7s ²	(243) 100 Am Americium [Ra] 5f ⁶ 7s ²	95 581.0 1.30 Cm Curium [Ra] 5f ⁶ 7s ²	96 601.0 1.30 Bk Berkelium [Ra] 5f ⁶ 7s ²	(247) 97 608.0 1.30 Cf Californium [Ra] 5f ⁶ 7s ²	98 619.0 1.30 Es Einsteinium [Ra] 5f ⁷ 6s ²	99 527.0 1.30 Fm Fermium [Ra] 5f ⁷ 6s ²	100 635.0 1.30 Md Mendelevium [Ra] 5f ⁷ 6s ²	101 642.0 1.30 No Nobelium [Ra] 5f ⁷ 6s ²	102 642.0 1.30 No Nobelium [Ra] 5f ⁷ 6s ²

às leis imutáveis da natureza. Olhe ao seu redor quais são as exceções e variações que de fato desafiam as leis da racionalidade.

Veja o exemplo da água. Do peso de 18g/mol de sua molécula, podemos prever que ela seria um gás em temperaturas e pressões comuns. A amônia – cuja

molécula pesa 17g/mol – é um gás em temperaturas mais baixas que -33°C na pressão atmosférica. O sulfeto de hidrogênio, intimamente relacionado à água em sua posição na tabela periódica e com a molécula pesando 34g/mol, é um gás em temperaturas inferiores a -59°C. O fato de a água existir na forma líquida em temperaturas comuns é algo para nos fazer parar e pensar.¹²

“Em 11 de agosto de 1999 vai haver um eclipse solar que será completamente visível na Cornualha”.

Isso não é uma predição baseada em conjectura. Nós sabemos a partir de cálculos baseados em nossas observações do funcionamento do sistema solar que um eclipse está para acontecer. Tendemos a dar como certo que as inúmeras estrelas que vemos no céu, parecendo pontinhos de luz, são parte de um vasto padrão fixo. Mas esses “pontinhos” de luz são na verdade bolas colossais suspensas na imensidão do universo e, desde tempos imemoriais, vêm se movendo nas mesmas órbitas fixas com precisão tão perfeita que suas rotas (e mais recentemente, as rotas de seus satélites artificiais) podem ser acuradamente previstas a qualquer momento. Desde uma gotícula de água até a mais estrela imaginável, toda a gama de fenômenos naturais evidencia um maravilhoso sistema e organização. O comportamento de tais objetos é uniforme em tal grau que nós somos capazes de criar leis com base neles.

A teoria gravitacional de Newton explicou o movimento das esferas astronômicas. De acordo com ela, A.C. Adams e

U. Leverrier fundaram as bases nas quais, sem observação, eles poderiam prever acertadamente a existência de um planeta até então desconhecido. Conforme predito pelos dois astrônomos, quando em uma noite de setembro de 1846, o telescópio no observatório de Berlim virou-se para o ponto indicado por seus cálculos, observou-se que tal planeta realmente existia no sistema solar. Esse é o planeta que agora chamamos de Netuno.

Não seria ridículo acreditar que essa exatidão matemática no universo se desenvolveu sozinha? Um aspecto da sabedoria e significado encontrado no universo que merece ser contemplado é que tais potencialidades podem ser exploradas sempre que o homem sentir necessidade. Por exemplo, vejamos o exemplo do nitrogênio. Seres humanos e animais morreriam de inanição se nossa dieta não contivesse compostos de nitrogênio. Cada sopro de ar pode conter 78% de nitrogênio, mas nenhuma planta nutritiva crescerá se não acontecer interação entre o nitrogênio e o solo, e só existem duas formas de o nitrogênio solúvel ser misturado com o solo para fertilizá-lo. Uma delas é através de um processo bacteriano comum. Algumas bactérias, que vivem nas raízes de plantas leguminosas como ervilha, feijão, alfafa e amendoim, assimilam o nitrogênio atmosférico. Quando a planta seca, uma parte desse composto permanece armazenada no solo. Outra forma de fixação do nitrogênio, ácido nítrico, ocorre naturalmente na atmosfera com a descarga elétrica dos relâmpagos. A ação da energia elétrica na atmosfera, que dissocia as moléculas de nitrogênio e oxigênio, permite

que os átomos livres formem o óxido nítrico e o dióxido de nitrogênio, e esse composto de nitrogênio é trazido pela chuva para o solo. A quantidade de nitrato obtido do nitrogênio desta forma, de acordo com uma estimativa, é de 2,2kg por acre, por ano. Essa quantidade é igual a 13,6 kg de nitrato de sódio.¹³

Ambas as fontes se mostraram inadequadas para suprir a demanda humana por nitrogênio, pois os campos que são repetidamente cultivados por longos períodos começam a ficar sem nitrogênio. Por isso a prática da rotação de culturas pelos agricultores. Devido ao aumento populacional e cultivo intenso no começo do séc. XX, uma deficiência generalizada de composto de nitrogênio começou a ser sentida e o homem parecia caminhar rumo a um prolongado período de fome. É estranhamente significativo que em um momento tão crítico nós tenhamos descoberto o método de preparar artificialmente o composto a partir do ar. Um dos vários diferentes ensaios neste campo envolveu a causação artificial de trovões e relâmpagos na atmosfera. Uma força de cerca de 300 mil cavalos foi aplicada para provocar esse fenômeno e estima-se que uma pequena quantidade de nitrogênio foi produzida assim. O homem, com sua sabedoria dada por Deus, marchava um passo adiante. Foi dez mil anos após o início da história humana que foram inventados métodos de conversão do gás nitrogênio em fertilizantes. Essa invenção colocou o homem em uma posição que é parte essencial de sua própria nutrição, sem a qual ele certamente morreria por inanição. É inspirador dizer que, pela primeira vez, ao

longo de toda a história da terra, o homem descobriu uma solução para o problema da escassez de alimento no exato momento em que um desastre à espécie humana estava prestes a ocorrer. Muitos outros aspectos importantes da sabedoria e propósito divino são imanentes no universo. Tudo que foi até aqui revelado pelas investigações científicas é praticamente nada em comparação aos fatos que ainda aguardam serem descobertos. Seja como for, o pouco que, comparativamente falando, o homem descobriu da natureza é ainda muito vasto em escopo para ser abordado nesta obra. Na verdade, qualquer tentativa da parte do homem de listar e descrever as bênçãos divinas seria insuficiente. Não importa o quanto completa seja a descrição, no momento que nossas línguas e canetas param de se mover, começamos a sentir que tudo o que fizemos foi delimitar, e não descrever. De fato, nenhum registro da sabedoria divina manifesta no universo seria completa, mesmo que todos os fatos conhecidos viessem à luz e todos os seres humanos, munidos de todas as fontes disponíveis no mundo seriam capazes de se unir e descrevê-los.

E se todas as árvores na terra fossem calmas e o mar – a que se estendessem, além dele, sete mares – fosse tinta de escrever, as palavras de Allah não se exauririam. Por certo, Allah é Todo-Poderoso, Sábio.¹⁴

Qualquer um que tente fazer um estudo completo do universo irá admitir que não há exagero algum nessas palavras da escritura divina. Elas são como uma expressão

simples da verdade. Nas últimas páginas, nós nos referimos à maravilhosa organização, e extraordinária sabedoria que se manifesta no universo. Sem dúvida os antirreligiosos irão admitir esses fatos, mas irão insistir em uma interpretação diferente de seu significado. Eles não vislumbram nem de leve a existência de um Organizador e Sustentador do universo. Ao contrário, eles acreditam que a vida na terra e a existência do universo são meros frutos do acaso. Como afirma A.T. Huxley:

Seis macacos, posicionados para, sem inteligência, datilografar em máquinas de escrever por milhões e milhões de anos, estariam destinados, com o tempo, a escrever todos os livros no British Museum. Se nós examinássemos a última página que um determinado macaco digitou, e constatássemos que ele conseguiu, em sua datilografia cega, escrever um soneto de Shakespeare, nós deveríamos considerar, na mesma hora, que essa ocorrência foi incrivelmente acidental, mas se olhássemos os milhões de papéis que o macaco descartou em incontáveis milhões de anos, certamente encontrariámos um soneto de Shakespeare dentre eles, produto do acaso. Da mesma forma, milhões e milhões de estrelas vagando pelo espaço por milhões e milhões de anos são obrigadas a se colidirem em todo tipo de acidente. Um número limitado está



fadado a colidir em um tipo especial de acidente que provocaria a existência dos sistemas planetários.¹⁵

Mas um dos nossos maiores físicos contemporâneos, Sir Fred Hoyle, questiona se é realmente possível que o acaso operasse em tão larga escala, e responde enfaticamente que não. Como ele coloca em seu livro *“The Intelligent Universe”*:

“O Universo observado pelos astrônomos não seria amplo o suficiente para comportar os macacos necessários para escrever uma única cena de Shakespeare, ou para abrigar suas máquinas de escrever, ou, certamente, as cestas de papel descartado necessários para o lixo que eles escreveriam”.

Nenhuma de nossas ciências, até agora, desenterrou qualquer ocorrência do acaso que pudesse explicar um fenômeno tão grandioso, cheio de significado e permanente como o universo. É claro que existem certos acontecimentos aleatórios que explicam certos aspectos da natureza. Por exemplo, uma rajada de vento às vezes carrega grãos de pólen de uma rosa vermelha e com eles, poliniza o estigma de rosa branca. Essa polinização cruzada produz rosas cor de rosa. Mas esse acidente é um evento mínimo na existência inteira da rosa. Sua contínua existência sob condições específicas neste universo e sua maravilhosa adaptação a todo o sistema físico do resto do mundo, jamais podem ser entendidas de forma completa somente atribuindo essas coisas uma rajada aleatória de vento. O termo “fruto do acaso” expressa uma faceta da

verdade, mas como explicação para a existência do universo e seus processos é evidentemente absurdo. Segundo o professor Edwin Conklin, um biólogo da Universidade de Princeton, “a probabilidade de a vida ter se originado acidentalmente é comparável com a probabilidade de o Dicionário Unabridged ter resultado de uma explosão em uma gráfica”.¹⁶

É dito que uma explicação para a existência e funcionamento do universo com referência ao “acaso” não é só um palpite aleatório, mas, nas palavras de Sir James Jeans, é baseada em “leis puramente matemáticas do acaso” (*The Mysterious Universe*, p. 3). Um autor escreveu: “Agora, acaso ou probabilidade como é dito, é uma teoria matemática altamente desenvolvida, que é aplicada à vasta gama de objetos do conhecimento que estão além da certeza absoluta”. Essa teoria nos coloca em posse dos princípios mais sólidos com os quais discriminamos a verdade do erro, e calculamos a probabilidade da ocorrência de uma forma específica de evento.¹⁷

Mesmo que tomemos por certo que a matéria, em sua forma primária, tenha originado espontaneamente o universo, e que uma cadeia voluntária de ação e reação tenha sido responsável pela criação (apesar de tal suposição não ter base), não temos uma explicação adequada para a existência do universo. Infelizmente para os antirreligiosos, a mesma matemática que fornece a eles a chave de ouro da Lei do Acaso exclui a possibilidade de a Lei do Acaso ter sido a causa do universo, pois, ao calcular a idade e a dimensão do nosso mundo, a ciência

nos mostra que o acaso fica muito aquém da explicação dos fatos. No capítulo da singularidade do nosso mundo, em seu livro “*Man Does Not Stand Alone*”, Cressy Morrison ilustra esse ponto:

Suponha que você tenha 10 moedas e as identifique de 1 a 10. Coloque-as em seu bolso e sacuda. Agora tente ordená-las na sequência de 1 a 10, colocando cada moeda de volta no bolso após cada vez que retirar.

A chance de você retirar a moeda nº 1 é 1 em 10. Sua chance de tirar 1, 2 e 3 em sequência é de 1 em 100. Sua chance de tirar 1, 2, 3 e 4 em sequência é de 1 em 10.000 e assim por diante, até que sua chance de tirar 1 até 10 em sequência é de 1 em 10 bilhões. O objetivo de lidar com um problema tão simples é mostrar como os números se multiplicam enormemente contra o acaso.

Sir Fred Hoyle descarta a noção de que a vida possa ter iniciado por um processo aleatório.

Imagine uma pessoa vendada tentando solucionar um cubo mágico. A chance de conseguir as combinações corretas de cores é de 1 em 50.000.000.000.000.000. Essas chances são aproximadamente as mesmas de uma única proteína, dentre as 200.000 que temos no nosso corpo, ter evoluído aleatoriamente, por acaso.

Agora, imagine: se a vida que conhecemos tivesse surgido como fruto do acaso, quanto tempo teria levado? Para citar o biofísico Frank Allen:

As proteínas são constituintes essenciais de todas as células vivas, e elas são compostas por cinco elementos: carbono, hidrogênio, nitrogênio, oxigênio e enxofre, com possivelmente 40 mil átomos na pesada molécula. Como existem 92 elementos Natureza, todos distribuídos aleatoriamente, é possível calcular a chance desses cinco elementos se unirem para formar uma molécula, a quantidade de matéria que deve ser continuamente misturada e também o tempo de duração necessário para finalizar uma tarefa. O matemático suíço Charles Eugene Guye fez os cálculos e encontrou que as chances disso acontecer são de 1 em 10160, que é 10 multiplicado por si 160 vezes, um número longo demais para escrever por extenso. A quantidade de matéria a ser misturada para produzir uma única molécula de proteína seria milhões de vezes maior do que o universo inteiro. Para isso acontecer só na terra seriam necessários infindáveis bilhões de anos.

As proteínas são feitas de longas cadeias de aminoácidos. A forma como eles se unem é de extrema importância. Se for da forma errada, eles não sustentam a vida e podem atuar como venenos. O professor J.B. Leathes calculou que as conexões na cadeia de uma simples proteína podem ser de milhões de formas. É impossível que todas essas possibilidades tenham coincidido para construir uma molécula de proteína.

Mas as proteínas enquanto química não possuem vida. É somente quando a misteriosa vida entra em jogo que elas ganham vida (!). Só uma Mente Infinita, que é

Deus, poderia prever que tal molécula seria a morada da vida, construí-la e dar vida a ela.¹⁹

A ciência, na tentativa de calcular a idade do universo, chegou ao número de 50 bilhões de anos. Mesmo uma duração dessas é curta demais para que as moléculas necessárias para formar a proteína tenham surgido de forma fortuita. Quando se aplicam as leis do acaso à probabilidade de um evento ocorrer na Natureza, tal como a formação de uma única molécula de proteína a partir dos elementos, mesmo se déssemos 3 bilhões de anos para a idade da terra ou mais, não seria tempo suficiente para a ocorrência desse evento.²⁰

Há diversas formas em que a idade da terra pode ser calculada a partir do momento em que ela se solidificou. O melhor de todos os métodos é baseado em mudanças físicas nos elementos radioativos. Por causa da emissão constante ou decaimento de suas partículas elétricas, eles são gradualmente transformados em elementos não radioativos, e a transformação do urânio em chumbo em especial é que nos interessa. Estabeleceu-se que essa taxa de transformação permanece constante independente das temperaturas extremamente altas ou das pressões intensas. Desta forma, podemos calcular por quanto tempo o processo de desintegração do urânio tem sido feito debaixo de qualquer rocha examinando o chumbo que se formou a partir dele. E uma vez que o urânio existe debaixo das camadas rochosas da terra desde a época de sua solidificação, podemos calcular a partir de sua taxa de desintegração o momento exato em que a rocha se

solidificou. Em seu livro “*Human Destiny*”, Le Comte Du Nouy fez uma excelente análise detalhada desse problema:

É impossível, devido à tremenda complexidade da questão, determinar as bases para o cálculo que nos permitiria estabelecer a probabilidade da aparição espontânea da vida na terra (p. 33)

O volume de substância necessário para tal probabilidade acontecer está além da imaginação. Seria o de uma esfera com um raio tão grande que levaria 1.082 anos para cobrir sua distância. O volume é incomparavelmente maior do que o do universo inteiro, incluindo as galáxias mais distantes, cuja luz leva apenas 2 milhões de anos para chegar até nós. Em suma, nós teríamos que imaginar um volume maior do que um sextilhão, sextilhão, sextilhão de vezes maior do que o universo de Einstein (p.34).

A probabilidade de uma única molécula de alta dissimetria ser formada pela ação do acaso e agitação térmica normal continua praticamente nula. Certamente, se supusermos 500 trilhões de agitações por segundo (5×10^{14}), o que corresponde a ordem de magnitude da frequência da luz (comprimentos de ondas limitados entre 0.4 e 0.8 microns), encontraremos que o tempo necessário, grosso modo, para formar uma molécula assim (grau 0.9 de dissimetria) em um volume material igual ao do globo terrestre, é de cerca de 1×10^{243} anos (p.34)

Mas não devemos nos esquecer de que a terra só existiu

por 2 bilhões de anos até a vida aparecer há cerca de 1 bilhão de anos, tão logo ela resfriou (1×10^9 anos).

A vida em si nem está em questão, senão por uma simples substância que constitui os seres vivos. Agora, uma molécula não adianta nada. São necessárias centenas de milhões de moléculas idênticas. Nós precisaríamos de números muito maiores para “explicar” o aparecimento de uma série de moléculas semelhantes, a improbabilidade aumentando consideravelmente, como vimos para cada molécula (probabilidade da composição), e para cada série de sequências idênticas.

Se a probabilidade do aparecimento de uma célula viva pudesse ser expressa matematicamente, os números anteriores seriam desprezíveis. O problema seria deliberadamente simplificado para aumentar as probabilidades (p.35).

Eventos que precisam de um tempo infinitamente maior do que o tempo estimado de duração da terra para ter uma chance de se manifestar, mesmo que aceitássemos inúmeros experimentos, reações e agitações por segundo, podem, ao que parece, ser considerados como impossíveis no sentido humano (p36).

É absolutamente impossível dar conta, cientificamente, de todos os fenômenos relativos à vida, seu desenvolvimento e evolução progressiva, e a menos que os fundamentos da ciência moderna sejam derrubados, esses fenômenos são inexplicáveis.

Deparamo-nos com uma lacuna no nosso conhecimento.

Há um vácuo entre a matéria viva e a matéria inanimada que nós não fomos capazes de transpor (p.36).

As leis do acaso não conseguem dar conta de explicar o fato de que as propriedades da célula nascem fora da coordenação da complexidade e não na complexidade caótica de uma mistura de gases. Essa coordenação contínua, hereditária e transmissível escapa totalmente às leis do acaso.

As oscilações nas taxas não explicam fatos qualitativos, elas apenas nos permitem conceber que não são qualitativamente impossíveis (p. 37).

Tais cálculos mostram que decorreram pelo menos 1,4 milhão de anos desde que o processo de solidificação das rochas aconteceu. Essas estimativas são baseadas em um estudo daquelas rochas conhecidas como sendo as mais antigas do nosso planeta. J.W. Sullivan diz que a idade da terra é de dois bilhões de anos - uma estimativa moderada de sua parte. Quando um período de trilhões e trilhões de anos é necessário para que uma única molécula proteica sem vida se desenvolva de forma puramente aleatória, devemos nos questionar como mais de 100 mil espécies de animais com corpos totalmente desenvolvidos, e mais de 200 mil espécies de plantas poderia ter se originado na superfície da terra dentro de um período relativamente curto de 2 bilhões de anos.

E como é que inúmeros membros de cada espécie se reproduziram e se espalharam pela terra e pelos oceanos? É realmente concebível que em tão curto espaço de tempo,

uma criatura superior como o homem, tenha evoluído de organismos vivos inferiores, e tudo isso por mero acaso?

A teoria da evolução é baseada em uma determinada incidência de mutações ao acaso - variações acidentais - dentre as diferentes espécies. E mesmo supondo que mutações raras, conferindo 1% de desvantagem, ocorressem vez ou outra, o quanto rápido elas poderiam se acumular em uma espécie? Patan, em sua obra *“Mathematical Analysis of the Evolution Theory”*, mostrou que seriam necessárias 1 milhão de gerações para resultar em uma reprodução populacional dessa nova mutação. Certamente, mesmo considerando os longos períodos de tempo postulados pelos geólogos, é difícil ver como um animal relativamente moderno como o cavalo pode ter evoluído de seu suposto ancestral, cão de cinco dedos, desde o Eoceno, relativamente recente.²¹

Essa análise detalhada foi feita simplesmente para expor o absurdo da teoria de “ocorrência por acaso”. Nem um átomo ou uma molécula, nem a mente que investiga como o universo se originou, poderiam ter surgido por mero acaso. Não importa quanto longo seja o período presumido, a teoria da ocorrência por acaso é impossível, não apenas do ponto de vista matemático, mas do ponto de vista do senso comum. Enquanto teoria, ela não possui nenhuma relevância.

Um psicólogo norte-americano, Dr. Andrew Conway Ivy, escreveu: “É muitas vezes mais absurdo acreditar que essa cadeia fortuita surgiu do nada, e que foi por acaso, do

que acreditar que alguém poderia encontrar um mapa do mundo derramando água de uma garrafa no chão”.²²

Devemos então perguntar também de onde vieram o chão, a força gravitacional da terra, o vidro e a água, para fazer acontecer essa ocorrência do acaso.

Haeckel, destacado biólogo, afirmou: “Dê-me ar, água, elementos químicos e tempo, e eu farei um homem”. Tal alegação implica necessariamente que Deus não é necessário para tal feito. Mas ao admitir a presença anterior do homem - ele mesmo - e as condições materiais essenciais para o sucesso de seu projeto, ele demonstrou involuntariamente a vacuidade de tal noção.

O Dr. Morrison disse acertadamente: “Ao dizer isso, Haeckel ignorou o problema dos genes e da vida em si. Fazer surgir um homem, antes de tudo, ele precisaria obter átomos. Então, após juntá-los em uma ordem específica, ele teria de construir um gene e nele inserir a vida. Mesmo assim, a probabilidade de sua criação ao acaso seria de uma em 10 milhões. Mas mesmo supondo que ele tivesse sucesso nisso, ele não poderia chamar de acidente. Ao contrário, ele consideraria que foi o resultado de sua própria inteligência”.²³

Na afirmação de crença a seguir, o físico norte-americano George Earl Davis, faz talvez o melhor resumo da situação: “Se um universo pudesse criar a si mesmo, então ele incorporaria os poderes de um Criador, de um Deus, e nós seríamos forçados a concluir que esse universo em si é um Deus. Assim, a existência de Deus seria admitida,

mas na forma peculiar de um Deus que é sobrenatural e material. Eu escolho crer que um Deus foi quem criou um universo material não semelhante a Si, mas denominado e permeado de Si".²⁴

NOTAS

1. “Je pense, donc je suis.”
2. John Stuart Mill, *Autobiography* (New York, Columbia University Press, 1960), p.30.
3. *Evidence of God*, pp. 50-51.
4. *The Mysterious Universe*, p. 133.
5. Sir Arthur Stanley Eddington (1882-1944), distinto físico e astrônomo britânico.
6. *The Mysterious Universe*, p. 169.
7. *Encyclopaedia Britannica*, Vol. I, p. 954.
8. *The Age of Analysis*, p. 85.
9. *Please Explain*, pp. 65-65.
10. *The Age of Analysis*, p. 33.
11. *Man Does Not Stand Alone*, pp. 78-79.
12. *The Evidence of God*, pp. 74-75.
13. Lyon, Buckman and Brady, *The Nature and Properties of Soils*.
14. Quran, 31:27.
15. Quoted by Sir James, *The Mysterious Universe*, pp. 3-4.
16. *The Evidence of God*, p. 174.
17. *Ibid.*, p. 23.
18. Citado por V.H. Mottram no British Broadcasting Corporation, em 22 de abril de 1948.
19. *Evidence of God*, pp. 23-24.
20. *The Evidence of God*, p. 160.

21. *Ibid*, p. 117.
22. *Ibid*, p. 239.
23. *Man Does Not Stand Alone*, p. 87.
24. *Ibid*, p. 71.

ARGUMENTO PARA A VIDA FUTURA

Um dos mais importantes princípios da religião é o da vida futura. Após a morte, os seres humanos deixarão este mundo efêmero e, no Dia do Juízo Final, entrarão em outro mundo, que será eterno. Este mundo não é senão um local de provação para o homem, ao longo de todo o período de sua vida ele está em provação. Quando chegar o momento da prestação de contas, Deus irá destruir este mundo e substituí-lo por outro mundo criado em um formato totalmente diferente. Todos os seres humanos serão ressuscitados e apresentados perante o Todo-Poderoso para serem julgados: é aí então que eles serão recompensados ou punidos, de acordo com os méritos e deméritos de suas ações nesta terra.

Vamos agora analisar esse conceito a partir de diferentes pontos de vista e determinar se é correto ou não acreditar nessa probabilidade.

PROBABILIDADE

A questão que surge é relativa ao possível advento de uma vida futura no atual sistema do universo. Existe algum evento ou indicativo que fundamente essa visão?

A primeira coisa que esse conceito de outro mundo pressupõe é que o homem e o universo, em seus formatos atuais, não são eternos. A partir de toda a gama do conhecimento humano até o presente, esse fato se apresenta como indiscutível. Nós todos sabemos, sem a menor sombra de dúvida, que para ambos, homem e universo, a morte é um destino inevitável.

O maior desejo daqueles que não creem no outro mundo é converter este mundo em um paraíso de felicidade eterna. Pesquisas sobre a(s) causa(s) da morte foram feitas para que ela possa ser evitada, tornando assim o ser humano um imortal. Mas o insucesso dessas pesquisas é abismal, e, a cada tentativa sem sucesso surgia nos pesquisadores o entendimento do quão inelutável ela é.

Por que a morte acontece? Cerca de duzentas explicações foram dadas para ela. Declínio orgânico do corpo, exaustão dos constituintes, o atrofamento das veias, redução nos níveis de albumina, desgaste dos tecidos, liberação de enterotoxinas por bactérias intestinais, que se espalham pelo corpo, entre outros.

O conceito do declínio corporal parece ser correto. Máquinas, sapatos, vestimentas, todos esses materiais são coisas que se desgastam com o passar do tempo. Existe uma possibilidade patente de nosso corpo ficar desgastado também, mais cedo ou mais tarde, assim como uma roupa fica desgastada. Mas a ciência atesta apenas parcialmente o declínio corporal, pois o corpo humano é diferente de uma vestimenta, máquina ou pedra. Ele deve ser comparado a um rio que vem fluindo por milhares

e milhares de anos e continua fluindo da mesma forma até hoje. Podemos mesmo dizer que um rio envelhece ou fica estagnado? O químico norte-americano Dr Carl Linus Pauling, vencedor de dois Prêmios Nobel (um de química em 1954 e um Nobel da Paz em 1962) observa que teoricamente o homem é moldado, em grande parte, em um “molde eterno”, sendo as células no corpo humano como máquinas que removem automaticamente suas falhas. Apesar disso, o homem envelhece e morre.

Mas deixemos a morte por um momento e vejamos a vida. Nossos corpos são constantemente submetidos a um processo de renovação. As moléculas de albumina presentes em nossas células são continuamente produzidas, destruídas e reproduzidas, A células (com exceção das células nervosas) são regularmente destruídas e substituídas por células recém formadas. Foi estimado que o sangue do corpo humano se renova completamente no curto período de cerca de quatro meses. E, em alguns anos, todos os átomos do corpo humano são totalmente substituídos. Isso mostra que o homem é mais parecido com um rio do que uma mera estrutura de carne e osso. Em resumo, o corpo humano está constantemente passando por processos de mudança. Sendo assim, todos os conceitos sobre o corpo ir envelhecendo e se desgastando são vistos como sem base. Considere que no curso normal dos eventos, as causas indiretas de morte, como ferimentos, vários tipos de deficiências, o entupimento das artérias, o desgaste muscular, dos tecidos etc, são geralmente tratados, pouco a pouco, pelos próprios

processos do corpo (às vezes com a ajuda de tratamento médico), mas de toda forma, são eliminados com o passar do tempo, sem terem, seja isoladamente ou em conjunto, causado o início da morte. Normalmente é mais tarde na vida que a morte acontece. Como então esses ferimentos, deficiências etc podem ser apontados como responsáveis pela morte do corpo? Isso implicaria dizer que a causa da morte não está nos intestinos, nas veias ou no coração, mas em outro lugar.

Outra explicação é que as células nervosas são a causa da morte porque elas seguem inalteradas ao longo da vida e nunca são substituídas. Então o número de células nervosas no corpo humano declina ano após ano, e com isso enfraquece o sistema nervoso como um todo. Se for correto dizer que o sistema nervoso é o calcanhar de Aquiles do corpo humano, então seria reciprocamente correto dizer o contrário, que o corpo que não tem um sistema nervoso seria capaz de sobreviver pelo período mais longo.

Mas a observação não concorda com essa opinião. Uma árvore, que não possui sistema nervoso, sobrevive por um tempo muito maior que o homem, e na verdade, sobrevive por mais tempo do que outras plantas. Mas o trigo, que também não tem um sistema nervoso, sobrevive apenas por um ano. E a ameba, com um micro sistema nervoso, sobrevive por apenas meia hora. Esses exemplos não parecem implicar o inverso, ou seja, que os animais pertencentes a espécies superiores, com sistema nervoso perfeito, deveriam viver mais. Mas esse não é o

caso também. Criaturas relativamente inferiores na escala evolutiva, como os crocodilos, as tartarugas e os peixes, são os que sobrevivem por mais tempo.

Todas as investigações feitas até agora com o objetivo de mostrar que a morte não precisa ser uma certeza, provaram ser um insucesso absoluto. Ainda permanece o fato de que um dia todos os seres humanos devem morrer. Não há como evitar a morte. O Dr. Alexis Carrel, francês vencedor do Prêmio Nobel, que fez uma pesquisa avançada na cultura de tecidos, discutiu esse problema extensamente, sob o título de *"Inward Time"* (Tempo Interior, em tradução livre):

O homem nunca irá se cansar de buscar a imortalidade. Ele não a obterá, porque está submetido a determinadas leis de sua constituição orgânica. Ele pode conseguir retardar, talvez até reverter até certo ponto, o avanço inexorável do tempo psicológico. Mas ele nunca vencerá a morte.¹

Anomalias na organização da atual configuração do universo, que periodicamente resultam em calamidades menores, são indicativos do que vai acontecer em escala maior, em algum momento no futuro.

O terremoto é o fenômeno terrestre que mais obviamente nos avisa sobre o possível advento do Último Dia. Na verdade, o interior da terra é composto de um magma semifundido em brasa, que é periodicamente expulso através da atividade vulcânica na forma de lava. Às vezes, pode-se sentir vibrações intensas da crosta da terra. Elas

são produzidas pelo encolhimento do globo devido ao processo de resfriamento que vem acontecendo há eras. De tempos em tempos, o enrugamento da superfície da terra assume proporções gigantescas e os terremotos ocorridos são como um ataque unilateral da natureza contra o homem, no qual a natureza definitivamente tem a maior vantagem. “Quando nos lembramos de que somente uma crosta rochosa e fina, se comparada com a casca de uma maçã, é o que nos separa do magma no interior do nosso planeta, nós não nos perguntamos se os habitantes na superfície são frequentemente lembrados do ‘inferno físico’ existente por baixo dos pacíficos campos e mares azuis”.²

Tais terremotos ocorrem quase todos os dias em graus variados de intensidade, algumas regiões sendo mais sujeitas a terremotos do que outras. Os terremotos que abalaram Shensi, uma província na China, é o terremoto mais antigo, dentre os mais altamente destrutivos, já registrado na história dos terremotos. Ele aconteceu no ano de 1556, e levou mais de 800 mil vidas. Igualmente, em 1º de novembro de 1755, um vulcão entrou em uma erupção catastrófica em Portugal, destruindo totalmente toda a cidade de Lisboa. Durante o terremoto, dentro de seis minutos, 30 mil pessoas morreram e todas as construções foram destruídas. Calculou-se que esse terremoto fez tremer uma área igual a quatro vezes o tamanho da Europa. Outro terremoto de mesma intensidade sacudiu a cidade Assam, na Índia, em 1877. Ele ficou conhecido como um dos cinco terremotos mais

violentos e devastadores já registrados. Toda a parte norte de Assam foi catastroficamente sacudida, o curso do rio Brahmaputra foi desviado e o Monte Everest aumentou sua altura em 30 metros.

De fato, um terremoto é um pequeno lembrete do dia da ressurreição. Quando a terra for dividida com um terrível estrondo, quando as construções começarem a desmoronar como cartas de um baralho, quando as camadas superiores da terra forem abertas e o interior da terra for “vomitado”, quando as cidades pulsando vida forem reduzidas a cinzas em questão de minutos, quando a terra estiver coberta de cadáveres, como cardumes de peixes lançados à beira do mar, o homem perceberá seu desamparo perante a natureza. O que é mais trágico em relação aos terremotos e às erupções vulcânicas é o fato de que ninguém consegue prever quando ou onde eles irão acontecer. E, quando eles acontecem, tudo acontece em um flash, deixando pouco ou nenhum tempo para escapar. O dia da ressurreição virá sobre nós de repente, assim como um terremoto. Tais catástrofes naturais demonstram incrivelmente a capacidade de Deus de destruir a terra a qualquer momento.

Eventos ainda mais aterrorizantes acontecem nos confins do universo. Na infinitude do espaço, inumeráveis e gigantescas fogueiras - as estrelas - estão girando descontroladamente como piões dançando em uma velocidade intensa em vazios inimagináveis. Nem mesmo o mais rápido dos nossos foguetes poderia esperar alcançá-los, tão rápido são seus movimentos. Nesse processo,

corpos celestes podem ser comparados a 10 milhões de aviões bombardeiros pesadamente carregados, que após voar por eras a fio pelo espaço, podem de repente colidir uns com os outros. Estudos em astronomia confirmaram que essa é uma possibilidade real, e não seria surpresa se eles colidissem (surpreendente seria se não colidissem!). Nossa sistema solar pode muito bem ser o resultado de uma colisão desse tipo. Se pudermos visualizar tal colisão acontecendo em uma escala enormemente larga, o dia da ressurreição não parecerá mais ser impossível, nem mesmo será uma possibilidade tão remota como talvez tenhamos primeiro imaginado. Aqueles que acreditam no conceito da vida futura argumentam que virá um tempo quando as forças da destruição, que estão presentes no universo em diversas formas “embrionárias”, um dia assumirão proporções gigantescas. O que é latente hoje certamente se manifestará amanhã, e o dia da ressurreição que está por vir será uma realidade. Hoje nós o apreendemos como uma possibilidade: amanhã nós iremos testemunhá-la como fato.

Quando o Qiyamah (o Último Dia) for aceito como uma probabilidade, a segunda questão a se fazer deve ser: “Existe mesmo vida após a morte?”. A resposta para isso tende a ser, hoje e dia, uma resposta negativa, porque nós estamos acostumados a pensar na vida em termos de todos os elementos materiais do quais ela aparentemente se compõe. Nós pensamos no desenvolvimento da vida quando todos os elementos mencionados acima são colocados em uma ordem específica, por conseguinte

pensamos na morte como uma quebra dessa ordem e, consequentemente, enxergamos toda possibilidade de vida após a morte.

T.R. Miles considera o conceito de ressurreição como uma verdade simbólica e se recusa a aceitá-la de forma literal:

Parece-me que existe um argumento que considera a afirmação “Pessoas têm experiências após a morte” de forma literal e factualmente significativa, passível em princípio de ser verificada ou rejeitada por experimento. A única dificuldade, nesse caso, é que até morrermos, não há meios de descobrir a verdadeira resposta. A especulação é possível, é claro. Por exemplo, pode-se argumentar que de acordo com a neurologia, a noção de espaço ocupado por nossos corpos (e das relações espaciais em geral), é possível somente quando o cérebro está funcionando normalmente, e que após a morte, quando o cérebro se desintegra, tal percepção não é mais possível.³

Mas existem algumas suposições que sugerem que a desintegração das partículas materiais do corpo não encerra a vida. E essas suposições têm peso considerável. Nós devemos estar preparados para reconhecer que a vida tem uma identidade distinta e independente que sobrevive apesar das mudanças nas partículas materiais. Sabe-se que o corpo humano é composto de determinados elementos específicos chamados de células. Elas são as unidades fundamentais das criaturas animadas, e são compostas por partículas microscópicas com uma estrutura altamente

complexa. O homem é feito de trilhões de células. É como se as células fossem micro tijolos⁴ na construção do ser humano. Mas, ao passo que os tijolos continuam iguais à época da construção, as células humanas sofrem um processo constante de transformação, conhecido como metabolismo celular.

Quando uma máquina está em funcionamento, ela passa por um processo gradual de deterioração: assim também nossa máquina corporal está em estado contínuo de deterioração. Os “tijolos” são constantemente corroídos e destruídos no curso normal de nossa vida cotidiana. Mas nós compensamos essa perda através da alimentação. Uma vez digerida, ela produz diversas formas celulares que equilibram qualquer deficiência física. Na verdade, nossos corpos são um conjunto de células que está sempre em processo de mudança. É como um rio amplo que está sempre cheio de água, sem que a água permaneça a mesma. A todo o momento a água velha é substituída pela nova. O recipiente permanece o mesmo, mas a água flui.

Nossos corpos passam por tantas mudanças que chega um momento em que todos os “tijolos” foram corroídos e substituídos por “tijolos” novos. Durante a infância, esse processo é acelerado. Mas, com o envelhecimento, esse processo fica cada dia mais lento. Ao longo da vida, em geral, todas as células do corpo são renovadas a cada dez anos. Esse processo de morte e decomposição do corpo segue contínuo, enquanto o homem sobrevive em sua forma original. Em todos os estágios da vida, ele pensa que é o mesmo homem que era no passado, e isso apesar

de nenhum de seus traços - olhos, orelhas, nariz, mãos, pernas, cabelos, unhas etc - permanecerem os mesmos.

Agora, se junto com a morte do corpo, o homem que o habita morre também, ele deveria ser reduzido ou esgotado de alguma forma através da total substituição de suas células. Mas isso não acontece. Ele permanece distinto e independente do corpo, e retém sua identidade a despeito da morte e do declínio do corpo. O homem é como um rio. E a personalidade humana é como uma ilha, nunca afetada pelo fluxo incessante de células. É por isso que os cientistas consideram a vida, ou a personalidade humana, como uma entidade independente que permanece constante face à mudança contínua. Ele afirma que a "personalidade é imutável na mudança". Agora, se a morte significa o fim do corpo, podemos então dizer que sempre que houver a substituição total das células do corpo, o homem morre. E que se nós o vemos vivo, então ele ressuscitou. Ou seja, um homem de 55 anos experimentaria a morte pelo menos cinco vezes ao longo de seu breve tempo de vida. Se um homem não experimenta a morte corporal cinco vezes seguidas com intervalos de dez anos, como é que nós justificamos acreditar que, no fim das contas, ele realmente vai deixar de viver?

Aqueles que consideram esse argumento aceitável - e a filosofia moderna, em geral, se opõem ao conceito de que a alma é uma entidade independente - irão insistir que a mente, ou a entidade interior chamada homem, não desfruta realmente de uma existência independente.

O homem é simplesmente o resultado da interação entre o corpo e o mundo exterior. Todos os sentimentos e pensamentos do homem se desenvolvem no curso de um processo material, assim como a fricção de dois pedaços de metal causam calor. Sir James Jeans defende que a consciência é uma mera função ou um processo, e os filósofos contemporâneos defendem que a consciência não é mais do que uma resposta nervosa ao estímulo externo. De acordo com esse conceito, uma vez que o homem morre, ou seja, quando ele se desintegra biologicamente, não pode haver dúvidas de sua sobrevivência, porque o sistema nervoso, que interage com o mundo externo e produz um conjunto de respostas a que chamamos “vida”, não mais existe após a morte. O conceito de vida após a morte visto dessa maneira parece irracional e desconexo da realidade.

Eu gostaria de mencionar nesta conjuntura, que se esse for o resumo da total existência do homem, nós certamente estamos em posição de criar um homem - um ser vivo consciente. Hoje nós temos muito conhecimento sobre os elementos que compõem o corpo humano. Todos eles são obtidos em abundância na superfície da terra e na atmosfera. Examinamos detalhadamente o sistema interno do corpo com um “olho” microscópico e temos plena ciência de como foram formados o esqueleto, as veias etc. Além do mais, temos acesso ao serviço de tantos artistas talentosos que conseguem copiar perfeitamente o corpo humano! Se os antagonistas do conceito de alma estiverem realmente convencidos de que suas opiniões

estão corretas, eles deveriam provar, construindo corpos “humanos”, depois os colocando em circunstâncias onde eles recebam uma quantidade e tipo de estímulos e depois demonstrem ao resto do mundo como esses corpos inertes começam a se mover e falar em resposta ao ambiente. O próprio fato de o homem não poder criar outro homem de forma artificial, de que nenhum homem consegue soprar uma faísca de vida em um monte de carne sem vida, deveria ser o suficiente para convencê-los de que há muito mais sobre a vida do que permutações e combinações de formas celulares.

Além de nos preocuparmos com a probabilidade de sobrevivência após a morte, devemos também olhar para esse problema pelo ângulo de a que propósito se serve quando se tem fé em tal conceito. A religião deixa claro que a vida não é, como disse Nietzsche, um ciclo cego e sem significado de vida, morte e ressurreição, como uma ampulheta sendo esvaziada vez após vez, sem qualquer motivo. Ao contrário, ela é um tempo de teste para toda a humanidade, e a vida após a morte é o tempo de recompensa ou punição. O propósito da crença em tais princípios religiosos, portanto, é fortalecer a fibra moral da sociedade, inculcando nos indivíduos o termo a Deus - do qual ela é composta.

O advento da vida após a morte assume um alto grau de credibilidade quando nós vemos, surpreendentemente, que as ações cotidianas de cada ser humano são instantaneamente registradas no universo a todo o momento. A personalidade humana se manifesta de

três formas: intenções, palavras e ações. Todas as três manifestações estão sendo preservadas por inteiro, todas sendo impressas em uma tela cósmica de tal maneira que sua reprodução exata é uma possibilidade instantânea. Nenhum detalhe da vida da pessoa na terra será segredo. Será possível saber quem optou pelo caminho de Deus e quem optou por seguir o demônio, quem obteve inspiração com os anjos e quem trilhou os caminhos do mal.

Como nós nos esquecemos dos pensamentos que passam pela nossa mente, nós imaginamos que eles foram apagados de nossas memórias para sempre. Porém, quando nós sonhamos com um evento já há muito esquecido, ou quando alguém sofrendo com algum problema mental revela coisas relacionadas a um passado muito distante e nem vagamente lembrado, fica evidente que a memória humana não está confinada a apenas uma parte da existência que é experimentada conscientemente. A pessoa pode não estar consciente de certos comportamentos da memória humana, mas eles existem mesmo assim. Vários experimentos provaram que todos os nossos pensamentos estão preservados para sempre na forma em que eles existiram pela primeira vez. E mesmo que quiséssemos, não conseguiríamos eliminá-los de nossa memória. Tais pesquisas revelaram que a personalidade humana não tem base apenas na parte consciente do cérebro. Ao contrário, há outra parte maior da personalidade humana que existe abaixo do nível consciente. Freud chamou essas partes de subconsciente e inconsciente. A personalidade humana é como um iceberg, cuja ponta - 1/9 de seu

volume total - fica visível acima da superfície do oceano, enquanto que as outras oito partes restantes permanecem submersas, portanto, ocultas da visão. É nessa parte oculta, o subconsciente, que todos os nossos pensamentos e intenções são preservados. Na 31^a aula, Freud explica:

As leis da lógica - acima de tudo, a lei da contradição - não valem para os processos do ID. Impulsos contraditórios existem lado a lado sem neutralizar ou afastar uns aos outros. No máximo, eles se combinam em conciliações, sob pressão econômica dominante, visando a liberação da energia. Não há nada no ID que possa ser comparado à negação, e com surpresa percebemos nele uma exceção ao teorema dos filósofos de que espaço e tempo são formas necessárias para nossos atos mentais. Não há nada no ID que corresponda à ideia de tempo, não há reconhecimento do tempo e não há alteração dos processos mentais com a passagem do tempo (coisa muito singular que aguarda atenção apropriada do pensamento filosófico). Impulsos plenos de desejo que nunca foram além do ID, ou mesmo as impressões que foram mergulhadas no ID pela repressão, são praticamente imortais e são preservadas durante décadas a fio, como se tivessem acabado de ocorrer.⁵

Essa teoria do subconsciente recebeu grande aceitação na psicologia, e esta, por sua vez, deu credibilidade à ideia de que todo pensamento bom ou mau que ocorre na mente está indelevelmente gravado na psique humana.

A passagem do tempo ou diferentes circunstâncias não causam a mínima mudança ao ocorrerem. Esse processo de registro do pensamento acontece de forma independente, goste o ser humano ou não.

No entanto, Freud falhou em equilibrar o propósito da natureza de aguentar tantas dores para preservar um registro das nossas intenções, e o resultado disso no subconsciente. Ele então acreditou ser necessário convidar os filósofos a ponderar sobre o assunto. Mas quando olhamos para esse fenômeno em relação ao conceito de vida após a morte, nós compreendemos imediatamente seu significado. Ele mostra claramente o advento da vida após a morte como uma probabilidade distinta, como o momento em que cada ser humano será confrontado com um registro completo e preciso de suas ações na terra. Sua própria entidade será evidência de que os pensamentos e intenções foram o que o guiou ao curso de sua existência terrena.

“E com efeito criamos o ser humano e sabemos o que a alma lhe sussurra. E Nós estamos mais Próximos dele que a veia jugular”.⁶

Vamos considerar o que acontece com as palavras do homem.

“Ele não profere dito algum sem que haja, junto dele, um observante presente”.⁷

Não importa se suas palavras são doces ou amargas,

verdadeiras ou falsas, boas ou ruins, cada uma delas está cosmicamente registrada, e o homem será convocado a prestar contas delas, pois esse registro será consultado no Dia do Juízo Final.

Quando um homem mexe sua língua para proferir algumas palavras, esse movimento produz ondas no ar, assim como uma pedra que cai na água produzirá ondulações na água. Se inserirmos uma campainha elétrica em um pote hermético, retirarmos todo o ar para que a campainha fique no vácuo e passarmos uma corrente elétrica por ele, ele tocará, mas o som será quase que inaudível, porque as ondas sonoras da campainha não conseguem passar do vácuo para nossos ouvidos. O único som que será audível será o que vem pelos fios condutores da corrente elétrica, e ele será tão extremamente fraco que será quase indetectável. É somente quando as ondas passam livremente pelo ar que elas atingem o tímpano da orelha, possibilitando o aparelho auditivo conseguir captá-las e transmiti-las ao cérebro, fazendo que com possamos entender o que ouvimos, seja o som de uma campainha ou um passarinho cantando ou uma série de palavras ditas.

Foi comprovado que as ondas sonoras, uma vez produzidas, continuam a existir para sempre na atmosfera. Apesar de nossa tecnologia ainda não ser avançada o suficiente para nos permitir captar e reproduzir esses sons, a ciência está dando saltos tão gigantescos rapidamente rumo a isso que será só uma questão de tempo até que sejamos capazes de conseguir. Foi aceito, em tese, que nós temos os meios físicos para ouvir sons produzidos em épocas antigas,

assim como nós recebemos os sons transmitidos pelas estações de radiodifusão e o rádio os torna inteligíveis para nós. Os obstáculos para conseguir captar os sons de épocas antigas são menos do que as dificuldades que separam os sons individuais da complexa mistura de ruídos produzida em qualquer momento. As mesmas dificuldades ocorrem na transmissão. Existem centenas de estações de rádio no mundo, todas transmitindo simultaneamente inúmeros e variados tipos de programa à velocidade de mais de 200 milhões km/s. Pode-se imaginar que os sons recebidos seriam confusos e incompreensíveis por causa de sua velocidade, grande número e ampla difusão. Mas isso não acontece porque as diferentes estações de rádio transmitem seus respectivos programas em ondas de diferentes frequências, algumas curtas, outras longas, e nós só precisamos ajustar nossos rádios à banda correta para podermos ouvir a qualquer programa desejado sem a interferência de outros sons.

A técnica de segregação natural dos sons ainda precisa evoluir. Mas o próprio fato de que já existem técnicas com as quais os transmissores e receptores de rádio separam sons artificiais é uma forte indicação de que, em algum momento no futuro, nós estaremos em posição de ouvir sons distintos e naturalmente produzidos. Então, nós teremos um registro em primeira mão de todos os períodos da história humana por meio dos sons produzidos naquela época. Quando essa possibilidade for aceita, e for compreendido que o discurso do homem foi perfeitamente registrado na natureza, todos serão chamados a prestar contas por suas boas e más ações.

Foi divulgado que quando o antigo Primeiro Ministro do Irã foi colocado em detenção, um gravador funcionando 24h por dia foi secretamente introduzido em sua cela, para que cada palavra dita por ele fosse gravada e usada como evidência contra ele no tribunal. De modo semelhante, os anjos invisíveis de Deus pairam constantemente sobre cada indivíduo na superfície da terra, registrando com acurácia infalível sobre um disco cósmico, cada pensamento, palavra e ação.

Como suas ações são documentadas? Estudos científicos mostraram, surpreendentemente, que todas as nossas ações, sejam públicas ou privadas, diurnas ou noturnas, permanecem na atmosfera em forma fotográfica. Essas fotografias podem ser utilizadas a qualquer momento para desvendar os segredos mais íntimos de uma vida inteira.

Pesquisas recentes mostraram que todos os objetos emitem ondas de calor continuamente (contanto que estejam em ambiente de temperatura menor) não importa se está escuro ou iluminado, em movimento ou em repouso. Por exemplo, suponha que após me sentar nesta sala, escrevendo este texto, eu me levante e saia da sala. As ondas de calor emitidas pelo meu corpo enquanto eu estava sentado ainda estarão lá. Com o auxílio de um termógrafo, uma invenção agora em uso na Grã-Bretanha e nos EUA, pode-se fazer uma completa fotografia minha. Uma vez que esse aparelho funciona por meio de raios infravermelhos, que podem penetrar a escuridão, não importa se as imagens forem feitas sob a luz ou no escuro. Porém, os termógrafos em uso atualmente só conseguem registrar as ondas de calor emitidas poucas horas antes.

Alguns anos atrás nos EUA, houve um caso interessante de um termógrafo resolver um mistério. Um avião não identificado foi visto sobrevoando a cidade de Nova Iorque. Depois, de repente, ele desapareceu. Surgiram suspeitas das autoridades, foram tiradas fotografias com o termógrafo. Um estudo dessas imagens revelou o design desse avião.⁸

Comentando esse evento, o “The Hindustan Times”, Nova Déli, observou que em um futuro próximo, nós seremos capazes de assistir a história em uma tela. E é bem provável que tal série de fatos estranhos será revelada assim como irá mudar drasticamente toda a nossa concepção de passado.

O incrível desempenho e resultados dessa invenção nos mostra como nossas ações podem ser documentadas em uma escala cósmica, assim como todas as ações de atores e atrizes em um set de filmagem são capturadas e registradas em um filme pelas câmeras de rápido movimento e foco nítido do mundo dos filmes. Quer você atinja uma pessoa ou ajude outra a carregar um fardo, quer você trave batalhas por uma causa nobre ou incline-se a colaborar com as más ações dos outros, quer você esteja na luz, em movimento ou em repouso, todas as suas ações estão sendo impressas em uma tela cósmica. Isso está acontecendo a cada minuto em cada casa. Não há como impedir isso.

Quando uma história é filmada, ela pode ser projetada em uma tela em locais distantes e após longos intervalos. As pessoas a assistem como se estivessem no local, testemunhando tudo como se estivesse acontecendo ali mesmo naquele momento. Exatamente da mesma

maneira, uma imagem completa das boas e más ações dos indivíduos nesse mundo pode ser exposta perante ele no dia da Ressurreição com detalhes tão precisos que o farão dizer, perplexo: “Por que razão este Livro não deixa nem coisa pequena nem coisa grande, sem enumerá-la?”.⁹

A partir da discussão acima, fica claro como um registro completo de cada ação está sendo infalivelmente feito. Cada pensamento que vem a nossa mente e cada palavra que dizemos estão preservadas na eternidade. Nós somos perseguidos por “câmeras” que não são afetadas pela escuridão ou pela luz, e que seguem documento nossas vidas ininterruptamente.

O que acontece é muito semelhante ao destino de motoristas imprudentes, que descaradamente cometem infrações de trânsito, sem perceber que cada movimento está sendo capturado por câmeras de circuito fechado. Um infrator desses foi o condutor de um riquixá que abandonou seu veículo em uma área onde era proibido estacionar em Déhli, no início dos anos 1980.

O sistema era recente naquela época, então ele não tinha ideia de que estava sendo observado. Quando ele foi advertido por um policial, ele tentou fingir que tinha acabado de desembarcar um passageiro e que já estava indo embora. O policial prontamente o levou ao inspetor de trânsito na sala de comando, onde ele viu a filmagem de seus movimentos - estacionando sem nenhum passageiro, caminhando, papeando com amigos, e finalmente sua conversa com o policial a quem ele tinha tentado convencer que era inocente! Naturalmente, quando ele viu a filmagem, não tinha mais como se defender.

O registro cósmico possui um efeito semelhante, mas não como um caso esporádico. Ele funciona 24h por dia. E é como se não apenas nossas personalidades externas, mas também as nossas reflexões internas, estivessem sendo regularmente anotadas. Esse fenômeno surpreendente é explicado somente como meio de fornecer evidência contra ou a favor dos indivíduos, para ser usado no tribunal divino no Dia do Julgamento. Agora, mesmo que uma realidade tão dura falhe em convencer o homem de que será inelutavelmente convocado a prestar contas no dia fatídico, é impossível imaginar o que, em última análise, fará as vendas caírem de seus olhos.

O CONCEITO DE VIDA APÓS A MORTE COMO ALGO OBRIGATÓRIO

Nas páginas anteriores, o conceito de vida após a morte foi discutido com objetivo de averiguar se o advento da vida após a morte, conforme afirmado pela religião, era ou não uma probabilidade distinta no contexto da configuração atual do universo: foi satisfatoriamente estabelecido que ela deve acontecer. Agora, vamos ver se esse conceito é ou não uma necessidade no nosso mundo atual.

Antes de tudo, vamos tratar do aspecto psicológico. Um autor descreveu o dogma da vida após a morte como “agnosticismo alegre”.

Todos os pensadores materialistas da era atual concordam com essa mesma visão, em que eles acreditam que o homem tende a buscar por um mundo para si, no qual,

estando ele livre de todas as restrições e dificuldades deste mundo, ele possa vivenciar a liberdade e felicidade de seus sonhos. É essa tendência no homem, dizem eles, que gerou o conceito de uma segunda vida. Eles insistem que esse dogma é simplesmente o resultado de pensamento positivo, do desejo de se satisfazer com um alívio imaginário. Quem não almejaria, dizem eles, ser conduzido a um mundo perfeito dos seus sonhos após a morte? Eles consideravam que a realidade era outra e que tal mundo não existe. Porém, devemos ver o desejo do homem pelo paraíso e sua necessidade de habitá-lo após a morte como peças de evidência psicológica que embasam o conceito da vida após a morte. Se a sede de água indica a existência de água, e justifica a relação entre homem e água, então da mesma maneira o desejo por um mundo melhor mostra que tal mundo existe e está diretamente relacionado a nossas vidas. A história é testemunha do fato de que esse desejo por um mundo melhor foi evidenciado pelos seres humanos em escala universal desde tempos imemoriais.

Agora, parece um tanto impensável que algo irreal possa se estampar na mente humana em tão larga escala e de forma tão eterna e generalizada. Esse fato mesmo indica que um mundo melhor deve existir. Não seria nada menos do que perverso desconsiderar isso como uma realidade.

Fico sem entender aqueles que ignoram a existência de uma demanda psicológica tão forte. Como podem deixar de lado os argumentos a favor da vida após a morte, considerando-os inválidos? Se o desejo por

um mundo melhor é simplesmente o resultado de um conjunto de circunstâncias, como pode corresponder tão perfeitamente às aspirações humanas? Será que podemos citar qualquer outra coisa que permaneceu em consonância com os sentimentos humanos por um período de milhares de anos continuamente? A ideia de uma vida futura foi profundamente marcada na psicologia humana por tanto tempo quanto o tempo em que o homem existe. É inconcebível que essa seja uma falsa noção alimentada em mentes acríticas e desavisadas por homens de intelecto superior, porém deturpado.

Muitos dos desejos do homem permanecem não realizados nesse mundo. Ele anseia por uma vida eterna aqui neste mundo, mas tudo se encerra com a morte. Que ironia, geralmente é bem quando o homem, graças a seu conhecimento, experiência e esforço, está no limiar do sucesso, ele vai embora em seu auge, simplesmente desaparecendo da cena da vida. As estatísticas dos homens de sucesso em Londres, dentro da faixa etária de 45 a 65 anos, mostram que é quando eles estão bem estabelecidos nos negócios e atingem um alto nível de renda, que em um dia qualquer seus corações param de bater e eles partem deste mundo, legando aos outros seus negócios prósperos e expandidos. E então o que? Windwood Read comenta:

Para nós agora é uma questão de considerar se nós temos qualquer relação pessoal com o Poder Supremo; se existe outro mundo no qual seremos recompensados de acordo com nossas ações. Isso não é só um grande problema da filosofia, ele é também a mais prática de

todas as questões para nós, é aquela em que nossos interesses estão mais vitalmente envolvidos. A vida é curta e seus prazeres são poucos; quando alcançamos o que desejamos, já é hora de morrer. Se puder ser demonstrado que viver de uma determinada maneira nos fará obter felicidade eterna, então claramente ninguém, a não ser um louco, se recusará a viver de tal maneira.¹⁰

Mas o mesmo autor rejeita esse grande chamado da natureza, baseado em algumas dúvidas insignificantes:

Agora essa parece ser uma teoria bastante razoável contanto que nós não a examinemos em detalhe e contato que não consideremos suas proposições de forma total. Mas quando fazemos isso, vemos que ela nos conduz a um absurdo, como provaremos rapidamente. As almas dos idiotas, não sendo responsáveis por seus pecados, irão para o Paraíso, e as almas de homens como Goethe e Rousseau estão no castigo do inferno. Portanto é melhor nascer um idiota do que nascer um Goethe ou um Rousseau, e isso é completamente absurdo.¹¹

Sua rejeição é como a rejeição de Lord Kelvin em aceitar os resultados da pesquisa de Maxwell. Lord Kelvin afirmou que a menos que ele conseguisse desenvolver um modelo mecânico de qualquer coisa que fosse de forma científica, ele não confirmaria seu entendimento. É por isso que ele não aceitou sua teoria eletromagnética da luz, pois ela não cabia em um aparato material. Hoje, tal noção parece muito absurda no mundo da física. J. W. N. Sullivan

escreveu: “Depois de tudo, por que alguém iria supor que a natureza deve necessariamente ser algo que pode ser moldado por um engenheiro no séc. XIX e sua oficina?”.¹²

Em resposta à difamação de Winwood Reade ao conceito de outro mundo, eu diria: “Depois de tudo, que direito tem um filósofo do séc. XX de pensar que o mundo externo deve estar necessariamente de acordo com suas próprias suposições?”.

Windwood Reade não conseguiu entender o simples fato de que a realidade não depende do que se manifesta externamente. Ao contrário, o que é externo depende da realidade. Nossa sucesso está em aceitarmos e nos conformarmos com a realidade, em vez de ignorá-la, rejeitá-la e ir contra ela. Quando é uma realidade que existe um Deus desse universo e que todos nós iremos comparecer perante Ele para sermos julgados, torna-se obrigatório para cada indivíduo, seja Rousseau ou um simples camponês, ser fiel a Deus. Winwood Reade não sugere que Rousseau e Goethe deveriam se curvar para a realidade: ao contrário, ele espera que a realidade se adapte a eles. E quando a realidade não está pronta para se moldar conforme suas ideias, ele rejeita a realidade totalmente como se fosse absurda. Isso é tão sem sentido quanto considerar absurda a lei de proteção do sigilo militar porque sua aplicação pode levar, por exemplo, ao elogio exagerado do trabalho de um soldado qualquer, enquanto que cientistas como Rosenberg e sua esposa são condenados à morte na cadeira elétrica por revelarem segredos de guerra à antiga U.R.S.S. (1953). A justiça é

uma realidade, e é com isso que a lei se preocupa, não importa quão difícil sejam os resultados. Igualmente, o esquema divino imanente no universo está preocupado com a justiça de Deus, e se manifesta de diversas formas, o que pode parecer incompreensível, mas a isso devemos apreender e aceitar como sendo a realidade final e incontestável.

É fato pouco apreciado, porém altamente significativo que no mundo que conhecemos, o homem é o único ser que possui o conceito de “amanhã”. Ele é o único que pensa no futuro, e não apenas desejando melhorar sua vida futura, mas dando passos para que isso aconteça. A atividade cerebral envolvida é muito mais sutil e complexa do que os instintos que movem os animais, pássaros e insetos a serem providências - por exemplo, a formiga estoca comida para o inverno e o pássaro tecelão a tecer seu ninho para o nascimento de seus filhotes. Essas atividades acontecem não como resultado de um planejamento, mas sim como resultado de comportamento instintivo. Não há qualquer esforço consciente ou intelectual da parte deles. Ter o “amanhã” em mente, pensar sobre ele e planejá-lo requer a capacidade conceitual do pensamento - privilégio único do homem. Nenhum outro organismo vivo é conhecido por ser dotado de tal capacidade.

Se não fosse pelo “amanhã” para a humanidade, a civilização jamais teria se desenvolvido como o fez, pois o conceito de “amanhã” está intrinsecamente ligado ao desejo de uma vida futura melhor. A ausência desse conceito seria uma contradição face a natureza. O desejo por uma vida

melhor é geralmente comparado ao desejo de fugir das más consequências do erro e das adversidades em geral, e uma vez que a sociedade se torna estável e próspera, esse anseio simplesmente desaparece. Escravos romanos, por exemplo, aderiram ao cristianismo em larga escala porque a religião lhes oferecia o paraíso de felicidade após a morte. Se eles não fossem escravos, talvez teriam continuado sendo politeístas e idólatras. Parece que com o avanço da ciência o homem certamente se tornará mais feliz e mais próspero, e que o conceito de uma segunda vida melhor, derradeira, padecerá naturalmente.

Mas a história da ciência e da tecnologia nos últimos 400 anos não testemunhou isso. O capitalismo, fenômeno econômico que anda de mãos dadas com o avanço da tecnologia, prendeu pessoas comuns a ele, reduzindo artesãos a meros operadores de máquinas e desviou a riqueza do proletariado para os barões da indústria. Homens que uma vez tiveram orgulho de suas habilidades se tornaram simples trabalhadores sem qualquer controle de seus destinos e sem esperança de uma vida melhor. Em “O Capital” Karl Marx apresenta a terrível imagem da exploração das massas que aconteceu nos séculos XVIII e XIX. Passou um século inteiro de cruzada socialista antes de as condições melhorarem. No entanto, qualquer mudança que ocorria era muito superficial. Sem dúvida, o trabalhador de hoje ganha salários mais altos do que seus antecessores. Mas no que tange à riqueza da verdadeira felicidade, ele é imensuravelmente mais pobre. A civilização moderna e a tecnologia podem oferecer

determinados ganhos ao homem, mas não trazem a ele nenhuma paz interior. É bem adequada a descrição que Blake faz do homem na civilização moderna:

“Uma marca em cada rosto que observo: marcas de fraqueza, marcas de angústia”.

Bertand Russell afirmou claramente que “os animais são felizes enquanto eles tiverem saúde e alimento suficiente. O ser humano, ao que parece, deveria ser feliz, mas no mundo moderno ele não é, pelo menos na grande maioria dos casos”.¹³

O turista em Nova Iorque se deslumbra com os arranha-céus de mais de 300m de altura, como o Empire State, que é tão alto que a temperatura nos andares superiores é bem menor do que nos andares inferiores. Você sobe até o topo depois volta para o térreo mal acreditando que esteve lá em cima, porque a jornada inteira dura 3 minutos de elevador. Após ver construções tão impressionantes e shopping centers tão sofisticados, o turista entra em um clube onde encontra homens e mulheres dançando juntos. “Como eles têm sorte!” ele diz. Mal essas palavras saem de sua boca, ele se depara com uma mulher visivelmente depressiva saindo do meio do público, que vem se sentar ao seu lado. Do nada, ela lança a pergunta: “Você acha que eu sou feia?”. “Não”. “Eu acho que não tenho nenhum glamour”. “Você parece bem glamorosa pra mim”. “Obrigada. Mas, sabe, homens jovens pararam de aparecer e me chamar pra sair. A vida ficou tão triste!”.

O homem da era moderna se tornou só uma sombra de seu

antigo ser. O avanço da ciência e da tecnologia melhoraram nossas casas e nos deram todo tipo de aparato, como meios de transportes mais rápidos, livrarias, entretenimento etc, mas para falar a verdade, as pessoas tiveram sua paz interior roubada. Surgiram instalações tecnológicas gigantescas, mas há uma agitação em massa entre os trabalhadores. Por que então deveríamos acreditar que a ciência e a tecnologia algum dia terão sucesso em criar um novo mundo de paz e felicidade que o homem está eternamente buscando?

Agora vamos considerar esse problema do ponto de vista moral. O estado sórdido dos assuntos prevalecentes neste mundo torna imperativo que haja uma vida após a morte. Toda a história do homem fica sem sentido se esse conceito for extraído dela.

A natureza humana é tal que nós diferenciamos o bem do mal e a justiça da injustiça. Nenhuma outra criatura a não ser o homem demonstra esse senso de moral. Ainda assim, é neste mundo do homem que vemos esse instinto específico sendo suprimido. O homem explora seu igual, rouba-o, tortura-o, em suma, o oprime de diversas maneiras - até mesmo o mata. Ao passo que nem mesmo os animais devoram seus iguais. O lobo não devora o lobo, mas o homem se tornou o lobo de sua própria espécie. Sem dúvida, a história do homem mostra ocasionais centelhas de verdade e justiça, que são altamente recomendáveis, mas a maior parte da história humana conta histórias de partir o coração sobre crueldade, injustiça, exploração e violação dos direitos humanos. Aqueles que se aprofundam

na história, via de regra, estão desapontados de ver que as duras realidades da vida não têm qualquer relação com os altos ideais consagrados em nossas consciências. As seguintes observações de filósofos, historiadores e escritores famosos são pertinentes para ilustrar:

Voltaire: A história nada mais é do que uma imagem de crimes e infortúnios.

Herbert Spencer: A história é simplesmente uma fofoca inútil.

Napoleão: A história como um todo é outro nome para uma história sem importância.

Edward Gibbon: A história, que é, com certeza, pouco mais que o registro de crimes, insensatez e infortúnios da humanidade.

Haegel: A única coisa que o público e o governo aprenderam com o estudo da história é que eles não aprenderam nada com a história.

G.B. Shaw: Nós aprendemos da história que nós não aprendemos nada com história.

Devemos nos perguntar se esse grande espetáculo da humanidade foi apresentado somente com o objetivo de mostrar uma série de horrores e depois se encerrará para sempre. Nossas naturezas obviamente se rebelam contra essa ideia. Um profundo senso de justiça e jogo

limpo no homem demanda que o destino do nosso mundo seja diferente. Deve chegar um momento em que a verdade e a falsidade serão conhecidas pelo que são, em que os opressores serão chamados a prestar contas e os oprimidos receberão as recompensas por seu sofrimento. Esse desejo por justiça está tão fortemente enraizado na natureza humana que é inseparável da história do homem. Essa contradição entre a natureza do homem e o curso dos eventos mostra que existe um vazio que precisa ser preenchido. A diferença entre o que deveria acontecer e o que realmente acontece indica claramente que existe algum estágio da vida que ainda precisa surgir. Essa lacuna clama pelo momento em que esse mundo chegará a uma conclusão. Eu me pergunto como as pessoas que concordam com a filosofia de Hardy consideram esse mundo como um lugar de crueldade e opressão, e não conseguem compreender que algo que não existe hoje pode muito bem existir amanhã - a razão e a lógica exigem isso.

“Se não houver um Dia do Julgamento, quem irá punir esses tiranos?”. Geralmente, ao ler o jornal, essa pergunta me vem à mente. Jornais, espelhos dos acontecimentos cotidianos neste mundo, relatam casos de sequestros, assassinatos, agressões, roubos, invasões, cobranças, contra-acusações, e talvez, a pior de todas, a propaganda interesseira. Eles mostram como os governantes oprimem os governados e como, em nome de um dito interesse nacional, uma nação invade o território de outra. O jornal então retrata os dramas estrategicamente criados por

pessoas no alto escalão e como o homem comum é afetado. A contagem do genocídio, motins comunitários, pilhagem e massacre de pessoas inocentes sob a jurisdição daqueles que estão no poder alcança proporções inimagináveis. Atos hediondos são comuns. As atrocidades cometidas durante o governo de um líder que cuida em projetar uma imagem pública de benfeitor da humanidade e profeta da paz é tão vergonhosa que até mesmo animais como panteras, lobos e porcos seriam mais humanos que ele. Essas coisas acontecem regularmente em larga escala, e de forma organizada ao longo do tempo. Às vezes, elas acontecem descaradamente em plena luz do dia para todos verem. Apesar disso, elas podem nem mesmo ser mencionadas pela imprensa, e a falsa propaganda pode facilmente impedir sua inclusão nas páginas da história. Este mundo foi criado simplesmente para servir de palco para todos esses dramas horrendos de fraude, perversidade, ferocidade e roubalheira? Pois nem o opressor é repreendido e nem as queixas das vítimas são reparadas. Nós devemos encarar a verdade: um mundo assim visto por completo revela-se acometido por deficiências profanas. Nossa mundo é incompleto, inacabado. Sendo assim, certamente virá um tempo em que este mundo se completará com absoluta perfeição.

Agora vejamos a questão por outro ângulo. Desde tempos antigos, existe o problema de manter as pessoas no caminho da verdade e da justiça. Se um grupo é investido de autoridade política, é possível que aqueles submetidos a sua autoridade não cometam atrocidades por medo

de serem punidos. No entanto, esse sistema não impõe restrições aos que estão com a autoridade. Como então eles são guiados no caminho da justiça? Mesmo se as leis forem feitas e que um exército policial seja reunido, como é possível controlar pessoas em locais e em ocasiões fora do alcance da polícia e da lei? Se for lançada uma campanha atraente para as massas, não importa o quanto persuasiva ela seja, é improvável que aqueles que se beneficiaram materialmente de práticas corruptas abram mão de seus ganhos ilícitos, ou mudem seus modos um pouco para melhor. Apelos humanitários muitas vezes entram por um ouvido e saem pelo outro. É improvável que até mesmo o medo da punição neste mundo consiga deter os criminosos e os corruptos, pois todos sabem muito bem que a falsidade, os subornos, a influência injusta e um tanto de outras práticas clandestinas irão vencer no fim do dia. Por mais que sejam bem versados em tais táticas, os corruptos raramente sentem-se acuados com processos e punições.

Se um homem deve ser dissuadido de verdade das práticas corruptas, é sua própria motivação interior que fará isso da melhor forma. No caso de um homem justo e honesto, ele será fortalecido pelos pensamentos das recompensas na outra vida, enquanto que o homem fraco e imoral se encontrará impulsionado ao caminho reto da virtude devido ao seu medo da punição que o espera após a morte. Essas motivações serão ainda mais fortes e eficazes do que qualquer sanção artificial externa. Isso vale para todos, seja em posição superior ou de subordinação, seja na

escuridão ou na luz, na sua privacidade ou em público. No momento em que a pessoa considerar seriamente o fato de que amanhã, se não hoje, ela estará perante Deus Poderosíssimo no Dia da Prestação de Contas, e que Deus, tendo observado a todos, irá iniciar o julgamento nesse dia, a pessoa se firmará em sua resolução de realizar ações boas e corretas e de se afastar de tudo que é vil e mau. Sobre essa que é a mais importante das crenças religiosas, Mathew Hales, eminente jurista do séc. XVII, comentou: “Dizer que a religião é uma fraude é dissolver todas aquelas obrigações por meio das quais as sociedades civis são preservadas”.¹⁴

Quão significativo é o conceito de vida após a morte quando visto desse ângulo. Mesmo os incrédulos que refutam a noção de que um dia do julgamento é uma realidade inevitável foram forçados pelas lições da história a concordar que se nós rejeitamos o conceito de vida após a morte, não restará nenhuma outra intimidação eficaz o suficiente para controlar o homem e obrigar-lo a observar as leis da justiça e do bom proceder. Immanuel Kant, grande filósofo alemão, rejeitou a crença na existência de Deus baseado em provas insuficientes: “Uma vez que a religião deve estar pautada não na lógica da razão teórica, mas da razão prática do sentido moral, a Bíblia ou qualquer revelação deve ser julgada por seu valor de moralidade e não pode ela mesma ser o juiz de um código moral”.

Igualmente, Voltaire não acreditava em uma realidade metafísica, mas em sua opinião:

O conceito de Deus e a vida após a morte são muito importantes pois servem como postulados do sentimento moral. Somente por meio deles uma atmosfera de boa moral pode ser criada. Na ausência de tais crenças, nós não temos nenhum incentivo ao bom comportamento, o que torna a manutenção da ordem social quase impossível.¹⁶

Aqueles que aderem a visão de que a vida após a morte é uma mera hipótese deveriam parar para considerar: se ela é realmente apenas hipotética, por que nós encontramos que essa noção é indispensável? Por que é que sem tal conceito nós não podemos ter uma verdadeira ordem social? Por que é que se esse conceito for eliminado do pensamento humano, toda a estrutura moral da vida se desintegra? Será que uma mera hipótese seria tão integral à vida assim? Existe algum outro exemplo nesse universo de uma coisa supostamente não existente que apareça na vida humana de forma tão significativa, como uma realidade positiva? O conceito de vida após a morte, sendo tão vital para o estabelecimento de uma ordem de vida justa e equitativa, mostra claramente que essa é a maior e mais universal de todas as verdades. Não é exagero nenhum dizer que, visto desta maneira, o conceito de vida após a morte é até bastante consistente com os padrões estabelecidos pelo empirismo.

Por outro lado, a vida após a morte pode ser vista como resultado de uma “demanda universal”. No último capítulo, discutimos a existência de Deus no universo, e ficou claro que um estudo puramente científico e

racional existe que acreditemos em Deus como criador e sustentador do universo. Agora, se existe um Deus assim, seu relacionamento com o ser humano deve ser evidenciado. Mas no que tange a este mundo, temos que conceber que esse relacionamento não é de forma alguma aparente. Nossos líderes podem se gabar da apostasia e continuarem sendo líderes, enquanto os servos da causa divina são humilhados e rejeitados, e suas atividades são declaradas ilegais. Nós não vemos nenhum raio ser lançado do céu nem qualquer outro sinal da insatisfação de Deus. Eles são pessoas que abertamente ridicularizam a religião, proferindo futilidades como: “Nós fomos até a Lua com um foguete e não encontramos Deus no caminho”. Nenhum raio os atingiu e derrubou por isso. Inúmeras instituições trabalham pela divulgação de suas ideologias materialistas e eles são apoiados e elogiados por todos, nacional e internacionalmente, sem que se poupem esforços para garantir o sucesso de sua missão. Em contraste total com isso, aqueles que pregam a mensagem simples e nobre de Deus e a religião, recebem uma chuva de xingamentos e são chamados de reacionários e revivalistas pelos intelectuais contemporâneos. Eles têm sorte se o pior que sofrerem for o ostracismo social. De que maneira Deus mostra Sua ira? Nações se erguem e caem; revoluções vão e vêm como tempestades, e catástrofes naturais ocorrem em uma regularidade deprimente. Mas em nenhum lugar do mundo o relacionamento entre Deus e o homem é pleno. A questão que surge é se devemos acreditar em Deus ou não. Se acreditarmos em Deus, devemos acreditar

também na vida após a morte, pela simples razão de que nós não podemos conceber nenhuma outra maneira em que o relacionamento entre Deus e o homem possa se manifestar.

Darwin reconheceu um criador para este mundo, mas sua interpretação da vida não comprovou a existência de nenhum relacionamento entre o Criador e Suas criaturas, nem sugeriu que haja qualquer necessidade de uma vida após a morte ou de um dia do julgamento, no qual o relacionamento entre o Criador e Suas criaturas se tornará uma realidade. Eu não consigo compreender como Darwin imaginou que essa lacuna em sua interpretação biológica poderia ser preenchida. Parece extraordinário demais para se aceitar que existiria um Deus deste universo sem que ele tivesse qualquer relação com este mundo, ou que Sua Soberania em relação ao ser humano jamais fosse revelada a nós; ou que um universo tão vasto tenha sido criado e posteriormente chegará ao fim sem que os atributos de poder por trás dele jamais sejam conhecidos. Tudo isso parece inimaginável ao extremo e certamente desprovido de lógica.

Nossos corações clamam que verdadeiramente um dia da ressurreição está para chegar - como uma criança no ventre anseia por sair para o mundo. Uma abordagem racional irá igualmente nos levar a uma visão de que o Dia da Ressurreição é iminente e pode acontecer a qualquer momento.

Perguntam-te, Muhammad, pela Hora: quando será sua ancoragem? Dize: "Sua ciência está apenas junto de meu

Senhor. Ninguém senão Ele a mostra, em seu devido tempo. Ela pesa aos que estão nos céus e na terra. Ela não vos chegará senão inopinadamente”.¹⁷

EVIDÊNCIA EMPÍRICA:

Para concluir esta discussão, devemos nos questionar quais evidências empíricas existem que sustentem o conceito de vida após a morte. Na realidade, a maior prova da vida após a morte é nossa vida terrena, na qual nós obviamente precisamos acreditar, mesmo que não aceitemos que existe uma vida após a morte. Mas então por que não deveríamos aceitar? Deveria ser óbvio que se a vida é possível em uma ocasião, é perfeitamente possível que ela exista uma segunda vez. Não haveria nada muito estranho quanto à recorrência de nossa vida. Na verdade, não há nada tão irracional como admitir uma ocorrência atual e rejeitar a probabilidade se sua recorrência no futuro.

O homem moderno cai involuntariamente em contradição. Ele tem certeza de que os deuses que ele forjou (a lei da natureza, o acaso etc) podem causar a recorrência de determinadas sequências de eventos, mas que o Deus da religião não está em posição de causar a recriação do mundo atual. Explicando que a terra atual e todos os seus atributos devem sua origem a um “acidente”, Sir James Jeans resume essa escola de pensamento: “Não há o que questionar se a terra se originou a partir de determinados acidentes. Se o universo sobreviver por mais tempo, qualquer acidente que se possa imaginar pode acontecer”.¹⁸

A doutrina da evolução orgânica estabelece que todas as espécies de animais evoluíram de uma mesma espécie rudimentar. De acordo com Darwin, a girafa era originalmente um quadrúpede ungulado, mas, com o passar da longa evolução, ela desenvolveu uma estrutura de pescoço longo após uma série de pequenas mutações. Sobre isso, Darwin observa: “Parece-me quase certo que (se o processo em questão acontecer durante um longo período) um quadrúpede ungulado comum pode se transformar em uma girafa”.¹⁹

Após isso, obviamente, quem quer que tentasse dar uma explicação para a vida e o universo não tinha outra escolha senão aceitar que, dadas as mesmas circunstâncias responsáveis por sua origem, a mesma sequência de eventos poderia certamente ser repetida. A verdade é que, do ponto de vista racional, uma segunda vida é uma grande possibilidade em nossa vida presente e isso deve ser aceito, não importa quem seja supostamente o criador deste universo, não importa quem Ele seja, Ele pode fazer com que a mesma sequência de eventos ocorra novamente. Se escolhermos negar isso, então precisaremos obrigatoriamente negar a existência de nossa vida presente também. Se aceitarmos a primeira vida, não nos restam bases para negar a segunda vida.

Ao longo da discussão acima, com relação à pesquisa psicológica, foi mostrado que todos os pensamentos na mente humana permanecem preservados indefinidamente nas células de memória, que é a parte subconsciente do cérebro. Isso mostra claramente que a mente humana

não forma uma parte do corpo, cujas partículas sofrem mudança total de tempos em tempos. Reflitamos então no fato de que mesmo após centenas de anos, não ocorre nenhum desmaio, ilusão ou erro de qualquer natureza no registro mantido no nível subconsciente. Se a memória está relacionada ao corpo, onde ela está situada, que parte do corpo ela ocupa e quando as partículas corpóreas gradualmente desaparecem em alguns anos, porque a memória não desaparece também? Que forma de registro é essa que permanece intacta mesmo quando o lugar em que ela está gravada se quebra em pedaços? Esse estudo avançado da psicologia prova claramente que a entidade humana não está realmente no corpo, que necessariamente se deteriora e morre. Ao contrário, existe algo sobre e acima do corpo que não está sujeito à morte nem declina, e que possui uma existência imutável e independente cuja continuidade não se quebra.

No que tange a vida presente, todas as nossas funções conscientes então submetidas às leis de tempo e espaço; o outro mundo, se ele existe, está além de seu alcance. Se, de acordo com a teoria de Freud, nós tivéssemos uma vida intelectual não subjugada a essas leis, isso estabeleceria claramente o fato de que essa vida continuaria mesmo após a morte e que nós sobreviveríamos independentemente de haver a terra. Nossa morte é um resultado sem lógica das leis de tempo e espaço. Nossa entidade real, ou nas palavras de Freud, nosso subconsciente, que é o ser real, sobrevive mesmo após a morte do homem. Suponha que um evento que aconteceu em minha vida 25 anos atrás,

ou uma ideia que se desenvolveu na minha mente na mesma época, me fugiu à memória, mas um dia eu me lembrei daquele evento ou ideia, ou mesmo sonhei com ele: a explicação do psicólogo seria que essa memória sempre esteve preservada intacta nas profundezas do meu subconsciente. Aqui surge uma questão sobre onde fica a memória. Se ela está gravada nas células, assim como a voz é gravada em discos, ela não teria se perpetuado, porque as próprias células teriam se desintegrado ao ponto de não existirem à época da lembrança dessa memória. Então aonde é que esse subconsciente se mantém guardado em meu corpo?

Essa é claramente uma evidência de natureza empírica que mostra que, além do corpo visível e material, a entidade invisível e imaterial não morre com a morte do corpo.

Os resultados da pesquisa psíquica - ramo da psicologia moderna que faz o estudo empírico das faculdades sobrenaturais no homem - também estabelece a existência da vida após a morte em nível puramente observacional. O que é mais interessante é que essa pesquisa não só estabelece a sobrevivência, mas estabelece a sobrevivência de exatamente a mesma personalidade - a entidade que nos fora conhecida antes da morte.

A primeira instituição a conduzir uma pesquisa nesse campo se estabeleceu na Inglaterra em 1882. Ela existe até hoje com o nome de *Society for Psychical Research*. Em 1889, ela começou seu trabalho em larga escala, contatando 17 mil pessoas com o propósito de fazer perguntas a elas e pedir ajuda para realizar os estudos na área. Muitos

outros países seguiram o exemplo, e através de diversos experimentos e demonstrações, foi mostrado que após a morte do corpo, a personalidade humana sobrevive de alguma forma misteriosa. Em seu livro *“Human Personality and its Survival of Bodily Death”*, F.W.H. Myers conta como um agente de viagem estava certa vez anotando seus pedidos, sentado em um quarto do Hotel St. Joseph no Missouri (EUA), quando de repente sentiu que alguém havia se sentado à sua direita. Virando-se bruscamente, ele viu que era sua irmã, que havia morrido nove anos antes. Logo em seguida, a imagem de sua irmã sumiu. Ele ficou tão perturbado por esse evento que em vez de continuar sua viagem, ele pegou o próximo trem de volta para sua cidade natal, St. Louis, onde ele narrou todo o episódio para seus parentes. Quando ele chegou ao ponto em que mencionou ter visto um arranhão vermelho no rosto da irmã, sua mãe se levantou tremendo. Ela confessou que após a morte da filha, ela accidentalmente arranhou o rosto dela, e que ela ficou tão abalada de ver o arranhão que resolveu passar pó facial para esconder, e que nunca havia contado isso a ninguém.

Há uma série de eventos registrados que testemunham a sobrevivência da personalidade após a morte do corpo. Nós não podemos simplesmente tratar esses eventos como ilusórios. Basta refletir sobre o arranhão no rosto da menina ser fato conhecido somente pela mãe e, presumidamente, pela filha falecida. Nenhuma outra pessoa tinha qualquer conhecimento disso. Eventos assim não são restritos à Europa e aos Estados Unidos. Mas, já que a maioria das

investigações ocorreu nesses lugares, nos vemos obrigados a usá-las como referência, por uma questão de ter uma quantidade suficientemente grande de evidências para nos basearmos. Se as pessoas em nosso país fossem corajosas o suficiente para se apresentarem e iniciarem investigações assim aqui e agora, um grande número de evidências altamente credíveis e sólidas poderia ser coletado.

Sobre outra classe de eventos, C.J. Ducasse observou:

Outra classe de ocorrência tratada como evidência empírica de sobrevivência consiste na comunicação feita por pessoas afetadas pelo automatismo psíquico. Existem homens e mulheres cujos órgãos expressivos (suas mãos ou suas cordas vocais) funcionam às vezes automaticamente; isto é, escrevem ou falam palavras que não são a expressão dos pensamentos presentes em suas consciências no momento, ou do conhecimento que possuem, mas parecem ser dos pensamentos e do conhecimento possuído por outra pessoa que os lê para elas. A pessoa afetada pelo automatismo normalmente fica em transe nesse momento, por exemplo, ela está conversando com alguém, porém, ao mesmo tempo, sua mão está escrevendo sobre um assunto completamente diferente, uma comunicação longa, cujo conteúdo é totalmente desconhecido até que a pessoa o leia depois. Essas comunicações assim obtidas geralmente pretendem vir (seja diretamente ou por meio de algum intermediário invisível referido como alguém no “controle” da pessoa) de uma pessoa que morreu e cujo espírito sobreviveu à morte. Tais comunicações, em

muitos casos, continham várias evidências de diversos tipos que, por exemplo, satisfariam a pessoa quanto à identidade de alguém alegando ser seu irmão, com quem ele poderia se comunicar no momento somente através do intermédio de uma terceira pessoa ou por telefone.²⁰

A maioria dos intelectuais contemporâneos hesita em aceitar as evidências fornecidas pela pesquisa psíquica. C.D. Broad escreveu: “Salvo as exceções duvidosas da pesquisa psíquica, ninguém nos diferentes ramos da ciência provou nem mesmo a mais remota possibilidade de vida após a morte”.²¹

Esse argumento é tão infundado quanto dizer que o “pensamento” é um fenômeno um tanto duvidoso, porque, a não ser o homem, nós nunca pudemos observar nada no universo que ateste o fenômeno do “pensamento”. Já que a sobrevivência ou extinção da vida após a morte é uma questão puramente psicológica, alguma evidência contra ou a favor deve ser produzida apenas pela psicologia. Procurar confirmação com qualquer outra disciplina científica é tão inútil quanto voltar-se para a botânica ou para a metalografia para entender a capacidade inata do homem de pensar. Mesmo um estudo das partes do corpo não serve como base para a confirmação ou negação desse conceito porque a doutrina da vida após a morte não confirma a sobrevivência desse corpo material, mas sim do espírito que, embora habitando o corpo, tem sua existência independente dele.

Muitos outros intelectuais que examinaram objetivamente

a evidência fornecida pela pesquisa psíquica se sentiram compelidos a aceitar a vida após a morte de fato. C.J. Ducasse, Professor de Filosofia na Brown University, fez um escrutínio filosófico e psicológico desse conceito. Ele não acredita nele no mesmo sentido em que é apresentado pela religião, mas defende que para além dos dogmas religiosos, tal evidência existe e nos compele a aceitar a sobrevivência da vida após a morte. Após fazer um levantamento das várias investigações no campo da pesquisa psíquica, ele observa:

Algumas das pessoas de mentes mais perspicazes e bem versadas, que estudaram as evidências durante muitos anos com espírito altamente crítico, chegaram por fim à conclusão de que, pelo menos em alguns casos, somente a hipótese da sobrevivência permaneceu plausível. Dentre essas pessoas, pode-se mencionar Alfred Russel Wallace, Sir William Crookes, F.W.H. Myers, Cesare Lombrozo, Camille Flammarion, Sir Oliver Lodge, Dr. Richard Hodgson, Mrs. Henry Sidgwick e o Professor Hyslop, só para citar alguns dos mais eminentes.

Isso sugere que a crença na vida após a morte, que tantas pessoas não encontram nenhuma dificuldade em aceitar como um artigo religioso de fé, não apenas pode ser verdade, como talvez capaz de ter uma prova empírica; e se for assim, em vez das invenções do teólogos relativas à natureza da vida post-mortem, informações factuais sobre ela podem, no fim, ser obtidas.

Então, nesse caso, o conteúdo dessa informação virá a

ser útil para as duas tarefas que são função da religião realizar...²²

Após percorrer um caminho tão longo rumo a aceitação da vida após a morte como uma realidade, parece extraordinário recusar aceitar o conceito religioso do mesmo fenômeno. Aqui se pode fazer um paralelo entre a insistência de um aldeão ignorante de que a conversa entre duas pessoas, vivendo a milhares de quilômetros de distância uma da outra, é impossível. Mesmo se ligarmos para o número de uma pessoa de sua família morando em um lugar muito distante, dermos a ele um receptor e o deixarmos conversar com a pessoa, o que ele acharia incrível, ele diria: “É, mas esse não era necessariamente meu parente falando. Poderia ser algum tipo de máquina”. No que tange a crença, podemos levar um cavalo até o bebedouro, mas não podemos o fazer beber.

NOTAS

1. *Man the Unknown*, p. 173.
2. George Gamow, *Biography of the Earth*, p. 82.
3. T.R. Miles, *Religion and the Scientific Outlook*, p. 206.
4. Aqui a célula é descrita com o termo “tijolo” apenas para indicar sua função no corpo. Na realidade, a célula é um aglomerado complexo que possui um “corpo” próprio completamente desenvolvido. Para estudar as células, um ramo inteiro da ciência se desenvolveu, chamado Citologia.
5. *New Introductory Lectures on Psycho-Analysis*, (London, The Hogarth Press, Ltd., 1949), p. 239.

6. Alcorão, 50:16.
7. Alcorão, 50:18.
8. *Reader's Digest*, Novembro, 1960.
9. Alcorão, 18:19.
10. Winwood Reade, *The Martyrdom of Man*, London, 1948, p. 414.
11. *Ibid*, p. 415.
12. *The Limitations of Science*, p. 9.
13. *Conquest of Happiness*, p. 93.
14. Quoted by Julian Huxley, *Religion without Revelation*, p. 115.
15. Will Durant, *The Story of Philosophy*, 1955, p. 279.
16. Windelband, *History of Philosophy*, p. 496.
17. Alcorão, 7:187.
18. *Modern Scientific Thought*, p. 3.
19. *Origin of Species*, p. 169.
20. C.J. Ducasse, *A Philosophical Scrutiny of Religion*, p. 407-408.
21. *Religion, Philosophy and Psychical Research*, (London, 1953), p. 235.
22. *A Philosophical Scrutiny of Religion*, p. 412.

AFIRMAÇÃO DA PROFECIA

O Segundo princípio básico da crença religiosa é o conceito de profecia. Ao longo do tempo, Deus transmitiu Sua vontade ao ser humano através de homens de virtude superior, a quem Ele escolheu dentre todos os outros seres humanos, para serem Seus profetas. Como não há conexão invisível entre Deus e Seus mensageiros, as alegações de revelação divina geralmente são alvo de suspeita. No entanto, a verdade deles se torna aparente quando os comparamos com outros eventos desta natureza que são do nosso conhecimento.

Existem sons ao nosso redor sendo reproduzidos de forma indetectável, seja por causa de sua frequência muito alta ou muito baixa, seja porque são muito vagos para alcançarem nossos tímpanos. Mas nós sabemos que eles existem, porque hoje nós temos aparelhos de detecção de som tão sensíveis que conseguem registrar os movimentos de uma mosca a quilômetros de distância, com tanta precisão que parece que ela está zumbindo perto de nós. Até mesmo as colisões de raios cósmicos podem ser gravadas. Tais aparelhos estão amplamente disponíveis hoje, porém tantos refinamentos na detecção e gravação do som podem parecer impossíveis para alguém dotado dos 5 sentidos

que a natureza lhe deu se ele tiver, de algum modo, permanecido alheio aos avanços tecnológicos modernos.

Esses feitos não são exclusivos dos aparelhos mecânicos. O estudo dos animais revela que eles foram dotados pela natureza com capacidades semelhantes. Um cachorro, por exemplo, tem o olfato altamente sensível, e consegue farejar um animal em um local de onde ele já saiu há muito tempo. A habilidade especial de rastrear o odor é frequentemente usada em investigações de crimes. Um cadeado quebrado por um ladrão é apresentado ao cachorro para que ele fareje, em seguida ele é solto. Do meio de uma multidão o cachorro consegue encontrar o real culpado apenas usando seu sentido altamente desenvolvido do olfato. Igualmente, existem muitos animais que podem detectar vozes em tons acima ou abaixo da capacidade normal da audição humana.

Acreditava-se antes que os animais se comunicavam telepaticamente, mas investigações revelaram que eles, na realidade, emitem sinais que são inaudíveis ao ouvido humano. Uma criatura pequenina como uma mariposa fêmea emite sinais que são captados pela mariposa macho a grandes distâncias. O grilo macho fricciona suas asas para produzir um som que no silêncio da noite pode ser ouvido a quase um



quilômetro, vibrando 600 tons de ar no processo. É assim que os grilos fazem o chamado de acasalamento. A fêmea responde de uma maneira que não emite som, no entanto o macho capta o sinal e parte rumo a seu encontro. Descobriu-se que a habilidade auditiva de um gafanhoto é tão refinada que ele é capaz de detectar o mínimo movimento dos radicais de um átomo de hidrogênio.

Existem inúmeros exemplos desse tipo que mostram a existência de meios invisíveis e inaudíveis de comunicação, sendo perceptíveis apenas para criaturas cujas habilidades sensoriais são altamente mais desenvolvidas que a do homem. Em vista de nossa aceitação desse fenômeno natural, não deveria ser mistério nenhum em alguém que alega receber mensagens de Deus que não são ouvidas por nenhuma outra pessoa comum. Quando há vozes que são detectadas e gravadas apenas por aparelhos mecânicos, e mensagens transmitidas que são recebidas somente por animais com percepção sensorial especialmente desenvolvida, por que deveria parecer estranho que Deus comunique Sua mensagem a indivíduos especialmente dotados de formas indetectáveis pelos outros? A verdade é que a revelação, longe de ir contra nossas observações e experiências, é uma forma muito mais refinada e superior de comunicação do que nossos sentidos normais são capazes de alcançar.

Estudos sobre telepatia e clarividência revelaram que alguns seres humanos podem se comunicar com outros sem recorrer à fala, audição ou auxílio mecânico. Presumidamente, esse potencial existe em todos os seres

humanos, embora de forma rudimentar. O Dr. Alexis Carrel afirma: “As fronteiras psicológicas do indivíduo no tempo e espaço são obviamente suposições”.¹

Pense que o hipnotista pode fazer uma pessoa cair em transe sem se utilizar de nenhum recurso externo. Ele pode fazer a pessoa sorrir ou chorar, ou dar qualquer resposta que ele queira, e ele também pode sugerir algumas ideias à mente da pessoa hipnotizada. Essa é uma atividade na qual o hipnotista e o hipnotizado estão conectados por uma ligação invisível; nenhuma outra pessoa pode sentir os efeitos disso. Como é possível então que um contato dessa natureza entre Deus e o homem seja considerado tão inimaginável? Após ter que admitir a existência de Deus e de ter observado ou experimentado a comunicação telepática entre humanos, não temos mais base para negar a revelação divina.

As autoridades da Baviera abriram um processo em dezembro de 1950 contra um hipnotista, Fronter Strobel, por ter interrompido, telepaticamente, um programa de rádio, enquanto apresentava sua arte no Hotel Rijna em Munique. O que aconteceu foi que Strobel pegou uma carta de baralho, entregou a um membro da plateia e pediu a ele que dissesse mentalmente o naipe da carta sem revelar a ninguém. O hipnotista disse que mesmo sem saber o número ou naipe da carta, ele iria transmitir esses detalhes a um locutor, que estava dando as notícias da Rádio Munique naquele momento. Alguns segundos depois o público ficou espantado ao ouvir o locutor dizer, com uma voz vacilante, “Hotel Rijna, Trunfo”. O

espectador que participou desse experimento confirmou realmente foi isso que ele tinha dito mentalmente.

O horror do locutor ficou evidente em sua voz, mas ele continuou lendo as notícias. Enquanto isso, centenas de ouvintes começaram a ligar para a rádio para descobrir o que tinha acontecido. Eles obviamente compreenderam que essas palavras estavam fora do contexto das notícias, e muitos deles alegaram que o locutor devia estar bêbado. Um médico foi prontamente enviado até lá, e ao “examinar” o paciente, constatou que ele se encontrava em um estado muito agitado. Ele disse ao médico que enquanto lia as notícias quando, de repente, sentiu uma forte dor de cabeça, e que mais tarde ele não conseguia lembrar o que tinha acontecido depois.

Agora, se um ser mortal pode ser dotado de faculdades telepáticas que permitem a ele transmitir pensamentos de uma pessoa para outra sem haver qualquer ligação visível entre os dois, e quando, ainda por cima, eles estão localizados a longa distância um do outro, por que é que o mesmo tipo de comunicação vinda do Senhor do Universo é considerada inconcebível? Com essa demonstração de uma capacidade puramente humana, nós não deveríamos ter dificuldade alguma em entender como o contato entre o homem e Deus pode ser feito sem qualquer meio visível, e como as ideias podem ser transmitidas de um para outro sem qualquer perda ou distorção. A forma perfeita de tal comunicação é conhecida como revelação na terminologia religiosa. Revelação, em essência, é um tipo de telepatia cósmica.

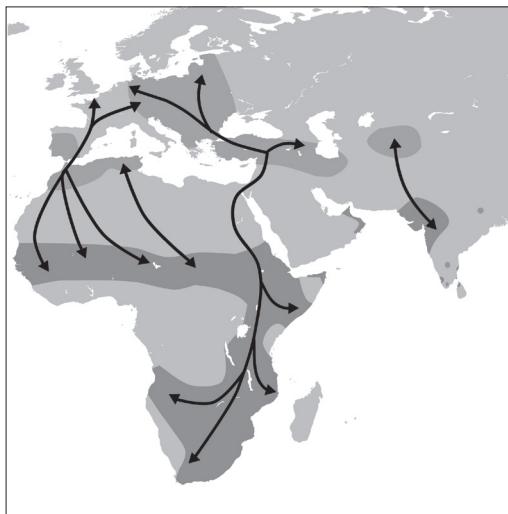
A evidência de sua realidade emerge dos hábitos migratórios dos pássaros, que viajam de uma parte do mundo à outra por longas rotas bem definidas, em busca de alimento mais abundante e vidas melhores, retornando com a mudança das estações ao seu ponto inicial de partida. Diferente do homem, que precisa de informação e orientação sobre rotas e destinos antes de sair em viagem, os pássaros voam rápida e infalivelmente rumo ao seu destino por “flyways” que os conduzem por sobre grandes extensões de água através dos estreitos, de forma que eles se mantêm sobre a terra pelo máximo de tempo possível. Não há evidência nenhuma de que para que isso aconteça seja preciso algum processo de levantamento de informações ou qualquer troca de ideias. Temos que assumir que a orientação dos pássaros vem de alguma fonte externa, assim como, de acordo com o Alcorão, Deus fez certas revelações às abelhas (cap. 16 vs 68) que tornou sua existência tão altamente organizada. Os pássaros, diferente dos humanos, não fazem pesquisas nem transmissão de informação.

Se fosse negado ao homem acesso à informação histórica que tem se acumulado ao longo dos séculos ou às instruções que tornam a troca de ideais uma realidade frutífera, ele seria incapaz de conseguir qualquer coisa que fosse. Por exemplo, é questionável se Colombo realmente teria navegado para o oeste em 1492 na esperança de chegar à Índia, se ele não tivesse sido influenciado pelas ideias de a terra ser redonda, que foram propagadas pelas traduções latinas das obras de Al-Idrisi (1100-1165), geógrafo e

cientista árabe que escreveu uma das maiores obras de geografia da era medieval. Este, em sua época, deduziu essa ideia do conceito hindu de Arin. As experiências de Colombo, por sua vez, aumentaram o conhecimento de seus sucessores, e então a cadeia de conhecimento foi adicionada à ciência da geografia até ela alcançar seu estado atual de avanço. Se um capitão confiante navega com seu navio de uma costa à outra em um vasto oceano, ou se um piloto faz voos perfeitos sobre diversos continentes, tudo isso é graças ao acúmulo de séculos de experiência.

Os pássaros não possuem tais fontes de conhecimento nem meios de comunicar experiências. Eles não trocam ideias da maneira que o homem o faz. Nenhum pássaro é capaz de coletar e escrever suas experiências em forma de livro para orientação de seus futuros sucessores. Em vez disso, esses pássaros conseguem viajar distâncias enormes, tal qual os humanos, mas com muito mais precisão e economia de esforço. Eles migram de um lugar para outro com a precisão

*Principais rotas percorridas pela cegonha branca europeia (*Ciconia ciconia*) entre os locais de nidificação na Europa e os locais de invernada na África.*



de um foguete indo para o espaço por meio de controle de rádio.

O mapa nesta página mostra as jornadas intercontinentais dos pássaros partindo dos pontos mais frios da Rússia e de países europeus para as regiões mais quentes, na África e na Ásia. Durante essa longa jornada, eles cruzam o Mar Cáspio, o Mar Negro e o Mediterrâneo - três mares, não menos que isso. Longe de voar em qualquer direção de forma desatenta e perigosa, eles seguem corretamente a rota mais curta do mar. Fazendo isso, eles passam o mínimo de tempo possível sobre a água, onde eles não conseguem descer com frequência para se alimentar e descansar. Observe este mapa da direita para a esquerda. O primeiro bando de pássaros da Europa chega ao Cáspio, fazem um desvio ao redor dele, dividindo-se em dois grupos: um que vai via Caracórum, e outro que voa pelo lado do Cáucaso. Ambos chegam à Ásia e pousam nos destinos que desejam. Exatamente o mesmo curso é seguido quando os pássaros chegam ao Mar Negro. Lá eles novamente se dividem em dois grupos, um indo para a costa oeste e outro pelo leste. E assim eles vão até alcançarem as regiões asiáticas. O terceiro bando viaja para além da Bulgária, então desviam o curso rumo à Turquia e seguem a costa da Palestina, Líbano e Síria para alcançarem o Suez, por onde entram no Egito, e então viajam África adentro. O quarto bando voa para a Grécia com seus diversos e extensos cabos, que os ajudam a chegar ao Sul. Os pássaros descem na Grécia, em Creta, quando cruzam o Mediterrâneo - no ponto geograficamente mais estreito. É óbvio que os

pássaros pegam essa tora para passarem o menor tempo possível sobrevoando o mar. O quinto bando de pássaros vai rumo à Itália, depois Sicília, fazendo um longo voo para o Sul sobre o continente e cruzando a última faixa de mar para alcançar a costa norte da África. O sexto bando voa para a França, depois Espanha, depois cruza o Estreito de Gibraltar onde as massas de terra da Península Ibérica e a costa da África ficam a apenas 16 km uma da outra. De lá eles chegam até o oeste da África.

Tem algo de muito extraordinário nesses voos. Um ornitólogo escreve: “Os pássaros desenvolveram um meio altamente eficiente de viajar rapidamente por longas distâncias economizando muita energia”.²

Mas suas mentes são um tanto inferiores à mente humana. E não há como eles possam receber ajuda dos diversos campos da ciência. Nem há qualquer evidência que indique que os pássaros adquiriram suas habilidades através de um processo de evolução. Como é que se explica esse fantástico fenômeno? Uma análise detalhada do assunto produz apenas duas hipóteses: primeiramente, que esses pássaros possuem um conhecimento completo da geografia da Europa, Ásia e África, de suas terras e mares, uma noção que é puramente conjectural, não tendo sido jamais defendida pela ciência; segundo, que eles recebem uma orientação geográfica constante de um sistema de controle remoto e invisível, tal qual acontece com foguetes não tripulados controlados por rádio.

A segunda hipótese está mais próxima dos fatos e torna o conceito de revelação totalmente comprehensível em

termos de religião. Isso significa que, de forma simples, Deus envia Sua orientação ao homem por tal meio invisível, para mostrar a ele o que deve e o que não deve fazer. Por não haver nenhum contato visível entre Deus e o homem no momento da revelação, muitas pessoas se recusam a aceitar que qualquer coisa do tipo aconteça. Mas se considerarmos as vidas das outras criaturas, em particular a dessas aves migratórias, fica muito claro que ocorre orientação de mesma natureza que a da revelação. Os voos dessas aves não pode ter nenhuma outra explicação real que não seja que elas recebem um tipo de orientação externa. Quando não existe nenhuma causa conhecida dentro dos pássaros, nós temos que atribuir seu misterioso senso de tempo e direção a causas externas. A alegação do profeta de que ele tinha recebido uma orientação invisível de Deus foi certamente algo muito extraordinário. Mas tal orientação não vista não deveria parecer algo estranho neste universo, onde existem tantos exemplos, sendo um muito óbvio o da orientação que um peixe como o salmão ou a enguia recebe para retornar meio mundo aos seus locais de nascimento para desovar.

Ao admitirmos a possibilidade da revelação divina, devemos estabelecer se existe uma real necessidade de Deus se dirigir a um ser humano em particular para ter Sua mensagem transmitida ao resto da humanidade. A evidência mais reveladora disso é o fato de que a mensagem que os profetas trazem - a verdade - é a maior necessidade do homem. Desde tempos imemoriais o homem tem saído em busca da realidade, mas percebeu

que é impossível descobri-la sozinho. Ele anseia por entender o que é o universo, como nossa vida começou e como será o seu fim. Ele busca entender a verdade da natureza do bem e do mal, e como o ser humano pode ser controlado. Ele precisa saber como organizar a vida para que todos os aspectos das relações humanas recebam a devida atenção e possam ter um crescimento equilibrado. Até aqui, as tentativas do homem de encontrar respostas para esses antigos questionamentos só deram em fracasso. Só nos levou um espaço de tempo relativamente curto para adquirir um vasto conhecimento do mundo material, e campos de conhecimento pertencentes somente ao aspecto físico da vida continuam a proliferar. Mas na esfera das ciências humanas, os maiores esforços por parte dos maiores gênios fracassaram em determinar mesmo os fatores mais básicos desse campo. Que prova melhor pode haver de que nós precisamos de auxílio e orientação de Deus? Sem ela, não conseguimos chegar aos princípios fundamentais com os quais orientar nossas vidas, não conseguimos entender o propósito da religião e certamente nunca descobriremos a verdade final.

O homem moderno admitiu que a vida ainda é um grande mistério não resolvido. Não obstante, ele acredita que em um belo dia ele o desvendará. Mas as mentes voltadas para as ciências humanas ainda estão por descobrir a realidade; elas estão vagando, à deriva, em um mundo de suas próprias fantasias. Isso é porque o presente ambiente desenvolvido pela ciência e pela tecnologia não é ideal para o homem enquanto criatura viva, e desta forma

dificilmente conduzem à percepção de uma inspiração divina. As ciências preocupadas com a matéria inerte fizeram imenso progresso, mas aquelas preocupadas com os seres humanos estão ainda em um estágio rudimentar. O vencedor do Nobel francês (1912), Dr. Alexis Carrel, afirma:

Os princípios da Revolução Francesa, as visões de Marx e Lênin, se aplicam somente a homens abstratos. Deve-se perceber claramente que as leis das relações humanas ainda são desconhecidas. A sociologia e a economia são ciências conjecturais - ou seja, pseudociências.³

Não há dúvida de que a ciência se desenvolveu imensamente na era moderna, mas a confusão humana não foi resolvida por ela. Em *Limitations of Science*, J.W.N. Sullivan aponta que o universo que está em processo de descoberta pela ciência hoje é o assunto mais misterioso de toda a história do pensamento intelectual, e que apenas de nosso atual conhecimento da natureza ser muito mais rico do que em épocas anteriores é insuficiente, porque não importa para onde nos voltemos, nos deparamos com ambiguidades e contradições.

As tentativas da ciência material de descobrir o segredo da vida tiveram fracassos tão patéticos que nos deixam com o desconfortável pensamento de que, no fim das contas, ele é impossível de ser descoberto pelo homem. Se a realidade da vida deve permanecer desconhecida, então como nós iremos funcionar satisfatoriamente enquanto indivíduos e comunidades? Nossos sentimentos mais refinados exigem

saber. O intelecto - a parte mais superior de nosso ser - tem um desejo eterno por esse conhecimento. Todo o sistema da vida está se deteriorando rapidamente e sem ele não pode haver melhoria. Ainda assim, parece que não há solução para esse grande mistério. Essa resposta é de suma importância, mas é algo que não podemos alcançar sozinhos. Esse estado em que as coisas estão não é prova suficiente de que o homem está em grande necessidade da revelação?

A indispensabilidade do conhecimento da realidade da vida, e esse conhecimento permanecer não descoberto, é indicação clara de que ele deve ser obtido de uma fonte externa, assim como o calor e a luz são obtidos dos raios do sol fornecidos pela natureza. Ao aceitarmos tanto a possibilidade como a necessidade da revelação divina, nós temos de discernir se a pessoa que alega ser profeta é ou não um verdadeiro recebedor da palavra de Deus. Nós acreditamos que inúmeros profetas foram enviados por Deus. Neste capítulo, porém, trataremos apenas da alegação de Muhammad, que a paz esteja com ele, de ser o último profeta. Uma afirmação de sua profecia implica uma afirmação de todos os profetas que vieram antes dele, por que o Profeta Muhammad, em vez de negar as alegações de seus antecessores, ele testemunha a boa fé de todos os verdadeiros profetas, sendo o último de uma longa série de profetas. Ele continua a ser um profeta para a geração atual e também para as gerações futuras. Do ponto de vista prático, a salvação ou condenação da humanidade então dependem exclusivamente da afirmação ou negação de sua profecia.

Muhammad nasceu nas primeiras horas do dia 29 de agosto de 570, em Meca. Mas foi somente ao chegar à maturidade dos 40 anos que ele anunciou que Deus o tinha escolhido como Seu profeta, e que Ele havia revelado Sua mensagem a ele e confiado a ele a tarefa de transmiti-la para toda a humanidade. Quem obedecesse a ele seria amplamente recompensado e quem o desobedecesse seria destruído.

Essa convocação, em toda a sua intensidade, é tão relevante para nós hoje como era no tempo do Profeta. Essa não é uma voz para ser ouvida com pouca atenção, pois ela faz uma grande exigência e convoca a um pensamento profundo. Se, ao refletir, nós a entendermos como falsa, temos a liberdade de rejeitá-la, mas se a entendermos como verdadeira, devemos aceitá-la com todo o coração.

De acordo com o pensamento moderno, existem três estágios para qualquer ideia ser aceita como um fato científico: hipótese, observação e verificação. Primeiro de tudo, uma ideia ou hipótese assume sua forma na mente, depois é submetida à observação e quando a observação testemunha a ideia, a hipótese se torna conhecida como um fato estabelecido.

De acordo com esse sistema, a alegação da profecia de Muhammad está agora diante de nós como uma hipótese, e nós temos que ver se a observação a confirma ou não. Se a observação falar em seu favor, então a hipótese irá adquirir o status de fato verificado e nós deveremos, necessariamente, aceitá-la.

Vamos ver quais observações são necessárias para atestar

as alegações “hipotéticas” do Profeta. Em outras palavras, quais são as manifestações externas sob a luz das quais se pode determinar que ele era realmente um mensageiro de Deus? Quais são as qualidades que compõem a personalidade de tal mensageiro, que não podem ser explicadas a não ser pelo fato de ele ser um profeta de Deus? Aquele que alega ser profeta deve necessariamente possuir duas qualidades.

Primeiramente, ele deve ser um homem absolutamente ideal. Um homem selecionado dentre toda a humanidade para ter um relacionamento especial com Deus, para o propósito da revelação da forma divina de vida, para que as vidas de todas as pessoas sejam reformadas, deve certamente ser o indivíduo mais superior de toda a raça humana. Ele deve ser a personificação perfeita de todos os ideais elevados. E se a vida dele for adornada por tais ideais, então isso é evidência da verdade que ele professa. Se sua palavra for infundada, os ideais que ele pregou não serão consagrados em sua pessoa com tal perfeição, e ele não se destacaria moralmente dentre toda a raça humana.

Segundo, sua mensagem deve ser repleta de verdades tais que estejam além do alcance do homem comum - que é o que se espera de alguém cuja fonte de informações é o Senhor do Universo. Esses são os critérios com os quais devemos julgar uma alegação de profecia.

No que se refere ao primeiro critério, a história testemunha o fato de que Muhammad, que a paz esteja sobre ele, tinha um caráter extraordinário. Há aqueles que, por pura

teimosia, irão afirmar obstinadamente o contrário, mas qualquer um que estude os fatos objetivamente e de forma imparcial irá com certeza atestar que a vida do Profeta foi bastante exemplar do ponto de vista moral. A profecia foi conferida a Muhammad, que a paz esteja sobre ele, em seu quadragésimo ano. Toda a sua vida antes disso ficou tão marcada pelo excelente caráter e moral que ele recebeu a alcunha de “As-Sadiq al-Amin”, ou o verdadeiro, o confiável (respectivamente). Em toda a região onde ele viveu, todos o tinham na mais alta consideração, sendo conhecido como a pessoa mais honesta possível, incapaz de dizer uma mentira. Cinco anos antes do início da profecia, os coraixitas de Meca decidiram reconstruir a Kaaba após uma inundação repentina que danificou seus alicerces e rachou suas paredes. O trabalho começou e novas paredes foram erguidas. Conforme elas subiam e se aproximava o momento de recolocar a pedra negra em seu lugar na parede leste, eles discordavam quanto a quem deveria ter a honra de posicioná-la naquele local. A competição ficou tão acirrada que quase deu início a uma guerra civil. Quatro ou cinco dias passaram desta forma. Então, Abu Umayyah, filho de Mughirah al Makhzum, sugeriu aos mecanos: “Vamos deixar que o primeiro a entrar pela porta da Kaaba amanhã de manhã seja nosso árbitro nessa disputa”. E o primeiro a entrar foi Muhammad. Quando eles o viram, exclamaram: “Aí vem al-Amin (o confiável)! Nós aceitaremos o veredito dele”.

Nós não conhecemos ninguém na história cuja vida (antes de se tornar objeto de controvérsia quando da

profecia) tenha permanecido um livro aberto perante seus conterrâneos por quarenta anos inteiros sem que sua excelente reputação pelos altos valores morais e pelo caráter genuíno fosse criticada uma única vez.

Sua primeira experiência com a revelação divina aconteceu na Caverna de Hira. Foi um incidente espantoso que ele jamais havia vivenciado. Tremendo de medo e tomado pelo choque, ele voltou para casa. Em meio a tremores e calafrios, ele contou a sua esposa, Khadija, o que havia acontecido. Ela implorou a ele que não tivesse medo e o confortou dizendo: “Por Deus, Ele não vai te decepcionar; você fala a verdade, ajuda os carentes, socorre os necessitados; você é bondoso com seus parentes, é honesto e confiável. Você paga o mal com o bem e sempre dá às pessoas o que é de direitos delas”.

Quando Muhammad, que a paz esteja sobre ele, transmitiu a mensagem do Islam ao seu tio paterno, Abu Talib, este não aceitou, e disse: “Eu não posso renegar a religião do meu pai”. Mas é interessante notar sua reação quanto a seu filho Ali, que vivia com o profeta. No livro *“The Ideal Prophet”*, Khwaja Kamaluddin registra que ele disse: “Bem, meu filho, ele (Muhammad) não vai te pedir para fazer nada a não ser que seja bom; por isso, você tem liberdade de segui-lo” (p. 211).

Após a missão divina lhe ser confiada, o Profeta reuniu seu povo pela primeira vez próximo ao Monte Safa. Antes de transmitir sua mensagem para as pessoas ali reunidas, ele primeiro lhes perguntou: “Qual é a opinião de vocês sobre mim?”. E eles responderam unanimemente: “Nós

jamais vimos nada além da verdade em você”. Esse distinto registro histórico da vida do Profeta antes da profecia é único em toda a história, e não pode ser reivindicado por nenhum poeta, filósofo, pensador ou escritor.

Quando Muhammad, que a paz esteja sobre ele, proclamou sua profecia, os mecanos, que conheciam muito bem as virtudes dele, mal podiam acusá-lo de mentiroso ou falso, porque isso seria totalmente incoerente com a vida que ele havia levado até aquele momento. Sua mensagem foi então considerada uma forma de exagero poético, produto de doença mental, ou feitiçaria, enquanto que outros consideravam que um espírito maligno o havia possuído. Seus inimigos espalharam essas dúvidas, mas não ousaram caluniar sua honestidade, confiabilidade e integridade. Quão extraordinário é o fato de um povo, provocado ao extremo por essa convocação, ter se transformado em seus inimigos diretos, tê-lo expulsado de sua cidade natal, e ainda continuar a se referir a ele como honesto e confiável! Em “*The Life of Muhammad*”⁴, de Ibn Hisham, isso é mencionado: “Acontece que em Meca, sempre que qualquer pessoa precisava guardar algo com segurança, ela deixava aos cuidados do Profeta, pois todos tinham certeza quanto à sua confiabilidade e honestidade” (vol. II, p. 98).

No 13º ano da profecia, no exato momento em que seus inimigos cercaram sua casa almejando assassiná-lo quando ele saísse, o Profeta instruiu Ali, seu primo, a permanecer em Meca até devolver a seus respectivos donos todos os depósitos que lhe haviam sido confiados.

Nadh ibn Harith, um dos inimigos do Profeta, e um dos

mais velhos dentre os coraixitas, certo dia dirigiu-se a seu povo assim: “Ó coraixitas, a mensagem de Muhammad colocou vocês em uma posição tão embarçosa (difícil) que não sobrou para vocês nenhuma solução. Ele cresceu e se tornou um homem feito perante seus olhos. Você sabem muito bem que ele era o mais sincero de todos, o mais honesto, o mais confiável e o mais querido para todos vocês. Agora que ele ficou grisalho e apresentou perante vocês algo que recebeu, foram vocês mesmos que disseram: ‘esse homem é um mago, um poeta, um louco’. Por Deus, eu o ouvi, Muhammad não é mago, nem poeta, nem louco, e eu tenho certeza de que uma calamidade vai cair sobre vocês”.⁵

Até mesmo Abu Jahl, o pior e mais perigoso inimigo do Profeta, disse: “Muhammad, eu não digo que você é mentiroso, mas digo que a mensagem que você está divulgando não é verdade”.

Muhammad foi um profeta enviado não apenas para os árabes, mas para toda a humanidade. Como tal, ele assumiu a responsabilidade de enviar cartas aos reis vizinhos convidando-os ao Islam. Dihyah ibn Khalifa al Kalbi foi o emissário escolhido pelo profeta para ir até Heráclio (575-641 d.c.) e encontrá-lo quando de seu retorno vitorioso da guerra contra a Pérsia, na qual ele recuperou a cruz que havia sido levada pelos persas quando eles ocuparam Jerusalém. O voto que Heráclio fez, de fazer peregrinação a pé até Jerusalém e devolver a cruz ao seu devido lugar, podia agora ser cumprido. Foi justamente nessa peregrinação à cidade de Homs que a mensagem de

Muhammad foi recebida. Heráclio não se irritou em nada com ela e mandou trazer alguns árabes que pertenciam à tribo de Muhammad e que estavam na Síria em uma caravana de comerciantes coraixitas. Ao chegarem a sua corte, Heráclio perguntou primeiro quem deles era o parente mais próximo da pessoa que alegava ser profeta na cidade deles. Abu Sufyan respondeu que pertencia à família do Profeta. Eis parte do diálogo que se seguiu:

Heráclio: “Vocês já o ouviram mentir antes de fazer essa alegação?”.

Abu Sufyan: “Nunca”.

Heráclio: “Alguma vez ele deixou de cumprir sua palavra?”.

Abu Sufyan: “Não, ele nunca deixou de cumprir uma promessa ou acordo”.

Heráclio: “Tendo-se a experiência de ele nunca ter mentido no que se refere aos assuntos entre os homens, então como pode ser que digam que ele invente uma mentira tão grande no que se refere a Deus?”.

Esse diálogo aconteceu quando Abu Sufyan ainda não tinha aceito o Islam e liderava campanhas militares contra o Profeta. Abu Sufyan admitiu que ele não se sentia inclinado a dizer a verdade ao imperador, mas, como seus conterrâneos estão ali presentes, ele se sentiu obrigado a dizer a verdade, por medo de ser chamado de mentiroso.

Não encontramos nada parecido em toda a história da humanidade: um líder dos homens considerado na mais alta

estima por seus inimigos, tão profundamente contrários a ele que estavam prontos para assassiná-lo. O fato de que mesmo os seus mais terríveis opositores reconheciam suas virtudes é em si ampla evidência de ele ser um profeta de Deus.

M. Abu Fazal, em seu livro “*Life of Muhammad*”, cita que o Dr. Leitner disse: “Se existe um processo de inspiração oriundo da fonte de todo o bem, certamente, eu arrisco dizer com toda humildade que, se sacrifício pessoal, honestidade de propósito, crença inabalável em sua missão, um insight maravilhoso quanto à existência do errado ou do erro e a percepção e uso das melhores formas de eliminá-lo, a missão de Muhammad foi ‘inspirada’”.

Quando o profeta começou a divulgar sua mensagem, seu próprio povo começou a persegui-lo de várias formas. Em uma ocasião, espalharam espinhos por seu caminho. Em outra, cobriram-no com sujeiras durante sua oração. Certa vez, quando ele estava em oração na Kaaba, Utbah ibn Abu Muayt, um severo oponente do Profeta, amarrou um pano no pescoço do profeta com tanta força que ele caiu desmaiado. Quando um tormento após o outro não o deteve quanto à sua determinação, os mecanos impuseram um boicote social sobre ele e sobre todos os membros de sua família, o que os forçou a se refugiarem em uma das áreas montanhosas nos arredores de Meca. Em seu isolamento, eles sofreram todos os tipos de privação, frequentemente ficando sem comida e sem água. Durante esse período, ninguém tinha permissão de comprar ou vender para Muhammad ou sua família, nem mesmo

alimentos. As folhas dos arbustos eram o que seria de comida para eles. Um dia, um deles encontrou um pedaço de couro seco. Ele pegou esse couro, lavou-o, assou-o em uma fogueira e comeu com água. Esse boicote continuou por três longos anos.

Diante de tamanha crueldade da parte dos mecanos, o Profeta (quando o boicote foi finalmente revogado) decidiu voltar sua atenção para Taif, uma cidade a cerca de 80 km de Meca, onde ele esperava convidar a tribo de Taqi ao Islam e pedir ajuda.

O povo de Taif não só se recusou a ouvi-lo como também repudiou completamente a ele e seus ensinamentos. Eles o insultaram dizendo coisas como: “Deus não encontrou ninguém a não ser você como profeta?”. E isso não foi tudo. Eles incitaram os moleques nas ruas a zombarem dele perante as pessoas. Eles o apedrejaram de tal forma que seus pés ficaram ensanguentados. Quando ele se afastava buscando se proteger, o povo o forçava a continuar andando para que pudessem apedrejá-lo enquanto andava. E continuaram assim por vários quilômetros até o anoitecer. Sangrando e exausto, ele andou até as videiras de ‘Utbah ibn Rabia, um nobre de Meca, onde finalmente conseguiu se proteger.

Certa vez ele disse a Aisha, sua esposa: “Eu sofri o que sofri com seu povo, mas o mais difícil desse tempo foi o dia de Taif”. O Profeta continuou a pregar a palavra de Deus mesmo em meio a tão terrível perseguição. Finalmente, os chefes de todas as tribos concordaram unanimemente que o assassinio era a única forma de acabar com suas

atividades missionárias. A casa do Profeta foi cercada por jovens de diferentes tribos, selecionados pelos coraixitas para matá-lo. Mas, pela graça de Deus, o Profeta conseguiu escapar de sua casa e chegar com segurança em Medina.

Os coraixitas então decidiram travar guerra contra ele, e mantiveram o Profeta e seus companheiros envolvidos em guerras durante dez longos anos. Nessas batalhas, o Profeta se feriu gravemente, perdeu alguns dentes, testemunhou o martírio de muitos de seus melhores companheiros, sem falar em todo o sofrimento, angústias e dificuldades que foram infligidos ao povo nas condições desse período de guerras.

Meca foi finalmente conquistada perto do fim da vida do Profeta, mas somente depois de 23 anos de provações e tribulações. Seus inimigos, que tinham se mostrado obstinados e implacáveis antes, ficaram diante dele em estado de absoluta impotência. Esse era o momento de acabar com eles completamente. Mas esse não era o proceder do Profeta Muhammad. O que outros homens inferiores fariam em tal situação é algo conhecido, mas o Profeta não se vingou deles pelas ofensas passadas. Ele simplesmente lhes perguntou: “Ó povo Coraixita, o que vocês acham que eu deveria fazer com vocês?”. Eles responderam: “Você é nosso nobre irmão e filho de nosso nobre irmão”. O Profeta então disse: “Podem ir, vocês estão todos livres”. Stanley Lane-Pole, na introdução de seu livro *“Selection from the Quran”*, explica sobre a admirável autodisciplina do Profeta:

Agora era o momento de o Profeta mostrar sua natureza sanguinária. Seus antigos perseguidores estavam a seus pés. Ele não vai esmagá-los, torturá-los e vingar-se deles de forma cruel? Agora o homem vai mostrar quem ele realmente é: já podemos nos preparar para o horror e chorar de vergonha. “Mas o que é isso? Não tem derramamento de sangue nas ruas? Onde estão os corpos dos milhares que foram massacrados?”. Fatos são coisas difíceis, e é fato que o dia do maior triunfo de Muhammad sobre seus inimigos foi também o dia de sua maior vitória sobre si mesmo. Ele perdoou aos coraixitas todos os anos de tristeza e escárnio cruel que eles impuseram a ele: ele concedeu uma anistia a toda a população de Meca. Quatro criminosos, que a justiça tinha condenado, estavam na lista de proscrição de Muhammad quando ele chegou como conquistador da cidade de seus piores inimigos. O exército seguiu seu exemplo e entrou de calma e pacificamente, nenhuma casa foi roubada, nenhuma mulher foi insultada.

Se um exemplo assim de conduta elevada tivesse sobrevivido desde tempos pré-históricos em forma de mito, teria sido considerado fantasioso, por ser um fato muito inusitado. A história com certeza não tem nenhum paralelo para a magnanimidade do Profeta. Sir William Muir, ao falar do tratamento dispensado pelos muçulmanos aos prisioneiros de Badr, dá outro exemplo extraordinário:

Seguindo as ordens de Muhammad, os cidadãos de Medina (...) e os refugiados que possuíam casas,

receberam os prisioneiros com e os trataram com muita consideração. “Abençoados sejam os homens de Medina” disseram esses prisioneiros, mais tarde. “Eles nos deram montaria enquanto eles mesmos caminhavam; deram-nos trigo e pão para comer, mesmo havendo pouco, e contentavam-se com algumas tâmaras”.

A sinceridade de propósito e o altruísmo que ele demonstrou ao longo de sua vida, certamente, não possuem comparação na história.

Antes da profecia, ele havia sido um comerciante de sucesso e contraiu matrimônio com uma viúva rica, Khadija. Mas quando foi confiada a ele a missão divina, ele abriu mão do comércio e até mesmo usou a riqueza de Khadija na divulgação da fé, entrando em um período de enorme sofrimento e perseguição. As necessidades básicas da vida como água e comida ficaram escassas e não era coisa rara que seus seguidores ficassem sem provisões.

Apesar de as perspectivas de uma vida mais confortável estarem sempre adiante dele, o Profeta continuou a sofrer todos os tipos de privações por causa de sua missão divina. Certa vez, durante sua permanência em Meca, Uqba foi enviado pelos coraixitas até o Profeta. Ele disse: “Ó filho do meu amigo, se for seu desejo obter riquezas com a sua causa, nós mesmos faremos de você nosso senhor, e não faremos nada sem você. Se for um Jinn que se apossou de você, nós traremos os melhores médicos e lhes daremos nosso ouro até que eles curem você”. “Isso é tudo?”,

perguntou o Profeta. “Sim”. “Bem, então agora ouça-me”. Então o Profeta, em resposta, simplesmente recitou alguns versículos do Alcorão.⁷

Em Medina, o Profeta foi o chefe de Estado e tinha um grupo de seguidores fiéis que seria difícil de ter em toda a história da humanidade. Mas os eventos mostram que até seus últimos momentos de vida, sua vida diária era humilde ao extremo.

Umar, um de seus companheiros mais próximos, narra sobre um dia em que ele foi visitar o Profeta em sua casa: “Quando eu entrei em seu aposento, vi que ele estava descansando sobre uma esteira de folhas de tamareiras e ele estava sem camisa. As marcas da esteira eram visíveis em suas costas. Além da esteira, seus únicos pertences eram três odres, algumas cascas em um canto e uma pequena quantidade de cevada. Vendo isso, não consegui não chorar. O profeta perguntou: ‘O que fez você chorar?’. Eu respondi: ‘Os imperadores romanos e persas desfrutam dos confortos mundanos, enquanto você, o mensageiro de Deus, sofre tanto’. Ao ouvir essas palavras, o Profeta se sentou e disse: ‘Umar, o que você quer dizer? Você não quer que eles tenham este mundo e que nós tenhamos o outro?’”

Geralmente, mês após mês se passava sem que se acendesse o fogo na cozinha do Profeta. Quando Urwah, um de seus companheiros, perguntou às esposas do Profeta como elas sobreviviam sem comida com tão pouco sustento, elas responderam que sua alimentação consistia de tâmaras e água. Às vezes, os Ansar (convertidos de Medina)

enviavam um pouco de leite. Raramente acontecia de a família do Profeta ter trigo suficiente guardado por três dias consecutivos. Quando o Profeta finalmente partiu deste mundo, as condições materiais de sua vida não estavam melhores do que isso.

Apesar de ter acesso a muito poder, ele passou sua vida nesse estado e não deixou nada para sua família. Nem deixou nenhum testamento. Tudo o que ele deixou foi o simples dito: “Nós profetas não temos herdeiros, o que quer que deixemos para trás deve ser dado em caridade”. Essas foram as palavras do fundador do maior império do mundo, pois sabia muito bem que em breve ele englobaria a Ásia, a África e cruzaria as fronteiras da Europa.

Esses vislumbres de suas palavras e de seu caráter, de sua sinceridade e sacrifício pessoal não são exceções insignificantes. Toda a sua vida foi vivida dessa maneira. Não surpreende nada, então, se nós aceitarmos que um homem tão extraordinário tenha sido o mensageiro de Deus. O que seria surpreendente, ao contrário, seria recusar aceitá-lo como tal. Em nossa aceitação de sua profecia, encontramos uma explicação para sua personalidade sobrenatural. Porém, se não aceitarmos sua profecia, ficamos sem uma resposta para a fonte de qualidades tão admiráveis, particularmente quando sabemos que em toda a história registrada, ele é único. As palavras de Bosworth Smith são a um só tempo um reconhecimento da realidade e uma convocação para que a humanidade creia em sua profecia: “Qual outra prova de sua sinceridade é necessária? Muhammad, ao fim de sua

vida, reclama para si o título com o qual ele começou, título com o qual a mais alta filosofia e o mais verdadeiro cristianismo irão um dia, ouso dizer, concordar em confirmar, título de Profeta, um verdadeiro Profeta de Deus".⁸

NOTAS

1. *Man the Unknown*, p. 242.
2. *Encyclopaedia Britannica*, Vol. 12, p. 179.
3. *Man the Unknown*, p. 37.
4. A mais antiga biografia conhecida do Profeta Muhammad.
5. *Seerat Ibn Hisham*.
6. Tribo árabe da qual descendia o Profeta Muhammad, que a paz esteja com ele, e da qual seu avô era chefe. A tribo ocupava um lugar proeminente devido à sua força e importância dentre as tribos da Arábia.
7. *Seerat ibn Hisham*, vol. 1. p.314.
8. Bosworth Smith, *Mohammad and Mohammadanism*, p.340.

O DESAFIO DO ALCORÃO

“**T**odos os profetas receberam milagres que inspiraram seus povos a crerem. E o milagre que eu recebi foi o Alcorão”

Essas palavras do Profeta, registradas por Bukhari no primeiro século do Islam, dão uma direção correta para a nossa busca. Elas esclarecem que o Alcorão, que ele apresentou às pessoas como tendo sido revelado a ele, palavra por palavra, pelo próprio Deus, é uma prova convincente de ele ser um verdadeiro Profeta.

Quais são as características do Alcorão que provam que ele é a palavra de Deus? Existem muitas, mas farei breve referência apenas a algumas.

Aquela que vai obrigatoriamente impactar um estudante do Alcorão é o desafio que ele fez há 14 séculos, de se produzir um livro semelhante, ou mesmo um capítulo, que seja igual a ele.

E se estais em dúvida acerca do que fizemos descer sobre Nossa servo, fazei vir uma Surat igual à dele, e convocai vossas testemunhas em vez de Allah, se sois verídicos.¹

Nem precisa dizer que esse desafio até hoje não foi cumprido. Aqueles que sentirem que a autoria do alcorão é humana, e não divina, devem considerar também que nenhum simples mortal se entregaria a um desafio tal, por medo de que se provasse, instantaneamente, que ele é um impostor ou blasonador. Nem o alcorão nem o desafio que ele lança para a humanidade, podem ser de origem humana, pois nenhuma obra humana é completa: ela sempre pode ser acrescida, melhorada e emulada. Padrões meramente humanos são sempre atingíveis. Porém, isso provou que o alcorão é único e que é tanto definitivo como inimitável.

Claro que foram feitas tentativas de cumprir esse desafio. A primeira foi de Labid ibn Rabiyah, contemporâneo do Profeta e último de uma série de poetas renomados da época. Ele era tão eloquente que, quando recitava um poema na famosa feira anual de Ukaz, os outros poetas caíam em prostração perante ele, de tão encantados que ficavam com seus versos. Na época pré-islâmica, poetas excepcionais costumavam ser honrados após as reuniões anuais tendo seus poemas pendurados na porta de entrada da Kaaba, para que o público pudesse ler durante todo o ano.

Antes de sua aceitação do Islam, Labid compôs um poema em resposta ao Alcorão, que foi então exibido. Logo após isso, um muçulmano trouxe alguns versículos do alcorão e pendurou-os ao lado do poema de Labid. No dia seguinte, Labid os leu, e ficou tão comovido que declarou que eles só podiam ser a obra de uma super mente humana, e, sem esforço algum, aceitou o Islam. Mas esse não foi o fim da

questão. Famoso como era como poeta árabe, ele ficou tão imensamente impressionado pela excelência literária do alcorão, que logo desistiu de escrever poemas. Quando lhe perguntaram por que ele não continuou a escrever poemas, ele respondeu: “O que? Depois do alcorão?”. Certa vez, quando Umar, o segundo Califa, pediu que ele recitasse um poema, ele disse: “Uma vez que Deus me deu composições consagradas no alcorão, não cabe a mim recitar poemas”.

Ainda mais estranho é o caso de Ibn al-Muqaffa (falecido em 727 d.c.), um grande sábio e aclamado escritor de origem persa, que foi chamado pelos incrédulos para neutralizar a ampla influência que o alcorão estava causando em grandes multidões de pessoas. Homem de talento extraordinário, ele se sentiu muito confiante de que poderia produzir tal obra no espaço de um ano, desde que todas as suas exigências práticas fossem atendidas, para que ele pudesse dar atenção exclusiva a essa composição. Seis meses se passaram e, naturalmente, as pessoas estavam ávidas para saber quanto ele já tinha escrito. Quando foram vê-lo, encontraram-no sentado, com a pena na mão, olhando fixamente para um papel em branco. A seu redor, estavam espalhados inúmeros pedaços de papel. Esse grande, versado e eloquente escritor fez o seu melhor para escrever um livro comparável ao alcorão, mas falhou pateticamente. Completamente envergonhado, ele admitiu que mesmo após trabalhar por esses seis meses, ele não tinha sido capaz de produzir uma única frase que estivesse à altura da excelência do alcorão. Envergonhado

e desamparado, ele desistiu da tarefa que lhe foi confiada. Esse incidente foi recontado pelo orientalista Wollaston, em seu livro *“Muhammad, His Life and Doctrines”* (p. 143), para mostrar que “a vanglória de Muhammad quanto à excelência literária do alcorão não era infundada”.

O desafio do Alcorão ainda não foi cumprido. Séculos se passaram sem que ninguém conseguisse cumpri-lo. A singularidade do alcorão é prova indubitável de sua origem divina. Se o homem tem capacidade de pensar objetivamente, isso deveria ser suficiente para convencê-lo da verdade. Tão milagrosa é a natureza do alcorão que os árabes, que não tinha rivais na eloquência e na fluência, que tinham tanto orgulho de sua retórica que chamavam todos os não árabes de burros - *ajamis*, foram forçados a prostrar-se diante das qualidades superiores do alcorão.

PREDIÇÕES

Outro fator que atesta a divindade do alcorão são suas previsões, que surpreendentemente foram se concretizando no decorrer do tempo. Nós vemos muitas pessoas inteligentes e ambiciosas nas páginas da história que ousaram prever o futuro de outras pessoas e de si mesmos. Mas raras vezes o tempo confirmou suas previsões. Circunstâncias favoráveis, habilidades extraordinárias, uma legião de amigos e apoiadores e sucesso inicial frequentemente, em particular ou todas juntas, iludiram pessoas a pensar que nada poderia impedi-las de alcançar certos objetivos, e assim elas se aventuraram a profetizar que estavam destinadas a alcançar grandes sucessos. Mas

a história praticamente se recusou a concretizar suas predições. Por outro lado, apesar das circunstâncias totalmente desfavoráveis e um tanto impensáveis, as palavras do Alcorão se tornaram realidade, vez após vez, de tal maneira que nenhuma ciência humana é capaz de explicar. Esses eventos jamais podem ser entendidos sob a luz da experiência humana. A única forma de fazerem sentido é sendo atribuídos a um super ser humano.

Napoleão Bonaparte foi um dos maiores generais de seu tempo. Seu sucesso inicial mostrou sinais de ele ultrapassar conquistadores renomados como César e Alexandre. Não foi nada estranho que seu sucesso fenomenal alimentasse a ideia de que ele era mestre de seu próprio destino. Ele então ficou tão confiante que parou de consultar até mesmo seus conselheiros mais próximos. Ele acreditava que nada menos do que a vitória seria sua sina nesta vida: mas como foi que sua carreira terminou? Em 12 de junho de 1815, Napoleão partiu de Paris com um grande exército, com a intenção de aniquilar o inimigo. Apenas 6 dias depois, Napoleão e seu exército foram severamente confrontados na Batalha de Waterloo pelo Duque de Wellington, que estava liderando as forças britânicas e prussianas. Suas esperanças e aspirações foram destruídas, ele abandonou seu torno e tentou fugir para a América para buscar asilo. Mas tão logo ele chegou ao porto já foi preso pelos guardas inimigos e forçado a embarcar em um navio britânico. Ele foi subsequentemente levado para a Ilha de Santa Helena, no Atlântico Sul, onde foi forçado a

viver em isolamento, amargurado e frustrado, até o fim de sua vida, em 5 de maio de 1821.

Outro exemplo dos perigos da profecia humana é o Manifesto Comunista de 1848, no qual foi dito que a Alemanha seria o primeiro país a testemunhar uma revolução comunista. Mas mesmo após 138 anos, essa profecia ainda não tinha se realizado. Karl Marx escreveu, em maio de 1849, que em Paris, a democracia vermelha estava prestes a virar realidade. Mais de um século se passou, e o despontar da democracia vermelha ainda não aconteceu naquela cidade.

Outra profecia importante, mas malfadada, foi feita em 1798 pelo economista britânico Thomas Robert Malthus (1736-1834), mais de mil anos após a revelação do alcorão. Em seu livro “Ensaio sobre o Princípio da População”, ele estabelece sua famosa teoria do crescimento populacional. “A população, quando não controlada, cresce em progressão geométrica. A produção de alimentos só cresce em progressão aritmética”.

Simplificando: o crescimento populacional e o crescimento da oferta de alimentos não são naturalmente iguais. A população cresce geometricamente, ou seja, na proporção 1-2-4-8-16-32, enquanto que o crescimento da oferta de alimentos mantém uma progressão aritmética: 1-2-3-4-5-6-7-8. O sustento, portanto, não consegue acompanhar o crescimento astronômico da população humana. A única solução para esse problema, de acordo com Malthus, era a humanidade fazer um controle da taxa de natalidade. A população não deveria poder exceder um determinado

limite. Se ultrapassasse o limite, o número de pessoas na terra se tornaria maior do que a oferta de alimento disponível, desencadeando uma era de fome com uma quantidade incontável de pessoas passando fome até morrer.

O livro de Malthus causou uma forte impressão no pensamento humano, e ganhou apoio substancial dentre os escritores e pensadores, o que levou ao lançamento de sistemas de controle de natalidade e planejamento familiar. Recentemente, no entanto, pesquisadores chegaram à conclusão de que Malthus estava errado em seus cálculos. Gwynne Dyer resumiu essa pesquisa em um artigo publicado no jornal “The Hindustan Times” (Nova Déli) em 28 de dezembro de 1984. A manchete provocativa era: “Malthus: O Falso Profeta”. Nele, ele escreveu:

É o 150º aniversário da morte de Malthus e suas cruéis predições ainda não se realizaram. A população mundial dobrou e redobrou em progressão geométrica como



ele previu, apenas levemente controlada por guerras e outras catástrofes, e agora soma oito vezes o total de quando ele escreveu. Mas a predição sobre o alimento mais do que acompanhou o passo, e a geração atual da humanidade é, em geral, a mais bem alimentada da história.

Malthus nasceu em uma era de “agricultura tradicional”. Ele foi incapaz de imaginar a chegada de uma era de “agricultura científica”, na qual foram possíveis incríveis avanços na produção. Ao longo dos 150 anos desde a morte de Malthus, os métodos de cultivo foram radicalmente alterados. As plantações cultivadas são escolhidas por seu rendimento altamente particular. O gado é capaz de produzir uma quantidade de laticínio muito maior do que antes. Foram descobertos novos métodos de aumentar a fertilidade da terra. O maquinário moderno tornou as áreas de cultivo mais vastas. Em países tecnologicamente avançados houve uma queda de 90% no número de agricultores: ainda assim, ao mesmo tempo, a produção da agricultura aumentou dez vezes.

No que se refere ao terceiro mundo, três bilhões de pessoas habitam esses países subdesenvolvidos, mas o terceiro mundo possui um potencial de produção alimentícia suficiente para 33 bilhões - dez vezes a população atual^a.

^a Considerar que este livro teve sua primeira edição publicada em 1987. Os números utilizados pelo autor não são perfeitamente exatos, visto que no ano de lançamento a população mundial era de cerca de 5 bilhões de pessoas. O número de 3 bilhões de habitantes é dos anos de 1960. **Nota da Tradutora.**

De acordo com as estimativas da F.A.O., se o aumento na população dos países de terceiro mundo continuar como está, alcançando a marca de 4 bilhões no ano 2000, ainda assim não haverá motivo para preocupação. O aumento na população será acompanhado pelo aumento na produção: os meios estarão disponíveis para fornecer alimento para um número 1,5 vezes maior de pessoas a serem alimentadas. E esse aumento na produção alimentícia será possível sem desmatamento. Então não há perigo real de uma crise alimentícia, seja em escala regional ou universal. Gwynne Dwyer conclui seu relatório com as seguintes palavras: "Malthus estava errado. Não estamos condenados a nos reproduzirmos até passarmos fome". 1400 anos antes disso, o alcorão disse: "E não mateis vossos filhos com receio da indigência: Nós lhes damos sustento, e a vós. Por certo, sue morticínio é grande erro".²

Onde o livro de Malthus sobre população e sustento - a obra de uma mente humana trabalhando dentro dos limites de tempo e espaço - se distanciou bastante em suas previsões para a raça humana (e isso foi provado ao mundo 150 anos após a morte do autor), o alcorão, por outro lado - obra de um mente sobre-humana - ainda confirma realidades eternas até os dias de hoje.

Mais próximo de nosso tempo, uma das mais famosas profecias não realizadas foi a que o ditador alemão Adolf Hitler fez sobre si mesmo.

Em um famoso discurso feito em Munique em 14 de março de 1936, ele declarou que estava marchando adiante com absoluta confiança de que a vitória estava a caminho.

Porém, o mundo sabe que após várias vitórias brilhantes, o destino que o esperava era uma derrota esmagadora, e uma morte ignominiosa por suicídio.

Se olharmos para as profecias históricas que foram feitas neste mundo, aquelas feitas no alcorão se destacam de todo o resto pelo fato de todas elas terem se realizado. Esse fato é prova suficiente de que sua origem é uma mente sobre-humana que, com seu conhecimento eterno, controla o curso dos eventos cósmicos - em resumo, elas são a palavra de Deus.

São de interesse particular as predições relativas às vitórias respectivamente do Profeta sobre seus inimigos e dos romanos sobre os persas.

Quando o Profeta Muhammad começou a divulgar a mensagem do Islam, quase toda a Arábia se voltou contra ele. De um lado estavam as tribos idólatras, sedentas por seu sangue, e de outro, estavam os judeus ricos e poderosos determinados a frustrar toda tentativa de sua parte de divulgar sua mensagem. Um terceiro grupo consistia dos muçulmanos que revelaram publicamente terem abraçado a fé, enquanto escondiam sua intenção de se infiltrar nos grupos genuinamente crentes, sem levantar suspeitas, para provocar a queda da causa islâmica.

Assim, o Profeta cumpria sua missão diante de três grupos inimigos, dois dos quais exibiam abertamente seu poder e recursos, enquanto o terceiro grupo, os conspiradores, usava a máscara da hipocrisia. Ninguém estava disposto a se juntar à causa do Profeta senão um pequeno grupo de escravos e de algumas pessoas classes mais baixas da

sociedade. De todas as pessoas altamente posicionadas de Meca, aqueles que atenderam à sua convocação eram um número quase insignificante, e quando se converteram, passaram também a incorrer na ira do seu povo, de tal modo que, apesar de serem da nobreza, estavam destinados a se tornarem tão desamparados quanto o Profeta.

Ainda assim, a missão islâmica continuou independentemente dos obstáculos colocados em seu caminho. Mas chegou um momento em que as circunstâncias ficaram tão críticas que o Profeta e os seus companheiros foram forçados a deixar sua cidade natal, Meca. Estes novos convertidos já estavam indefesos e quase sem recursos, mas sua situação ficou ainda pior quando emigraram para Medina, pois mesmo as suas posses escassas tiveram de ser deixadas para trás em Meca. O estado de desamparo em que eles chegaram a Medina pode ser imaginado pelo fato de alguns dos emigrantes não terem nem mesmo um teto sobre as suas cabeças. Eles tinham que viver a céu aberto, apenas uma cortina esticada por cima da cabeça, como um tipo de com abrigo. Por isso, eram conhecidos como “os companheiros da cabana”. O número dos que viveram nessa cabana, de tempos em tempos, foi calculado em quatrocentos. Abu Huraira, um dos membros, disse ter visto setenta deles juntos. Tudo o que possuíam era uma peça de tecido grosso, que usavam do pescoço aos joelhos. Ele próprio ficou reduzido a um estado lastimável durante aqueles dias. Muitas vezes, ficava tão quieto na mesquita do Profeta que as pessoas pensavam que estava inconsciente. Mas a verdade é que a fome contínua o tinha

enfraquecido de tal forma que dificilmente poderia fazer outra coisa a não ser ficar imóvel.

Enquanto esta pequena caravana desamparada estava acampada em Medina, havia o risco de a qualquer momento seus inimigos, que estavam à sua volta, caírem sobre eles de repente e haver um massacre. Mas Deus deu a eles, repetidamente, a boa nova de que eles eram Seus representantes e que, por isso, ninguém poderia derrotá-los.

Desejam apagar, com o sopro das bocas, a luz de Allah; e Allah completará Sua luz, ainda que o odeiem os renegadores da Fé. Ele é Quem enviou Seu Mensageiro, com a Orientação e a religião da Verdade, para fazê-la prevalecer sobre todas as religiões, ainda que o odeiem os idólatras.³

Pouco depois desta predição, toda a Arábia se rendeu perante ele. Os crentes, que eram muito menos em número e completamente desprovidos de recursos, dominaram os incrédulos, que os excediam largamente em número e em recursos materiais.

Em termos materiais, não se pode explicar como, exatamente de acordo com a previsão, o Profeta chegou a dominar completamente a Arábia e os países vizinhos. A única explicação possível é que ele era o emissário de Deus e que, só com a ajuda de Deus, ele conseguiu obter uma vitória contra seus inimigos.

E a vitória concedida por Deus à sua missão foi tal que todos os seus inimigos passaram para o seu lado e se tornaram

seus socorredores. O fato de a missão desse profeta iletrado ter dado frutos, mesmo enfrentando oposição e inimizade extraordinárias, é uma prova sólida de que ele era um representante do Senhor do Universo. Se ele tivesse sido um homem comum, seria impossível que suas palavras tivessem o impacto que causaram, e certamente nunca teriam feito história – e uma história que até hoje não tem igual. J. W.H. Stobart, em seu livro, “*Islam and its Founder*”, ressalta o fato de que, quando visto em termos da escassez de recursos à sua disposição, as realizações numerosas e permanentes do Profeta fazem com que seu nome se destaque como o mais radiante e proeminente em toda a história humana (p.228). Há provas tão convincentes de que ele foi um mensageiro de Deus que até Sir William Muir, o renomado orientalista, o aceitou como tal, ainda que indiretamente. Em seu livro “*The Life of Mahomet*”, ele fala sobre como “Muhammad, assim mantendo o seu povo à distância, aguardando, na expectativa da vitória, aparentemente indefeso, e com o seu pequeno grupo, por assim dizer, na boca do leão, mas confiando no Seu poder Todo-Poderoso, cujo mensageiro ele acreditava ser, resoluto e impassível – apresenta um espetáculo de sublimidade que só tem paralelo nos registros sagrados com cenas como a do Profeta de Israel, quando se queixou ao seu Mestre: ‘Eu, só eu, sou deixado’”.⁴

Outra predição do Alcorão que vale a pena mencionar aqui é o domínio dos gregos sobre os iranianos (que então faziam parte do Império Romano do Oriente). Esse fato está registrado no 30º capítulo do Alcorão: “Os romanos

foram vencidos na terra mais próxima. E eles, após sua derrota, vencerão, dentro de alguns anos". O Império Persa, conhecido como Império Sassânida, estava situado ao leste da Península Arábica, na outra costa do Golfo Pérsico, enquanto o Império Romano, conhecido como Império Bizantino, estava situado no lado ocidental, estendendo-se desde as margens do Mar Vermelho até o Mar Negro. As fronteiras de ambos encontravam-se nas margens do Tigre e do Eufrates, no norte da Arábia. Esses impérios foram as superpotências do seu tempo e Edward Gibbon, famoso historiador, afirma que o império romano, cuja história remonta ao início do século II a.c., foi o império mais civilizado do seu tempo.

Mais do que qualquer outra civilização, o Império Romano atraiu a atenção dos historiadores, sendo uma das obras históricas mais famosas a de Edward Gibbon chamada "*Decline and Fall of the Roman Empire*". O segundo capítulo do quinto volume interessa-nos particularmente. Constantino, antigo imperador romano, tendo abraçado o cristianismo no ano 325 d.c., tornou essa nova fé a religião do Estado. Assim, a maioria dos romanos tornou-se cristã, seguindo os passos do seu rei. Os persas, por sua vez, eram adoradores de um deus-sol. Oito anos antes de Muhammad, que a paz esteja com ele, ter se tornado profeta, Maurício, que era o chefe deste Império Romano, graças à sua falta de capacidade administrativa, sofreu uma insurreição do seu exército, liderada pelo Capitão Flávio Focas Augusto, no ano 602 d.c. Este golpe sendo bem sucedido, o império foi usurpado por Focas, que então

ascendeu ao trono de Roma. Uma vez no poder, Focas assassinou brutalmente o imperador romano e outros membros da sua família. Após consolidar seu domínio, delegou a um dos seus enviados a proclamação de sua recente coroação no país vizinho, a Pérsia. Naquela época, o filho de Nao Sherwan Adil, Cosroes II, era o imperador da Pérsia. Em 590-91 d.c., Cosroes teve de fugir da Pérsia devido a um levante de seu próprio povo. Durante esse período, o imperador romano, que tinha sido tão brutalmente assassinado, tinha lhe dado asilo, ajudado a recuperar o seu trono e deu-lhe a sua filha em casamento. Maurício era, portanto, como um pai para ele, e ele ficou muito enfurecido quando soube do golpe e do assassinato do sogro. Por isso, aprisionou os enviados romanos, recusou-se a reconhecer o novo governo e prontamente declarou guerra ao Império Romano.

No ano 603, as suas tropas atravessaram o Eufrates e entraram em cidades sírias. Focas não conseguiu impedir o avanço inesperado e as tropas persas continuaram a sua marcha até finalmente capturarem a cidade de Antioquia e tomarem a cidade sagrada de Jerusalém. Em pouco tempo, as fronteiras do Império Persa se estenderam até o vale do Nilo. Devido à política de inquisição adotada pelo antigo Estado romano, as seitas anti-Igreja, como os nestorianos, os jacobitas e os judeus, já fervilhavam de descontentamento, razão pela qual apoaram os conquistadores persas na derrubada do regime cristão - um fator que foi de grande ajuda para a conquista persa. Diante do fracasso de Focas na luta contra os persas, alguns

nobres da corte romana enviaram uma mensagem secreta ao governador romano da colônia africana do império, pedindo que salvasse o império. O governador nomeou então seu filho Heráclio para liderar a campanha militar. Ele marchou com as tropas da África com tanto sigilo que não houve nenhum sinal de sua aproximação, até que, do seu castelo, o próprio Focas viu os navios se aproximarem da costa. Heráclio capturou a capital Constantinopla após uma pequena batalha e Focas foi morto.

Embora Heráclio tenha conseguido eliminar Focas, ele falou em neutralizar a ameaça persa, que se revelou insuperável. Em 616, os romanos tinham perdido todo o território oriental e ocidental, exceto a capital, para o imperador persa. No Iraque, na Síria, na Palestina, no Egito e na Ásia Menor, a bandeira zoroastriana substituiu a bandeira cristã. Heráclio foi cercado de ambos os lados por esses implacáveis inimigos e o Império Romano acabou reduzido ao que existia dentro das muralhas de Constantinopla. Após a perda do Egito, a capital foi afligida pela fome e pela peste. Assim, a situação se agravava a cada dia. Apenas o tronco da enorme árvore do Império Romano tinha sobrevivido, e mesmo ele começava a definhar. A população vivia com medo e horror dos persas, que podiam cercar Constantinopla a qualquer momento. As transações normais foram interrompidas e os locais públicos, que outrora tinham sido movimentados, tinham agora um aspecto deserto.

Após a tomada dos territórios romanos, o regime dos adoradores do fogo adotou uma série de medidas opressivas

para erradicar o cristianismo. Trezentos anos de oferendas dos devotos foram saqueados em um só dia sacrílego, o patriarca Zacarias e a verdadeira cruz foram transportados para a Pérsia e noventa mil cristãos foram massacrados. Os cristãos do Oriente ficaram escandalizados com o culto do fogo e com as doutrinas ímpias dos conquistadores. Gibbon comenta: “Se os motivos de Cosroes tivessem sido puros e honrados, a contenda teria terminado com a morte de Focas, e ele teria abraçado como seu melhor aliado o africano afortunado que tão generosamente vingara as injúrias do seu benfeitor Maurício. A continuação da guerra revelou o verdadeiro caráter do bárbaro; e as embaixadas suplicantes de Heráclio, que imploraram por sua clemência para que pouasse os inocentes, aceitasse um tributo e concedesse paz ao mundo, foram rejeitadas com um silêncio desdenhoso ou com uma ameaça insolente”.⁵

Podemos julgar, pelo tom com que Cosroes II dirigiu uma carta a Heráclio a partir de Jerusalém, o quanto evidente era a diferença então no equilíbrio de forças entre o império romano e o império persa, e quanto mais superior o conquistador persa se julgava ter em relação ao seu homólogo romano: “De Cosroes, o deus supremo de todos os deuses, o senhor da terra, ao seu escravo mesquinho e cabeça dura, Heráclio. Tu dizes que tens confiança em Deus. Por que é que o teu Deus não salvou Jerusalém das minhas mãos?”⁶

Heráclio, incapaz de resistir e sem esperança de alívio, resolveu transferir a sua pessoa e o seu governo para a residência mais segura de Cartago. Seus navios já estavam

carregados com os tesouros do palácio, mas a fuga foi detida pelo Patriarca, que, armado com os poderes da religião na defesa do seu país, conduziu Heráclio ao altar de Santa Sofia e extorquiu-lhe um juramento solene de que viveria e morreria com o povo que Deus tinha confiado aos seus cuidados.⁷

Durante este tempo, a oferta amigável de Saíno, o general persa, para conduzir uma embaixada à presença do Grande Rei, foi aceita com a mais calorosa gratidão. Mas o tenente de Cosroes tinha confundido fatalmente as intenções do seu mestre. Quando Cosroes soube desta missão de paz, disse: “Não era uma embaixada”, disse o tirano da Ásia; “Era a pessoa de Heráclio, acorrentado, que ele teria trazido ao pé do meu trono. Jamais darei paz ao imperador de Roma enquanto ele não abjurar o seu Deus crucificado e não abraçar a adoração do sol”.⁸

“Porém, uma longa batalha de seis anos acabou levando o monarca persa a fazer as pazes com algumas condições: Mil talentos^a de ouro, mil vestes de seda, mil cavalos e mil virgens”.⁹

Gibbon descreve corretamente esses termos como ignominiosos. Heráclio teria certamente aceitado estas condições, mas, tendo em conta o quanto o território estava limitado e empobrecido e considerando o curto espaço de tempo em que se esperava que ele cumprisse essas condições, era preferível empregar esses mesmos

^a N.T. Talento era uma antiga unidade de medida. Um talento romano equivalia a 32 quilos.

recursos na preparação para uma batalha final decisiva contra o inimigo.

Esses acontecimentos que se desenrolaram em Roma e na Pérsia, os maiores impérios da época, tiveram repercussões em Meca, que ocupava um lugar central na Arábia. Os iranianos adoravam um deus sol e o fogo, enquanto os romanos acreditavam na revelação e na profecia. Psicologicamente, fazia sentido que os muçulmanos se colocassem do lado dos romanos cristãos, enquanto os idólatras de Meca se colocavam do lado dos zoroastrianos, também eles adoradores da natureza. O conflito entre romanos e persas assumiu então um valor simbólico para os crentes e descrentes de Meca, na medida em que ambos olhavam para o resultado desta guerra transfronteiriça como um precursor do seu próprio futuro.

Em 616 d.c., os iranianos saíram vitoriosos e todos os territórios do Império Romano foram anexados ao território persa. Quando esta notícia chegou a Medina, os opositores do Islam tiraram partido dela e começaram a desmoralizar os muçulmanos. Instigaram os muçulmanos com o facto de os seus irmãos persas terem vencido os romanos, que eram adeptos de uma religião semelhante ao Islam. Afirmavam que, da mesma forma, iriam exterminar os muçulmanos e a sua religião. No estado de fraqueza e desamparo em que os muçulmanos se encontravam, estas palavras sarcásticas dos incrédulos eram como sal para suas feridas. Foi nesse momento que o Profeta recebeu uma revelação muito significativa:

Os romanos foram vencidos na terra mais próxima. E eles, após sua derrota, vencerão, dentro de alguns anos. De Allah é a ordem, antes e depois. E nesse dia, os crentes jubilarão com o Socorro de Allah – Ele socorre a quem quer. E Ele é O Todo-Poderoso, O Misericordiador – É a promessa de Allah. Allah não falta à Sua promessa, mas a maioria dos homens não sabe.¹⁰

Quando essa predição foi feita, nenhuma série de acontecimentos poderia ter sido mais inconcebível, pois, segundo Gibbon, “os primeiros doze anos de Heráclio proclamavam a dissolução do império”.

Claramente, esta previsão tinha vindo de um Ser simultaneamente onisciente e onipotente. Tão logo o Profeta recebeu a mensagem de Deus, as mudanças em Heráclio começaram a ficar evidentes. Gibbon escreve: “Dos personagens conspícuos na história, Heráclio é um dos mais extraordinários e inconsistentes. Nos primeiros e últimos anos de um longo regime, o imperador parece ser o escravo da preguiça, do prazer, da superstição, o espectador descuidado e impotente das calamidades públicas. Mas as névoas lânguidas da manhã e da noite são separadas pelo brilho do sol meridiano: o Arcádio do palácio ergueu o César do campo e a honra de Roma e de Heráclio foi gloriosamente recuperada pelos troféus explorados de seis campanhas aventureiras. Era dever dos historiadores bizantinos revelar as causas de seu sono e vigilância. A esta distância, podemos apenas conjecturar que ele era dotado de mais coragem pessoal do que de

resolução política, que ele foi detido pelos encantos, e talvez pelas artes, de sua sobrinha Martina, com quem, após a morte de Eudocia, ele contraiu um casamento incestuoso” (p.82).

O mesmo Heráclio que tinha abandonado toda esperança e coragem, e cuja mente tinha se tornado tão confusa, planejou então uma expedição militar que foi totalmente bem sucedida. Desde os dias de Cipião Africano e Aníbal, não se tentou um empreendimento tão ousado quanto o que Heráclio realizou para a libertação do império. Em Constantinopla, foi reunida toda a força e poder que ele podia nos preparativos para a guerra. No entanto, no ano de 622, quando Heráclio partiu com um grupo selecionado de cinco mil soldados de Constantinopla para Trebízonda, as pessoas entenderam que estavam testemunhando os últimos atos do grande drama do Império Romano.

Sabendo que a marinha persa era fraca, Heráclio primeiro colocou sua própria frota para atacar o inimigo pela retaguarda. Traçando uma rota perigosa através do Mar Negro e enfrentando os perigos das montanhas da Armênia, penetrou bem no coração da Pérsia, precisamente no ponto em que Alexandre, o Grande, tinha derrotado os persas durante sua famosa marcha da Síria ao Egito. Este ataque surpresa causou estragos no exército persa e, antes que este pudesse contra-atacar com uma forte tropa de reserva posicionada na Ásia Menor, Heráclio lançou outra ofensiva inesperada partindo da costa norte. Na sequência deste ataque, Heráclio regressou a Constantinopla pelo mar. No caminho, fez um pacto com os Avares, que

ajudaram a deter o avanço das tropas persas para além da sua própria capital. A estes dois ataques romanos seguiram-se mais três expedições entre 623 e 625 d.c. Invadindo a partir da costa sul do Mar Negro, os romanos penetraram no coração do império persa e chegaram até a Mesopotâmia. A agressão persa já tinha recebido um golpe mortal e todos os territórios ocupados foram desocupados. A batalha final, porém, foi travada em Nínive, às margens do rio Tigre, em dezembro de 627.

À essa altura, Cosroes II já não tinha forças para lutar. Planejou fugir de Dastgard, seu palácio preferido, mas a sua fuga foi rudemente interrompida por uma rebelião contra ele em seu próprio palácio. Dezoito filhos foram massacrados diante dos seus olhos e ele foi atirado em uma masmorra por seu próprio filho, Siroes (Cabades II), morrendo no quinto dia. A glória da casa de Sassan terminou com a morte de Cosroes II. Seu filho usufruiu dos frutos de seus crimes por apenas oito meses e, no espaço de quatro anos, o título real foi assumido por outros aspirantes ao trono, que disputavam com a espada ou com o punhal os últimos resquícios de uma monarquia enfraquecida. Em tal estado de anarquia, os persas estavam claramente sem condições de lançar uma nova expedição contra os romanos. Cabades II, filho de Cosroes II, fez um tratado de paz com os romanos e entregou-lhes todos os territórios romanos. A madeira da Santa Cruz foi restaurada a pedido urgente do sucessor de Constantino.

O filho de Cosroes abandonou as conquistas do pai sem qualquer arrependimento aparente.

“O regresso de Heráclio de Tauris a Constantinopla foi um triunfo perpétuo. Depois de muita impaciência, o senado, o clero e o povo saíram ao encontro do seu herói, com lágrimas e aclamações, com ramos de oliveira e inúmeras lâmpadas. Ele entrou na capital numa carruagem puxada por quatro elefantes”.¹¹

Assim, a previsão do Alcorão sobre os romanos reconquistarem seus territórios perdidos se concretizou ao pé da letra, dentro do período especificado de dez anos. Gibbon expressou seu espanto quanto a esta previsão mas, ao mesmo tempo, para diminuir a sua importância, relacionou-a erroneamente à epístola enviada pelo Profeta Muhammad a Cosroes II. Gibbon observa: “Enquanto o Xá persa contemplava as maravilhas da sua arte e poder, recebeu uma epístola de um obscuro cidadão de Meca, convidando-o a reconhecer Muhammad como o apóstolo de Deus. Ele rejeitou o convite e rasgou a epístola. ‘É assim’, exclamou o profeta árabe, ‘que Deus rasgará o reino e rejeitará as súplicas de Cosroes’. Colocado à beira dos dois grandes impérios do Oriente, Muhammad observou com secreta alegria o progresso da sua destruição mútua. E no meio dos triunfos persas, aventurou-se a predizer que, antes de se passarem muitos anos, a vitória voltaria de novo aos estandartes dos romanos. No momento em que se diz que esta previsão foi proferida, nenhuma profecia poderia estar mais distante da sua realização, uma

vez que os primeiros doze anos de Heráclio anunciam a dissolução do império que se aproximava'.¹²

Mas outros historiadores concordam que a sua predição não se refere à epístola dirigida a Cosroes II, porque esta foi enviada ao imperador da Pérsia no sétimo ano da Hégira, em 628 d.c., ao passo que a predição da vitória romana foi feita em 616 d.c. em Meca, antes da emigração.

A MÚMIA DE MERNEPTÁ

Uma das previsões mais intrigantes feitas pelo Alcorão diz respeito a um faraó do Egito, chamado Merneptá, que era filho de Ramsés II. De acordo com os registos históricos, este rei foi afogado no Mar Vermelho, quando perseguia Moisés. Quando o Alcorão foi revelado, a única outra menção ao Faraó estava na Bíblia, sendo que a única referência ao seu afogamento está no Livro do Éxodo: “E as águas voltaram, e cobriram os carros, e os cavaleiros, e todo o exército de Faraó, que vinha atrás deles no mar; não ficou um só deles”.¹³

Surpreendentemente, quando isso era tudo o que o mundo sabia sobre o afogamento do Faraó, o Alcorão produziu esta revelação espantosa: “Hoje salvar-te-emos o corpo, para que tu sirvas de sinal aos que serão depois de ti”.¹⁴

Que extraordinário deve ter parecido esse versículo quando foi revelado. Naquela época, ninguém sabia que o corpo do faraó estava realmente intacto, e passaram-se quase 1400 anos até que esse fato fosse conhecido. O professor Loret, em 1898, foi o primeiro a encontrar os

restos mumificados do faraó que viveu no tempo de Moisés. Durante 3 mil anos, o cadáver permaneceu envolto em um tecido no túmulo da Necrópole de Tebas, onde Loret o tinha encontrado, até 8 de Julho de 1907, quando Elliot Smith o descobriu e o submeteu a um exame científico adequado. Em 1912, ele publicou um livro intitulado “*The Royal Mummies*”. Suas investigações provaram que a múmia descoberta por Loret era, de fato, a do faraó que “conheceu Moisés, resistiu aos seus apelos, perseguiu-o quando ele fugiu e perdeu a vida no processo”. Os seus restos mortais foram salvos da destruição pela vontade de Deus, para se tornarem um sinal para o homem, como está escrito no Alcorão.¹⁵

Em 1975, o Dr. Bucaille fez uma análise detalhada da múmia do Faraó, que tinha sido levada para o Cairo. Suas descobertas levaram-no a escrever com espanto e aclamação:

Aqueles que procuram, entre os dados modernos, a prova das Sagradas Escrituras encontrarão uma magnífica ilustração dos versículos do Alcorão que tratam do corpo do Faraó, visitando a Sala das Múmias Reais do Museu Egípcio, no Cairo!¹⁶

No século VII d.c., o Alcorão afirmou que o corpo do faraó tinha sido preservado como um sinal para o homem, mas foi só no século XIX que a descoberta do corpo deu provas concretas dessa previsão. Quais outras provas de que o Alcorão é o Livro de Deus são necessárias? Certamente, não há nenhum livro como esse, entre as obras dos homens.

SOBREVIVÊNCIA DA LÍNGUA ÁRABE

A própria língua árabe na qual o Alcorão está escrito é uma espécie de milagre, constituindo uma espantosa exceção à regra histórica de que uma língua não pode sobreviver na mesma forma durante mais de 500 anos. No curso de cinco séculos, uma língua muda tão radicalmente que as gerações seguintes têm cada vez mais dificuldade para compreender as obras dos seus distantes antecessores. Por exemplo, as obras de Geoffrey Chaucer (1342-1400), pai da poesia inglesa, e as peças de teatro e a poesia de William Shakespeare (1564-1616), um dos maiores escritores da língua inglesa, tornaram-se quase ininteligíveis para os leitores do século XX e são agora lidas quase que exclusivamente como parte dos currículos universitários com a ajuda de glossários, dicionários e “traduções”.

Mas a história da língua árabe é muito diferente, tendo resistido ao teste do tempo durante nada menos que 1500 anos. É claro que a redação e o estilo sofreram alguma evolução, mas não a ponto de as palavras perderem o seu significado original. Supondo que alguém que pertenceu aos tempos corânicos da antiga Arábia pudesse renascer hoje, a forma de linguagem com que se expressaria seria tão compreensível para os árabes modernos como era para os seus contemporâneos.

É como se o Alcorão tivesse colocado uma marca divina na língua árabe, detendo-a no seu curso, para que se mantivesse compreensível até o último dia. Assim sendo, o Alcorão nunca irá apenas acumular pó em alguma

prateleira obscura de “Literatura Clássica”, mas será lido e inspirará as pessoas para sempre.

No campo da ciência, apesar dos grandes e rápidos avanços do conhecimento nos últimos anos, voltamos ao que foi afirmado no Alcorão, há tantos séculos, como tendo chegado à quintessência da questão. Assim como a língua árabe parece ter sido cristalizada num determinado momento – na verdade, no momento da revelação divina -, também as ciências parecem ter sido detidas no seu curso, tendo o Alcorão a última palavra sobre assuntos que durante séculos estiveram além do conhecimento do homem e que ainda hoje, em muitos casos importantes, escapam à compreensão intelectual do homem. O mais importante deles é a origem do universo.

É interessante notar como esta teoria da origem do universo afetou um grupo de estudantes chineses de pós-graduação que estavam estudando na Universidade da Califórnia com patrocínio do governo. Cerca de doze membros deste grupo dirigiram-se ao pastor da Primeira Igreja Presbiteriana de Berkeley e pediram que fosse organizada uma aula de Escola Dominical para eles - não porque desejassem se tornar cristãos, como explicaram com franqueza, mas porque queriam saber até que ponto o cristianismo tinha influenciado a cultura americana. Como se tratava de um tipo de aula muito especial, o pastor pediu ao matemático e astrônomo Peter W. Stoner que a organizasse e ensinasse. Apenas quatro meses depois, todos aqueles jovens estudantes aceitaram o cristianismo! Qual teria sido a razão para esta reação extraordinária?

Peter W. Stoner explicou da seguinte forma: “Eu me deparei imediatamente com o problema do que deveria ser apresentado a um grupo desse tipo. Como esses jovens não tinham fé na Bíblia, o ensino bíblico comum parecia inútil. Foi então que me ocorreu uma ideia. Notei no meu trabalho de licenciatura uma relação muito próxima entre o primeiro capítulo do Gênesis e as ciências e decidi apresentar esta imagem ao grupo”.

“Os alunos e eu estávamos naturalmente conscientes do fato de que este material do Gênesis tinha sido escrito milhares de anos antes de a ciência ter qualquer dos seus atuais conhecimentos e conceitos sobre o universo, a Terra e a vida nela existente. Nós percebemos que muitos dos ensinamentos das pessoas na época de Moisés, e por milhares de anos depois, eram muito absurdos quando vistos à luz dos conhecimentos modernos disponíveis também para este grupo de estudantes. No entanto, ‘abordamos’ o assunto com vontade”.

Passámos todo o Inverno em Gênesis I. Os alunos levavam os trabalhos para a biblioteca da universidade e depois os traziam de volta, marcados com um nível de detalhamento com que um professor normalmente só sonha. No final daquele Inverno, o pastor me chamou em seu gabinete e me disse que o grupo todo tinha vindo até ele dizendo que queriam se tornar cristãos. Estava comprovado para eles, como disseram, que a Bíblia era a Palavra inspirada de Deus”.¹⁷

Uma frase do Livro do Gênesis, relativa ao início do mundo, diz: “... e havia trevas sobre a face do abismo”.

De acordo com descobertas recentes, esta é a melhor descrição do tempo em que a Terra ainda estava quente e toda a água tinha evaporado. Durante todo esse tempo, todos os nossos mares estavam suspensos na atmosfera sob a forma de nuvens densas, e como resultado, a luz não conseguia penetrar na superfície da Terra. Como diz A. Cressy Morrison em seu livro *“Man Does Not Stand Alone”*:

“Será que a ciência consegue apontar um defeito na história mais breve já contada? Devemos prestar a nossa homenagem ao escritor, desconhecido e não anunciado, e nos curvarmos com toda a humildade perante a sua sabedoria e admitir a sua inspiração. Diante da simples verdade aqui contada, não devemos discutir os pormenores devidos à tradução e à interpolação humana, nem sobre a questão de saber como Deus realizou a sua obra ou o tempo que demorou. Quem sabe? Os fatos, tal como são contados, foram transmitidos através dos tempos e são fatos”.

É nossa crença que o Antigo e o Novo Testamento eram originalmente divinos, tal qual o Alcorão ainda hoje o é, e que ainda contêm centelhas do conhecimento divino, mas as escrituras perderam as suas qualidades prístinas no processo de tradução e interpolação.

Como escreve o Dr. Maurice Bucaille no seu livro *A Bíblia, o Alcorão e a Ciência*: “Uma revelação está misturada em todos esses escritos, mas tudo o que possuímos hoje é o que os homens acharam por bem deixar-nos. Esses homens manipularam os textos para agradarem a si mesmos, de

acordo com as circunstâncias em que se encontravam e com as necessidades que tinham de satisfazer”.

“Quando esses dados objetivos são comparados com os que se encontram em vários prefácios de Bíblias destinadas hoje à publicação em massa, percebe-se que os fatos são apresentados de uma forma bastante diferente. Os fatos fundamentais relativos à redação dos livros são ignorados, são mantidas ambiguidades que podem induzir o leitor em erro, os fatos são minimizados de tal modo que se transmite uma falsa ideia da realidade. Um grande número de prefácios ou introduções à Bíblia deturpa a realidade desta forma. No caso de livros que foram adaptados várias vezes (como o Pentateuco), diz-se que muitos pormenores foram acrescentados mais tarde. Introduz-se uma discussão sobre uma passagem sem importância de um livro, mas fatos cruciais que justificam longas exposições são ignorados em silêncio. É angustiante ver que informações tão inexatas sobre a Bíblia são mantidas para publicação em massa” (pp. 9,10).

Mais adiante, na p. 42, o autor diz: “Em uma época em que ainda não era possível fazer perguntas científicas, e só se podia decidir sobre improbabilidades ou contradições, um homem de bom senso, como Santo Agostinho, considerava que Deus não podia ensinar ao homem coisas que não correspondessem à realidade. Por isso, ele propôs o princípio de que não era possível que uma afirmação contrária à verdade fosse de origem divina, e estava pronto para excluir de todos os textos sagrados tudo o que lhe parecesse merecer exclusão por este motivo”.

“Mais tarde, no momento em que se percebeu a incompatibilidade de certas passagens da Bíblia com o conhecimento moderno, a mesma atitude não foi seguida. Essa recusa foi tão insistente que surgiu toda uma literatura destinada a justificar o fato de, perante toda a oposição, se terem mantido na Bíblia textos que não tinham razão de ser”.

Com certeza, isso nunca pode ser dito sobre o Alcorão. Nas escrituras mais antigas, encontramos apenas vislumbres da verdade, enquanto no Alcorão a verdade está consagrada em toda a sua glória original. Se o Alcorão fosse obra do homem, e não de Deus, as suas afirmações certamente já teriam se revelado erradas, ou irrelevantes, à luz das descobertas científicas modernas.

O Professor Arberry traduziu a palavra árabe “*ikhtilaf*” como “incoerência”. Outras traduções da palavra incluem contradição, disparidade e diferença.

A consistência total é uma qualidade extremamente rara, que só pode ser encontrada em Deus. Está além de qualquer ser humano compor uma obra de absoluta consistência. Para que uma obra seja isenta de incoerência, seu autor deve dominar um conhecimento que abrange o passado e o futuro, e que se estende também a todos os objetos da criação. Não pode haver qualquer sombra de dúvida na sua percepção da natureza essencial das coisas. Além disso, o seu conhecimento deve estar baseado no conhecimento direto e não na informação indiretamente recebida de outros. E há outra qualidade única que ele

deve possuir: ele deve ser capaz de ver as coisas, não sob uma luz preconceituosa, mas como elas realmente são.

Só Deus pode possuir todas essas qualidades extraordinárias. Por isso, só a Sua Palavra permanecerá perenemente livre de qualquer inconsistência e contradição. Por outro lado, a obra do homem é sempre marcada pela imperfeição, pois o próprio homem é imperfeito. Está além dele compor uma obra livre de contradições.

CONTRADIÇÕES NO RACIOCÍNIO HUMANO

Não é por acaso que a obra do homem está repleta de contradições. É inevitável, dadas as limitações inerentes ao pensamento humano. A natureza da criação é tal que aceita apenas o pensamento do seu Criador. Qualquer teoria que não esteja em consonância com o Seu pensamento não pode encontrar seu lugar no universo. Ela vai contradizer a si mesma, pois está em contradição com o universo em geral. Será inconsistente, pois não está de acordo com o padrão da natureza.

Por essa razão, a incoerência intelectual irá impactar qualquer teoria concebida pelo homem. Vamos ilustrar esse ponto com vários exemplos.

DARWINISMO

Charles Darwin (1809-1882), e outros cientistas depois dele, desenvolveram a Teoria da Evolução a partir das suas observações das criaturas vivas. Eles viram que as várias formas de vida encontradas na Terra pareciam

exteriormente diferentes umas das outras. Porém, biologicamente, elas carregavam uma semelhança considerável entre si. A estrutura de um cavalo, por exemplo, quando erguido sobre as duas patas traseiras, não era muito diferente da estrutura humana.

A partir destas observações, eles chegaram à conclusão de que o homem não era uma espécie isolada e que, juntamente com os outros animais, tinha origem em um gene comum. Todas as criaturas estavam envolvidas em uma grande jornada evolutiva através de estágios sucessivos de desenvolvimento biológico. Enquanto os répteis, os quadrúpedes e os macacos se encontravam em fase inicial da evolução, o homem encontrava-se em fase avançada.

Durante cem anos essa teoria dominou o pensamento humano. Mas, depois, investigações mais aprofundadas revelaram que lacunas. A teoria não se enquadrava totalmente na estrutura da criação. Em certos aspectos fundamentais, entrava em conflito com a ordem do universo como um todo.

Por exemplo, tem a questão da idade da Terra. Pelos cálculos científicos, sua idade é de cerca de 4,5 bilhões de anos. Agora, esse período é curto demais para ter acomodado o processo de evolução proposto por Darwin. Foi demonstrado cientificamente que para que um único composto de molécula de proteína tivesse evoluído, teria sido necessário mais do que apenas milhões e milhões de anos.

Existem mais de um milhão de formas diferentes de

vida animal na Terra e pelo menos duzentas mil espécies vegetais plenamente desenvolvidos. Como é que todas elas podem ter evoluído em apenas 4,5 bilhões de anos? Nem mesmo um animal no nível mais baixo da escala evolutiva poderia ter se desenvolvido nesse período, muito menos o homem, uma forma de vida avançada que só poderia ter se desenvolvido depois de passar por inúmeras etapas evolutivas.

Um matemático chamado Professor Patau fez alguns cálculos relativos às mudanças biológicas postuladas pela teoria da evolução. Segundo ele, mesmo uma pequena mudança em qualquer espécie levaria um milhão de gerações para se completar. A partir daí já podemos ter uma ideia de quanto tempo passaria até que um cão, por exemplo, se transformasse num cavalo. As múltiplas mudanças envolvidas em um processo evolutivo tão complicado teriam levado tempo demais para acontecerem durante o tempo humano de vida do mundo.

Como diz Fred Hoyle, em *“The intelligent Universe”*: “A lentidão excruciante com que a informação genética se acumula por tentativa e erro pode ser vista a partir de um exemplo simples. Suponhamos, de forma muito conservadora, que uma determinada proteína é codificada por um pequeno segmento do DNA, apenas dez das ligações químicas da sua hélice dupla. Sem que todas as dez ligações estejam na sequência correta, a proteína do DNA não funciona. Começando com todas as dez erradas, quantas gerações de cópias devem existir antes que todas as ligações - e, portanto, a proteína - estejam corretas em

meio a erros aleatórios? A resposta é facilmente calculada a partir da taxa de erros de cópia das ligações do DNA, um valor que foi estabelecido por experiência”.

“Para obter a sequência correta de dez ligações através de cópias erradas, o DNA teria de se reproduzir, em média, cerca de cem mil bilhões de vezes! Mesmo que houvesse cem milhões de membros da espécie, todos produzindo descendentes, ainda assim seriam necessárias milhões de gerações até que um único membro chegasse ao rearranjo necessário. E se isso soa quase dentro dos limites da possibilidade, considere o que acontece se uma proteína for mais complicada e o número de ligações de DNA necessárias para codificá-la saltar de dez para vinte. Seriam então necessárias mil bilhões de gerações e, se forem necessárias 100 ligações (como é frequentemente o caso), o número de gerações seria impossivelmente elevado, porque nenhum organismo se reproduz com rapidez suficiente para conseguir isso. A situação para a teoria neodarwiniana é evidentemente desesperada. Pode ser possível aos genes serem ligeiramente modificados durante o curso da evolução, mas, claramente, a evolução de sequências específicas de ligações de DNA de qualquer comprimento calculável não é impossível” (p.110).

E, em todo o caso, como Hoyle já tinha afirmado anteriormente, “as alterações do código de DNA são desvantajosas porque tendem a destruir a informação genética cósmica em vez de melhorá-la”.

Para resolver este problema, outra teoria foi criada, chamada Teoria da Panspermia. Essa teoria defende que

a vida teve origem no espaço exterior. De lá, veio para a Terra. Mas, como se verificou, essa teoria criou novos problemas próprios a ela. Aonde, na vastidão do espaço, existiu um planeta ou uma estrela com as condições necessárias para o desenvolvimento da vida? Por exemplo, não há nada mais essencial à vida do que a água. Nada existe ou continua a sobreviver sem ela. No entanto, não se conhece nenhum lugar no universo inteiro, exceto a Terra, onde ela existe. Havia então determinado corpo de intelectuais que defendia a teoria da Evolução Emergente, segundo a qual a vida - ou as suas várias formas - surgiu de repente. Mas esta teoria é vazia. Como é que pode haver um surgimento súbito de vida sem a intervenção de uma força exterior - ou Criador - na ausência da qual todas estas teorias foram originalmente inventadas.

O fato é que, sem ter em conta um Criador, não se pode dar uma explicação válida da vida. Simplesmente não há outra teoria que se encaixe no padrão do universo. Sendo inconsistentes com a natureza da vida, as outras teorias não conseguem criar raízes sólidas. É realmente significativo que acadêmicos eminentes de várias áreas tenham considerado adequado contribuir para uma Encyclopédia da Ignorância, que foi publicada em Londres. O livro tem a seguinte introdução:

“Na ‘*Encyclopaedia of Ignorance*’, cerca de 60 cientistas renomados analisam diferentes áreas de investigação, tentando apontar lacunas significativas no nosso conhecimento do mundo”.

O que este trabalho realmente significa é um

reconhecimento acadêmico do fato de o Criador do mundo tê-lo moldado de tal forma que não pode ser explicado por nenhuma interpretação mecânica. Por exemplo, como escreveu John Maynard Smith, a teoria da evolução está repleta de problemas “embutidos”. Parece não haver solução para esses problemas, pois tudo o que temos para nos guiar são teorias. E, sem provas concretas, não há forma de sustentarmos nossas teorias.

De acordo com o Alcorão, o homem e todas as outras formas de vida foram criados por Deus. A teoria da evolução, por outro lado, defende que todos eles são o resultado de um processo mecânico cego. A interpretação do Alcorão se explica sozinha, pois Deus pode fazer o que quiser. Ele pode criar o que quiser sem recursos materiais. Não é o caso da teoria da evolução, que exige que haja uma causa para tudo o que acontece. Essas causas não podem ser encontradas, e com isso a teoria da evolução fica sem explicação, em um vazio intelectual por assim dizer, enquanto o mesmo não pode ser dito sobre a explicação da vida oferecida pelo Alcorão.

FILOSOFIA POLÍTICA

Foi o mesmo caso com a filosofia política. Segundo a edição de 1984 da “Enciclopédia Britânica”: “A filosofia política e o conflito político basicamente evoluíram em torno de quem deveria ter poder sobre quem” (14/697).

Por 5 mil anos, grandes cérebros humanos voltaram seus esforços para a busca por uma resposta a essa pergunta. E

eles ainda não foram capazes de produzir o que Spinoza chamou de “base científica” sobre a qual se formar uma filosofia política coerente.

No total, existem mais de 12 escolas de pensamento político, que se dividem em duas grandes categorias: o despotismo e a democracia. A primeira é fortemente contestada, com o argumento de que não se pode encontrar uma boa razão para um único indivíduo tiranizar toda a população de um país ou países. Embora a democracia tenha tido um amplo apoio popular, foi também objeto de fortes críticas no plano teórico. Toda a base da democracia é a crença de que as pessoas nascem iguais, com direitos iguais e que são livres. Mas os problemas que afetam a democracia são aludidos logo nas primeiras linhas do *Contrato Social* de Rousseau: “O homem nasce livre e em toda a parte encontra-se acorrentado”.

O significado literal de democracia - uma palavra de origem grega - é o governo do povo. Mas, na prática, é impossível estabelecer o governo por todo o povo. Como pode todo o povo governar e ser governado ao mesmo tempo? Além disso, diz-se que o homem é um animal social. Longe de estar sozinho neste mundo, com a liberdade de viver como lhe apetece, ele faz parte do corpo social. Um filósofo diz o seguinte: “O homem não nasce livre. O homem nasce na sociedade, que lhe impõe restrições”.

Como pode, então, ser formado um governo popular, se todo o povo não pode ter poder ao mesmo tempo? Várias teorias foram propostas, a mais popular das quais é a de Rousseau: o governo deve ser deixado à vontade

geral, e pode ser determinado por plebiscito. Assim, de fato, o governo do povo torna-se o governo de alguns indivíduos eleitos. As pessoas podem ser livres de votar como quiserem, mas depois de terem votado, estão novamente sujeitas ao domínio de um grupo selecionado. Rousseau explicou isso dizendo: “Seguir o impulso de alguém é escravatura, mas obedecer à lei auto prescrita é liberdade”.¹⁸

Claramente, isso deixa muita coisa sem resposta. Vendo com que facilidade os sistemas democráticos se transformavam em monarquias eletivas, as pessoas não ficaram satisfeitas com a explicação de Rousseau. Uma vez garantidos os votos do povo, os governantes democraticamente eleitos começaram a assumir o mesmo papel que os monarcas tinham antes deles.

Todos os filósofos políticos foram pegos em contradições desta natureza. E parece não haver saída para o impasse. Em teoria, todos eles defendem o ideal da igualdade humana. Mas a igualdade humana, no seu verdadeiro sentido, não existe nem nas monarquias nem nas democracias. Se uma é monarquia dinástica, a outra é uma oligarquia eletiva. Nos séculos XVIII e XIX, o povo revoltou-se contra o governo monárquico. Mas, livres do jugo da realeza, descobriram que não estavam muito melhor, pois tinham de se resignar a serem governados por um grupo seletivo de “representantes do povo”, enquanto os antigos monarcas se tinham proclamado “representantes de Deus na terra”. Esta era a única diferença entre os dois.

Até a chamada “representação” do povo pode ser

questionada. Tomemos o exemplo dos conservadores britânicos que, em um ano, obtiveram uma vitória decisiva, conquistando uma maioria global de 144 lugares. No entanto, em termos de votos, a percentagem de votos dos conservadores (43%) diminuiu desde 1979, ou seja, no que diz respeito aos lugares, os conservadores obtiveram uma enorme maioria global. Mas, em termos de votos, apenas conseguiram reunir 43%. Será que se pode dizer que isto é verdadeiramente representativo do povo? O fracasso do homem nesse campo foi resumido nestas palavras: “A história da filosofia política, desde Platão até os dias atuais, mostra claramente que a filosofia política moderna continua a ser confrontada com problemas fundamentais”.¹⁹

Tanto nos sistemas de governo democráticos como nos despóticos, o poder é entregue a um único indivíduo ou a alguns poucos selecionados. Assim, em nenhum dos sistemas é possível dizer que os homens são iguais, nem mesmo na democracia, que não conseguiu produzir igualdade, apesar de formulada em seu nome. Devido a contradições inerentes, este sistema produziu igualmente o oposto do que se pretendia.

Na verdade, existe apenas uma filosofia política que não se contradiz e é a filosofia apresentada pelo Alcorão. O Alcorão diz que só Deus tem o direito de governar o homem: “Diziam: ‘Temos nós algo da determinação?’ . Dize, Muhammad: ‘Por certo, toda determinação é de Allah’” (3:154).

A ideia de Deus como Soberano permite um sistema

de pensamento coerente, livre de todas as formas de contradição. Mas quando o homem é considerado soberano, as teorias políticas que se desenvolvem são necessariamente contraditórias e incoerentes. O objetivo de todas as teorias políticas tem sido erradicar a divisão entre o soberano e os súditos. Porém, nenhum sistema humano, de qualquer natureza que seja, foi capaz de fazer isso. Tanto nos sistemas democráticos como nos despóticos, a igualdade humana permaneceu um ideal inatingível, pois o poder teve sempre de ser colocado nas mãos de alguns indivíduos, com os outros se tornando seus súditos. Essa disparidade só desaparece quando Deus é considerado Soberano. Então, a única diferença que resta é entre Deus e o homem. Ele é o soberano, todos são seus súditos. Todos os homens são iguais perante ele. Não há divisão nem distinção entre um homem e outro homem.

ALCORÃO

Se as diferentes partes de um livro se contradizem, o livro é inconsistente por si só. Se o conteúdo de um livro, como um todo ou em parte, contradiz realidades externas, o livro é externamente inconsistente. O Alcorão afirma - com justiça - estar livre de qualquer tipo de inconsistência, ao passo que nenhuma obra de origem humana pode estar livre de qualquer uma delas. Segue-se, portanto, que o Alcorão deve ter uma origem sobre-humana. Se tivesse sido escrito por um ser humano, estaria cercado por falhas humanas e teria havido inconsistências nele, do tipo frequentemente encontrado nas obras do homem.

As contradições de uma obra resultam basicamente das deficiências do seu autor. Para evitar inconsistências, duas coisas são essenciais: conhecimento absoluto e objetividade total. Não há ser humano que não seja tristemente deficiente em ambos os domínios. Só Deus é onisciente e irrepreensível quanto Ser, e quanto as obras feitas pela mão humana são invariavelmente manchadas por inconsistências, o Seu livro, e só o Seu livro, nunca se contradiz.

Devido às limitações inherentemente humanas, há muitas coisas que, intelectualmente, ele não pode compreender. Ele é forçado, portanto, a especular, o que frequentemente o leva a julgamentos errôneos e contendas infundadas.

Todo ser humano passa da juventude à velhice e, quando um homem envelhece, muitas vezes contradiz as coisas que afirmava como fatos quando era jovem e imaturo. Com a idade, seu conhecimento e sua experiência aumentam, o que faz com que o seu veredito final seja diferente dos seus julgamentos iniciais. Mas, mesmo quando a morte o leva, ele ainda tem muito a aprender e, muitas vezes, as afirmações da sua idade mais madura revelam-se erradas após a sua morte. A verdade não é alcançada apenas através da experiência e do raciocínio.

Os seres humanos, além de cometerem erros inadvertidos e involuntários (pela simples razão de que são humanos e não Deus!), são demasiadamente propensos a fazer deturpações deliberadas dos fatos quando são motivados pelas emoções básicas da ganância, inveja, ciúme, vingança e medo. Um caso notório, em que o estabelecimento

científico ocidental inteiro foi enganado durante cerca de meio século, foi o da “descoberta” do Homem de Piltdown, um suposto “elo perdido” (segundo os evolucionistas) entre o homem e o seu antepassado, um primata. Em 1912, os jornais ingleses divulgaram a notícia de que um fragmento de um crânio antigo, metade macaco e metade homem, datado de um nebuloso período pré-histórico, tinha sido encontrado em Piltdown, o que fornecia provas materiais que confirmavam a teoria da evolução de Darwin.

Este homem de Piltdown alcançou popularidade instantânea. O nome apareceu em livros didáticos de referência, como o *“Organic Evolution”* de R.S. Lull. Os principais intelectuais consideraram a descoberta como um dos grandes triunfos do homem moderno. Em obras autorizadas, como o *“Outline of History”* de H.G. Wells e *“History of Western Philosophy”* de Bertrand Russell, foi mencionado como se não houvesse dúvidas sobre a existência do Homem de Piltdown.

Durante quase meio século, os acadêmicos ficaram encantados com esta “grande descoberta”. Foi apenas em 1953 que alguns cientistas começaram a duvidar. Extraíram o Homem de Piltdown da sua caixa de ferro à prova de fogo no Museu Britânico e submeteram-no a uma análise científica moderna e detalhada, estudando-o de todos os ângulos relevantes. A sua conclusão final foi que o Homem de Piltdown era uma falsificação. A grande aclamação que recebeu foi totalmente infundada. O que realmente aconteceu foi que alguém, que desejava desacreditar um rival, pegou a mandíbula de um chimpanzé e tingiu-a para

fazer parecer antiga, tendo depois preencheu os dentes para parecerem humanos. Apresentou então o seu “achado” ao Museu Britânico, dizendo que o tinha encontrado em Piltdown, Inglaterra. Mais tarde, tencionava revelar que se tratava de uma farsa, para ridicularizar o seu rival, mas quando se deu conta da seriedade com que sua farsa foi encarada por todos os cientistas ocidentais, teve medo de confessar e o seu silêncio perverteu o pensamento positivo sobre a evolução durante várias décadas.

As emoções e as paixões humanas são muitas vezes responsáveis pelo fato de as pessoas fecharem os olhos à verdade e serem vítimas de raciocínios errados. O amor e o ódio, a amizade e a hostilidade têm todos a sua influência no pensamento humano. A incapacidade de um homem de ser imparcial, a sua euforia ou depressão, o seu triunfo ou desespero, os seus êxitos e frustrações, tudo isto influencia a qualidade do seu pensamento. Essas flutuações de humor, capricho e obstinação podem desviar da verdade as melhores mentes.

O único que está livre de todo esse capricho e de todas essas limitações é o Todo-Poderoso. É por isso que a Sua palavra é de uma consistência impecável.

INCONSISTÊNCIA BÍBLICA

É lamentável que o mesmo não possa ser dito sobre a Bíblia, que, como livro de revelação, foi o precursor do Alcorão. Inicialmente, a Bíblia era a palavra de Deus, mas nos últimos anos sofreu interferências humanas, o que

fez com que muitas contradições internas começassem a manchar as suas páginas. Um exemplo disso é a genealogia do Messias, que foi dada em vários lugares na parte da Bíblia conhecida como “*Injil*”, ou Novo Testamento. O Evangelho segundo Mateus começa com essa genealogia resumida:

“Livro da geração de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” (Mat.1:1).

A genealogia de Cristo é então dada em detalhe, começando com José que, segundo o Novo Testamento, era “marido de Maria, da qual nasceu Jesus”. (Mat.1:16)

Quando o leitor vai ao evangelho de Marcos, encontra essas palavras: “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, filho de Deus” (Mar., 1:1)

De acordo com um capítulo do Novo Testamento, Jesus era filho de uma pessoa chamada José, enquanto outro capítulo deste mesmo Novo Testamento diz que ele era o Filho de Deus.

Não há dúvida de que, em sua forma original, o “*Injil*” era a Palavra de Deus, livre de todas as contradições. Foi apenas nos anos posteriores que os seres humanos fizeram seus próprios acréscimos, introduzindo contradições num texto anteriormente consistente. A Igreja Cristã desenvolveu outra contradição extraordinária para explicar esta contradição no seu livro sagrado. A descrição dada de José na Enciclopédia Britânica (edição de 1984) é a seguinte: “O pai terreno de Cristo, o marido da Virgem Maria”.

CONTRADIÇÕES SECULARES

Para um exemplo de uma grave contradição interna em escritos seculares, recorro às obras de Karl Marx, que possui muitos seguidores no mundo moderno. O famoso economista americano, John Galbraith, escreveu sobre ele:

“Se concordarmos que a Bíblia é uma obra de autoria coletiva, só Muhammad rivaliza com Marx no número de seguidores professos e devotos recrutados por um único autor. E a competição não é realmente muito acirrada. Os seguidores de Marx são atualmente muito mais numerosos do que os filhos do Profeta”.²⁰

Mas a enorme popularidade de Marx não altera o fato de sua obra ser pouco mais do que uma coleção de contradições gritantes. Por exemplo, Marx considera a existência de classes como a raiz de todos os males do mundo. De acordo com a sua filosofia, a distinção de classes deriva do sistema de propriedade privada e do controle exercido pela burguesia sobre os meios de produção, o que lhes permite pilhar a classe trabalhadora mais baixa.

A solução preconizada por Marx consistia em confiscar as propriedades da classe capitalista e colocá-las sob a administração da classe trabalhadora. Assim, afirmava ele, surgiria uma sociedade sem classes. Mas é aqui que reside a contradição básica da filosofia de Marx. Porque o que surge como resultado desta transferência não é uma sociedade sem classes, mas uma sociedade em que uma classe assume o lugar da outra. Onde uma classe

anteriormente controlava a economia em virtude da propriedade, outra classe controla-a agora em virtude da administração. A chamada sociedade sem classes de Marx era, de fato, uma sociedade em que a propriedade capitalista era substituída pela propriedade comunista.

O que Marx condenava em um local, condescendia noutro. Mas devido à sua grande antipatia e antagonismo para com a classe capitalista, não foi capaz de ver a sua própria contradição de pensamento. Ele era a favor de retirar o controle dos recursos econômicos dos capitalistas e confiá-lo aos funcionários. Mas, cego pelos preconceitos, não via o que estava fazendo. Deu nomes distintos a duas formas diferentes do mesmo fenômeno: em um caso, chamou-lhe pilhagem de muitos por poucos, no outro, chamou-lhe “ordem social”.

O Alcorão, por outro lado, é completamente livre de contradições desta natureza, e há absoluta harmonia em seus discursos. No entanto, mesmo assim, os opositores do Alcorão tentaram provar que há contradições nele. Todos os exemplos que citam a este respeito, no entanto, não têm absolutamente nenhuma relação com o caso que tentam provar. Dizem, por exemplo, que no sermão da Peregrinação de Despedida, o Profeta afirmou que todos os homens vêm de Adão e que Adão vem da terra. De acordo com este princípio, as mulheres deveriam gozar do mesmo estatuto que os homens. Na prática, porém, não é isso que acontece, dizem os opositores do Alcorão. Por um lado, o Islão diz que os homens e as mulheres são iguais, mas, ao mesmo tempo, é atribuída às mulheres uma

posição inferior na sociedade islâmica. Depois, citam o fato de o testemunho de duas mulheres ser considerado igual ao de um homem. Trata-se de um mal-entendido total. É verdade que, no Islam, o testemunho de duas mulheres é, em circunstâncias normais, considerado igual ao de um homem. Mas a base desta regra não é a discriminação entre os sexos. Trata-se de algo completamente diferente, como fica claro no versículo do Alcorão onde isso foi estabelecido. O versículo trata do registo escrito das dívidas:

“E tomai duas testemunhas dentre vossos homens. E se não houver dois homens, então um homem e duas mulheres dentre quem vós aceitais por testemunhas, pois se uma delas se descaminha da lembrança de algo, a outra a fará lembrar”.²¹

A escrita do versículo mostra claramente que a base desta regra não é a discriminação entre os sexos, mas sim a capacidade de memorização das mulheres. O versículo alude a um fato biológico - que as mulheres não são tão boas em recordar coisas como os homens. É por isso que, ao se aceitar o testemunho das mulheres em casos de empréstimo, devem ser duas: para que, se em qualquer momento no futuro, tiverem de testemunhar, uma delas possa compensar a fraca memória da outra.

É bom lembrar aqui que a investigação moderna confirmou o que o Alcorão disse - que a memória das mulheres é mais fraca do que a dos homens. Os cientistas russos debruçaram-se sobre este assunto detalhadamente

e suas conclusões foram publicadas em livro. Um resumo apareceu na edição de Nova Deli do jornal *Times of India*, em 18 de Janeiro de 1985, sob o título “Capacidade de Memorização”:

Os homens têm maior capacidade de memorizar e processar informação matemática do que as mulheres, mas as mulheres são melhores com as palavras, afirma um cientista soviético, notícia a UPI. “Os homens dominam os assuntos matemáticos devido às peculiaridades da sua memória”, disse o Dr. Vladimir Knovalov à agência de notícias Tass.

A regra do Alcorão, longe de evidenciar qualquer contradição, na verdade prova que o Alcorão veio de Alguém que tem conhecimento absoluto dos fatos da natureza. Ele vê as coisas de todos os ângulos e, por isso, está em posição de emitir mandamentos que estão em total harmonia com a natureza.

Passemos agora à incoerência externa. A incoerência externa de uma obra literária ocorre quando o que ela afirma é contradito por alguma realidade do mundo exterior. Neste contexto, é esclarecedor fazer comparações entre os diferentes relatos de factos históricos apresentados pelo Alcorão e pela Bíblia.

IMPRECISÃO HISTÓRICA

No século XX a.c., na época do profeta José, os filhos de Israel entraram no Egito. Sete séculos depois, deixaram o

Egito juntamente com Moisés, atravessando a Península do Sinai. Esses acontecimentos são mencionados tanto na Bíblia como no Alcorão. Mas, enquanto o relato no Alcorão é inteiramente consistente com a história externa, a Bíblia relata vários incidentes que não correspondem com os registros históricos. Esse fato criou problemas aos crentes na Bíblia. Eles devem aceitar o que está escrito na Bíblia ou devem seguir a história? Como os dois se contradizem, eles não podem aceitá-los ao mesmo tempo.

Em 12 de Janeiro de 1985, aconteceu uma reunião no Instituto Indiano de Estudos Islâmicos, em Tughlaqabad, Nova Deli, dirigida por Ezra Kolet, presidente do Conselho dos Judeus Indianos. O tema foi: “O que é o judaísmo?”. Naturalmente, sua fala abordou a história judaica, mencionando, entre outras coisas, a entrada dos judeus no Egito e o êxodo do país. Os nomes de José e Moisés foram citados, bem como os reis que governavam o Egito em seus respectivos tempos. Para ambos os reis contemporâneos de José e Moisés, usava-se o termo “faraó”.

Como todos os que conhecem a época sabem, essa nomenclatura é historicamente incorreta. O reinado dos reis conhecidos como faraós só começou no tempo de Moisés; no tempo de José, uma linha diferente de monarcas governava o Egito.

Quando José entrou no Egito, governavam lá os reis de uma dinastia conhecida como os Hicsos. Etnicamente, eles eram árabes e tinham usurpado o trono egípcio, governando o país desde 2000 a.c. até ao final do século

XV a.c. A população nativa então se revoltou contra o domínio estrangeiro e a dinastia dos Hicsos chegou ao fim.

O governo local foi então estabelecido no Egito. O clã que assumiu a soberania escolheu para si o nome de Faraó, que significa literalmente filho do deus-sol, pois nessa época os egípcios adoravam o sol e, para reivindicar o seu direito de governar os egípcios, faziam-se passar por encarnações do deus-sol.

Na realidade, o Sr. Kolet chamava os reis hicsos de faraós. Ele não tinha outra escolha senão essa, pois é assim que são chamados na Bíblia, com referência aos respectivos períodos de José e Moisés. O orador judeu podia aceitar a Bíblia ou a História, mas não as duas coisas ao mesmo tempo. Como estava falando na qualidade de presidente do Conselho Judaico, ele deixou a história de lado e pautou seu discurso nos relatos bíblicos.

Mas no Alcorão não encontramos relatos que entrem em conflito com a história nesse sentido, e quem segue o Alcorão não é obrigado a abandonar a história para defender seu Livro Sagrado. Quando o Alcorão foi revelado, as pessoas não tinham conhecimento da história do Egito antigo. Só nos últimos anos é que as escavações arqueológicas permitiram aos egíptólogos compilar um registo da história dos antigos reis egípcios.

Porém, apesar disso, vemos no Alcorão a menção ao monarca egípcio que foi contemporâneo de José. Para ele, o Alcorão usa o título “Rei do Egito”. Quanto ao rei que governava na época de Moisés, o Alcorão o chama, repetidamente, de Faraó. Temos assim um relato corânico

que corresponde exatamente aos fatos históricos, ao contrário do relato bíblico, que é historicamente impreciso. Isto mostra que o Alcorão foi escrito por Alguém que recorreu diretamente a fatos verdadeiros, sem depender de fontes humanas de conhecimento.

FENÔMENOS NATURAIS

O Alcorão foi revelado em uma época em que pouco se sabia sobre a natureza. Acreditava-se, por exemplo, que a chuva se originava de um rio no céu que jorrava sobre a terra. Pensava-se que a terra era plana e que o céu era uma espécie de abóbada que repousava no topo das colinas e servindo de cobertura para a terra. As estrelas eram consideradas pregos de prata brilhantes colocados na abóbada do céu, ou pequenas lâmpadas que balançavam de um lado para outro à noite por meio de uma corda. Os antigos indianos defendiam que a Terra repousava sobre os chifres de uma vaca e que, quando a vaca deslocava a Terra de um chifre para o outro, provocava terremotos. Até a época de Copérnico (1473-1543 d.c.), acreditava-se que a Terra estava parada e que o Sol girava à sua volta (2 mil anos antes, Aristarco de Samos tinha proposto esta teoria, mas as suas ideias não vingaram).

Com os avanços no campo da ciência e da tecnologia, o alcance da observação e da experimentação humana aumentou consideravelmente, gerando perspectivas de conhecimento sobre o universo. Em todas as esferas da existência e em todas as disciplinas da ciência, foi provado através pesquisas que os conceitos anteriormente

estabelecidos estavam errados e estes foram descartados. Isto significa que nenhum trabalho humano de 1500 anos atrás pode ser considerado totalmente exato, porque todos os “fatos” têm agora de ser reavaliados à luz de informações recentes. Na verdade, nenhum livro foi considerado totalmente isento de erros, com a notável exceção do Alcorão, cuja autenticidade resistiu a todos os desafios ao longo dos séculos. Isto constitui uma prova definitiva de que o Alcorão teve a sua fonte em uma Mente Onipresente e Eterna - que conhece todos os fatos na verdadeira forma e cujo conhecimento não foi condicionado pelo tempo e pelas circunstâncias. Se ele fosse uma invenção humana, não teria resistido ao teste do tempo, sendo a visão humana, pelo contrário, estreita e limitada.

O tema básico do Alcorão é a salvação na outra vida. É por isso que ele não se enquadra em nenhuma categoria das artes e ciências conhecidas do mundo. Mas como ele se dirige ao homem, toca em quase todas as disciplinas que lhe dizem respeito. Apesar da amplitude do seu escopo, nunca se demonstrou que suas afirmações tenham sido feitas com base em conhecimentos inadequados. Bertrand Russell, na obra *“Impact of Science on Society”*, aponta que Aristóteles, filósofo de renome como era, ao “provar” a inferioridade das mulheres em relação aos homens, afirmou que “as mulheres têm menos dentes do que os homens”, revelando assim a sua ignorância do fato de homens e mulheres terem o mesmo número de dentes. Nenhuma ignorância ou equívoco do tipo é evidenciado no Alcorão. Isto mostra claramente que a origem desta

obra é um Ser superior cujo conhecimento antecede ao próprio tempo e ultrapassa infinitamente o conhecimento atual, por mais avançado que este possa parecer.

Neste ponto, proponho dar alguns exemplos de diferentes disciplinas para mostrar como, ao lidar com uma determinada ciência, o Alcorão surpreendentemente englobou verdades que seriam descobertas e confirmadas muito depois. Antes de iniciar esta discussão, devemos considerar que a correspondência entre a pesquisa moderna e as palavras do Alcorão se baseia na presunção de que a pesquisa moderna conseguiu com certeza descobrir a verdade dos fatos em questão, fornecendo-nos assim o material necessário para fazer uma interpretação atualizada e correta das afirmações do Alcorão sobre o universo material. Agora, se a pesquisa posterior provar que a nossa pesquisa contemporânea está errada, mesmo que parcialmente, isso não significa de forma alguma que o Alcorão esteja errado. Significa simplesmente que essa interpretação particular do Alcorão, à luz das descobertas científicas, foi erroneamente angulada ou inadequada. Tenho certeza de que, com a informação mais exata que estará disponível no futuro, um intérprete do Alcorão se sentirá melhor preparado para explicar os versículos que contêm verdades científicas; a informação correta sobre um determinado fato nunca poderá ser contrária às afirmações do Alcorão, sejam elas quais forem.

As afirmações deste gênero dividem-se em duas categorias distintas: uma relativa a assuntos sobre os quais não existia qualquer informação prévia na época em que o Alcorão

foi escrito, e a outra relativa a assuntos sobre os quais a informação disponível era superficial ou inadequada.

O Dr. Maurice Bucaille, no livro *“The Bible, the Qur'an and Science”*, descreve como “bizarra” a noção de que “se existem afirmações surpreendentes de natureza científica no Alcorão, elas podem ser explicadas pelo fato de os cientistas árabes estarem muito à frente do seu tempo e de Muhammad ter sido influenciado por seus trabalhos. Qualquer pessoa que saiba alguma coisa sobre a história islâmica está ciente de que o período da Idade Média, que assistiu à ascensão cultural e científica do mundo árabe, foi posterior a Muhammad e, por isso, não se deixaria levar por tais caprichos” (p.121).

Havia muitos aspectos do universo sobre os quais os povos antigos tinham apenas um conhecimento parcial, o que foi demonstrado pelas descobertas científicas modernas, mas deve ficar claro aqui que o principal objetivo do Alcorão não era expor teorias científicas para explicar os fenômenos naturais, mas elucidar o simbolismo divino do funcionamento da natureza para que as pessoas fossem purificadas na mente e na alma e se tornassem tão imbuídas de sentimentos de temor e reverência pela vontade de Deus, que uma verdadeira revolução moral aconteceria. O Alcorão nunca foi concebido para ser só um livro sobre as ciências físicas. E se ele tivesse revelado fatos científicos totalmente novos e desconhecidos ao povo, isso teria dado origem a discussões intermináveis e bastante irrelevantes sobre a natureza desses fatos, enquanto os verdadeiros objetivos do Alcorão teriam sido deixados em

segundo plano. É quase um milagre que, séculos antes de a ciência ter dado saltos tão gigantescos, o Alcorão tenha esclarecido as pessoas comuns sobre fatos científicos que ilustravam os mais elevados princípios morais, sem utilizar uma terminologia que as confundisse ou obscurecesse a questão. E são esses mesmos fatos que agora descobrimos serem inteiramente consistentes com os resultados das pesquisas modernas.

Um exemplo interessante disso é a descrição que o Alcorão faz do comportamento da água, para ilustrar a lei física específica que a rege:

Ele desenleia os dois mares, para se depararem. Entre ambos há uma barreira. Nenhum dos dois comete transgressão. (55:19-20)

Dois rios que se encontram e correm juntos sem que as suas águas se misturem foi um fenômeno obviamente observado e parcialmente compreendido pelos povos antigos. Podemos observá-lo hoje nas águas dos dois rios que correm juntos desde o estado do Chitagongue, em Bangladesh, até o estado do Raquine, em Myanmar. Ao longo do seu curso, as águas são bem distintas uma da outra, sendo visível uma “risca” entre elas que divide a água salgada da doce. Este mesmo fenômeno pode também ser observado na confluência do Rio Ganges e do Rio Yamuna em Allahabad. Ambos os rios correm juntos, porém são visivelmente separados um do outro. Rios que descem para as zonas costeiras e são afetados pelo fluxo e refluxo do mar, recebem grandes quantidades de água

salgada durante a maré alta, mas as suas águas também não se misturam. A água salgada forma uma camada superior e a água doce fica por baixo. Na maré baixa, a água salgada recua, deixando a água doce como estava antes.

O homem observava esses fenômenos naturais desde a antiguidade, mas não conhecia as leis da natureza que os regiam. Recentemente, a pesquisa moderna descobriu que o escoamento dos líquidos é regido por uma diferença na salinidade e, por conseguinte, de densidade, uma vez que a água salgada é mais densa do que a água doce. Quando duas massas de água convergem, a mais salgada corre por baixo da menos salgada. Assim, um rio que corre para o mar corre por longas distâncias na superfície: o Rio Mississipi, por exemplo, aparece como uma corrente de água doce marrom nas águas azuis do Golfo do México. As variações de salinidade nos oceanos e mares são parcialmente responsáveis pela circulação da água do mar em grande escala.

Um exemplo bem conhecido é o fluxo para o Mar Mediterrâneo, que está separado do Atlântico Norte por uma soleira, com 320 metros de profundidade, no Estreito de Gibraltar. O Mediterrâneo é mais salgado do que o Atlântico Norte porque sua evaporação excede o seu reabastecimento pelos rios. A água mais salgada do Mediterrâneo então flui em profundidade sobre a soleira para o Atlântico Norte, onde se afunda até a profundidade de mil metros. E a água menos salgada do Atlântico Norte flui perto da superfície. Já foram registradas correntes com velocidade de até dois metros por segundo.²²

É como se houvesse uma barreira entre as águas de diferentes densidades, e “barreira” é exatamente a expressão utilizada pelo Alcorão.

EXEMPLOS DA ASTRONOMIA

O firmamento é outro aspecto do universo que é descrito no Alcorão em termos que são bastante consistentes com a ciência moderna: “Allah é quem elevou os céus, sem colunas que vejais” (13:2).

Assim era a observação humana nos tempos antigos. O homem podia ver que acima da sua cabeça, o sol, a lua e as estrelas não tinham apoios visíveis. E estas palavras são igualmente significativas para o homem científico de hoje, porque as observações mais recentes mostram que os corpos celestes existem em um espaço infinito, com a força invisível da gravidade mantendo-os em suas posições. Sobre o Sol e outros corpos celestes, o Alcorão diz: “Cada um flutua em sua respectiva órbita” (21:33).

O homem antigo conhecia o movimento dos corpos celestes, por isso não ficou confuso com isso, sendo “flutuante” o termo mais apropriado para descrever o movimento dos corpos celestes em espaço vasto e sutil. E essa palavra ganhou muito mais significado com as recentes descobertas. O dia e a noite, resultados desse movimento de um corpo celeste, são descritos assim no Alcorão: “Ele faz a noite encobrir o dia, cada um na assídua procura do outro” (7:54).

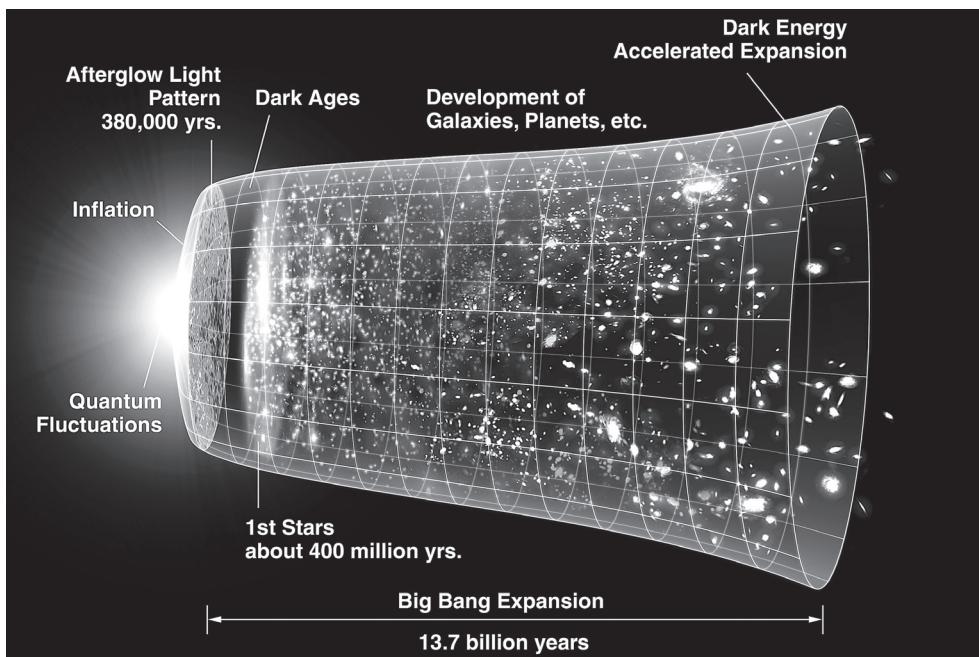
O Dr. Maurice Bucaille, em sua obra “A Bíblia, o Alcorão

Porta de entrada para o mar

Visão de satélite do Estreito de Gibraltar mostrando a Espanha à esquerda e a África à direita, com o Atlântico em primeiro plano e o Mediterrâneo se estendendo à distância. O próprio Rochedo de Gibraltar é a ponta de um pequeno promontório dentro do Estreito. (Abaixo) a água da superfície do oceano está continuamente fluindo para o Mediterrâneo para compensar a evaporação, mas a água mais densa e salgada também está fluindo para fora em profundidade.



e a Ciência”, lista uma série de passagens semelhantes do Alcorão, que descrevem com exatidão a alternância do dia e da noite, muito antes de as deduções modernas ou as observações dos cosmonautas o comprovarem. Em seguida, o autor salienta que, em uma época em que se considerava a Terra como centro do mundo e que o Sol se movia ao redor dela, será que alguém deixaria de se referir ao movimento do Sol ao falar da sequência da noite e do dia? No entanto, este fato não é referido no Alcorão (p. 163). Em seguida, ele discute o significado especial do verbo árabe “*kawwara*”, (Alcorão 39:5), cujo significado original é enrolar um turbante em volta da



cabeça, usado para descrever a mudança da noite para o dia, transmitindo evidentemente a ideia da rotação da Terra (a maioria dos tradutores parece ter interpretado esse fato erroneamente). “Este propósito de enrolamento perpétuo, incluindo a interpretação de um sector por outro, é expresso no Alcorão como se o conceito de circularidade da Terra já tivesse sido concebido na altura - o que obviamente não era o caso” (p.164).

Há muitas descrições no Alcorão de natureza semelhante, algumas das quais são afirmações científicas sobre fenômenos sobre os quais os homens do século VII não tinham qualquer conhecimento. Gostaria agora de

apresentar exemplos recentes de uma série de disciplinas que confirmam a verdade dessas afirmações do Alcorão.

Até cerca de um século atrás, o conceito deste universo material ter um princípio e um fim era algo que parecia ter origem em textos de inspiração religiosa, mas que não parecia ter qualquer base científica real. Sobre a origem do universo, o Alcorão diz:

“E os que renegam a Fé não viram que os céus e a terra eram um todo compacto, e Nós desagregamo-los, e fizemos da água toda coisa viva? Então não creem?”
(21:30).

Mas agora descobrimos que estudos modernos em astronomia confirmaram a verdade deste conceito, pois várias observações levaram os cientistas a postularem que o universo foi formado por uma explosão a partir de um estado de alta densidade e temperatura (a teoria do “big-bang”) e que o cosmos evoluiu a partir do gás original, altamente comprimido e extremamente quente, tomando a forma de galáxias de estrelas, poeira cósmica, meteoritos e asteroides. O atual movimento das galáxias para o exterior é resultado dessa explosão. De acordo com a Enciclopédia Britânica (1984), esta é “a teoria atualmente favorecida pela maioria dos cosmólogos”. Uma vez iniciado o processo de expansão - há cerca de seis bilhões de anos - ele teve de continuar, porque quanto mais os corpos celestes se afastavam do centro, menos atração exerciam uns sobre os outros. As estimativas da circunferência da matéria original situam-na em cerca de

1 bilhão de anos-luz e agora, de acordo com os cálculos do Professor Eddington, a circunferência atual é dez vezes superior à original. Esse processo de expansão ainda está em curso. O Professor Eddington explica que as estrelas e as galáxias são como marcas na superfície de um balão que se expande continuamente, e que todas as esferas celestes ficam cada vez mais afastadas. O homem antigo supunha, erroneamente, que as estrelas estavam tão próximas umas das outras como pareciam estar. É muito significativo que o Alcorão afirme na Sura 51, versículo 47: “E o céu, edificamo-lo com vigor, e por certo, somos Nós Que o estamos ampliando”. Agora, a ciência revelou que desde que o universo surgiu, há 90 bilhões de anos a.c., a sua circunferência estendeu-se de 6 mil para 60 bilhões de anos-luz. Isso significa que existem distâncias inconcebivelmente vastas entre os corpos celestes. E descobriu-se que eles giram como parte de sistemas galácticos, tal como a nossa Terra e os planetas giram em torno do Sol.

Tal como nos sistemas solares, muitos planetas e asteroides estão situados a grandes distâncias uns dos outros, mas giram de acordo com um sistema, e assim também cada corpo material é composto por inúmeros “sistemas solares” numa escala infinitesimalmente pequena. Estes sistemas são chamados átomos. Enquanto o vácuo do Sistema Solar é observável, o vácuo do sistema atómico é pequeno demais para ser visível. Ou seja, todas as coisas, por mais sólidas que pareçam, são ocas por dentro. Por exemplo, se todos os elétrons e prótons presentes nos átomos de um homem de 1,80 m de altura fossem

espremidos de tal forma que não restasse espaço, o seu corpo ficaria reduzido a um ponto tão pequeno que só seria visível através de um microscópio.

A galáxia mais distante já observada está situada a vários milhões de anos-luz do Sol. No entanto, afirma-se que, se a quantidade total de matéria cósmica, tal como foi calculado pelos astrofísicos - e é enorme - fosse comprimida de forma a eliminar todo espaço, o tamanho do universo seria apenas trinta vezes o tamanho do sol. Tendo em conta a recente evolução destes cálculos, é extraordinário que há 1500 anos o Alcorão tenha afirmado que o universo não só se expandiu a partir de uma forma condensada, mas que sua quantidade original de matéria permaneceu constante, de modo que pode ser condensada em um espaço relativamente pequeno. Ele descreve assim o fim do Universo: "Um dia, dobraremos o céu como se dobrá o rolo dos livros" (21:104).

A lua é nossa vizinha mais próxima no espaço, estando a uma distância da terra de 384.000 km. Devido a esta proximidade, sua força gravitacional afeta as ondas do mar, provocando um aumento extraordinário do nível da água duas vezes por dia. Em alguns pontos, as ondas chegam a atingir 18 m de altura. A superfície terrestre também é afetada pela atração lunar, mas apenas em termos de alguns centímetros. A distância atual entre a Terra e a Lua é ótima, do ponto de vista do homem, com várias vantagens. Se esta distância fosse reduzida, por exemplo, a apenas 80 km, os mares seriam tão tempestuosos que grande parte da terra ficaria submersa neles e, além disso,

o impacto contínuo das ondas tempestuosas despedaçaria as montanhas e a superfície da terra, mais exposta à gravitação da lua, começaria a se abrir.

Os astrônomos estimam que no momento em que a Terra surgiu, a Lua estava perto dela e que a superfície da Terra tinha, por isso, sido exposta a todo tipo de perturbação. Com o passar do tempo, a Terra e a Lua foram se afastando, de acordo com as leis astronômicas, até a atual distância uma da outra. Os astrônomos afirmam que essa distância se manterá durante 1 bilhão de anos e que, depois, as mesmas leis astronômicas farão com que a Lua se aproxime novamente da Terra. Como resultado do conflito das forças de atração, a lua “explodirá quando estiver suficientemente perto e glorificará o nosso mundo morto com anéis como os de Saturno”.²³

Este conceito confirma espantosamente a previsão do Alcorão. As linhas seguintes, além de apresentarem esse fenômeno como um fato físico, explicam o seu significado religioso:

A Hora aproxima-se e a lua fendeu-se. E, contudo, se eles veem um sinal. Dão de ombros e dizem: “É magia constante!”.²⁴

O ALCORÃO EXPLICA A GEOLOGIA

A geologia é outro campo em que o Alcorão é verdadeiramente o precursor das descobertas científicas modernas.

Em várias partes do Alcorão, afirma-se que as montanhas

foram erguidas para manter a terra em equilíbrio: “Ele criou os céus, sem colunas que vejais. E implantou na terra assentes montanhas, para que ela não se abale convosco” (31:10).

Há 1500 anos, quando essas palavras foram registradas, o homem não tinha qualquer entendimento sobre a importância das montanhas. Só recentemente os geógrafos formularam o conceito de isostasia, que é definido pela Enciclopédia Britânica como “equilíbrio teórico de todas as grandes porções da crosta terrestre, como se estivessem flutuando em uma camada subjacente mais densa, cerca de 110 quilômetros abaixo da superfície”. Presume-se que as colunas imaginárias de igual área de seção transversal, que se elevam desta camada até à superfície, têm pesos iguais em toda a Terra, mesmo que seus componentes e as elevações de suas superfícies sejam significativamente diferentes. Isto significa que o excesso de massa visto como material acima do nível do mar, como em um sistema montanhoso, é devido a um déficit de massa, ou raízes de baixa densidade, abaixo do nível do mar.

“Na teoria da isostasia, uma massa acima do nível do mar tem sua sustentação abaixo do nível do mar e, portanto, há uma determinada profundidade na qual o peso total por unidade de área é igual em todo o mundo. Isso é conhecido como a profundidade de compensação” (V/458).

A aparente inalterabilidade das montanhas - as “assentes montanhas” do Alcorão - é explicada pela Enciclopédia Britânica (1984) em termos desse equilíbrio natural:

“A maior parte da crosta terrestre está aproximadamente em equilíbrio hidrostático desta forma, de modo que quando ocorre a erosão e os rios transportam grandes quantidades de material intemperizado para longe das áreas montanhosas, para ser depositado nos oceanos, há uma tendência de o interior se elevar isostaticamente, e de o fundo oceânico adjacente afundar” (6/44).

O.R. Von Engeln dá uma explicação que talvez seja a mais direta desse fenômeno:

“Os geólogos afirmam que a matéria mais leve na superfície da Terra emergiu sob a forma de montanhas, e que a matéria mais pesada deprimiu-se sob a forma de trincheiras profundas, que estão agora cheias de água do mar. Assim, essa elevação e depressão, em conjunto, mantêm o equilíbrio da Terra.”²⁵

Da mesma forma, o Alcorão diz que a Terra passou por um estágio no qual Deus fez com que as massas de terra se afastassem:

E a terra, após isso, estendeu-a. Dela fez sair água e seus pastos (79:30-31).

Essas palavras do Alcorão correspondem exatamente à teoria mais recente da deriva dos continentes. Isto significa que todos os nossos continentes eram, em algum momento, partes de uma massa de terra consolidada, mas que, depois de uma explosão, se espalharam por toda a

superfície da Terra e um mundo de continentes emergiu do mar e dos oceanos.

Esta teoria foi devidamente exposta pela primeira vez no ano de 1915, pelo geólogo alemão Alfred Wegener. Juntas, elas se encaixam umas nas outras como um quebra-cabeça. Por exemplo, a costa oriental da América do Sul junta-se à costa ocidental da África etc.

Existem diversas outras semelhanças desse tipo em costas opostas de vastos oceanos, por exemplo, montanhas do mesmo tipo, rochas que datam do mesmo período geológico, animais, peixes e plantas do mesmo tipo, etc.

O Professor Ronald Good, em seu livro intitulado “*Geography of the Flowering Plants*”, escreve que os botânicos são quase unâimes na opinião de que a presença de certos tipos de plantas em várias regiões da Terra não pode ser explicada a não ser que suponhamos que, em um dado momento do passado, essas extensões de terra estiveram unidas.

O magnetismo de alguns fósseis sustentou essa teoria, que se tornou uma doutrina científica estabelecida. O estudo da direção específica das partículas de pedra revela a altitude e as latitudes da rocha da qual faziam parte em tempos antigos. Esse estudo revela que, no passado, algumas extensões de terra não estavam situadas onde estão hoje; ao contrário, estavam situadas exatamente nos locais onde a teoria da deriva dos continentes sugeria. P.M. Blacket, professor de Física no Imperial College, em Londres, escreve que medições de pedras indianas mostram que, definitivamente, há 70 milhões de anos, a

Índia estava situada ao sul do equador e que a análise das rochas sul-africanas revela que o continente africano se separou da massa terrestre no Polo Sul há 300 milhões de anos.

A palavra utilizada no versículo do Alcorão para descrever esse fenômeno de deriva e dispersão é “*dahw*”. Ela tem as mesmas conotações que a palavra “afastar”, por exemplo, em: “A água da chuva fez com que as partículas de areia se afastassem da terra”. Uma semelhança tão maravilhosa entre essa versão, do passado mais remoto, de grandes mudanças geológicas, e as descobertas dos dias de hoje, não pode ser explicada de outra forma que não seja o fato de o Alcorão ter sua origem em um Ser cujo conhecimento ultrapassa em muito as limitações do tempo e do espaço.

A EVIDÊNCIA DA BIOLOGIA

No campo da biologia, as descrições corânicas do desenvolvimento embrionário são verdadeiramente notáveis. Estas foram objeto de uma manchete nos jornais no final de 1984. O jornal canadense *The Citizen* (de 22 de novembro de 1984) publicou essa notícia com o título: “*Ancient Holy Book 1300 Years Ahead of its Time*” (Livro Sagrado Antigo 1300 anos à frente de seu tempo, em tradução livre).

Também o *The Times of India*, Nova Deli (10 de Dezembro de 1984) publicou essa notícia com o título: “*Koran Scores Over Modern Sciences*” (O Alcorão vence as ciências modernas, em tradução livre).

O DESAFIO DO ALCORÃO

O Dr. Keith More, famoso embriologista e professor da Universidade de Toronto, no Canadá, estudou alguns versículos do Alcorão (23:14, 39:6), fazendo um estudo comparativo dos versículos do Alcorão com a pesquisa moderna. Nesse contexto, também visitou várias vezes a Universidade Rei Abdul Aziz em Jeddah, na Arábia Saudita, juntamente com os seus colegas. Ele verificou que as afirmações do Alcorão, surpreendentemente, correspondiam na íntegra com as descobertas modernas. Ele ficou muito surpreso com o fato de as informações contidas no Alcorão terem sido expostas pelo mundo ocidental em 1940. Em um artigo que escreveu sobre isso, ele diz: “O Alcorão, com 1300 anos, contém passagens tão exatas sobre o desenvolvimento embrionário que os muçulmanos podem certamente acreditar que são revelações de Deus”.

A análise feita por Maurice Bucaille no seu livro “A Bíblia, o Alcorão e a Ciência”, publicado em 1970, fornece pormenores convincentes. Reproduzimos aqui alguns excertos do capítulo intitulado “Reprodução Humana”.

EVOLUÇÃO DO EMBRIÃO NO ÚTERO

A descrição que o Alcorão faz sobre determinados estágios do desenvolvimento do embrião corresponde exatamente ao que hoje sabemos sobre ele e o Alcorão não contém uma única afirmação passível de crítica pela ciência moderna.

Depois da “coisa que se agarra” (expressão bem fundamentada, como vimos), o Alcorão informa-nos que

o embrião passa pela fase da “carne mastigada”, depois aparece o tecido ósseo e reveste-se de carne (definida por uma palavra diferente da anterior, que significa “carne intacta”).

“Moldamos a coisa que se agarra em um pedaço de carne mastigada e formamos a carne mastigada em ossos e revestimos os ossos com carne intata.” (23:14)

“Carne mastigada” é a tradução da palavra “*mudga*”, “carne intacta” é “*lahm*”. Esta distinção deve ser observada. O embrião é inicialmente uma pequena massa. Em uma determinada fase do seu desenvolvimento ela parece, a olho nu, uma carne mastigada. A estrutura óssea desenvolve-se no interior desta massa, no chamado mesênquima. Os ossos que se formam são cobertos de músculo: a palavra “*lahm*” aplica-se a eles.

Sabe-se que, durante o desenvolvimento embrionário, algumas partes parecem ser completamente desproporcionais em relação ao que mais tarde se tornará o indivíduo, enquanto outras permanecem proporcionais. Este é, sem dúvida, o significado da palavra “*mukhallaq*”, que é “em forma proporcional”, utilizada no versículo 5 da sura 22 para descrever esse fenômeno:

“Nós formamos... em coisa que se agarra... em um pedaço de carne, em forma proporcional ou desproporcional.”

Mais de mil anos antes da nossa era, em um período em

que ainda prevaleciam doutrinas fantásticas, os homens tinham um conhecimento do Alcorão. As afirmações que ele contém exprimem de forma simples verdades de suma importância que o homem levou séculos a descobrir (pp. 205-06).

ALIMENTAÇÃO NO ALCORÃO

No Alcorão, alguns gêneros alimentícios são declarados impróprios para consumo humano e, por isso, proibidos. Um desses alimentos é o sangue. Na época da revelação, o homem não fazia ideia da importância dietética desta lei. Muito tempo depois, quando as pesquisas de laboratório isolaram os componentes do sangue, a sabedoria desta proibição tornou-se clara. Longe de refutar a lei, a pesquisa científica ilustrou seus benefícios.



A análise mostrou que o sangue contém uma grande quantidade de ácido úrico, uma substância perniciosa cuja ingestão é prejudicial à saúde humana. Esta é a razão do método especial de abate prescrito no Islam. O abatedor, tendo pronunciado o nome de Deus, faz uma incisão na veia jugular, deixando intactas as outras veias do pescoço. Isso provoca a morte por perda total de sangue, e não por lesão de algum órgão vital. Se o cérebro, o coração, o fígado ou qualquer outro órgão vital do animal fossem danificados, o animal morreria imediatamente, seu sangue congelaria nas veias e acabaria penetrando na carne. Desta forma, a carne do animal seria contaminada com ácido úrico e ficaria venenosa.

A carne de porco também foi proibida no Alcorão. Naquela época, as razões para esta proibição não eram totalmente compreendidas. Atualmente, as pessoas estão muito mais bem informadas sobre os seus efeitos nocivos. O ácido úrico, como já vimos, está presente em todos os animais. O corpo humano também tem a sua quota, que é extraída pelos rins e excretada através da urina. 90% do ácido úrico no corpo humano é extraído desta forma. Mas a bioquímica do porco é tal que ele excreta apenas 2% de seu ácido úrico. O restante permanece como parte integrante do organismo. É esse fator que está na origem da taxa elevada de reumatismo que se verifica nos suínos, e as pessoas que comem carne de porco estão também especialmente propensas a esta doença.

Outra questão de considerável importância medicinal abordada pelo Alcorão é a utilidade do mel.

Somos informados de que no mel “há uma cura para os homens” (16:69). À luz deste versículo, os muçulmanos utilizavam muito o mel na preparação de medicamentos. Mas para o mundo ocidental a sua importância medicinal era desconhecida.

Até ao século XIX na Europa, o mel era considerado apenas um alimento líquido. Só no século XX os estudiosos europeus descobriram que o mel possui propriedades antissépticas. Citamos aqui, resumidamente, o que uma revista americana tem a dizer quanto a pesquisa moderna sobre o mel:

“O mel é um poderoso destruidor dos germes que provocam doenças humanas. No entanto, foi só no século XX que este fato foi demonstrado cientificamente. O Dr. W.G. Sackett, do *Colorado Agricultural College* em Fort Collins, tentou provar que o mel era um portador de doenças, tal como o leite. Para sua surpresa, todos os germes de doenças que ele introduziu no mel puro foram rapidamente destruídos. O germe que causa a febre tifoide morreu no mel puro após 48h de exposição. A bactéria *Enteritidis*, causadora da inflamação intestinal, sobreviveu por 48h. Um germe resistente que provoca broncopneumonia e septicemia resistiu quatro dias. O *Bacillus coil Communis* que, em certas condições, provoca peritonite, estava morto no quinto dia da experiência. Segundo o Dr. Bodog Beck, existem muitos outros germes igualmente destrutíveis no mel. A razão para esta qualidade bactericida do mel, disse ele, está na sua capacidade higroscópica. Ele retira literalmente todas

as partículas de umidade dos germes. Os germes, como qualquer outro organismo vivo, morrem sem água. Esse poder de absorção de umidade é quase ilimitado. O mel retira a umidade do metal, do vidro e até das rochas”.²⁶

A explicação que a fisiologia moderna dá sobre como o leite é produzido levou a uma reinterpretação de um versículo do Alcorão sobre este assunto, que os primeiros tradutores consideraram difícil de traduzir devido à falta de conhecimentos científicos. A tradução moderna, apoiada pela ciência, nos dá agora essa interpretação: “E, por certo, há nos rebanhos lição para vós. Damo-vos de beber do que há em seus ventres – entre fezes e sangue – leite puro, suave para quem o bebe”.²⁷

Em “A Bíblia, o Alcorão e a Ciência”, (p. 196,197) o Dr. Maurice Bucaille explica que “os constituintes do leite são secretados pelas glândulas mamárias. Estas são nutritidas pelo produto da digestão dos alimentos que lhes chega através da corrente sanguínea. Portanto, o sangue desempenha o papel de coletor e condutor do que foi extraído dos alimentos, levando nutrientes para as glândulas mamárias, produtoras de leite, assim como leva para qualquer outro órgão”. Ele escreve:

“Aqui, o processo inicial que coloca tudo em movimento é a junção do conteúdo do intestino e do sangue ao nível da própria parede intestinal. Esse conceito altamente preciso é o resultado de descobertas feitas no campo da química e da fisiologia do aparelho digestivo. Era totalmente desconhecido no tempo do Profeta Muhammad e só foi compreendido recentemente. Harvey fez a descoberta

da circulação do sangue cerca de 10 séculos depois da revelação do Alcorão”.

“Considero que a existência de um versículo no Alcorão referente a estes conceitos não pode ter qualquer explicação humana, devido ao período em que foram formulados.”

A FÍSICA MODERNA E O ALCORÃO

Outro ponto sobre o qual a inteligência humana parece ter chegado a uma verdade científica importante é o da verdadeira natureza da luz. Foi Sir Isaac Newton (1642-1727) que apresentou a teoria de que a luz consiste de corpúsculos em movimento rápido que emanam da sua fonte e se dispersam na atmosfera. Devido à influência extraordinária de Newton, essa teoria corpuscular dominou o mundo científico durante muito tempo, porém foi abandonada em meados do século XIX em razão da teoria ondulatória da luz. Foi a descoberta da ação do fóton que deu o golpe final na teoria de Newton. “O trabalho de Young convenceu os cientistas de que a luz tem características ondulatórias essenciais, em aparente contradição com a teoria corpuscular de Newton”.²⁸

Levou apenas 200 anos para provar que Newton estava errado. O Alcorão, ao contrário, deu sua mensagem ao mundo no século VII e, mesmo após um lapso de 1400 anos, sua verdade emerge incólume. A razão para tal é o fato de a mensagem ter origem divina e não humana: a verdade absoluta das suas afirmações pode ser provada em

todas as épocas - um atributo extraordinário que nenhuma outra obra pode alegar possuir.

A teoria da relatividade de Einstein declara que a gravidade controla o comportamento dos planetas, das estrelas, das galáxias e do próprio universo, e o faz de forma previsível.

Essa descoberta científica já tinha sido desenvolvida na filosofia por Hume (1711-1776) e outros pensadores, que declararam que todo o sistema do universo era regido pelo princípio da causalidade, e que só quando o homem não tinha consciência disso é que se supunha que Deus controlava o universo. Pensou-se então que o princípio de causa e efeito dispensava logicamente a ideia de Deus.

Mas pesquisas posteriores contrariaram esta suposição puramente material. Quando Paul Dirac, Heisenberg e outros eminentes cientistas se dedicaram à análise da estrutura do átomo, descobriram que seu sistema contradizia o princípio de causalidade que tinha sido adotado com base nos estudos efetuados sobre o sistema solar. Essa teoria, chamada teoria da mecânica quântica, defende que, em nível subatômico, a matéria se comporta de forma aleatória.

A palavra “princípio”, na ciência, significa algo que se aplica em igual medida a todos os universos. Se houver um único caso em que um princípio não se aplique a algo, sua idoneidade acadêmica tem que ser questionada. Sendo assim, se a matéria não funcionasse de acordo com este princípio de causalidade, de uma forma exatamente semelhante ao nível subatômico, e ao nível do sistema solar, teria de ser rejeitada.

Einstein considerou esta ideia impensável e passou os últimos 30 anos de sua vida tentando conciliar essas aparentes contradições da natureza. Ele rejeitou a aleatoriedade da mecânica quântica dizendo: “Não acredito que Deus jogue dados com o universo”. Apesar de seus esforços, ele nunca foi capaz de resolver este problema e parece que o Alcorão tem a palavra final sobre a realidade do universo. O fato de o universo não poder ser explicado em termos de conhecimento humano é bem ilustrado por Ian Roxburgh quando escreve:

As leis da física descobertas na Terra contêm números arbitrários, como a relação entre a massa de um elétron e a massa de um próton, que é de cerca de 1840 para um. Por quê? Será que um criador escolheu arbitrariamente estes números?²⁹

Quando o Alcorão afirma especificamente que Deus é o Senhor Soberano absoluto deste universo, que Ele “realiza o que Lhe apraz” (14:27) e que é o Executor da Sua própria vontade (85:16), nós nem sequer precisamos questionar o que Ian Roxburgh questionou. Durante milhares de anos, este conceito de Deus foi um conceito firme e incontestável. Agora, do ponto de vista do materialismo extremo, o pêndulo da crença voltou a oscilar para as leis imutáveis e inatacáveis do Alcorão.

Há inúmeros exemplos no Alcorão e nas Tradições do Profeta, que são indícios extremamente fortes de que a inspiração do Alcorão é sobre-humana. Para resumir, eis um incidente que ocorreu em Inglaterra, relatado por Inayat-ullah Mashriqi. “Era domingo”, escreve ele, “no

ano de 1909. Estava a chover muito. Eu tinha saído para fazer algumas coisas, quando vi o famoso astrônomo da Universidade de Cambridge, Sir James Jeans, com uma Bíblia debaixo do braço, a caminho da Igreja. Aproximei-me e cumprimentei-o, mas ele não respondeu. Quando o cumprimentei de novo, ele olhou para mim e perguntou: 'O que você quer?', 'Duas coisas', respondi. 'Em primeiro lugar, está caindo uma chuva forte, mas o senhor não abriu o guarda-chuva'. Sir James riu de sua própria distração e abriu o guarda-chuva. 'Em segundo lugar', continuei, 'gostaria de saber o que um homem de fama universal como o senhor está fazendo – indo rezar na igreja?'. Sir James fez uma pausa e depois, olhando para mim, disse: 'Venha tomar chá comigo mais tarde'. Então fui à casa dele. Exatamente às 4 horas, Lady James apareceu. 'Sir James está à sua espera', disse ela. Entrei na casa, onde o chá estava pronto na mesa. Sir James estava perdido em pensamentos. Perguntou-me: 'Qual era mesmo a sua pergunta?' e, sem esperar pela resposta, começou uma descrição inspiradora da criação dos corpos celestes e da ordem espantosa a que obedecem, das distâncias incríveis que percorrem e da regularidade infalível que mantêm, das suas viagens intrincadas através do espaço em suas órbitas, de sua atração mútua e do fato de nunca se desviarem do caminho escolhido para eles, por mais complicado que seja. O seu relato vivo sobre o Poder e a Majestade de Deus me fez tremer o coração. Quanto a ele, os cabelos da sua cabeça estavam em pé. Seus olhos brilhavam de espanto e admiração. A trepidação perante a ideia da natureza onisciente e onipotente de Deus fez com que as suas mãos

tremesse e a sua voz vacilasse. ‘Sabe, Inayat-ullah Khan’, disse ele, ‘quando contemplo os maravilhosos feitos da criação de Deus, todo o meu ser treme de admiração por Sua majestade. Quando vou à Igreja, inclino a cabeça e digo: ‘Senhor, como és grandioso’, e não só os meus lábios, mas todas as partículas do meu corpo se unem para proferir estas palavras. A minha oração me dá uma paz e uma alegria incríveis. Comparado com os outros, eu me sinto mil vezes mais realizado com a minha oração. Por isso, me diga, Inayat-ullah Khan, você comprehende agora porque vou à Igreja?’”.

As palavras de Sir James Jeans deixaram a mente de Inayat-ullah Mashriqi agitada. “Senhor”, disse ele, “as suas palavras inspiradoras me causaram uma profunda impressão. Estou lembrando de um versículo do Alcorão que, se me permite, gostaria de citar”. “Com certeza.” Sir James respondeu. Inayat-ullah Khan recitou então este versículo:

“E entre as montanhas, há-as de estratos brancos e vermelhos, de cores variadas, e as que são nigérrimas como o corvo. E que dentre os homens e os seres animais e os rebanhos, há-os também de cores variadas. Apenas os sábios receiam a Allah”. (35:27-28).

“O que foi isso?” exclamou Sir James. “Só aqueles que têm conhecimento é que temem a Deus. Que maravilha! Que extraordinário! Levei cinquenta anos de estudo e observação contínuos para me dar conta deste fato. Quem é que ensinou isto a Muhammad? Isto está mesmo

no Alcorão? Se sim, podem registrar o meu testemunho de que o Alcorão é um livro inspirado. Muhammad era analfabeto. Ele não poderia ter aprendido sozinho esse fato imensamente importante. Deus deve ter ensinado a ele. Incrível! Que extraordinário!”.³⁰

E quanto significativo é o fato de Sir James Jeans ter concluído o seu livro, “*The Mysterious Universe*”, com estas palavras:

“Não podemos afirmar que tenhamos discernido mais do que um tênue vislumbre de luz, na melhor das hipóteses. Talvez fosse totalmente ilusório, pois certamente tivemos de forçar muito nossos olhos para ver alguma coisa. Assim, o nosso principal argumento mal pode ser o de que a ciência de hoje tem um pronunciamento a fazer, talvez devesse ser antes o de que a ciência deve deixar de fazer pronunciamentos: o rio do conhecimento tem demasiadas vezes voltado sobre si mesmo” (p.138).

NOTAS

1. Alcorão, 2:23.
2. Alcorão, 17:31.
3. Alcorão, 61:8-9.
4. *Life of Mahomet*, Vol.II. p. 228.
5. *The Decline and Fall of the Roman Empire*, p. 80.
6. *Ibid*, p. 76.
7. *The Decline and Fall of the Roman Empire*, pp. 80-81.
8. *Ibid*, p. 76.
9. *Ibid*, p. 82.

10. Alcorão30: 1-6.
11. *The Decline and Fall of the Roman Empire*, p. 94.
12. *Ibid*, pp. 79-80.
13. *Êxodo*, 14:28.
14. Alcorão, 10:92.
15. Maurice Bucaille, *The Bible, The Quran and Science*, p.241.
16. *Ibid*, p. 241.
17. *The Evidence of God*, pp. 137-38.
18. *Encyclopédia Britânica*, Vol.15, p. 1172.
19. *Encyclopédia Britânica*, Vol.14, p. 695.
20. John Kenneth Galbraith, *The Age of Uncertainty*, p. 77.
21. Alcorão, 2:282.
22. Ver *Encyclopédia Britânica*, Vol. VIII, p. 811.
23. A.C. Morrison, *Man Does Not Stand Alone*, p. 19.
24. Alcorão, 54:1,2.
25. O.R. Von Engeln, *Geomorphology*, (New York, 1948), p. 262.
26. *Rosicrucian Digest*, Setembro, 1975, p. 11.
27. Quran, 16:66.
28. *Encyclopédia Britânica* 1984, Vol. 19, p. 665.
29. *Sunday Times*, Londres, 4 de Dezembro de 1977.
30. *Nuqosh Shakhsiyat*, (Impressions of Personalities), pp. 1208-209.

RELIGIÃO E SOCIEDADE

A sociedade tem sua base em uma delicada rede humana de relações que, com a menor das provocações, pode ficar confusa, frágil ou distorcida. O resultado comum dessas aberrações é a injustiça de maior ou menor gravidade. Mas então o que mantém o equilíbrio da justiça? É evidente que se deve elaborar leis que atendam as necessidades morais, que são obrigatórias e que mantêm o equilíbrio entre o que é permanente e o que é passageiro. Apesar da urgente necessidade de tais leis, a sociedade não conseguiu desenvolver - mesmo após 2500 anos de experiência - um princípio universalmente aceitável no qual se pudesse basear um conjunto viável de leis.

Como diz L.L. Fuller, o direito ainda tem que se descobrir. Em seu livro muito pertinentemente intitulado *“The Law in Quest of Itself”* (O Direito em busca de si mesmo, em tradução livre), ele ressalta que em tempos modernos, mentes grandiosas dedicaram seus distintos talentos a este assunto, e inúmeros calhamaços foram escritos como resultado disso.

“Ao ser transformado em uma ciência formidável”, diz a Enciclopédia Chambers, “o direito fez grandes avanços”.

No entanto, nenhum desses esforços conseguiu produzir um conceito unânime de direito. Um jurista especialista coloca a questão da seguinte forma: “Se fosse pedido a dez constitucionalistas que definissem o que entendem por direito, não seria exagero dizer que teríamos de estar preparados para onze respostas diferentes”. Deixando de lado os pormenores técnicos, essas escolas de pensamento podem ser divididas de maneira geral em duas categorias de jurisprudência: a ideológica, que busca o “direito tal como deve ser”, e a analítica, que interpreta o “direito tal como é”. A história dos princípios do direito mostra que nenhuma delas chegou a uma conclusão aceitável. Quando os juristas tentam interpretar o direito nos termos da segunda categoria, levantam objeções de que a justificação lógica lhes escapou, e quando tentam compreendê-la dentro da primeira categoria, são forçados a concluir que se trata de algo impossível de descobrir.

Uma escola de pensamento vê o direito simplesmente como uma estrutura externa da sociedade humana que pode ser construída de acordo com regras e regulamentos conhecidos, exatamente como uma jaula construída para confinar animais no zoológico. Esta teoria foi defendida por John Austin (1790-1859), que afirmou: “A lei é o que é imposto por um superior a um inferior, seja esse superior o rei ou o legislador”.

Embora esta pareça uma teoria praticável, ela é na verdade desprovida de qualquer lógica válida, pois confere ao jurista uma posição superior sem qualquer insistência necessária para que os critérios da justiça sejam observados. Mas o

intelecto humano jamais admitiria que a justiça, enquanto conceito, pudesse ser separada do direito. Quando a lei impõe um julgamento a alguém, este só é considerado válido quando se baseia na justiça. Como observa G. W. Paton, a definição de lei de Austin reduz a lei ao “comando de um soberano”.¹

Apesar de na prática, em todo o mundo, as leis serem feitas e postas em vigor através do poder político, alguns juristas eminentes sentiram a necessidade de realizar uma pesquisa acadêmica sobre os princípios do direito. Porém, a pesquisa não os levou senão à conclusão de que, nesta matéria, chegar a um critério consensual é absolutamente impossível. A razão é que o objetivo da pesquisa exige a determinação das normas jurídicas com base em valores humanos. Estudiosos concordam que esta descoberta de valores não é possível através de métodos puramente racionais, e os constitucionalistas nem sequer encontraram a estrutura correta para enquadrar as leis que propõem. Os constitucionalistas nem sequer encontraram a estrutura correta para enquadrar as leis que propõem. Eles podem concordar que há certos valores fundamentais que consideram desejável incorporar à lei, mas, por mais que tentem fazê-lo, descobrem que, embora alguns valores possam ser mantidos, há sempre outros que lhes escapam. É como um homem que tenta pesar cinco sapos com outros cinco: ele coloca cinco sapos de um lado da balança. Depois, volta a sua atenção para os outros cinco. Entretanto, os cinco primeiros pularam para fora da balança. O mesmo aconteceu com todos os

nossos esforços para criar um conjunto perfeito de leis. O estabelecimento de um conjunto de leis levou à perda de outros. Não há fim à vista para a nossa situação. A única “solução” que a civilização ocidental encontrou, diz W. Friedmann, é “continuar a oscilar de um extremo ao outro”.²

Um dos extremos a que chegamos em nossa época é a sanção ou revogação de leis, de acordo com a aceitação das pessoas ou não. Algumas leis, apesar de serem ética e academicamente sólidas, foram abandonadas simplesmente porque as pessoas não as queriam. O álcool, por exemplo, foi proibido durante algum tempo nos EUA, mas essa lei acabou sendo revogada devido à pressão do público. A pena de morte na Grã-Bretanha foi comutada por razões semelhantes, e a homossexualidade teve de ser legalizada apesar da oposição de juízes e outros membros responsáveis da sociedade, que a reconheceram como um mal.

Gustav Radburch (1878-1949) observa que o direito pretendido só pode ser adotado por concessão, e não por ser “cientificamente conhecido”. A opinião de Radburch não é uma exceção e, com base nela, surgiu uma escola de pensamento permanente conhecida como Escola de Pensamento Relativa, segundo a qual “os juízos absolutos sobre o direito não podem ser descobertos”. O que o direito almeja relaciona-se diretamente com os valores humanos, e é precisamente aí que o intelecto humano falhou em encontrar uma solução universal. No entanto, os instintos do homem sobre o certo e o errado são tão

fortes que nem a filosofia mecânica do século XVIII, nem o sistema utilitarista russo conseguiram extirpá-los, e os países ocidentais ainda se deparam com o dilema de que mesmo após um esforço infindável dos seus maiores gênios eles falharam totalmente em sua busca por um critério consensual. O progresso da ciência está deixando cada vez mais evidente que vivemos em um mundo onde os valores não possuem um denominador comum.

A tarefa de investigar os princípios do direito começou, segundo os registros históricos, com os filósofos gregos, um dos quais foi Sólon (c. 638-558.), um famoso legislador ateniense. O mais famoso livro antigo de direito é de Platão (427-347 a.c.) e a profissão de advogado teve o seu início em Roma por volta de 500 a.c. Até o século XV, porém, o direito era considerado uma parte da teologia. Foi no século XVI que se desenvolveu uma nova tendência que finalmente separou o direito da religião. No entanto, o direito ainda continuava a fazer parte da política. Só no século XIX a filosofia jurídica se separou da filosofia política e a jurisprudência se desenvolveu como um ramo independente do conhecimento, tornando-se assim uma disciplina de especialização.

Os filósofos antigos extraíam seus princípios jurídicos de certos axiomas, a que chamavam direitos naturais. A partir do século XVI, a revolução intelectual na Europa demonstrou que estes “axiomas” eram na verdade apenas suposições para as quais não existia fundamento racional. A liberdade individual foi então estabelecida como o bem maior, que podia servir de base para a elaboração

de leis. Mas as consequências da revolução industrial mostraram que a liberdade individual, enquanto “*summum bonum*”^a, apenas nos leva à exploração da humanidade e à anarquia. Depois, o bem social passou a ser considerado o bem mais elevado que podia fornecer os princípios da legislação. Mas quando esse conceito foi colocado em prática pela primeira vez, conduziu à mais terrível repressão política, em nome da propriedade pública. Na verdade, havia grandes esperanças de que esta nova ordem social garantisse uma justiça maior para os indivíduos, mas uma longa experiência revelou que não só o sistema de propriedade pública - sendo um sistema não natural - produzia violência, como também era um fator inibidor do esforço humano. O país onde os efeitos desta política foram vistos em maior escala foi a antiga União Soviética, onde um dos primeiros departamentos a ficar sob a influência deste “ideal” foi o da agricultura. Desde a revolução bolchevique de 1917, tem havido tentativas contínuas na Rússia e outros países comunistas para coletivizar a agricultura e colocá-la inteiramente sob controle do Estado.

O maior impulso rumo à coletivização foi iniciado na década de 1930 por Joseph Stalin (1879-1953). Mas rapidamente ficou claro que a transição da propriedade privada para a pública não seria fácil. Para evitar a ameaça de fome, o Estado atribuiu parcelas de em média 0,3 hectares a agricultores coletivos. Estas parcelas deviam ser cultivadas a título privado, a fim de aumentar o rendimento

^a N.T. *Summum Bonum*, do latim: bem maior

dos agricultores e de evitar que eles fossem engolidos pela onda da transição súbita da agricultura individual para a coletiva. Esta medida foi considerada como um “mal temporário”, uma concessão à necessidade, que seria desmantelada quando a herança do sistema econômico anterior desaparecesse.

Longe de serem um mal temporário, estas medidas provaram ser parte permanente da situação econômica. É sempre doloroso para o homem ser arrancado ao seu ambiente natural, e esse caso não foi diferente. Calcula-se que cerca de 5,5 milhões de pessoas tenham morrido de fome e de doenças relacionadas, quando foram forçadas a entrar em explorações agrícolas estatais e coletivas por ordem de Stalin.

Mas uma acusação ainda mais conclusiva do sistema estatal de agricultura é o fato de que apesar dos investimentos maciços no setor público, o setor privado continua a florescer na União Soviética. Milhares de agricultores privados possuem pequenas parcelas de terra na Geórgia e na Ásia Central. De acordo com um artigo publicado em Novembro de 1984 na *Questions of Economy*, uma revista mensal publicada pela Academia de Ciências de Moscou, as parcelas e as pequenas explorações representam 25% da produção agrícola total da União Soviética. Mais da metade das batatas do país e cerca de um terço da sua carne, ovos e outros legumes são produzidos de forma privada. Esses números são ainda mais espantosos quando comparados com a proporção - apenas 2,8% - que as parcelas privadas constituem de todas as terras agrícolas do país.

Os preços que os produtos agrícolas cultivados no mercado central de Moscou alcançam no mercado privado zombam do ideal comunista de alimentos gratuitos para todos. De acordo com um relatório da Reuter de Moscou, datado de 28 de Dezembro de 1984, os tomates da Geórgia custavam 15 rublos o quilo no mercado de Moscou. As couves-flores da Ásia Central custavam 12 rublos o quilo. Os moscovitas queixam-se dos preços elevados, mas é uma questão de pagar ou ficar sem legumes:

Enquanto os moscovitas se queixam dos “milionários” morenos do Sul, cujas grandes casas e carros vistosos são uma lenda, sem eles seria difícil encontrar frutas e legumes.³

Tudo isto demonstra que o Estado comunista falhou em satisfazer as necessidades básicas da vida das pessoas, e muito menos gratuitamente. As pessoas são obrigadas a recorrer ao setor privado para conseguir um sustento mínimo. O setor privado continua a ultrapassar o setor público, apesar das vantagens que este último tem sob patrocínio do Estado comunista. Mesmo os dirigentes russos, confrontados com a realidade de que o Estado sozinho não consegue satisfazer as necessidades da nação, admitiram a importância do setor privado. O chefe do planejamento estatal, Nikoli Baibakov, disse na última sessão do parlamento soviético: “Os líderes econômicos deveriam dedicar mais atenção à ajuda aos trabalhadores das lavouras coletivas na gestão de suas terras privadas”.

Assim, o comunismo tinha dado uma meia volta desde os

dias de Stalin, quando a coletivização total era considerada o ideal. Agora há uma aceitação relutante da inevitabilidade da empresa privada e da necessidade de ajudá-la. Não é muito difícil perceber porque é que o sistema da empresa privada deve ser tão resistente diante da usurpação do Estado. Isso se deve ao fato de a empresa privada não ser um sistema criado pelo homem. Ele é parte integrante da natureza humana, e os esforços para mudar a natureza humana estão fadados ao insucesso.

Verificou-se então que, enquanto uma liberdade individual excessiva poderia ser prejudicial para a sociedade, o totalitarismo deixava o indivíduo desamparado e reprimido, sem que as suas necessidades materiais fossem atendidas. As novas leis criadas pelo homem com certeza não tinham produzido justiça para todos e, embora a segunda metade do século XX tenha testemunhado tentativas de conciliação entre as exigências do indivíduo e a sociedade, essa experiência parece também não levar a lugar nenhum. De fato, o que o homem precisa tão urgentemente não é de uma experiência após outra, mas de uma lei eterna, aplicável a todos os povos, a todas as situações e válida para todos os tempos. Mas o raciocínio humano, quando não é pautado na religião, leva-nos exatamente na direção oposta. Como Kohler afirma inequivocamente em *“The Philosophy of Law”*: “Aqui não há lei eterna. Inevitavelmente, a lei que é adequada para a nossa época não pode ser adequada para outra. Tudo o que podemos fazer é um esforço para fornecer a cada cultura

um sistema jurídico adequado. Algo que é benéfico para uma cultura pode ser prejudicial para outra”.

Este conceito retira toda a estabilidade da filosofia do direito. A ideia de que as pessoas devem ter uma lei que sirva para sua cultura particular é uma ideia que conduz o pensamento humano a um relativismo cego. Desprovido de qualquer fundamento, esse é um conceito que pode contravertir todos os valores humanos fundamentais.

O resultado de tudo isto é que voltamos ao ponto em que John Austin nos deixou, sem uma ideia clara do que é a justiça ou de como pode ser definida. Séculos de investigação e pesquisa falharam em fornecer à humanidade um conjunto de princípios claros nos quais basear as suas leis. Como diz G. W. Paton: “Quais são os interesses que um sistema jurídico perfeito tem de proteger? Essa é uma questão que tem a ver com valores e se insere no escopo da filosofia jurídica, mas precisamos de mais ajuda da filosofia jurídica nesta matéria do que a filosofia parece estar preparada para nos dar. Consequentemente, não conseguimos chegar a uma escala de valores aceitável. De fato, só na religião encontramos tais valores, mas os dogmas religiosos são aceitos por fé ou intuição, e não com base em argumentos racionais.”⁴

Na mesma obra, ele depois ressalta (p. 109): “A Teoria Ortodoxa do Direito Natural baseava os seus pressupostos nas verdades reveladas da religião. Se tentarmos secularizar a jurisprudência, onde poderemos encontrar uma base consensual de valores?”.

Na Antiguidade, a religião desempenhava um importante papel na elaboração e promulgação das leis. Sobre esse fato, o historiador jurídico Sir Henry Maine diz o seguinte: “Da China ao Peru, não conseguimos encontrar nenhum sistema constitucional escrito de governo que não tenha sido, desde o seu início, ligado a rituais e devoção religiosos”.⁵

Perante as vacilações de filósofos, juristas e psicólogos, e os juristas modernos tendo afirmado finalmente que “uma interpretação puramente lógica das regras legais é impossível”, temos necessariamente de nos voltar para a precisão, a estabilidade e a universalidade da lei revelada. Esta foi perfeitamente preservada na sua forma original e autêntica no Alcorão, o livro sagrado do Islam, que afirma que a revelação de Deus é a única fonte verdadeira do direito. O Alcorão afirma claramente que existe um Deus deste universo, que revelou a Sua lei a Seu mensageiro.

Esta lei é o conjunto de leis mais correto para o homem, com base no qual podem ser formadas outras leis por “Qiyas”, ou seja, o raciocínio analógico dos sábios com base nos ensinamentos do Alcorão, no “Hadith” e no “Ijma” (o consenso unânime de um conselho de sábios) e por “Ijtihad”, ou seja, por dedução lógica sobre uma questão jurídica ou teológica, por um estudioso religioso. Isso não implica um desvio dos princípios básicos e, como método para atingir certo grau de autoridade com o objetivo de investigar os princípios da jurisprudência, foi sancionado pelas Tradições. A palavra “Ijtihad” significa literalmente “extorsão” e é interessante ver como se aplicou a uma

situação real no tempo do Profeta. Quando Muaz bin Jabal estava prestes a partir para o Iêmen para assumir o cargo de governador, o Profeta perguntou-lhe como iria julgar os assuntos. “Com a ajuda do Alcorão”, foi a sua resposta. O Profeta então perguntou o que faria se não encontrasse orientações no Alcorão. Muaz respondeu que consultaria a “*Sunnah*”, ou seja, os ditos e as ações do Profeta. “E o que você faria”, perguntou o Profeta, “se não encontrasse as orientações necessárias na *Sunnah*?” . “Então”, disse Muaz, “exercerei o meu próprio julgamento da melhor forma possível”.

Eu estou pronto para admitir que fazer afirmações sobre a eficácia do “*Qiyas*” e do “*Ijtihad*” é, do ponto de vista acadêmico, uma questão de grande complexidade. Mas devo ressaltar que a razão para esta complexidade não é inerente à lei em si, mas às limitações do intelecto humano. Felizmente, eu tenho respaldo da ciência moderna, que torna claro que há muito mais no universo do que pode ser diretamente observado, e que aquilo que é incognoscível é muito maior e mais significativo do que aquilo que é realmente conhecido. O professor americano Fred Berthold resume de forma muito simples, mas muito profunda, a filosofia do positivismo lógico: “O importante é incognoscível, e o cognoscível é insignificante”.

No século XIX, supunha-se que o homem estava caminhando rumo à realidade absoluta, embora naquela época, ela estivesse ainda mais longe do seu alcance do que está hoje. Mas, pelo menos, pensava-se que o homem iria certamente descobri-la um dia. Agora, os cientistas

do século XX dizem-nos, sob a bandeira do positivismo ou do operacionalismo, que tal suposição era totalmente errada, pois a ciência não pode nos dizer nada sobre a realidade última ou o bem último. Sir James Jeans, no seu livro *“The Mysterious Universe”*, afirma que “a nossa Terra é tão infinitesimal em comparação com todo o Universo, e nós, os únicos seres pensantes, até onde sabemos, em todo o espaço, somos, para todos os efeitos, tão accidentais, tão afastados de todo o esquema do Universo, que, *a priori*, é demasiado provável que qualquer significado que o Universo possa ter no seu conjunto transcendente inteiramente a nossa experiência terrestre e seja, portanto, totalmente ininteligível para nós” (p. 112). O existencialismo também nos convence de que o homem, com as suas limitações, não sabe como descobrir uma norma que está além dele.

“O homem é um animal ético num universo que não contém qualquer elemento ético”. Esta é uma afirmação frequentemente citada de Joseph Wood Krutch (1893-1970), que escreve no seu best-seller, *“The Modern Temper”*, que, por maior que seja o esforço de um homem, as duas metades da sua alma dificilmente conseguem se juntar. Ele não sabe como pensar conforme seu intelecto lhe diz, ou como sentir conforme suas emoções lhe dizem. E assim, na sua alma arruinada e dividida, ele se tornou motivo de chacota”.

Neste ponto, Krutch está errado. E isso se deve ao fato de ele ter saído do seu domínio. O ponto fundamental que me parece necessário destacar aqui é que o que foi provado não é que os valores não existem, mas que o

homem não é capaz de descobri-los. No livro “*Man the Unknown*”, o Dr. Alexis Carrel mostrou que a questão dos valores exige um conhecimento completo dos diferentes ramos do saber, mas que, devido às limitações do homem, isso é impossível. Ele rejeitou até mesmo a ideia de um comitê de especialistas chegar a conclusões sólidas, porque enquanto “uma arte superior nasce de uma mente, ela nunca foi produzida por uma academia”.

O fato de um conhecimento apenas parcial ter sido concedido ao homem é uma realidade que deve ser aceita. É fato respaldado pela ciência moderna que, particularmente desde a Primeira Guerra Mundial, o homem está sujeito a certas limitações biológicas e psicológicas e não pode, portanto, apreender todos os fatos através de seus sentidos. Para usar a frase de Locke, “a verdadeira essência das substâncias” é para sempre incognoscível. Até Einstein defendeu a contemplação científica, e não apenas a observação, para compreender os aspectos mais profundos do universo. A visão de Einstein é assim resumida por um colega:

“Ao lidar com as variedades eternas, a área da experiência é reduzida e a da contemplação é aumentada.”

Chegou-se agora a um consenso de que o raciocínio absoluto só pode se aplicar aos domínios de investigação que, segundo Bertrand Russell (1872-1970), dizem respeito ao “conhecimento das coisas”. O “conhecimento das verdades” é um campo de estudo distinto e, neste, a argumentação direta é impossível: não se pode chegar a

certezas. Só podemos tentar chegar a juízos prováveis. Ele não está limitado apenas aos fatos imateriais, mas a muitas coisas que entram na categoria do material, como a luz ou a interpretação da gravidade.

Eu me atrevo a afirmar, a esta altura, que a base de julgamento fornecida pelo conhecimento moderno é indubitavelmente a favor da lei revelada.

A noção de lei revelada pressupõe a existência de um Deus deste universo, e obviamente isso não é ininteligível para o homem, pois a maioria dos grandes cientistas acreditou em Deus de uma forma ou de outra. Newton (1642-1727) viu uma “mão divina” nas coisas que causam o movimento do sistema solar. Darwin (1809-1882) considerava necessário um “criador” para a origem da vida. Existe uma “mente superior”, observou Einstein (1879-1954), que se manifesta no Universo. Sir James Jeans (1877-1946) foi levado pelos seus estudos a concluir que o Universo era um “grande pensamento” e não uma “grande máquina”. De acordo com Sir Arthur Eddington (1882-1944), a ciência moderna estava nos conduzindo à realidade de que “a matéria do mundo é matéria-mental”. Para Alfred North Whitehead (1861-1947), o conjunto de informações obtidas através da pesquisa moderna prova que “a natureza está viva”. No que diz respeito à revelação, porém, admito que, do ponto de vista puramente acadêmico, esta é uma crença muito complexa, não sendo verificável. Mas temos, na totalidade da nossa experiência, um conjunto de fatos a partir dos quais se pode inferir que a revelação é a realidade. A metodologia moderna apoia a ideia de

que os fatos inferidos podem ser tão certos como os fatos observados. A importância do nosso argumento não é, portanto, diminuída pelo fato de afirmarmos que ele é o resultado, não da observação, mas da inferência.

No século XIX, o princípio da causalidade era considerado como a alternativa para o Criador. Mas, no século atual, muitos eventos chegaram ao conhecimento da ciência, que não são explicáveis em termos do princípio comum das causas materiais. Por exemplo, todos os esforços falharam em explicar a desintegração do elétron de rádio de acordo com as leis conhecidas. Os cientistas até mesmo disseram que ninguém pode ter certeza absoluta sobre qual pedaço de rádio vai se desintegrar e em que momento. Como um cientista coloca: “Pode estar nos joelhos de quaisquer deuses que existam”.

A vida animal também tem os seus aspectos inexplicáveis. Foi comprovado que os instintos animais são inatos e não adquiridos. As nossas provas não nos dizem, no entanto, porque é assim. A abelha faz cada parte do favo de mel octogonal. Não lhe foi ensinado em um centro de formação qual a figura geométrica mais adequada para seu objetivo. Até onde sabemos, ela nem sequer tem consciência do significado dessa forma. No entanto, ela o constrói matematicamente, como se lhe tivesse sido ordenado que o fizesse. Diz o Alcorão:

“E o teu Senhor inspirou às abelhas: ‘Tomai casas nas montanhas e nas árvores e no que eles erigem’” (16:68).

Há inúmeros exemplos que mostram a probabilidade de

existir uma consciência exterior às coisas que as instrui quanto ao seu modo de vida.

Sir Arthur Eddington afirmou que a teoria quântica moderna é uma afirmação científica da revelação. Esta afirmação do Alcorão - “E revelou a cada céu sua condição” (41:12) - é talvez muito mais compreensível para o homem do século XX do que poderia ter sido para o homem do século VII, época em que o Alcorão foi revelado.

Se admitirmos que a fonte das leis da natureza que regem tudo, desde as estrelas e os planetas até os aspectos biológicos da vida humana, é a revelação recebida, oriunda da consciência universal, temos menos dificuldade em aceitar a crença paralela de que, também para a parte psicológica do homem, as leis devem provir dessa mesma consciência externa.

De um ponto de vista puramente racional, pode dizer-se com certeza que a base deste argumento é a inferência. De fato, foi comprovado que a constituição mental do homem é tal que este não pode escapar à argumentação inferencial. A sua única alternativa é o ceticismo, que não o leva a lugar nenhum.

Chegou o momento de aceitarmos o fato de que não somos capazes de formular leis por nós mesmos. Não vale a pena continuarmos tentando, pois nossos esforços não terão resultado nenhum se não recorrermos à orientação divina. Como diz W. Friedmann, a religião nos fornece um quadro único, verdadeiro e simples, no qual podemos formular um conceito perfeito de justiça.⁶

O Alcorão ressalta a razão da incapacidade do homem para criar leis:

“E perguntam-te eles pela alma. Dize: ‘A alma é da Ordem de meu Senhor. E não vos foi concedido da ciência senão pouco” (17:85).

Ele afirma então que, para orientação do homem, Deus fez uma revelação das Suas leis e, para apoiar essa afirmação, ele desafia quem quiser a produzir um livro de qualidade semelhante. “E se estais em dúvida acerca do que fizemos descer sobre Nosso servo, fazei vir uma Surat igual à dele, e convocai vossas testemunhas em vez de Allah, se sois verídicos” (2:23).

“Dize: ‘Se os humanos e os *gênios* se juntassem para fazer algo igual a este Alcorão, não fariam vir nada igual a ele, ainda que uns deles fossem coadjutores dos outros” (17:88).

Nos últimos 1300 anos, apareceram em cena inúmeros inimigos do Alcorão e do Islam que poderiam facilmente ter preparado um livro como o Alcorão em árabe para responder a esse desafio e, de fato, alguns deles tentaram fazê-lo. Mas a história mostra que, desde o tempo de Musaliema (633) e de Ibn Muqaffa (724-761) até às Cruzadas (1095-1271), ninguém, incluindo os orientalistas cristãos, conseguiu fazer tal tentativa. Mais espantoso é o fato de os princípios jurídicos estabelecidos pelo Alcorão há tantos séculos terem mantido a sua veracidade até hoje. É claro que as leis reveladas foram

rejeitadas em favor de leis feitas pelo homem, mas no decorrer de uma experiência que durou mais de 200 anos, as leis feitas pelo homem provaram ser um fracasso, e a opinião esclarecida novamente se volta para a lei revelada como sendo de caráter eterno. Essa qualidade particular só pode ser compreendida quando acreditamos que sua fonte está em Mente Eterna e não numa mente humana.

Se não sabemos a quem atribuir o poder de legislar, é porque, como nos diz a verdadeira religião, a prerrogativa é de Deus e só a Ele pertence. Ele é o verdadeiro Soberano. Nenhum homem tem o direito de governar os outros e de ordenar as suas vidas. Só Deus - o Criador e Senhor natural do homem - tem esse poder.

De acordo com a lei revelada, a liberdade do indivíduo está sujeita ao comando divino.

Diziam: “Temos nós algo da determinação?”. Dize, Muhammad: “Por certo, toda determinação é de Allah” (3:154).

O Renascimento - a grande revolução intelectual que aconteceu na Europa nos séculos XV e XVI - considerou esse conceito de liberdade como pouco melhor do que a escravidão. Foi proclamado que a liberdade era o maior dos valores humanos. Desde a época da Revolução Francesa até nossos dias, este novo conceito de liberdade tem se mantido. Mas os resultados finais inegavelmente negativos levaram agora os acadêmicos a declarar este conceito como sem sentido. O professor B.F. Skinner, conhecido psicólogo americano que desenvolveu a

teoria da aprendizagem programada e social baseada no condicionamento, é agora de opinião que “não podemos nos dar o luxo de ter liberdade”. Contrariamente à opinião dos pensadores dos séculos XVIII e XIX, Skinner afirma que a liberdade não é o bem maior. O que o homem precisa não é de liberdade ilimitada, mas de “uma cultura disciplinada”. Esta inversão no pensamento humano é uma admissão indireta do caráter eterno das leis reveladas.

Atualmente, o status da mulher em relação ao homem é o foco de uma intensa controvérsia. O fato de as mulheres saírem de casa para buscarem igualdade levou a severos conflitos e, frequentemente, à sua própria degradação. Muita tensão e ansiedade poderiam ser evitadas se simplesmente nos curvássemos à lei revelada, que atribui a homens e mulheres esferas diferentes e separadas nos assuntos práticos do dia a dia e coloca os homens em posição de domínio. “Os homens têm autoridade sobre as mulheres...”.⁷

Este princípio foi posteriormente rejeitado pela lei criada pelo homem como totalmente errado e injusto. Mas a experiência de cem anos mostrou que, neste quesito, a lei revelada está mais próxima da realidade. Apesar de todo o pseudo-sucesso do movimento de libertação das mulheres, o homem, ainda hoje, goza da posição de sexo dominante no mundo civilizado. Os defensores da emancipação da mulher sempre afirmaram que a diferença entre homens e mulheres era um fator produzido e perpetuado apenas pelo ambiente social. Mas, nos tempos modernos, essa questão se tornou objeto de estudos aprofundados em

várias áreas inter-relacionadas, tendo-se já demonstrado que a diferença entre os sexos se explica por fatores biológicos. O professor de psicologia da Universidade de Harvard, Jerome Kagan, conclui que “algumas das diferenças psicológicas entre homens e mulheres podem não ser produto apenas da experiência, mas de diferenças biológicas sutis”.

Um cirurgião americano, Edgar Berman, diz: “Devido à química hormonal, as mulheres podem ser emotivas demais para posições de poder”.⁸

O Dr. Alexis Carrel vai ainda mais fundo no assunto:

As diferenças existentes entre o homem e a mulher não resultam da forma específica dos órgãos sexuais, da presença do útero, da gestação ou do modo de educação. Elas são de natureza mais fundamental. São causadas pela própria estrutura dos tecidos e pela impregnação de todo o organismo com substâncias químicas específicas secretadas pelo ovário. Ignorar esses fatos fundamentais levou os promotores do feminismo a crer que ambos os sexos deveriam ter a mesma educação, os mesmos poderes e as mesmas responsabilidades. Na realidade, a mulher difere profundamente do homem. Cada uma das células do seu corpo tem a marca do seu sexo. O mesmo acontece com seus órgãos e, sobretudo, com seu sistema nervoso. As leis fisiológicas são tão inexoráveis como as do espaço sideral. Elas não podem ser substituídas por desejos humanos. Nós somos obrigados a aceitá-las tal como são. As mulheres

devem desenvolver as suas aptidões de acordo com a sua própria natureza, sem tentar imitar os homens.

Nos Estados Unidos, o movimento feminista pode ser muito poderoso, mas seus apoiadores começaram agora a sentir que o verdadeiro obstáculo no caminho não é a sociedade, nem a lei, mas a própria natureza, pois a diferença entre hormônios masculinos e femininos existe desde o primeiro dia em que abriram os olhos para este mundo. É natural que as mulheres estejam sujeitas às limitações da biologia, mas agora os apoiadores entusiastas da “liberdade” das mulheres consideram a natureza “culpada” e dizem que a natureza é “cruel”. Chegaram até mesmo a pedir que o próprio código genético fosse alterado com a ajuda da ciência da eugenia, a fim de produzir uma nova espécie de homens e mulheres! O slogan das mulheres americanas, “*Make policy, not Coffee!*^a”, nos diz muito sobre suas aspirações mundanas, mas, levadas ao extremo lógico, essas aspirações culminaram em uma distorção da própria natureza que elas consideram culpada. Isto mostra claramente que a lei revelada está em mais consonância com a natureza do que a lei feita pelo homem.

Esse sistema social, que ignorou a separação dos papéis do homem e da mulher, foi afetado por grandes males, entre os quais o desaparecimento da noção de castidade, que acompanhou o aumento da promiscuidade. Toda a geração mais jovem parece igualmente afetada por diversos males morais e psicológicos. Hoje em dia, é comum que uma

^a N.T. “Não faça café, faça política”, em tradução livre.

mulher solteira que se queixa apenas de dores de cabeça ou de insônias seja informada pelo médico de que está grávida. A livre mistura de homens e mulheres tirou o sentido do conceito de pureza. Como diz um médico ocidental com muita pertinência, “pode chegar um momento entre um homem e uma mulher em que o controle e o julgamento são impossíveis”. Marion Hilliard, uma médica renomada, critica duramente a relação sexual livre. Ela escreve: “Como médica, não acredito que exista tal coisa como uma relação platônica entre um homem e uma mulher juntos sozinhos”. E continua. “Não posso ser tão irrealista a ponto de aconselhar os jovens rapazes e moças a deixarem de se beijar. No entanto, a maioria das mães não diz às suas filhas que um beijo apenas estimula o desejo, mas não o satisfaz”.⁹

Ao aceitar esse ponto de vista, ela admite indiretamente a verdade da lei religiosa, mas acha difícil considerar ilegais as primeiras manifestações de relações livres.

Apesar de tantos argumentos a favor do direito revelado, surgem ainda diversas questões muito controversas em relação a ele e, na verdade, a qualquer sistema de direito estabelecido. Uma das mais importantes é saber se o direito é relativo na sua totalidade, ou se há alguma parte dele que é constante por natureza. Ou, mais simplesmente, uma lei que se aplica hoje pode ser alterada no futuro? E existe alguma parte da lei que não esteja sujeita a alterações? Essa questão foi alvo de muito debate intelectual, mas ninguém chegou a conclusões concretas. Em princípio, os juristas estão de acordo quanto à necessidade de uma aliança viável

entre constância e flexibilidade, permanência e mudança nos sistemas jurídicos. Certos elementos básicos devem permanecer os mesmos, ao passo que certos elementos periféricos podem inevitavelmente ser alterados para atender a mudança das condições. Mas como se pode manter um equilíbrio entre os dois? O juiz Cardozo, dos EUA, defende que uma filosofia que concilie exigências contraditórias de permanência e mudança é uma das necessidades mais urgentes do direito atual (*The Growth of Law*). Como diz Roscoe Pound em sua “*Interpretation of Legal History*”^a (p. 1), o direito deve ser estável, mas não rígido, e deve haver um equilíbrio entre as duas forças. Os filósofos podem ter feito esforços gigantescos para alcançar esse equilíbrio, conciliando a dupla necessidade de estabilidade e flexibilidade, mas a história recente mostrou o tamanho desequilíbrio que pode resultar disso. A ideia há muito estabelecida de que o castigo deve ser infligido, não só para dissuadir o transgressor de cometer novos atos criminosos, mas também para desencorajar outros com propensões semelhantes, era uma das tradições mais honradas e santificadas, e sua alteração produziu resultados altamente duvidosos.

A primeira pessoa notável que defendeu a atenuação da pena dos criminosos foi Cesare Beccaria (1738-1794), um italiano especialista em criminologia. Posteriormente, foram realizadas diversas pesquisas nessa área, e a conclusão à que muitos especialistas chegaram foi de que a prática de um crime não é um “acontecimento intencional” e que as

^a N. T. “Interpretação da História Jurídica”, em tradução livre.

causas subjacentes devem ser procuradas na estruturação biológica, na doença mental, nas pressões econômicas, nas condições sociais adversas etc. Por conseguinte, em vez de se punir o criminoso, este deve ser “tratado”. Essas ideias revelaram-se tão influentes que mais de três dezenas de países aboliram a pena de morte no caso dos crimes morais. (No entanto, a pena de morte ainda era considerada necessária no caso de crimes políticos e militares, como forma de dissuasão). Esta abordagem do crime pode ter parecido mais humana, mas não teve o efeito desejado.

Desde a Segunda Guerra Mundial, a criminalidade vem, de fato, aumentando, uma vez que todos os esquemas de “tratamento” falharam em coibir as pessoas do mal. A pena de morte até teve que ser reintroduzida em locais como o estado de Delaware (EUA) e o Sri Lanka, onde supostamente ela tinha sido abolida para sempre. Foi somente em 26 de Setembro de 1959, quando o primeiro-ministro do Sri Lanka, Bandara Naike, foi brutalmente assassinado, que os legisladores recobraram o juízo. Imediatamente após os ritos fúnebres, foi convocada uma sessão de emergência da Assembleia do Sri Lanka e, após 4 horas de debate, tomou-se a decisão de reintroduzir a pena de morte.

Juristas especialistas de todo o mundo estão agora retomando a opinião de que a punição, para ser eficaz, tem que ser severa. Um homem que sabe que corre o risco de ser condenado à morte se matar alguém, é menos suscetível de cometer esse crime hediondo do que aquele

que sente que vai apenas ser submetido a tratamento psiquiátrico. Isso foi algo compreendido e aceito muitos séculos atrás, quando o Islam prescreveu a pena de morte para o homicídio voluntário. Ainda mais realista foi o seu realismo ao permitir que os herdeiros ou parentes mais próximos da pessoa falecida, perdoassem o assassino mediante a aceitação de uma indenização. Embora a pena de morte se destinasse a cortar o mal pela raiz, reconhecia-se que era necessário tomar medidas para evitar o desamparo dos membros sobreviventes da família do morto. Em casos especiais, o Estado tem o direito de arrecadar uma quantia de dinheiro suficiente como compensação.

É evidente que as percepções humanas erraram na determinação de quais leis deviam permanecer invioláveis. Para estabelecer a inviolabilidade de uma lei, deve haver prova de sua relevância e eficácia permanente. Tal prova não pode ser fornecida pela jurisprudência puramente humana. Uma lei que o povo de uma época considera imutável pode ser contestada pelo povo de uma época posterior.

A lei divina é a única resposta para este problema, pois dela podemos extrair todos os princípios básicos sobre os quais os nossos sistemas jurídicos se fundamentam permanentemente. A lei divina se ocupa especificamente das questões fundamentais, permanecendo em silêncio quanto às questões secundárias. Desta forma, ela define qual parte da lei é inviolável e qual parte pode ser submetida a alterações. O que faz essa definição se sobrepor às outras é o fato de vir diretamente de Deus. É por esta razão que

podemos confiar plenamente na sua validade. Ao fornecer uma solução para este problema, a lei divina conferiu o mais imenso dos benefícios à humanidade. Nenhuma alternativa equivalente poderia jamais ser inventada apenas pelo homem.

Se considerarmos algumas das alternativas ao direito divino que surgiram ao longo dos séculos, veremos que, se têm certas forças, também têm fraquezas inerentes. Em toda constituição, há atos que são classificados como “crimes”. Como deve haver uma causa sólida para criminalizar uma ação, a lei humana definiu tais ações como tudo que perturba a paz ou interfere na administração do reino. Por conseguinte, nenhuma ação que não se enquadre nesta categoria pode ser considerada ilegal pela sociedade. A que luz devemos então considerar o adultério? Ele não pode ser definido como ilegal em termos do direito convencional. No entanto, o adultério provoca uma corrupção maciça na sociedade. Outros problemas importantes são a consequente ilegitimidade dos filhos de tais uniões e o enfraquecimento dos laços do matrimônio. Sem controle, o adultério fomenta uma atitude frívola e concupiscente em relação à vida, que leva as pessoas a fazerem qualquer coisa para alcançar o que desejam. A permissividade da sociedade abre todos os tipos de portas para males como roubo, engano, sequestro e até assassinio. Porém, mesmo a degeneração dos padrões públicos, que resulta da fornicação aberta, não pode torná-la ilegal. Desde que não seja usada força e que esses atos ocorram entre adultos de forma consensual, a sociedade não tem bases para criar

leis que os proíbam. Na verdade, não é o adultério que é desaprovado, mas o uso da força ou outras compulsões. Considera-se que, tal como é crime tomar os bens de alguém pela força, também é crime arrancar a honra de alguém pela força. Por outro lado, tal como a propriedade de uma pessoa pode ser legalmente transferida para outra, desde que ambas as partes concordem com a transação, também quando ambas as partes concordam em cometer adultério, a sociedade não vê nada de errado nisso. Na realidade, nos casos de consentimento mútuo, a lei toma o partido da adúltera e, se um terceiro tentar intervir, ele é considerado o criminoso.

O Islam resolveu este problema sancionando a poligamia, uma prática que foi severamente criticada pela civilização moderna como incivilizada. Mas a experiência mostrou que esse princípio islâmico está em conformidade com a natureza humana. Afinal de contas, se as portas da poligamia legalizada fossem fechadas, isso apenas abriria as comportas da prostituição ilegal.

O Relatório Demográfico de 1959 da O.N.U. mostra que o mundo moderno está produzindo mais filhos fora do casamento do que nunca, sendo a taxa de ilegitimidade nos países ocidentais de 60%. No Panamá, por exemplo, três em cada quatro crianças nascem sem que os pais tenham feito uma cerimônia civil ou religiosa. A América Latina, com uma taxa de ilegitimidade de 75%, lidera a lista. Esse mesmo relatório mostra que os países muçulmanos quase não têm crianças ilegítimas. No Egito, que foi o país mais exposto à influência ocidental, há menos de 1%. Como é

possível que os países muçulmanos não tenham sucumbido a esta “epidemia” moderna?

Os redatores do relatório afirmam: “Uma vez que a poligamia é praticada nos países muçulmanos, o negócio das relações ilegítimas não floresce. O princípio da poligamia salvou os países muçulmanos da tempestade do tempo”. (De um artigo, ‘Mais fora do que dentro’).¹⁰

Os legisladores humanos também têm tido dificuldade em encontrar fundamentos para a proibição do álcool. Comer e beber são vistos como direitos fundamentais, que não podem ser afetados pela lei. A sociedade não vê nada de errado no consumo de álcool nem, na verdade, em ficar embriagado. Só quando o indivíduo perturba a paz sob a influência da bebida, por exemplo, brigando e agredindo os outros, é que a lei intervém. Do mesmo modo, quem dirige em estado de embriaguez é punido pela lei, pois pode causar danos a terceiros. Assim, não é a prática do consumo de álcool que é punida, mas o mal que é, ou pode ser, feito a outras pessoas. No entanto, o álcool não só é nocivo para a saúde, como também é um grande dreno de recursos econômicos. Famílias inteiras podem ser reduzidas à miséria devido ao alcoolismo de um homem. Ao paralisar os instintos mais nobres, o álcool facilita a prática de crimes como homicídio, furto, estupro e roubo. Na verdade, o álcool reduz de tal forma o sentido de decência, que a pessoa se torna pouco mais que um animal. A sociedade tem plena consciência de que estas coisas acontecem, mas não é capaz de proibir o álcool por lei. Por que isso? Porque não consegue encontrar uma

justificativa sólida para impor restrições quanto ao que as pessoas comem e bebem.

A lei divina, sendo uma expressão da vontade de Deus Todo-Poderoso, fornece uma solução para esse problema. O próprio fato de Deus ser sua origem é razão suficiente para sua aplicação no mundo dos homens. Ela não requer nenhuma outra justificação. Deus é Onisciente e Onividente. Quando Ele proíbe algo, é porque, muito simplesmente, é algo mau para o homem, e o que é mau para o homem deve ser considerado um crime e sempre evitado.

Um determinado ato pode ser considerado uma infracção e, portanto, punível por lei, mas não basta que as palavras de proibição estejam inscritas nas codificações jurídicas. Para que algo seja considerado uma infração e que lhe seja aplicada uma pena, tem de ser visto com repulsa geral pela sociedade como um todo. Qualquer um que cometa um delito pode então sentir que está fazendo algo de errado, pois a sua ação será condenada por toda a sociedade e as autoridades responsáveis poderão então detê-lo com toda a confiança; o juiz e o júri estarão em posição de proferir os seus veredictos, confiantes de que estão punindo alguém que merece punição.

O que é uma infração aos olhos da lei deve ser um pecado aos olhos dos homens. Como sustenta a escola histórica do pensamento jurídico, a legislação só pode ter sucesso quando está em conformidade com as convicções internas da geração por quem e para quem a lei é feita. Um sistema jurídico que não o faça está fadado ao fracasso.¹¹

Essa afirmação pode não constituir um argumento válido em apoio dessa escola particular de pensamento jurídico, mas contém um elemento de verdade externa.

Além disso, para que a lei seja eficaz, devem haver forças em ação na sociedade que desencorajem o crime. Para além da punição, tem de haver prevenção, pois as atividades dos órgãos responsáveis pela aplicação da lei, por si só, não inspiram necessariamente medo suficiente para atuar como intimidação. Isto se deve, em grande parte, ao fato de, muito frequentemente, se poder escapar à punição recorrendo ao suborno e à corrupção. Quem estiver confiante de poder escapar desta forma não dará atenção à lei ou à sua aplicação.

Na lei divina está a resposta para todas as deficiências da lei feita pelo homem. Vimos como se deve gerar na sociedade uma atmosfera que encoraje as pessoas a defenderem a verdade, pois o código penal não pode, apenas pela sua existência, induzir atitudes corretas. Essa atitude precisa ter origem em outro lugar - em uma fonte eficaz o suficiente para garantir que, em última análise, ninguém que cometa perjúrio escape à auto-recriminação. Em uma Corte de Apelação na Inglaterra, há uma placa que celebra um evento único que aconteceu ali muitos anos antes. Uma testemunha fez o juramento de forma normal e acrescentou: “Que Deus leve a minha alma aqui e agora, se o que eu disser for falso”. E caiu morto naquele mesmo lugar.¹²

Outros eventos desta natureza também ocorreram, proporcionando lembretes pungentes do castigo muito

mais severo que aguarda as pessoas no outro mundo. Se as pessoas, em seu íntimo, temerem essa retribuição, terão todo o cuidado em não fazer nada que a faça cair sobre as suas próprias cabeças. É preciso que surja na sociedade uma consciência comum do que é errado, algo que não pode nem deve resultar apenas da legislação. Isso só pode vir da religião, que nos dá não apenas uma lei, mas uma fé para acompanhá-la. Através desta fé, tomamos consciência de que foi Aquele que é Onisciente quem fez a Lei. Sabendo tudo o que fazemos, Ele tem um registro de todos os nossos pensamentos, palavras e ações. Depois da morte, seremos levados à sua presença, momento no qual tudo será explicitamente mostrado. Podemos usar os recursos do mundo para escapar do castigo do mundo, mas não haverá tal escapatória quando estivermos diante de Deus. Não haverá como escapar do castigo infinitamente maior que nos espera no outro mundo.

Um incidente, ocorrido durante o reinado do rei Jaime I da Inglaterra, ilustra bem como a fé religiosa é indispensável à justiça. O rei Jaime proclamou-se monarca absoluto, o que significava que podia decidir ele próprio os casos, sem recorrer aos tribunais. O Lord Chanceler, Lord Coke - um homem religioso, famoso pelas longas horas que passava no culto - advertiu o Rei de que ele não tinha o direito de tomar a decisão final e que todos os casos deveriam ser decididos nos tribunais. “Na minha opinião”, contrapôs o monarca, “e já ouvi outros dizerem o mesmo, as vossas leis baseiam-se no senso comum. Diz-me, tenho menos disso do que os juízes?”. “Não há dúvida de que tem um

intelecto magistral e um espírito de Estado”, disse o Lord Chanceler, “mas é preciso ter muita experiência prática e conhecimentos especializados para poder fazer justiça”.

“Só então se pode manejá a balança dourada da justiça, pela qual os direitos do povo são pesados, e pela qual até os direitos do soberano são salvaguardados”. “O quê, estou demasiado sujeito à lei?” exigiu um Rei Jaime extremamente irritado. “Dizer isso é traição.” Citando Bracton, Lord Coke respondeu: “O monarca não está sujeito a nenhum homem; mas está sujeito a Deus e à Lei.”¹³

O fato é que, quando subtraímos o elemento divino da justiça, não temos qualquer fundamento lógico para dizer que o monarca (ou qualquer outra pessoa) está sujeito à lei. O mesmo se passa com os grupos de indivíduos. Quando a lei foi concebida por um conjunto de mentes humanas, quando é pela sua sanção que as leis são exigidas, quando eles, como legisladores, podem anular a lei ou mantê-la à vontade, pode haver alguma base sobre a qual eles próprios possam estar sujeitos a essa lei?

Quando o próprio homem é o legislador, ele tem o direito de assumir os poderes de senhor e soberano. Ele próprio é Deus. Ele próprio é a lei. Como é possível, então, que ele seja submetido à lei?

O princípio de todos os homens serem iguais é aceito nos países democráticos modernos, mas, na prática, nem todos são iguais em termos dos seus próprios sistemas jurídicos. Na Índia, por exemplo, não é tão fácil iniciar um processo judicial contra o presidente, um governador de província,

um ministro ou um alto funcionário, como contra um cidadão comum. A cláusula 361 da Constituição indiana protege o Presidente e os governadores provinciais de serem processados sem a autorização do Parlamento, e o Governo tem de dar a sua autorização para que sejam instaurados processos contra os ministros. Além disso, a cláusula 197 das Ordenações Indianas decreta que nenhum juiz, magistrado ou funcionário público pode ser demitido do seu posto sem a autorização prévia do governo central ou provincial. Em caso de corrupção, não pode haver audiências em tribunal até que o governo central ou provincial - seja qual for o empregador - dê autorização. Em outras palavras, se você quiser levar um político ou administrador proeminente ao tribunal, tem de obter primeiro a sua autorização.

Não se trata tanto de uma falha da lei indiana, mas sim de uma falha da lei humana, e ela está em todo lugar onde os seres humanos fazem as suas próprias leis. Só quando a lei divina é seguida é possível que todos os indivíduos sejam iguais aos olhos da lei. Assim, não há diferença nem mesmo entre o governante e seus súditos. Ambos podem ser processados com a mesma facilidade, pois nenhum deles é o legislador. O legislador é Deus e todos os seres humanos são iguais perante a lei de Deus.

Durante séculos, os juristas procuraram princípios justos e equitativos nos quais basear as leis humanas. Quando se considera o sucesso que o homem teve na descoberta das leis físicas e o fracasso desastroso que teve na descoberta das leis sociais, torna-se evidente que algo está muito

errado. A primeira fotografia do mundo foi tirada por um cientista francês em 1826. Demorou oito horas e tudo o que ele estava tentando fotografar era a varanda do seu quarto. Hoje em dia, a fotografia fez progressos tão grandes que uma câmara automática pode tirar mais de duas mil fotografias em um segundo. No tempo que foi necessário para tirar a primeira fotografia, podem agora ser tiradas 60 milhões de fotografias. No início do século, havia apenas quatro automóveis nos Estados Unidos. Atualmente, mais de 100 milhões de automóveis circulam pelas vias do país. Nossa tecnologia é agora tão sofisticada que, se houver qualquer alteração minúscula na rotação da Terra, que leve ao encurtamento ou alongamento do dia, nem que seja por um milionésimo de segundo, nossos observatórios irão detectar imediatamente. A sensibilidade dos aparelhos modernos é tal que, se forem acrescentadas apenas duas palavras a uma enciclopédia de trinta volumes, o aumento de peso da tinta acrescentada será registrado com exatidão. Quão grandes e maravilhosos os progressos do homem na descoberta das leis físicas. Mas, no que respeita às leis sociais, o homem não avançou nem um milímetro.

Não é que o homem não tenha usado cada fibra do seu ser para fazê-lo; de fato, fez tantas tentativas hercúleas para descobrir leis sociais viáveis quantas fez para descobrir os segredos do universo. A verdade é que, por mais que ele tente encontrar uma base justa para as leis que regem a sua sociedade, isso sempre o iludirá, pois é algo que está além de sua capacidade de encontrar. As limitações da mente

humana impedem-na de lidar com sucesso com a infinidade de fatos que seria necessário apreender e sistematizar para que fossem promulgadas leis verdadeiramente justas e equitativas. Somos forçados a voltar ao princípio de que deve haver uma mente muito superior à mente humana, que é a origem de toda a verdade. Devemos igualmente voltar ao fato de que a lei revelada é insuperável na permanência de sua justiça.

NOTAS

1. G. W. Paton, *A Textbook of Jurisprudence*.
2. W. Friedmann, *Legal Theory*, p. 18.
3. *The Muslim*, Islamabad, 29 de dezembro de 1984.
4. *A Textbook of Jurisprudence*, p. 104.
5. *Early Law and Custom*, p. 5.
6. *Legal Theory*, p. 450.
7. Quran, 4:34.
8. *Time*, 20 de março de 1972, p. 28.
9. *Reader's Digest*, dezembro de 1957.
10. *The Hindustan Times*, 12 de Setembro de 1960.
11. Ver “*A Textbook of Jurisprudence*”, p. 15.
12. Sir Alfred Denning, *The Changing Law*, p. 103.
13. *Ibid*, pp. 117-18.

A VIDA QUE BUSCAMOS

Friedrich Engels (1820-1895), um associado próximo de Karl Marx, era conhecido mundialmente como ateu e socialista. Ele defendia que “antes de tudo, o homem precisa de roupas para cobrir seu corpo, de comida para encher seu estômago; só depois pode dedicar-se a questões filosóficas e políticas”. Em nenhuma parte deste ditado supostamente abrangente Deus é mencionado. Mas o ateísmo de Engels foi um desenvolvimento tardio de sua vida, uma reação a um ambiente inicial desfavorável. À medida que envelhecia e amadurecia seu intelecto, tornava-se cada vez mais céptico em relação às formas tradicionais de religião que tinha conhecido em sua juventude. Ele escreveu a um amigo: “Todos os dias rezo para que a verdade se torne clara para mim. Desde que surgiram dúvidas dentro de mim, essa oração está sempre nos meus lábios. Não posso aceitar sua fé. Enquanto escrevo estas linhas, meu coração está pesado e os meus olhos cheios de lágrimas; no entanto, sinto que não fui afastado dos portões. Espero encontrar Deus. De alma e coração, anseio por uma visão d’Ele. E, pela minha alma, sabeis em que consiste este meu desejo, este meu amor intenso? É uma manifestação do espírito santo. Mesmo

que a Bíblia refute mil vezes as minhas palavras, não posso aceitar a sua refutação”.

Tal era o anseio pela verdade que brotou em Engels quando era jovem; no entanto, não conseguiu encontrar satisfação; desiludido com a religião cristã convencional, perdeu-se nas filosofias econômicas e políticas. Mas, na verdade, o homem tem uma necessidade muito mais fundamental do que essas. Antes de tudo, ele precisa conhecer sua própria natureza e a natureza do mundo em que vive, como veio para este mundo e o que lhe acontecerá depois da morte. Mais do que qualquer outra coisa, é da natureza do homem procurar respostas para essas questões. No mundo em que vive não lhe falta nada; faltam-lhe apenas as respostas que ele procura. O sol fornece-lhe calor e luz, mas ele não conhece a sua verdadeira natureza, nem sabe por que foi posto a seu serviço. O vento é uma fonte de vida para o homem, mas ele não é capaz de parar o vento em seu curso e perguntar-lhe o que ele é, e porque atua como atua. O próprio ser do homem olha-o de frente, mas ele permanece na escuridão quanto ao que ele é e para que veio a este mundo. Está além da mente humana encontrar respostas para estas questões. No entanto, ele precisa ter respostas. Nem todos colocam essas questões em palavras, mas ainda assim elas permanecem na alma humana, causando angústia indescritível e algo que brota com tal força que leva à insanidade.

Esse anseio se origina de uma instintiva consciência humana de um Senhor e Criador. No subconsciente de cada ser humano está enraizado o pensamento: “Deus é o

meu Senhor, eu sou o Seu servo”. Todos fazem tacitamente esse pacto ao virem ao mundo. A ideia de um Senhor e Criador - alguém que vigia e sustenta a criação - corre nas veias de cada ser humano. Até encontrar seu Senhor, o homem sente-se perdido no vazio. William James (1842-1910), filósofo americano que foi um dos fundadores do pragmatismo, disse que “a fé é uma das forças pelas quais os homens vivem, e a ausência total dela significa colapso”.¹

Subconscientemente consciente de Deus, o homem quer mais do que tudo chegar a Deus. Acima de tudo, deseja agarrar-se firmemente ao Senhor sem o qual ele sabe, em seu coração, que não pode viver. Mas o Deus de que instintivamente tem consciência ainda não apareceu diante dele. Somente ao entrar em comunhão espiritual com Deus é que este anseio pode ser verdadeiramente satisfeito. Quanto àqueles que não o encontram, exprimem as suas emoções perante outro falso deus. Todo o ser humano precisa de alguém a quem recorrer, alguém a quem possa dedicar os melhores sentimentos que tem para oferecer.

Em 15 de Agosto de 1947, a bandeira da Union Jack foi arriada nos edifícios governamentais indianos e a bandeira nacional foi hasteada no seu lugar. Nessa ocasião, os olhos dos nacionalistas indianos encheram-se de lágrimas. Era o momento de liberdade que tanto desejavam. Na realidade, eles estavam prestando homenagem à liberdade, pois era a ela que tinham feito o seu deus. Agora que tinham alcançado a liberdade, era como se tivessem de fato encontrado Deus. Sua alegria não tinha limites, pois tinham dedicado a maior parte das suas vidas à realização



desse objetivo. O padrão é semelhante quando os líderes nacionais visitam o túmulo do “pai da nação” e curvam a cabeça em sinal de veneração. Imitam as ações de um homem de religião quando se curva e depois se prostra perante o seu Senhor. Não é diferente o comunista que abranda o passo e levanta o chapéu em saudação a Lênin quando passa pelo seu mausoléu. Não há ninguém neste mundo que não precise fazer de alguém o seu senhor e mestre, mesmo que seja apenas uma representação. Tem de haver alguém a quem se possa dedicar e dar o melhor de si próprio.

Mas se o indivíduo fizer essa oferenda a alguém que não seja Deus, estará se envolvendo com o politeísmo e, nas palavras do Alcorão, está cometendo um “grande erro”. Essa homenagem a falsos deuses é o que o Alcorão chama de “zulm”. A palavra “zulm” significa, na verdade, colocar algo no lugar errado, em um lugar onde não deveria estar. Seria como pegar na tampa de um recipiente e tentar usá-la

como chapéu. Assim, recorrer a qualquer um que não seja Deus, para preencher o vazio psicológico que todo o ser humano normal sente, é também um exemplo de “zulm”. É colocar um sentimento certo em um lugar errado, é dar aos outros o que deveria ser dado a Deus. Procurar colocar tudo o que se tem aos pés de alguém é um instinto natural do homem e, inicialmente, isso se expressa de forma natural. No início, as pessoas voltam-se para o seu verdadeiro Senhor e Mestre para satisfazer a sua fome espiritual, mas depois, sob a influência de circunstâncias e ambiente irreligiosos, começam a preencher o vazio interior a partir de fontes erradas.

Na juventude, o filósofo Bertrand Russell era fervorosamente religioso e costumava rezar regularmente. Naquela época, seu avô perguntou uma vez qual era a sua oração preferida. “Estou cansado da vida e de sucumbir sob o jugo dos meus pecados”, foi a resposta do jovem Russell.

Naquela época, Russell adorava Deus. Mas quando chegou aos doze anos, abandonou essa prática. A companhia que ele tinha, predominantemente antipática à tradições religiosas e a valores antiquados, afastou a mente de Russell destas coisas. Ele morreu ateu, tendo dedicado a última parte da sua vida à matemática e à filosofia. Em 1959, Russell foi entrevistado na BBC por John Freeman, que lhe perguntou se o seu entusiasmo pela matemática e pela filosofia tinha sido um substituto satisfatório para os sentimentos religiosos. “Sim, com certeza”, respondeu Russell. “Quando eu tinha 40 anos, alcancei a fase de realização

que, segundo Platão, se pode obter da matemática. O mundo em que eu vivia era um mundo eterno, livre das restrições do tempo. Recebi um contentamento (paz) não muito diferente daquele associado à religião”.

Este grande pensador inglês pode ter se afastado do culto a Deus, mas não podia se isentar de um objeto de culto. Por isso, teve de atribuir à matemática e à filosofia o lugar na sua vida que antes era ocupado pela religião. Não só isso, mas foi forçado a atribuir-lhes qualidades - liberdade das restrições do tempo e do espaço, que só podem ser inerentes a Deus. Pois, sem essas coisas, ele não poderia ter recebido o contentamento quase religioso que instintivamente buscava.

Se aparecesse um artigo em um jornal proclamando que o falecido primeiro-ministro da Índia, Jawaharlal Nehru, tinha sido visto curvando-se em adoração, como fazem os muçulmanos na oração, ninguém acreditaria. No entanto, na última página do *The Hindustan Times* de 3 de Outubro de 1963, havia uma fotografia que mostrava Nehru a fazer exatamente isso. Nehru estava de cabeça inclinada e mãos nos joelhos, na mesma postura que os muçulmanos adotam no “*ruku*” durante suas orações regulares. A ocasião era o aniversário do nascimento de Mahatma Gandhi e o primeiro-ministro indiano estava prestando homenagem ritual ao pai da nação no Gandhi Samadhi, às margens do rio Jamuna, em Délhi.

Coisas assim acontecem todos os dias em todo o mundo. Milhões de pessoas que não acreditam em Deus nem atribuem qualquer importância à religião, podem ser

vistas curvando-se perante deuses criados por elas próprias. Desta forma, satisfazem seu anseio interior de se submeterem a alguém. Esses acontecimentos mostram de forma conclusiva que o homem tem uma necessidade inata de um objeto de culto. Não é necessária mais nenhuma prova da existência de Deus: o próprio fato de o homem precisar de Deus prova que Ele existe. Se o homem não se curvar perante o verdadeiro Deus, terá de se curvar perante outros deuses, pois sem um deus não há forma de o vazio central de sua natureza ser preenchido.

Mas a questão não acaba aqui. Aqueles que tomam outra coisa ou pessoa que não Deus como objeto de adoração, nunca poderão encontrar a verdadeira realização. São como uma mulher sem filhos que embala uma boneca de plástico nos braços, tentando obter satisfação emocional com ela. Por mais que os ateus sejam bem sucedidos, há momentos em suas vidas em que são forçados a refletir que há mais na vida do que jamais conseguiram descobrir.

Em 1935, doze anos antes da independência da Índia, Jawaharlal Nehru terminou a sua autobiografia enquanto estava na prisão. No capítulo final, escreveu: “Tenho a sensação de que um capítulo da minha vida terminou e que outro capítulo vai começar. Não consigo adivinhar claramente o que será. As folhas do livro da vida estão fechadas”.²

Quando as páginas do livro da vida de Nehru foram reabertas, seu destino era tornar-se Primeiro-Ministro do terceiro maior país do mundo. Por quase vinte anos, exerceu o poder sobre um sexto da população mundial.

Mas este feito não lhe trouxe satisfação. No auge da sua carreira, sentia ainda que havia algumas páginas da sua vida que estavam por abrir. As mesmas questões que se enraízam no intelecto humano, quando se vem ao mundo pela primeira vez, ainda estavam revirando a mente de Nehru quando a história da sua vida se aproximava do fim. Em Janeiro de 1964, realizou-se em Nova Déli uma conferência de orientalistas, com a participação de 1200 delegados da Índia e do estrangeiro. Durante o discurso que lhes dirigiu, Pandit Nehru disse que, sendo um político, tinha pouco tempo para refletir sobre a vida. No entanto, por vezes era obrigado a interrogar-se: o que é este mundo? Qual é o seu objetivo? O que somos nós e o que estamos fazendo aqui? Disse que estava convencido de que havia poderes que forjavam o nosso destino.³

Desilusões dessa natureza estão enraizadas nas almas de todos aqueles que negaram Deus. De tempos a tempos, ficam tão envolvidos nas suas atividades mundanas e interesses temporários que sentem que estão à beira da realização; mas assim que são retirados de seu ambiente artificial, a Verdade começa a surgir dentro deles, lembrando-os de quão longe estão da verdadeira realização e paz de espírito.

Os corações que não encontraram Deus são obrigados a sentir mal-estar neste mundo. Mas sua aflição não acaba por aqui. Longe de estar confinada ao curto período de vida terrena, ela permanecerá com eles para sempre. O mundo que os espera é um mundo de trevas infindáveis, cujas grandes ondas os atingem aqui neste mundo efêmero.

No outro mundo, não terão absolutamente nada em que se apoiar; neste mundo, já sentem algo desse desamparo, como um aviso do que está por vir. Na vida após a morte, terríveis provações aguardam aqueles que negaram Deus. Neste mundo, a inquietação mental dá uma ideia dessas provações. As dúvidas que os afligem na Terra são como baforadas de fumo do fogo do Inferno, no qual entrarão após a morte todos os que negaram Deus ou que adoraram falsos deuses. Se prestarem atenção ao aviso, poderão salvar-se dessa terrível condenação. Imaginemos que a casa de uma pessoa pega fogo enquanto ela dorme. Um sopro de fumo chega-lhe quando o fogo ainda está na fase inicial. Se ele for despertado, muito bem, poderá se salvar. Mas de nada lhe servirá estar alerta para o perigo quando o fogo já o envolveu, pois então está condenado a morrer. Se ao menos seus sentidos tivessem sido mais apurados, ele poderia ter evitado o perigo iminente! Agora que o fogo já o alcançou, não há nada que possa fazer para evitá-lo. Será que ninguém acorda enquanto ainda é tempo?

Michael Brecher, professor da Universidade McGill, escreveu uma biografia política de Jawaharlal Nehru. Durante a preparação do livro, ele se encontrou várias vezes com Nehru. Um desses encontros foi em 13 de junho de 1956, durante o qual colocou ao falecido Primeiro-Ministro da Índia a seguinte questão:

O que constitui uma boa sociedade e uma boa vida?

Nehru respondeu:

Eu acredito em certos padrões. Chamem de normas morais, chamem do que quiserem, normas espirituais. Eles são importantes em qualquer indivíduo e em qualquer grupo social. E se eles desaparecerem, penso que todo progresso material que se possa ter não levará a nada que valha a pena. Como mantê-los, eu não sei; quero dizer, há a abordagem religiosa. Parece-me uma abordagem um tanto limitada, com suas formas e todo tipo de cerimônias. E, ainda assim, não estou preparado para negar essa abordagem... Eu acho que é tolice um homem adorar uma pedra, mas se um homem se sente reconfortado por adorar uma pedra, por que razão eu deveria ficar em seu caminho... Por isso, embora eu atribua um valor considerável aos padrões morais e espirituais, para além da religião em si, não sei muito bem como mantê-los na vida moderna. Isso é um problema.⁴

Aqui encontramos uma indicação de um segundo dilema que o homem moderno certamente enfrenta. Tem que haver um padrão de honestidade na sociedade para que qualquer ordem civilizada seja mantida. Mas, uma vez que o homem abandonou Deus, fica perplexo quanto à como o código de ética tão necessário para o bom funcionamento da sociedade pode ser estabelecido. Durante centenas de anos, o homem procurou uma resposta a essa questão e ainda não a encontrou. Existem, é claro, inúmeros exemplos de tentativas bem intencionadas de proporcionar uma elevação moral para a sociedade. Por exemplo, numa tentativa de melhorar as relações entre os

funcionários públicos e o povo, uma semana do ano foi declarada “semana da cortesia” e é supostamente observada. Mas quando os funcionários públicos persistem no comportamento oficioso e arrogante, a ineficácia deste método se torna evidente: obviamente, meras exortações a serem corteses não são o suficiente para fazer com que as pessoas mudem de atitude. Com louvável retidão moral, cartazes nas estações ferroviárias de todo o país proclamam que “viajar sem bilhete é um mal social”. Há um entusiasmo ingênuo nas autoridades ferroviárias que esperam reverter suas graves perdas através de uma campanha de cartazes deste tipo, pois os cartazes não fazem realmente nada para impedir as viagens sem bilhetes. Se é para acabar com essa desonestade, o impulso tem de vir do próprio público. O simples fato de classificar as viagens sem bilhete como um “mal social” não impulsionará grandes reformas. Campanhas semelhantes nas mídias nos dizem que “o crime não compensa”. No entanto, os números da criminalidade em todo o mundo continuam sua espiral ascendente. Claramente, o castigo mundano não é suficiente para afastar as pessoas dos hábitos criminosos. Mais uma vez, com grande ingenuidade, são colados cartazes nas paredes dos prédios governamentais, na intenção de incutir nos funcionários públicos os males da corrupção. “Subornar e aceitar subornos é um mal”,



pregam em várias línguas. Mas, dentro dos próprios muros que proclamam esta mensagem, o suborno continua acontecendo. A conclusão a que se chega é que a propaganda governamental não é de modo algum eficaz. A corrupção continua se alastrando, mesmo quando se colam cada vez mais cartazes nas paredes. Também nos vagões de trem se lê: “As ferrovias são propriedade nacional. Depredar as ferrovias é depredar toda a nação”. Esta advertência está à vista de todos, mas isso não impede as pessoas de fugirem com espelhos dos banheiros e lâmpadas dos vagões. É evidente que a consideração dos interesses “nacionais” não é obrigatória o suficiente para impedir as pessoas de perseguirem obstinadamente os seus próprios interesses egoístas. Os detentores do poder não são menos infratores do que o público em geral. Por um lado, anuncia-se que “a utilização de recursos públicos para fins lucrativos privados é uma traição à nação”, enquanto, por outro lado, ouvimos falar de grandes projetos nacionais precisando ser abandonados porque os fundos destinados a seu financiamento estão sendo desviados por aqueles que ocupam cargos de responsabilidade. Foram feitos esforços intensos para melhorar a moral da sociedade, mas a maioria deles foi um fracasso total, e a vida nacional permaneceu desprovida dos padrões éticos que são uma condição prévia para o verdadeiro progresso.

Tudo isso testemunha o efeito drástico que a negação de Deus teve na civilização humana. Colocando esta negação sob a perspectiva científica, Fred Hoyle, no seu livro “*The Intelligent Universe*”, escreve:

O ponto de vista moderno de que a sobrevivência é tudo, tem suas raízes na teoria da evolução biológica de Darwin através da seleção natural. Por mais que possa parecer dura, esta é uma carta aberta a qualquer forma de comportamento oportunista. Sempre que se possa demonstrar, com razoável plausibilidade, que até mesmo a trapaça e o assassinato contribuiriam para a nossa sobrevivência pessoal ou da comunidade em que vivemos, a lógica ortodoxa vem e nos ordena a adotar essas práticas só porque não há moralidade a não ser a sobrevivência... Francamente, sou assombrado pela convicção de que a filosofia niilista, que a opinião dita educada escolheu adotar após a publicação de *A Origem das Espécies*, comprometeu a humanidade a um curso de autodestruição automática. Uma máquina do Juízo Final foi então posta a funcionar, e não se sabe se esta situação ainda é recuperável ou se a máquina pode ser parada de alguma forma (Prefácio).

Sem Deus para guiá-lo, o trem da humanidade perdeu o rumo e está encalhado num pântano criado por ela mesma. Somente se voltando para Deus é que a humanidade pode se libertar desta triste situação. A verdadeira importância da religião deve ser reconhecida; só então a sociedade pode se construir de novo. Sobre qualquer outro alicerce, suas paredes não deixarão de ruir e cair.

Chester Bowles, antigo embaixador americano na Índia, observa: ao planejar e promover o crescimento industrial, os países em desenvolvimento são confrontados com um duplo problema, sendo desconcertantes os aspectos de ambos.

“A primeira metade do problema é como encorajar a utilização mais eficiente do capital, das matérias-primas e das competências que estão imediatamente disponíveis. Quais são as necessidades? Quais são as prioridades?”.⁴

“O segundo aspecto desconcertante do desenvolvimento industrial é seu impacto nas pessoas e nas instituições. Embora a indústria deva ser estimulada a crescer o mais rapidamente possível, devemos ter a certeza de que não ela não vai gerar mais males do que aqueles que elimina. Nas palavras de Gandhiji, as verdades e as descobertas científicas devem deixar de ser meros instrumentos de ganância. A consideração suprema é o homem”.⁵

Podemos resumir suas ideias nas seguintes palavras: as massas constituem o ambiente real necessário para que os programas de desenvolvimento sejam implementados. Os instrumentos necessários ao progresso - investimento, conhecimentos técnicos, etc. - não podem funcionar eficazmente em um vazio político e cultural.

Os pensadores modernos não encontraram solução para os problemas de como preencher este vazio e de como criar um ambiente em que os cidadãos e os funcionários públicos possam trabalhar em conjunto para construir a sociedade. As opiniões pessoais se chocam com os conceitos sociais e, se Deus for deixado de fora, todas as tentativas de progresso humano estão fadadas ao fracasso, porque são vítimas de contradições auto-engendradas.

A nível social, o objetivo das pessoas é construir uma comunidade pacífica e próspera, mas, ao mesmo tempo, não conseguem reprimir o desejo de buscar prosperidade material em uma base puramente individual. Agora, se todos têm essa tendência, a sociedade não pode prosperar como um todo; nenhuma sociedade pode sobreviver ao estresse e às tensões de interesses pessoais conflitantes. Longe de trabalharem em conjunto no interesse da comunidade em geral, os egoístas estão lutando uns contra os outros, em busca dos seus próprios fins egoístas.

Filosofias materialistas que propõem uma teoria para a sociedade e outra para o indivíduo tornarão inevitavelmente ineficazes quaisquer tentativas de melhorar a sociedade.

Quando o objetivo aceito da vida é a obtenção de prosperidade material, as pessoas se sentem livres para satisfazer os seus desejos como bem entenderem. Mas o mundo em que vivemos é um mundo finito, cheio de limitações. Aqui é impossível para cada indivíduo satisfazer seus próprios desejos sem que isso tenha um efeito adverso sobre os outros. Por conseguinte, quando as pessoas egocêntricas se lançam impiedosamente na satisfação dos seus desejos, elas se tornam uma fonte de problemas, ou mesmo de perigo, para os outros. As pessoas que são obrigadas a viver com rendas baixas se sentem frequentemente privadas em relação aos outros e, por isso, profundamente frustradas. É muito frequente que, para satisfazerem os seus desejos, recorram a meios desonestos - roubo, fraude, suborno, etc. Fazendo isso, elas podem compensar materialmente suas baixas rendas,

mas acabam colocando a sociedade na mesma situação em que se encontravam inicialmente. O ideal da felicidade pessoal tem um efeito catastrófico sobre a felicidade da sociedade como um todo.

Na era moderna, a sociedade humana foi afetada por um mal estar novo e extremamente alarmante - a delinquência juvenil. Devemos nos perguntar como uma criança se torna delinquente. Uma vez que este problema é próprio da sociedade moderna, temos de atribuí-lo a circunstâncias que não existiam no passado. E se tais circunstâncias existem agora, é devido à preocupação atual com a felicidade material em detrimento da lei e da ordem. Também o matrimônio deixou de ser a instituição respeitada que era antes. Acontece com alta frequência que os recém-casados, depois de esgotarem os prazeres iniciais da felicidade conjugal, se cansam de ver o mesmo rosto e de estabelecer os mesmos contatos físicos e, para melhor satisfaçarem os seus desejos sexuais, saem em busca de outros parceiros. Por fim, o que quer que sobreviva da relação material se deteriora a ponto de o divórcio se tornar uma péssima necessidade. A sociedade tem que pagar por essas separações, pois as crianças assim não ficam em melhor situação do que as crianças órfãs. Elas estão sozinhas no mundo. Sem pai nem mãe a quem recorrer, essas crianças não conseguem ocupar o seu verdadeiro lugar na sociedade. Crescem amarguradas e sem controle, ou seja, são descartadas pela sociedade. Raramente lhes resta outra alternativa que não seja uma vida de crime. Em seu livro, *“The Changing Law”*, Alfred Denning atribui

a culpa pela criminalidade infantil e juvenil, de forma justa e direta, aos lares desfeitos (p. 111). Um produto infame de um lar desfeito, que recentemente despertou o fascínio mórbido do público, foi o famoso criminoso internacional Charles Sobhraj.

A principal causa da maioria dos males da vida moderna reside no fato de as filosofias pessoais e os objetivos sociais serem muitas vezes diametralmente opostos. Aquilo a que chamamos crime, corrupção e todos os outros males que os acompanham não são mais do que o resultado do fato de os membros de uma determinada sociedade terem como objetivo a felicidade material. Sejam indivíduos, grupos ou nações, no momento em que o objetivo da vida se torna a prosperidade individual, são lançadas as sementes da destruição para o resto da humanidade.

O desejo insaciável de auto-realização conduz a inúmeros males sociais: fornicação, roubo, pilhagem, fraude, sequestro, traição, terrorismo, assassinato e, por fim, guerra. Tudo isto resulta do fato de as pessoas procurarem a sua própria felicidade, aconteça o que acontecer - e, inevitavelmente, é a sociedade que paga o preço.

A única solução para este problema é a humanidade voltar-se para o seu verdadeiro objetivo na vida. O fato de o materialismo ter dado origem a um conflito entre os objetivos individuais e o objetivo social indica claramente que o verdadeiro objetivo da vida do homem é completamente diferente. Em vez de buscar satisfações mundanas, ele deveria se dedicar a ganhar a aprovação de seu Criador na vida após a morte, pois esse é o verdadeiro

propósito da vida do homem. Se assim procedesse, o indivíduo e a sociedade poderiam progredir em harmonia, pois não haveria confronto entre os dois; os indivíduos que constituem a sociedade estariam trabalhando para fins que não colidiriam com os da sociedade como um todo, mas que contribuiriam positivamente para o bem geral. Fazer da eternidade o seu objetivo conduz à harmonia. A busca de falsos objetivos só pode trazer discórdia.

Nos tempos modernos, foram feitos progressos espantosos nos campos da medicina e da cirurgia, tendo-se afirmado que a ciência é capaz de controlar todas as doenças, sendo talvez o câncer a única exceção. No entanto, à medida que a ciência descobre curas para doenças antigas, novas doenças surgem, muitas vezes mais terríveis, com as quais é preciso lutar. O mais recente flagelo, a AIDS (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida), tem desafiado até agora todas as tentativas médicas de combatê-la. As pessoas que contraem essa doença morrem frequentemente em poucas semanas^a, e a sua propagação começou a aterrorizar os corações da civilização ocidental. Devido às suas origens no tipo de práticas homossexuais antinaturais que são abominadas e especificamente proibidas pela religião, as pessoas começaram a pensar nela como uma forma de retribuição divina que não poupa ninguém.

Seja como for, há outras áreas de aflição física e mental

^a N.T. Mais uma vez aqui, atentar para que o livro foi escrito e lançado originalmente na década de 1980, quando a AIDS ainda era pouco conhecida e as pessoas diagnosticadas com o vírus eram consideradas como condenadas a morrer em pouco tempo.

para as quais a ciência também não pode afirmar ter uma cura. Estas são as doenças nervosas. Quais são elas e qual a sua origem? Enquanto todos os esforços do homem se concentraram no cuidado e na cura da parte do corpo humano que é constituída por sais, gases e minerais, pouca atenção foi dada à parte que consiste na consciência, na vontade e no desejo. Esta ciência não conseguiu cultivá-la. Assim, temos uma situação em que a parte material do homem floresceu exteriormente, enquanto, interiormente, deixou-se que sua verdadeira parte humana caísse no esquecimento.

Autoridades dos EUA estimam que, nas grandes cidades, 80% dos pacientes médicos são aqueles cujas doenças podem ser atribuídas a causas psíquicas. Os psicólogos que investigaram a natureza dessas causas descobriram que o crime, a depressão, a paranoia, o ciúme, a indecisão, o estresse, a ganância, a tensão e o tédio são predominantes entre elas. Se pensarmos bem, todas estas aflições resultam do abandono de Deus pelo homem. Quando uma pessoa acredita em Deus, ela deposita a sua confiança em Deus, e é a Deus que recorre nos momentos de dificuldade. Ela é capaz de ignorar os pequenos problemas da vida, porque procura o objetivo mais elevado que existe, que é Deus. Quando acredita em Deus, o homem tem a melhor motivação para fazer o bem e uma base sólida para um forte caráter moral. “Uma grande força motriz”, é como Sir William Osler chamou a força que vem da fé. Ela é tão grande que não pode ser pesada em nenhum aparelho nem examinada em nenhum laboratório. Um espírito

alimentado por essa força é uma fonte de bem-estar e de equilíbrio, ao passo que a ignorância ou a falta de acesso a esta fonte de força psíquica só pode conduzir ao transtorno. Os psicólogos mostraram grande proeza intelectual na pesquisa da causa da doença mental, mas infelizmente, para os milhões de aflitos, eles falharam lamentavelmente na prescrição de qualquer cura. De acordo com um intelectual cristão: “Tudo o que os psiquiatras fizeram foi nos mostrar em detalhes minuciosos as entradas e saídas das fechaduras que nos fecham os portões da boa saúde.”

A sociedade moderna, em seu funcionamento, está em contradição consigo mesma. Por um lado, faz o máximo que pode para proporcionar ao homem os confortos materiais que ele necessita na vida. Mas, por outro lado, negligenciou as necessidades espirituais do homem, com o resultado de que o homem se tornou pouco melhor do que uma alma atormentada. Com uma mão dá remédio, com a outra administra veneno. Um excerto de um ensaio sobre Deus na prática médica, do médico e cirurgião americano Paul Earnest Adolph, nos fornece provas interessantes a este respeito disso:

“Nos meus tempos de escola de medicina aprendi um conceito materialista básico das mudanças que ocorrem nos tecidos do corpo como resultado de uma lesão. Estudando seções de tecido com o microscópio, percebi que, como resultado das várias influências favoráveis que são exercidas sobre os tecidos, ocorre uma reparação satisfatória. Quando, posteriormente, iniciei a minha carreira como residente, foi com certo grau

de confiança que o fiz - confiante de que compreendia a lesão e o processo de cicatrização a ponto de ter certeza de um resultado favorável quando os fatores mecânicos e medicinais adequados para a promoção da cicatrização eram postos em ação. Contudo, em breve descobriria que tinha me esquecido de integrar nos meus conceitos de ciência médica o elemento mais importante de todos - DEUS.

Um dos meus pacientes no hospital durante o minha residência era uma avó de setenta e poucos anos com uma fratura no quadril. Tinha visto que seus tecidos reagiam favoravelmente quando comparava as radiografias em série. De fato, felicitei-a pela sua cura excepcionalmente rápida. Ela já tinha passado da fase da cadeira de rodas para o uso de muletas. O cirurgião responsável por seu caso tinha me indicado que ela deveria ter alta do hospital dentro de 24 horas para regressar a casa, uma vez que estava plenamente satisfeita com as suas perspectivas de recuperação rápida e completa.

Era domingo. A filha dela veio ao hospital paravê-la em sua visita semanal de rotina, altura em que lhe disse que podia vir no dia seguinte para levar a mãe a casa, pois agora já podia andar com muletas. A filha não me disse nada sobre seus planos, mas foi falar com a mãe. Disse à mãe que tinha falado com o marido e que tinham decidido que ela não podia ser levada para casa. Sem dúvida poderiam tomar providências para que ela fosse para um lar de idosos.

Algumas horas mais tarde, quando fui chamado ao lado da idosa, como médico no seu caso, ela mostrava uma deterioração física geral. No espaço de 24 horas, ela morreu - não do quadril quebrado, mas de um coração partido, apesar de, em desespero, termos utilizado todas as medidas médicas de emergência que poderiam devolver-lhe a saúde.

O seu quadril partido tinha sarado sem problemas, mas o seu coração partido não. Apesar de todas as influências favoráveis em vitaminas, minerais e imobilização da fratura que tínhamos aplicado, no estado em que estava, ela não recuperou. É certo que as extremidades dos ossos se uniram e ela tinha um quadril forte, mas não recuperou. Por quê? O elemento mais importante para a sua recuperação não era a vitamina, nem os minerais, nem a imobilização da fratura. Era a ESPERANÇA. Quando a esperança desapareceu, a recuperação falhou.

Isso me impressionou profundamente, pois foi acompanhado pela convicção de que este nunca teria sido o resultado se aquela senhora tivesse conhecido o Deus da esperança da forma como eu, como cristão sincero, O conhecia.

A partir deste incidente, podemos ter uma ideia do mal-estar profundamente enraizado na sociedade moderna. Embora a ciência e a tecnologia estejam progredindo a passos largos e contribuam magnificamente para o bem-estar físico do homem, há um aspecto desastrosamente negativo nelas, na medida em que negam a existência

de Deus. Na verdade, todo o sistema educativo tem sido orientado para livrar a mente das pessoas de qualquer pensamento sobre o seu Criador. Enquanto o corpo do homem recebe cada vez mais alimento, a sua alma está gradualmente sendo morta. Materialmente, ele é mimado; espiritualmente, ele passa fome.

O resultado disso é tragicamente evidente em episódios como o relatado acima. No exato momento em que os cirurgiões conseguiram unir os ossos partidos, o coração partiu-se por falta de fé curativa. A saúde física pode ser restaurada, mas a morte espiritual pode levar a pessoa para o túmulo.

É esta dicotomia que se revelou a ruína do homem moderno. A imagem que projeta é a de uma extravagância explícita, mas ela é só uma casca externa que esconde sua angústia interior. Exteriormente, ele se apruma como um pavão, enfeitando-se com roupas glamorosas, mas interiormente está desprovido de paz e contentamento. Mansões luxuosas abrigam seu corpo, mas esse corpo mimado esconde um coração dilacerado pela angústia. As luzes das suas cidades cintilam e brilham, mas suas ruas são escuras de crime e aflição. Os governantes se cercam de esplendor material, mas é essa mesma preocupação com o ganho material que faz dos seus governos focos de intriga e desconfiança. Vemos projetos grandiosos serem concebidos apenas para desmoronar porque os encarregados de sua execução estão mais preocupados com o engrandecimento próprio do que com o sucesso da tarefa em questão. O Senhor proveu o homem com uma abundante fonte de energia

espiritual. Mas o homem não conseguiu nutrir-se dela. A vida humana, apesar de todos os seus progressos materiais, encontra-se, consequentemente, em ruínas.

É a fome espiritual que reduziu o homem a seu atual estado de agitação mental, no qual ele busca constantemente satisfazer seus desejos. O homem está em conflito consigo mesmo, e os desastres resultantes estão à vista de todos. Os estudiosos com grande experiência neste assunto são os primeiros a admitir que os males psicológicos do homem resultam do seu abandono de Deus. Carl Gustav Jung (1875-1960), o renomado psiquiatra suíço, tem o seguinte a dizer:

Durante os últimos trinta anos, pessoas de todos os países civilizados da Terra me consultaram. Tratei muitas centenas de pacientes. Entre todos os meus pacientes da segunda metade da vida - ou seja, mais de trinta e cinco - não houve nenhum cujo problema, em última instância, não fosse o de encontrar uma perspectiva religiosa da vida. É seguro dizer que cada um deles adoeceu porque tinha perdido aquilo que as religiões vivas de todas as épocas deram aos seus seguidores, e nenhum deles foi realmente curado se não recuperou a sua perspectiva religiosa.⁶

O veredito de Jung é conclusivamente reforçado pelas palavras do antigo presidente da Academia de Ciências de Nova Iorque, A. Cressy Morrison:

A riqueza da experiência religiosa encontra a alma do homem e eleva-o, passo a passo, até sentir a presença

divina. O grito instintivo do homem, “Deus me ajude”, é natural, e a oração mais rudimentar o aproxima de seu Criador.

A reverência, a generosidade, a nobreza de caráter, a moralidade, a inspiração e o que se pode chamar de atributos divinos, não surgem do ateísmo ou da negação, uma forma surpreendente de presunção que coloca o homem no lugar de Deus. Sem a fé, a civilização iria falir, a ordem se transformaria em desordem, a contenção e o controle se perderiam e o mal prevaleceria. Então vamos nos apegar à nossa crença em uma Inteligência Suprema, no amor de Deus e na fraternidade dos homens, aproximando-nos d’Ele ao fazer Sua vontade tal como a conhecemos e aceitando a responsabilidade de acreditar que somos, como Sua criação, dignos dos Seus cuidados”.⁷

NOTAS

1. Citado por Dale Carnegie em seu livro *How to Stop Worrying and Start Living*.
2. Nehru: *Autobiography*, Nova Delhi, p. 597.
3. *National Herald*, 6 de janeiro de 1964.
4. *Nehru: A Political Biography*, Londres, 1959, pp. 607-08.
5. *The Making of a Just Society*, pp. 68-69.
6. Citado por C.A. Coulson em *Science and Christian Belief*, p. 110.
7. *Man Does Not Stand Alone*, p. 106.

UMA ÚLTIMA PALAVRA

É a força da gravidade que mantém os seres humanos de pé sobre a superfície da terra em vez de voando no espaço, assim como mantém nossos oceanos em suas imensas trincheiras, como mantém nossa atmosfera sustentadora da vida segura à nossa volta, à nível cósmico, como mantém corpos grandiosos como a terra e planetas em suas respectivas órbitas ao redor do sol. Ainda assim, imagine o que aconteceria se essa força fosse desligada, tal qual uma queda repentina de energia em uma fábrica faria todas as máquinas pararem inesperadamente. A terra seria arrastada pelo espaço em direção ao sol a uma velocidade de mais de 9 mil km por hora. Seria só uma questão de tempo antes de a terra se tornar uma bola consumida pelo fogo, sem restar mais nenhum traço do belo mundo de hoje. Não haveria o mínimo vestígio de vida, nem mesmo um grão de cinzas de todas das formas variadas de civilização que levaram tantos séculos para evoluírem na terra. Não haveria qualquer sinal de que mesmo um planeta do tamanho e da natureza da Mãe Terra tivesse existido alguma vez no sistema solar. Imagine o quanto a raça humana ficaria tomada de pânico se ela soubesse que tal cataclismo estivesse para acontecer!

Mas há eventos de fato acontecendo nesse mundo diante dos quais nós deveríamos estar não só em estado de ansiedade, mas de absoluto pânico: a cada minuto, pelo menos cem mortes acontecem neste mundo. Isso significa que em um único dia e noite, não menos de 150 mil pessoas estão deixando o mundo para nunca mais retornarem. Imagine, a taxa de mortalidade é de 150 mil a cada 24 horas! Mesmo assim, ninguém parece ficar chocado com essa informação, o que deixa tudo ainda mais perturbador quando consideramos que ninguém realmente sabe ao certo *quem* são todas essas almas. Ninguém pode dizer com certeza que ele ou ela não estará nesta lista daqueles que estão destinados a deixar este mundo amanhã. Não há ninguém nesta terra que não esteja vivendo sob a sombra da morte. A qualquer momento, a mão do destino pode pousar sobre alguém e varrê-lo, irrevogavelmente, desta vida.

E para onde elas vão - todas essas pessoas que deixam o mundo? Nas páginas anteriores, foi feita uma tentativa de apresentar uma resposta para essa pergunta: elas são levadas perante o Senhor da Criação, para serem julgadas de acordo com suas ações na terra. A morte traz um fim para suas vidas na terra para que suas vidas eternas possam começar. Se suas vidas após a morte é boa ou má, isso dependerá de como eles se conduziram nesta vida. Será o destino deles viver em estado de total felicidade ou serem afligidos para sempre por tormentos indescritíveis. Esse momento virá inevitavelmente. Não há absolutamente nada que possamos fazer para evitá-lo. O melhor que

podemos fazer é nos esforçarmos para evitar atrair para nós uma agonia imensa e duradoura.

Então o que a humanidade está esperando? A inevitabilidade da morte não é suficiente para arrancar a pessoas de sua letargia moral e fazê-las recobrar os sentidos? As pessoas precisam de mais incentivo para corrigir suas atitudes? O pensamento de que se elas não fizerem isso serão condenadas a queimar no inferno para sempre, não tem nenhum impacto em sua depravação? Pense nisso. Quando você morrer, e seus entes queridos vierem colocar flores em seu túmulo, você mesmo poderá estar sofrendo o mais severo e agonizante castigo por sua teimosia. Pondere sobre isso. Isso não é algo a ser temido?

Que dia será o Dia do Juízo Final! Os céus a terra serão revirados, será formado um novo mundo no qual a verdade surgirá como verdade e a falsidade como falsidade. Não será permitido a ninguém permanecer em estado de ilusão, nem será possível iludir os outros. Tudo será apresentado perante Deus: ninguém além d'Ele terá qualquer poder. Todos os assuntos serão julgados com base na verdade e nenhuma intercessão permitirá que as pessoas escapem do resultado de suas ações. Todas as belas frases inventadas pelo homem para distorcer a verdade serão espalhadas ao vento. Todas as filosofias artificiais criadas por ele para fomentar a falsidade serão mostradas como vazias e sem fundamento. Todas as suas vãs esperanças serão expostas como vazias e ilusórias. O poder que ele detinha na terra não o ajudará lá. Os ídolos para os quais ele se curvava não conseguirão respondê-lo. Quão totalmente desprovido de apoio estará o homem nesse dia. Quão totalmente

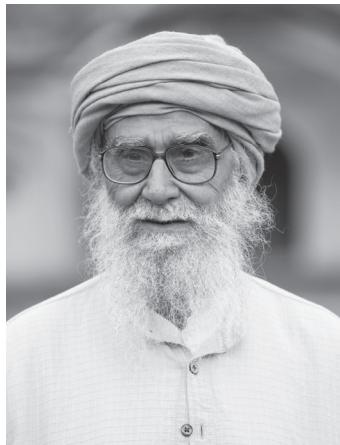
destituído ele estará, logo quando ele precisa de algo ou alguém a quem recorrer mais do que nunca.

Agora é o momento de o homem ficar atento, pois quando a Hora vier, será tarde demais para se arrepender. Agora é a hora de ele contemplar sua vida como ela realmente é, pois no Dia do Julgamento, será tarde demais para mudar. O caminho para seu Senhor está aberto diante dele, e ele deve se libertar das correntes do desejo egoísta para caminhar nele sem medo. O Alcorão e os Hadith são o guia de cada passo seu e ele não ficará bem se não seguir as determinações do Profeta de Deus.

Se ele quer se preparar para o Último Dia, agora é a hora. É aí que está seu verdadeiro sucesso: nisso está a boa vida, a vida que ele busca.

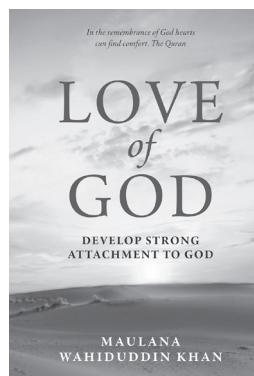
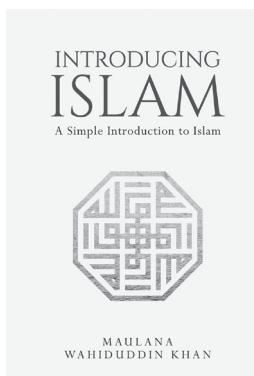
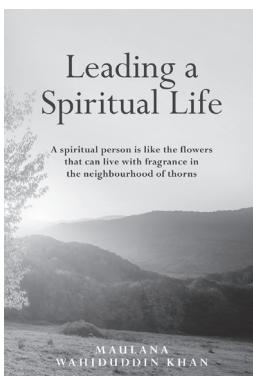
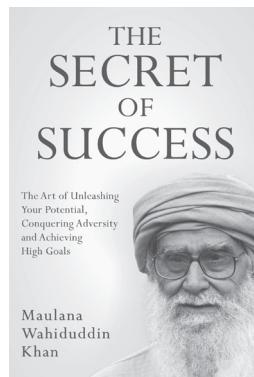
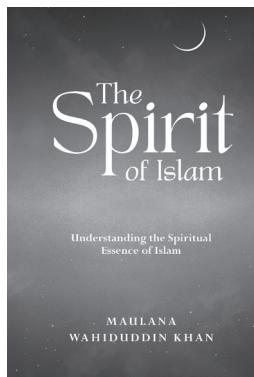
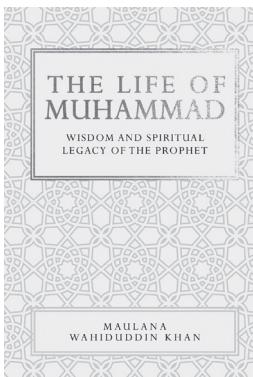
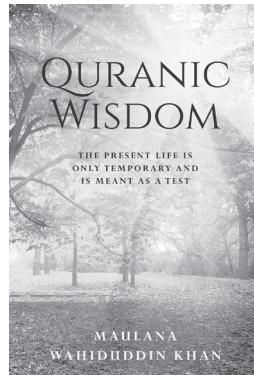
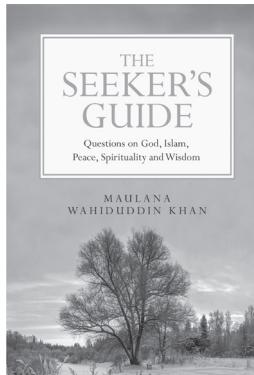
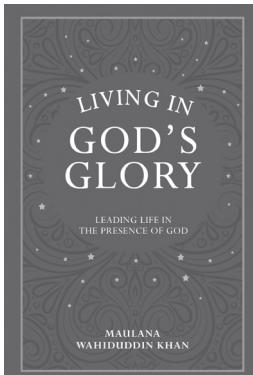
Este livro, o resultado de 30 anos de pesquisa exaustiva do autor, tenta apresentar os ensinamentos básicos da religião à luz do conhecimento moderno e de forma consistente com o moderno método científico. Após uma investigação aprofundada sobre o assunto, o autor chegou à conclusão de que os ensinamentos religiosos são academicamente válidos, e tão compreensíveis e intelectualmente aceitáveis quanto qualquer uma das teorias propostas pelos homens da ciência.

“... em 1400 anos de história islâmica, apareceram inúmeros livros sobre o Islam. Há apenas alguns livros chamando o ser humano para Deus que são claramente distintos dos demais devido à clareza e força com que fazem seu apelo. Sem dúvida, esse livro é um deles”.
—AL-AHRAM, (Cairo)



Maulana Wahiduddin Khan (1925-2021) foi um sábio do Islam, líder espiritual e ativista pela paz. Sua obra recebeu reconhecimento internacional por suas contribuições seminais rumo à paz mundial. São de autoria do Maulana mais de 200 livros que tratam da sabedoria espiritual do Islam, da abordagem não-violenta do Profeta, da relação do Islam com a modernidade e outras questões contemporâneas. Sua tradução do Alcorão para a língua inglesa é amplamente aceita como simples, clara e de fácil compreensão. Ele fundou o Centro Internacional pela Paz e Espiritualidade em 2001 para popularizar a cultura da paz e compartilhar a mensagem espiritual do Islam com as pessoas.

Books by Maulana Wahiduddin Khan



www.goodwordbooks.com
www.quran.me www.cpsglobal.org

Ceste livro, o resultado de 30 anos de pesquisa exaustiva do autor, tenta apresentar os ensinamentos básicos da religião à luz do conhecimento moderno e de forma consistente com o moderno método científico. Após uma investigação aprofundada sobre o assunto, o autor chegou à conclusão de que os ensinamentos religiosos são academicamente válidos, e tão comprehensíveis e intelectualmente aceitáveis quanto qualquer uma das teorias propostas pelos homens da ciência.

“... em 1400 anos de história islâmica, apareceram inúmeros livros sobre o Islam. Há apenas alguns livros chamando o ser humano para Deus que são claramente distintos dos demais devido à clareza e força com que fazem seu apelo. Sem dúvidas, esse livro é um deles”.

—AL-AHRAM, (Cairo)

Goodword Books
CPS International